

A HISTÓRIA OFICIAL QUE DEU ORIGEM AO JOGO

GOD OF WAR



ROBERT E. VARDEMAN

LeYa

Ficha Técnica

Copyright © 2013 by Sony Computer EntertainmentAmerica LLC.

Published in the United States by Del Rey, an imprint of The Random House Publishing Group, a division of Random House, Inc., New York

Todos os direitos reservados.

Tradução para a língua portuguesa © 2013 Texto Editores Ltda.

Título original: *God of War II*

Diretor editorial: Pascoal Soto

Editora executiva: Tainã Bispo

Editora assistente: Ana Carolina Gasonato

Produção editorial: Fernanda Ohosaku, Renata Alves e Maitê Zickuhr

Diretor de produção gráfica: Marcos Rocha

Gerente de produção gráfica: Fábio Menezes

Tradução: Caco Ishak

Revisão de tradução: Flávia Gasi

Preparação de texto: Alexander Barutti Azevedo Siqueira

Revisão de texto: Eliane Usui

Diagramação e adaptação de capa: Deborah Takaishi

Dados internacionais de catalogação na publicação (CIP-Brasil)

Angélica Ilacqua CRB-8/7057

V146g

Vaderman, Robert E.

God of War II / Robert E. Vaderman; tradução de Caco Ishak – São Paulo :
LeYa, 2013.

ISBN: 9788580447699

1. God of War (jogo) Guia 2. Jogos de fantasia
3. Mitologia I. Título II. Ishak, Caco

13-0568 CDD 793.3

2013

Texto Editores Ltda.

[Uma editora do Grupo LeYa]

Rua Desembargador Paulo Passaláqua, 86

01248-010 – Pacaembu – São Paulo SP

www.leva.com.br

Este segundo livro é dedicado ao visionário Mike Stackpole, sempre a frente de seu tempo ao escrever e publicar seus trabalhos.

Agradecimentos

Meu obrigado especial a Cory Barlog, James Barlog e Marianne Krawczyk por terem elaborado a história original de *God of War II*, bem como a William Weissbaum e a toda a equipe de *God of War* da Sony.

Agradeço ainda à editora Tricia Pasternak, que lançou o projeto e acabou sendo substituída à altura por Mike Braff, após ser promovida. Obrigado, Tricia. Em especial: obrigado, Mike, pelo apoio e pelos conselhos de mestre ao longo de todo o trabalho. O apoio visual, por meio de seus vídeos no YouTube, veio novamente de “Raven Van Helsing” e de “xcalizorz”. E, sempre no meu pé, ao superagente Howard Morhaim. Vocês são todos muito admirados e têm meu total apreço.

Capítulo um

– Meu amor – surgiu o sussurro suave, carregado de urgência. – Eu quero você!

Kratos, o Deus da Guerra, acordou agitado, balbuciou sons indecifráveis e se espreguiçou. O nome de sua amada *Lysandra* se formou em seus lábios. Ele se sentou e olhou em volta do pequeno aposento, iluminado por uma fogueira. O aroma do sabugueiro queimando permeava o ambiente. Um cobertor de lã felpudo e macio fora estendido no chão, duas taças de vinho ao lado. Estava perfeito para um encontro romântico com sua esposa.

– Lysandra – disse em voz alta. – Onde está você?

– Aqui, meu amor. Você voltou para casa após a guerra, para os meus braços. Senti tanto a sua falta!

– E eu senti a sua – ele disse, atravessando o cômodo de alguma maneira, ainda que não conseguisse se mexer, e tomando-a em seus braços. Ele a envolveu, sentindo seu vigor, seu calor, excitando-se pela maneira como ela movia sensualmente seu corpo contra o dele.

– Prometa que você nunca irá me abandonar de novo. Eu não suportaria perdê-la, ainda que por um instante.

Kratos dilatou as narinas, deliciando-se com o aroma de sua mulher. Seu coração martelava. Os cabelos sedosos fluuavam como nuvens, roçando suas bochechas e acariciando os ferimentos em seu rosto com o mais leve dos toques. Mas ele tentou afastá-la. Algo estava errado. Ela resistiu, sua força era maior do que a dele.

Seu corpo, outrora com vida, estava gelado.

– Lysandra, o que há de errado?

– Nada pode estar errado com nosso amor.

Usando toda a sua força, ele conseguiu empurrá-la. O rosto dela estava retorcido em uma expressão de puro pavor.

– Não me abandone, Kratos. Não fira meus sentimentos!

– Ferir seus sentimentos? Eu teria matado milhares para protegê-la. Eu morreria por você!

Ele suspendeu a mão. Escorria sangue pela espada desferida à frente. Brandiu a empunhadura, escorregadia também por conta do suor e das lágrimas de seus inimigos, mas não era ele, em seu juízo perfeito, quem conduzia a

estocada. O odor acobreado do sangue, o brilho repentino das chamas refletidas na lâmina, o equilíbrio perfeito e a borda afiada e...

... e Kratos gritou de agonia ao aplicar mais força, estripando sua esposa. Lysandra agarrou a espada na altura da ferida em seu ventre, cortando os dedos no gume. O sangue de sua esposa se misturou ao de guerreiros mortos por ele. Ela observou a lâmina que a atravessava e depois a expressão de choque no rosto dele, estendeu sua mão, dedos machucados e manchados de vermelho com seu próprio sangue. A angústia inundou sua consciência quando ele se deu conta do que havia feito.

Logo em seguida, os berros de fúria e temor cessaram. O único som que se ouviu foi o do sangue de sua esposa respingando contra o chão. Ele se afastou, a espada se livrou do corpo de Lysandra e suas entranhas jorraram da ferida aberta, empapadas do líquido rubro, e caíram de encontro ao fogo, onde estorricaram até estourar. E, então, fez-se total silêncio, exceto por uma voz familiar.

A voz de uma garotinha.

– Papai, o que você fez?

– Calíope – exclamou para sua jovem filha.

– Ela está morta. Você a matou! Como você foi capaz? – pequenos punhos esmurraram sua armadura. Ele estava revestido por seu armamento completo de batalha e, mesmo assim, Calíope o atacou com a fúria plena de uma criança assustada e nervosa.

Ele girou a espada. Seus músculos se contraíram na tentativa de cessar o golpe. Ele não conseguiu. O punho da lâmina atingiu sua filha em uma das têmporas, derrubando-a.

– Não era minha intenção! – Kratos deu um passo adiante, com suas grevas retinindo e sua armadura rangendo. O reflexo de sua espada, das Lâminas do Caos fundidas aos ossos de seus antebraços com cruéis elos de correntes, turvou seus olhos.

A raiva irrompeu quando escutou uma voz zombeteira.

– Ares! – ele soltou um grasnido e tentou matar o deus com as mesmas lâminas que recebera para cumprir as ordens que Ares lhe dera.

As espadas, uma em cada mão, fatiaram o vento, mas foi Calíope e não Ares quem pereceu. A menina morreu em um turbilhão de sangue e soluços, amaldiçoando-o, clamando por sua mãe, então igualmente morta pelas mãos dele. E a fúria e a perda explodiram em seu cérebro, fazendo-o rodopiar e ver...

... uma figura sombria.

– Ares? Você me obrigou a matar minha mulher e minha própria filha! Agora, eu irei matar você!

Contudo, não foi Ares que ele enfrentou, mas algo nebuloso, negro, obscuro.

– Lute comigo! Lute comigo, seu covarde! – Kratos dispensou as Lâminas do Caos e lançou mão das Lâminas de Atena, armas mais poderosas do que qualquer mortal seria capaz de empunhar. Mas ele não era mais um mortal. Ele havia destruído Ares e era então o Deus da Guerra.

– Eu não sabia que estava tirando suas vidas. Eu as amava. Lysandra, volte para mim, eu não quis assassinar você – Kratos disse, tentando dar fim ao pesadelo da única maneira que sabia, mas acabou girando suas lâminas ao léu. Novamente, prostrou-se em um descampado, com o horizonte a perder de vista em qualquer que fosse a direção. Quanto mais ele tentava lutar, mais as espadas ficavam pesadas, e quando seus músculos já não respondiam mais, caiu de joelhos e baixou a cabeça. Kratos chorou.

E, ao longe, escutou sussurros suaves de preocupação.

– Ele chora enquanto dorme.

– Como é possível? Ele é o Deus da Guerra!

– Ele não derrama lágrimas por aqueles que aniquilou em batalha. Talvez, ele...

Kratos despertou de sobressalto. Demorou um tempo para perceber que agarrava uma mulher encantadora pela garganta. Dedos esguios tentavam libertá-la, mas não eram páreo para um aperto tão intenso. Sem se dar conta do que fazia, ele começava a arrancar a vida do corpo dela.

– Por favor, Lorde Kratos, não a mate – veio o apelo caloroso do outro lado de sua imensa cama. – Ela deseja apenas servi-lo, nunca ofendê-lo!

Kratos afrouxou seu aperto fatal. A mulher que ele quase havia matado caiu sobre as pernas descobertas dele, tentando recuperar o fôlego. Ele se sentou e observou o corpo dela se contraindo. Ela usava um vestido fino de seda, de um verde pálido, que revelava suas curvas voluptuosas. Debatendo-se, ela rolou das pernas dele, levando as mãos à garganta. As marcas vermelhas, ardentes, destacavam-se em alto relevo onde os dedos haviam esmagado a pele de alabastro. Apesar de quase ter morrido, a mulher não esboçou medo algum de conhecer Hades. Kratos sentiu algo estranho ali, uma sensação diferente que o deixou enfurecido.

Que ela tenha medo. Ele era o Deus da Guerra. Seus inimigos se encolhiam acovardados diante dele!

Mas ela demonstrava compaixão por ele. Por ele! O Fantasma de Esparta!

– Os sonhos de novo, meu senhor? Eles ainda o torturam? Como posso aliviar seu fardo? – ela mudou de lugar para afastar os lençóis que cobriam o abdômen dele.

O hálito quente da mulher tocou sua barriga, descendo. Então, mais uma mulher apareceu. A outra concubina, aquela que havia implorado para que ele parasse de esganar sua colega, também buscou lhe dar prazer.

– Saiam – ele urrou. – Fiquem longe de mim!

– Almejamos apenas seu conforto, Lorde Kratos. Queremos fazer tudo o que pudermos para suavizar seus problemas – e substituí-los por puro deleite. Deixe-nos cumprir os ordenamentos de Afrodite e...

Kratos estendeu seu robusto antebraço, fazendo com que as duas mulheres tombassem contra o chão. Elas murmuravam entre si. Ele se levantou e os tênues vestígios de seu sonho foram desaparecendo depressa, até que se tornasse impossível lembrar com exatidão o que havia acontecido. Escuridão total. Uma caverna se transformou em uma montanha e, então, em algo além. Sua cabeça ameaçava estourar ao tentar relembrar tal encontro.

Ele não tinha, porém, dificuldade alguma de se lembrar da sensação de sua espada penetrando o corpo de Lysandra ou do terror e da repugnância no rosto de sua doce Calíope ao assassiná-la do mesmo jeito. Os pesadelos eram tão constantes quanto o céu e a terra e o trono do Olimpo em que Zeus está sentado.

– Você prometeu expurgar meus pesadelos, se eu cumprisse suas ordens – Kratos disse, brandindo o punho em direção ao céu aberto sobre seu aposento de descanso. – Você mentiu, Zeus. Você mentiu!

– Mestre, por favor. Buscamos apenas satisfazer a sua vontade. Diga-nos como! – As duas mulheres se lançaram a seus pés. Ele as chutou, foi até a mesa onde sua armadura estava, junto a seus trajes habituais, trajes dignos de um guerreiro, e os vestiu de imediato. Quando as mulheres tentaram ajudá-lo no toucador, ele as expulsou com um olhar tenebroso. Elas se agarraram uma na outra, observando-o.

Ele percebeu um sentimento de pena irradiando delas, como o calor irradia do sol. Odiou as duas por isso. Ele se odiava ainda mais por sempre ter acreditado em Zeus. Com um derradeiro encaixe, ele prendeu sua armadura ao corpo e acomodou as duas espadas entrecruzadas em suas costas.

Kratos saiu em disparada do aposento.

Seus ombros maciços se contraíram por baixo da armadura esculpida em ouro, chanfrada em alguns pontos por conta de terríveis batalhas que ele havia lutado e vencido, quando ele empregou ambas as mãos para escancarar as portas de quinze metros de altura que conduziam à saída de seus aposentos. As enormes portas de pedra provocaram ecos que reverberaram por todo o Olimpo. Ao caminhar a passos largos, nem percebeu os vasos finos, as tapeçarias nas paredes de mármore, a miríade de tributos recolhidos de adoradores mortais pelos deuses do Olimpo; em vez disso, ele tramava seu plano. Aqueles serenos saguões com nuvens flutuando sobre terraços a céu aberto não eram para ele.

Ele era um guerreiro.

Correu os dedos sobre sua pele de marfim. As cinzas de sua esposa Lysandra e sua filha Caliope haviam sido lançadas sobre ele, marcando para sempre sua carne com um inesquecível símbolo da traição de Ares, de como o deus o enganara e o levava a assassinar quem ele amava acima de tudo. Até mesmo a tatuagem de vermelho vívido em memória de seu irmão Deimos e a afirmação de que ele era um soldado de Esparta, tudo parecia um escárnio.

As mãos de Kratos ventaram rumo aos cabos das lâminas em suas costas quando Hermes apareceu no corredor, dançando como uma espalhafatosa borboleta. O Mensageiro dos Deuses visivelmente empalideceu e chispou de lá, como sempre acontecia quando alguém via Kratos. Andando sem parar, passou por outros deuses reunidos em pequenos grupos de dois ou três, que lhe viraram as costas.

Ele ouviu Héstia, irmã de Zeus, bufando em sinal de desprezo ao perguntar a Deméter em voz alta o suficiente apenas para que ele a escutasse:

– Essa guerra sem fim que *ele* vem travando também arruinou sua colheita?

– Meus adoradores morrem de fome por causa *dele* e daqueles terríveis e brutais espartanos – Deméter disse. Ela olhou de esguelha para Kratos e, então, virou-se abruptamente, segurando Héstia pelo braço e a levando embora na mesma direção tomada por Hermes.

As empunhaduras deslizaram pelas mãos de Kratos e um sorriso sarcástico encurvou seus lábios, retorcendo seu rosto em sinal de puro desprezo. Para que precisava da aprovação *deles* quando ele era mais imponente do que a maioria ali?

Andando de um lado para o outro, suas sandálias estalando contra o chão de mármore travertino, ele acabou parando diante de um enorme átrio abobadado, guardado por uma abertura circular. Dos confins da circunferência, turvou-se

uma tênue neblina da cor de sangue. Ao longe, o som de uma batalha animou Kratos. O choque de espada contra espada, escudos desviando golpes e facas estripando ventres, os gritos de guerra dos vitoriosos e as lamúrias dos derrotados. Homens lutavam em nome dele. Exércitos varriam tudo da face da Grécia, devastando o que encontrassem pelo caminho.

O Deus da Guerra favorecia Esparta e incitava os guerreiros a destruir todos os exércitos, todas as vilas, todo homem, mulher e criança que não fossem de sua cidade natal e que se recusassem à rendição. Ele um dia fora conhecido como o Fantasma de Esparta. Mas, agora, era o Deus da Guerra, com um poderoso exército de espadas em punho a varrer o mundo.

Os berros dos homens que agonizavam aumentavam cada vez mais; música para seus ouvidos. Não eram espartanos morrendo ali, mas outros homens, mais fracos. A neblina subiu e se dissipou, dando-lhe uma visão clara do campo de batalha abaixo. Um porto. Uma cidade em chamas. Soldados trespassando armaduras de couro com suas espadas, barrigas e corações adentro. Soldados espartanos, invencíveis por conta da dedicação e do intenso treinamento – e de seu auxílio. “... *Kratos, como você pôde me matar?*”

O sussurro surgiu das profundezas de seus pesadelos, mas foi logo abafado quando ele ordenou que uma tropa espartana marchasse avante e enterrasse suas espadas nos escudos de bronze. Os pés dos soldados iam de encontro ao chão em uma marcha cujo ritmo propagava tremores de medo entre seus inimigos.

– Não deixem que ninguém escape. Não deem trégua alguma! – suas palavras preencheram o ar e ecoaram por todo o Olimpo e mundo abaixo. Os espartanos desembestaram suas lâminas contra escudos e pescoços, grevas e braços de seus inimigos, até que o estrondo da batalha sufocasse qualquer voz na mente de Kratos. Ele continuou a conduzir a carnificina, apreciando a valentia com que seu exército lutava.

Muito mais abaixo, um jovem espartano abandonou o combate e cravou sua espada no ar, em direção ao Olimpo, de onde Kratos assistia.

– Kratos, meu senhor! – as palavras foram arrebatadas no fragor da batalha e encaminhadas aos seus ouvidos. – Outra cidade está prestes a cair! Em breve, todos conhecerão a glória de Esparta!

Os punhos de Kratos se cerraram com firmeza, e tendões saltavam de seus braços e de seu pescoço conforme a tensão ia aumentando. Vitória! Ele não precisava de Hermes trazendo notícias gloriosas quando podia ele mesmo assistir a seus exércitos de uma posição tão privilegiada. Kratos, porém, nunca fora de apenas assistir. A visão de habilidosos guerreiros combatendo os sempre pusilânimes defensores da cidade portuária de Rodes, ofertada a Apolo, disse-lhe para apressar-se caso quisesse compartilhar do sangue e da glória da vitória.

Calçou suavemente os pés no chão de pedra e se posicionou. Respirou fundo, enchendo as narinas com o aroma do nardo. Virando-se devagar, encarou Atena. A deusa o observava com um misto curioso de raiva e súplica. Seus lábios tatuados à sépia se afastaram, mas ela não falou de imediato. Os desenhos circulares que marcavam seu rosto pareciam ter vida própria, como se aquelas tatuagens pudessem possuí-la. Mas Kratos bem sabia. Dentre todos os deuses, Atena era a que tinha maior autocontrole. Suas artimanhas eram inteligentes e sutis e trouxeram-no ao Olimpo como um deus.

A armadura de Atena, esculpida com perfeição, rangeu de forma discreta quando ela estendeu sua mão e a colocou sobre o ombro de Kratos. Ele se desvencilhou com ímpeto. Sua fúria se edificou novamente.

– Basta, Kratos. A indignação do Olimpo só aumenta. Mesmo eu não serei mais capaz de protegê-lo.

As delicadas coroas de ouro que ornamentavam sua cabeça capturaram uma luz do sol, fazendo-a parecer ainda mais divina. Ela vestia sua armadura de batalha, e não por convenção, como tantos outros deuses, mas porque ela era de fato uma guerreira. Ele a apreciava por isso e pelo modo como ela vestia a panóplia de couro e bronze para mostrar o quão diferente era de tantos outros que se recusavam mesmo a falar com ele, quanto menos enfrentá-lo. Ela, contudo, não era sua aliada. Sempre tomou o partido de Zeus e tagarelou sobre o que era melhor para o Olimpo, como se ele devesse se importar com isso.

Kratos soltou um urro gutural e empurrou violentamente a deusa.

– Eu não preciso de proteção.

– Você se esquece de que fui eu quem lhe tornou um deus, Kratos. Não vire as costas para mim!

– Não lhe devo nada.

– Então, você não me deixa escolha.

Ele a ignorou, em passos largos, firmes e rumo a um precipício logo adiante. O piso de mármore chegou ao fim, dando-lhe uma vista estonteante da terra muito abaixo de si. Kratos ficou em silêncio, deixando que o som da batalha o alcançasse, mesmo àquela altura toda. Ele respirou fundo e sentiu o cheiro mordaz de sangue derramado. A batalha logo terminaria. Ele queria estar presente para saudar os soldados espartanos – e saborear a vitória sobre a cidade de outro deus patrono, quem quer que ele fosse. Kratos não sabia dizer se aquilo importava. Deu um passo à frente, posicionou-se e se lançou de cabeça em direção ao lânguido chão. O vento o arrebatou ao despencar feito uma flecha.

– Kratos, não! – ele ouviu a lânguida advertência de Atena.

– Kratos – Atena disse, estendendo a mão como se tentasse detê-lo. Mas ele já havia mergulhado fundo em direção à terra, para longe dela e do Olimpo.

– Deixe que esse tolo se vá – surgiu uma voz como rochas se entrechocando. – Eu irei recepcioná-lo no Submundo muito em breve.

– Ele é um deus, meu querido tio – ela disse a Hades, sem olhar para ele, sentindo sua presença sombria.

O zumbido de Kratos perpassando o vento foi substituído incongruentemente pelo chilrear de gaios-azuis batendo suas asas pelos céus do Olimpo. Se ela não soubesse, teria até pensado que tudo estava em paz e que a harmonia reinava plena a tão sublime altura. Ventos suaves acariciavam seu rosto adornado, levando consigo o odor de perfumes penetrantes e os sons dos deuses fanfarronando em seus palácios. Nenhum sinal de problemas à vista, a menos que ela chegasse a enfrentar Hades e sua austeridade.

– Eu o aceitarei de bom grado. Ele, em especial. Já fui enganado por ele antes. Ninguém escapa de meu domínio duas vezes. Não sei como conseguiu ver-se livre do Submundo, mas ele foi ajudado. Por um coeiro. Isso não faz o menor sentido. Mas, se eu o encontrar, ele suplicará para ficar no lugar de Sísifo! Como poderia esquecer que Kratos matou minha amada Perséfone?

Antes que Atena tivesse a chance de responder, Poseidon turbilhonou, batendo com a haste de seu tridente no chão de mármore.

– Ele se foi? Que alívio! Não quero nada com aquele ladrão mentiroso.

– Kratos pode ser muita coisa – Atena disse –, mas nunca foi um mentiroso. E o que ele roubou? – ela prendeu o fôlego quando Poseidon bradou sua resposta. O fedor de mar e peixe morto acompanhou suas palavras.

– Ele me fez de idiota e desencadeou minha Fúria! Eu lhe concedi essa dádiva depois que ele mentiu para você, Atena, ele mentiu para você e você me convenceu a ajudá-lo contra meu bom juízo. Transformar um mortal em um deus não poderia acabar bem para o Olimpo!

Atena permaneceu em silêncio. Ela já havia testemunhado outro ataque de nervos em meio a um surto megalomaniaco de seu tio, quando Kratos desencadeou a Fúria de Poseidon para recuperar a Caixa de Pandora, e sabia que o melhor era não discutir. Ela, inclusive, fora peça fundamental na contenda, colocando Poseidon contra Ares – ainda que por um breve momento.

A memória da Caixa de Pandora lhe enrugou a testa. Antes que ela pudesse encontrar uma saída do labirinto mental desencadeado pela lembrança, Poseidon e Hades passaram a discutir.

– Meus tios, não se indisponham dessa maneira – ela disse. Atena se prostrou entre eles antes que partissem às vias de fato. Por vezes mal-humorados e sempre impacientes, os dois perturbavam a aparente tranquilidade do Olimpo. Ou a paz teria sido apenas uma farsa desde a partida de Kratos? Ela mordeu seu lábio inferior, preocupada com a possibilidade de estar deixando escapar algum detalhe – um detalhe possivelmente tão importante quanto a disposição de Kratos para destruir qualquer cidade-estado que não se autodenominasse Esparta.

– E devemos nos indispor de que maneira, então? – inquiriu Hades. Ele se levantou e impeliu seu rosto barbudo contra o de Poseidon. Por um instante, as barbas do Deus dos Oceanos, compostas de algas marinhas, enroscaram-se às barbas negras feito carvão, soltando pequenas faíscas amarelas e alaranjadas. Hades partiu para nocautear Poseidon, mas Atena o impediu, segurando seu punho cerrado. Ele se desvencilhou e a encarou furioso.

– Não tente apaziguar meus ânimos, Atena – ele disse.

– Nem os meus – Poseidon corroborou. – Kratos é um cancro no traseiro do Olimpo e deve ser extirpado! – seu tridente trespassou o ar em um ganido estridente, e as lâminas passaram a poucos centímetros do rosto de Atena. Poseidon perdia a paciência com muita frequência, mas nunca de forma tão ameaçadora. Ele recuou e pareceu, por um instante, assustado com o que havia feito, mas não pediu desculpas. Tampouco Atena as esperava do Senhor dos Oceanos.

– Ele foi longe demais – Hades resmungou, torcendo suas mãos como se o pescoço de Kratos estivesse entre elas. – Como ele ousa matar aqueles que nos adoram, ainda que sejam meros mortais? Pensem no que Kratos fez à sua preciosa Atlântida.

Poseidon começou a retorquir, mas logo entendeu o que Hades queria dizer. Seu rosto foi tomado pela cólera.

– Meu irmão, o que você decidir está decidido, pode contar comigo – Poseidon bateu com a coronha de seu tridente no chão, alastrando rachaduras a partir do ponto de impacto.

Os dois foram embora, discutindo. Nunca houvera paz no Olimpo – nem mesmo Zeus poderia evitar o descontentamento dos deuses com suas preocupações mesquinhas e conspirações tacanhas. Os tios de Atena, porém, não estavam agindo como de costume.

Ela caminhou até a borda de onde Kratos havia saltado. Muito mais abaixo, a batalha se desenrolava – talvez, a batalha final daquela que seria a mais poderosa campanha de Kratos. Seus guerreiros espartanos haviam conquistado todas as outras cidades, salvo Rodes.

Seu olhar foi embrutecendo à medida que ela observava o desenrolar dos fatos, lá embaixo, como se formigas lutassem inutilmente contra um protuberante Kratos que as esmagava. Ela se apressou em falar com Zeus, mas temia que a paciência do Pai dos Céus tivesse se esgotado. Kratos tinha de ser impedido antes de enterrar todos os adoradores de todos os deuses em seus túmulos. Todos, salvo seus preciosos espartanos.

Capítulo dois

Sombras deslizavam pelo amplo aposento como se estivessem vivas, mas eram apenas possibilidades, insinuações do que estava por vir, enquanto as Moiras se amontoavam em uma profunda discussão acerca de seus ajuizamentos.

Láquesis ergueu os braços, controversa, criando um pequeno emaranhado de fios incandescentes e multicoloridos para, então, arremessá-lo contra o vento, onde turbilhonou, jorrando faíscas sobre suas irmãs. Por trás de seu capacete imperial de ferro, negro e com chifres curtos, seus olhos brilhavam feito prata líquida. Ela rodopiou suspensa no ar, seus pés descalços fora do chão, espiralando corpo afora a trama tecida com esmero de sua cinta, que fez par com a circunferência de suas asas, sob as quais se arrastava uma capa composta por várias camadas de uma fina seda cor de creme, em cascata. Deixando à mostra suas pernas e um seio nu, sua pele reluzia em tons de cobre. O gancho na ponta de sua lança repicou o vento, como se estivesse fatiando humanos condenados à morte.

Átropos protestou, aparando as faíscas em sua mão e soprando-as longe. Ela se atirou ao alto feito uma lula no fundo do mar, sendo acompanhada por uma névoa negra no lugar das pernas de um mortal. Garras impossivelmente longas se cravavam adiante, em contrariedade ao tempo em que ela sacudia a cabeça, estalando serpentinhas de cabelos brancos, com metros de comprimento, feito um chicote.

– Leve o assunto a sério, irmã – Átropos disse com raiva. – Tal destino nunca deve ser sugerido!

Láquesis gargalhou.

– Devemos sempre estipular destinos tão temíveis aos mortais – e aos deuses? Por que não podemos nos divertir fazendo com que amantes improváveis procriem para depois brincarmos com sua prole? Vocês se recordam da diversão proporcionada por Íxion e sua amante das nuvens, Néfele? A imagem de Zeus o prendendo a uma roda celestial em chamas, girando eternamente, ainda me dá prazer.

– A diversão corriqueira de nosso trabalho não é o bastante? Cloto tece o destino que juntas traçamos, eu meço o comprimento do fio e você o corta.

– Rotinas logo me deixam entediada, estou atrás de diversão sem maiores compromissos – Láquesis disse, sorrindo de maneira maliciosa. – Certamente nossos fios são criativos, até mesmo elegantes pelo modo como fluem. Digam se não foi deveras divertido quando fiz aquele Pã medonho se tornar irresistível aos olhos das Ninfas?

Átropos olhou furiosa para a irmã.

– Ele não me pareceu tão burlesco ao ajudar os atenienses na Batalha de Maratona. Você devia ter consultado Cloto – ou a mim – antes de ter se aventurado para além de encontros românticos na floresta – Ela bufou indignada. – Sem o auxílio de Pã, eles nunca teriam vencido.

Láquesis descartou a possibilidade de que o destino de Pã tivesse sido tão interessante assim de se criar.

– Ao menos, deixe-nos ver outra vez o fio de Hermes. Ele merecia algo mais interessante, não o que você lhe deu há pouco – Láquesis disse por fim.

– Basta. Vocês duas precisam cuidar de suas tarefas com mais afinco – Cloto disse ao mover seu imenso corpo. Montes de banhas mosqueadas balançavam enquanto braços grossos foram em direção a suas irmãs. Ela sacudia um dedo em reprovação, feito o tentáculo de um polvo predador, à medida que ia se emparelhando a Átropos. – Os deuses estão ficando impacientes, e teremos de lidar com essa situação, mais dia, menos dia.

– Algum deles pode até mesmo prestar mais atenção no projeto que tanto estimamos – disse Láquesis. Suas irmãs sempre preteriram o deleite em nome do trabalho. Ao contrário de Átropos ou mesmo Cloto, ela queria mais do que a satisfação de um serviço bem cumprido. Um dever? Mas por que não um prazer também?

– Seu. Ele não é *nosso* esquema especial. Nem sei por que você ainda se importa com Kratos – Átropos correu seus dedos ágeis ao longo de um fio estendido desde a Roda da Fortuna e o mediu com precisão, usando seu esporão chanfrado para encontrar o ponto exato onde incitaria pequenas oscilações que causariam uma guerra, por conta de um lapso momentâneo de etiqueta. Ela voltou de imediato sua atenção ao outro filamento, lançando-se sobre ele, e o puxou das mãos de Láquesis, que o analisava tão atentamente.

–Você o provocou com o toque que acaba de dar – disse Láquesis, sem, contudo, demonstrar insatisfação. Kratos se fortalecera de maneira tal que ficou quase impossível controlá-lo, após ter se tornado o Deus da Guerra. Ele tentou apagar as memórias que Zeus não quisera extirpar por puro despeito, e falhou. Após se dar conta de que vinho e suaves abraços de infinitas mulheres sedentas não lhe bastariam, ele partiu para o que fazia de melhor: a guerra. Por causa dele, uma dúzia de cidades-estados jazia em ruínas. Ele – e os deuses – poderiam muito bem proporcionar a diversão adequada por algum tempo pela frente.

– Precisamos discutir seu destino, se não quisermos trabalhar com divergências, queridas irmãs – Cloto disse. Ela se concentrava em um punhado de novos fios, entrelaçando-os e dividindo-os entre gêmeos de nascimento, apenas para separá-los, cada filamento indo a uma canilha diferente.

Láquesis consentiu. As possibilidades eram infinitas!

– Acho que a promessa sobre a Caixa de Pandora é o suficiente para manter-nos ocupadas por mais algum tempo – disse Láquesis. Ela agitou o fio do destino vinculado a Kratos e o fez atirar-se rumo à terra e à batalha para destruir Rodes.

A visão de Kratos se precipitando terra abaixo devia tê-la encantado, mas, em vez disso, foi acometida por uma sensação desagradável que ela era incapaz de descrever. Láquesis olhou para suas irmãs, ambas trabalhando com afinco nos fios que se estendiam por todos os cantos do universo. Nenhuma delas partilhava sua inquietação momentânea sobre Kratos e seu destino. E por que deveriam se preocupar? Elas controlavam o mundo. Elas controlavam o destino de Kratos.

Sim, o destino dele fora selado. Ela se concentrou em outros assuntos mais urgentes. Criar tantos destinos era uma missão dispendiosa, mas que lhe dava prazer. Ainda que Átropos e Cloto fossem tão intransigentes e sem imaginação em relação ao dever.

Capítulo três

Com atenção redobrada, Kratos despencava para baixo. Seus braços junto ao corpo enquanto mergulhava de cabeça em direção à distante batalha. O som de metais, corpos e pedras se chocando determinava o pulso de seus batimentos. O cheiro de sangue e o fedor da morte empestearam suas narinas de maneira forte quanto ele sentia a mordida do vento rasgando seu rosto e resvalando em sua cabeça. Ele havia sentido falta do tumulto que era a guerra nos dias que passara no Olimpo, mesmo conduzindo seus robustos espartanos contra um exército após o outro, para molestar os deuses que o rejeitaram.

O chão estava cada vez mais próximo, mas Kratos teve ainda bastante tempo para vislumbrar a batalha. Um sorriso de satisfação retraiu seus lábios de maneira que alguns pudessem interpretá-lo como escárnio. Seus guerreiros lutavam bem e levavam os soldados de Rodes a um cerco cada vez mais fechado, obrigando-os a lutar uns de costas para os outros, circundados por espadas e a morte certa pelas mãos dos espartanos.

Com um giro ágil, Kratos firmou seus pés para baixo, deixando seu corpo maciço demolir o telhado de um palácio. Ele se restabeleceu e ficou de pé no alto de seus trinta metros, observando ao redor. A carnificina por toda parte evidenciava uma vitória que o deixou contente. A baía estava repleta de navios ostentando as listras amarelas e alaranjadas da marinha espartana. Embora desnecessários, reforços ancoravam a todo momento. Os navios descarregavam tropas, mas esses guerreiros em pleno vigor se desapontariam. Seus irmãos de luta haviam quase esmagado Rodes.

Seu olhar se desviou dos navios para a imensa estátua de bronze de Hélios escarranchada à entrada do porto. Kratos a derrubaria quando o último dos soldados de Rodes tivesse perecido por uma lâmina de Esparta. Seria um símbolo apropriado da derrota declarada da cidade.

Ele mal notou uma águia decolando do ombro da estátua, batendo furiosamente as asas em sua direção. Mesmo sendo uma ave de rapina, ela não seria capaz de ferir um deus. Kratos ia sacar de suas costas as Lâminas de Atena quando a águia deu um rasante para cravar ferozes garras em seu ombro. Seu corpo arqueou-se com a descarga elétrica, que o deixou paralisado, boquiaberto. Tão logo veio, a paralisia passou, mas seu corpo inteiro crepitava em chamas azuis esbranquiçadas.

– Atena, você conspira contra mim? – Kratos chegou a dar uma pancada na águia, mas ela voou de volta, rumo ao Colosso. As garras deixaram um rastro crepitante de faíscas azuis. Kratos ainda se esticou para agarrá-lo, mas o pássaro acelerou o voo e fugiu de seus dedos ávidos. Ele cambaleou e quase caiu de joelhos ao sentir um aperto e ser tomado pela fraqueza.

A água pousou no ombro do Colosso e imediatamente transferiu a energia que tremeluzia – a energia roubada de Kratos! – à estátua. Kratos se contorcia e pelejava, mas não conseguia se livrar da teia cintilante de eletricidade que o amortilhava. Em fúria, ele viu a estátua começar a se mexer à medida que a energia dele a fortalecia; o que o levou a despachar oceano adentro aqueles que estivessem na amplitude de seu urro contínuo.

A estátua saiu rumo ao porto, e logo seu gigante pé de bronze esmagou uma embarcação espartana. O Colosso esparramava água por todos os lados e emborcou outro barco carregado de soldados. Enquanto cruzava o porto, os navios de guerra tentavam combatê-lo. Flechas eram lançadas, algumas em chamas, apenas para quicarem inofensivamente nas pesadas pernas de bronze. Logo depois, um rolo compressor passou por cima dos arqueiros e dos navios que os transportavam, seguindo em direção a Kratos.

Kratos tentou reunir suas forças. Ele já não era mais um mero servo de Ares. Ele era o Deus da Guerra! Contudo, quanto mais tentava erguer seus braços, dar um passo, sacar as Lâminas de Atena embainhadas em suas costas, mais fraco ele ficava. Então, sofreu a humilhação derradeira.

Ele começou a encolher. De proporções divinas, passou a diminuir segundo a segundo. Já não se elevava mais por cima das construções de Rodes, era do mesmo tamanho que elas. E, logo em seguida, menor. Ele se chocou contra o piso, pousando bruscamente, e a teia que tremeluzia, absorvendo seu volume, passou a desvanecer-se. Ele olhou em volta da câmara onde estava, ainda um gigante entre os homens, porém mais próximo de sua altura enquanto mortal. Mirando suas mãos e seus poderosos braços, ele tinha certeza de que ainda era um lutador formidável, mas, sem a força plena de um deus, o combate se tornaria um pouco mais difícil.

– Atena, você vai pagar por isso!

Então, um clamor surdo irrompeu de sua garganta. Ter sido um deus com os poderes de um deus acabou o acomodando em uma existência simplória, decadente. Ser do tamanho de um mortal novamente, sem a força plena de uma entidade divina, só o deixou mais determinado a massacrar seus inimigos. Fazê-lo naquele momento traria ainda mais honra e refletiria sua glória sobre o exército de Esparta.

Ele se virou para ver um punhado de guerreiros rodesianos adentrar a ampla câmara. Eles o encararam de olhos arregalados e, então, um deles gritou:

– O Fantasma de Esparta!

Kratos não lhes deu tempo de se recuperarem do choque de encontrá-lo entre eles. Deu longos passos adiante e agarrou o primeiro soldado pela garganta. Foi espremendo o pescoço descoberto tão intensamente que os olhos do sujeito se

esbugalharam. Logo depois, a garganta rompeu sob tamanha pressão, esguichando um gêiser de sangue quente pelos braços de Kratos. Ele jogou o soldado de lado a tempo de se desviar da estocada desferida pelo segundo guerreiro. A lâmina de Kratos decepou o braço estendido do soldado com um golpe seco.

Ao se afastar do inimigo tombado, um rangido chamou sua atenção para uma imensa mão deslizando ao longo da parede externa da câmara. Pela janela, viu brilhar o bronze e uma superestrutura intrincada. Por um instante, franziu a testa e imaginou o que aquilo poderia ser. Quando percebeu, estava sendo espreitado por olhos brilhantes e azuis em um rosto imóvel de metal. O Colosso se aproximou mais da janela, tentando encontrar Kratos em meio à escuridão parcial da câmara. O guerreiro desembainhou as Lâminas de Atena e avançou.

O Colosso podia ter centenas de metros de altura, mas olhou nos olhos do Fantasma de Esparta.

Mal dera dois passos, quando escutou um falatório entusiasmado e “Não o deixe escapar!”

– Mas não podemos lutar contra um deus!

Ele se virou e viu meia dúzia de soldados rodesianos passando pela porta para, em seguida, dispersarem-se em posição de ataque. Um olhar de relance ao Colosso comprovou que o gigante de metal ainda o procurava. Kratos rugiu do fundo de suas entranhas e atacou, suas lâminas deixando para trás rastros ofuscantes de labaredas douradas ao girarem de um lado para o outro. Sua primeira investida partiu um homem ao meio. A segunda estripou o oficial que comandava os soldados. Ele, então, correu adiante e soltou um grito de guerra ao investir contra os defensores remanescentes de Rodes.

Não demorou para que ele concentrasse sua hostilidade em um único soldado, que deu meia-volta e fugiu.

– Covarde! – Kratos vociferou.

Ao se virar, uma flecha penetrou sua armadura. Ele sentiu a fisgada, levou a mão às costas e, com um puxão, livrou-se dela. A armadura o salvara de algo pior do que um simples corte – embora meia dúzia de outras flechas tenha passado raspando por ele. Encostado à parede, ele foi girando suas lâminas e desviando da chuva de dardos até descobrir de onde vinham tantas penas traiçoeiras.

Dois arqueiros passaram a disparar flechas o mais rápido possível quando viram que o alvo apontava para eles. A atenção de Kratos estava tão voltada aos dois que nem percebeu o inexpressivo rosto encostado a uma janela ampla pelo lado de fora. No momento em que Kratos ameaçou disparar para cima dos

arqueiros com suas lâminas assobiando em um padrão giratório mortífero, a parede inteira que dava para o porto implodiu e um braço de bronze despencou, quase esmagando Kratos.

Ele rolou até se chocar contra a parede adjacente e se levantar de pronto, encarando o Colosso. Uma fina camada de eletricidade faiscava, dançando pelos braços até a cabeça do gigante. Seus olhos eram de um azul inocente, mas Kratos pôde pressentir o perigo dentro deles.

Ao longo do tempo que passou como escravo de Ares e durante os dez anos de servidão aos deuses do Olimpo, ele havia lutado contra ciclopes e minotauros e monstros tão vis que teriam trucidado um homem mais fraco. O Colosso de Rodes, por sua vez, carecia tanto da velocidade quanto da agilidade de qualquer uma dessas criaturas. Kratos golpeou seu antebraço desprotegido, que se retirou de imediato da câmara. Os gemidos da estátua fizeram com que ele menosprezasse a pobre caricatura de Hélios. Embora o deus em pessoa não tenha sido nada amigo de Kratos no passado, ao menos era rápido e perspicaz.

Uma escada de mão o levou ao andar de cima, que dava para uma varanda, onde vários soldados estavam reunidos.

– Nós d-d-devemos impedi-lo ou tudo estará perdido! Matem Kratos e os espartanos recuarão!

– Mas não podemos matar um deus – protestou um soldado quase do tamanho de Kratos.

– Será que ele é um deus, mesmo? Ele está sangrando. Vejam os cortes em seu rosto.

– Não, não, é o sangue de outra pessoa.

O primeiro lutador analisou Kratos mais uma vez e rapidamente chegou a uma decisão. Estufando seu peito já bastante largo para que parecesse ainda maior, ele empurrou os outros de lado e deu um passo adiante.

– Você se julga um deus? Você sangra como um mortal. Onde estão seus poderes, senão em suas espadas? – o soldado bufou pelas narinas, erguendo sua arma. – Você é apenas um mortal – e vai morrer!

O enorme guerreiro atacou, investindo sua lança enquanto se curvava atrás de seu escudo, protegendo-se. Kratos manteve sua posição, agindo apenas no último segundo possível. Uma lâmina ligeira cortou a lança ao meio. Ao completar o giro, a ponta de sua outra espada surgiu subitamente por baixo do escudo, em movimento ascendente. Por um instante, a armadura do soldado ainda foi capaz de conter o golpe. Logo em seguida, Kratos sentiu a lâmina perfurar a barriga e colidir bruscamente contra a coluna vertebral do sujeito.

Grunhindo, Kratos o fisgou e levantou o sujeito, ainda empalado em sua lâmina, acima de sua cabeça.

Os demais defensores de Rodes reagiram conforme ele esperava. Passaram a recuar, mantendo suas espadas e lanças em direção a ele enquanto tentavam bater em retirada. Kratos arriou o soldado, ainda vivo, e o chutou longe – uma distração que quase lhe custou a vida.

O som do metal atravessando o ar foi seu único aviso. Instintivamente, ele caiu, rolou e, por pouco, escapou do punho de bronze que arrebentou o reboco da parede por trás dele. O Colosso se reposicionou e golpeou com sua mão espalhada na tentativa de esmagar Kratos feito um mosquito impertinente. O chão de pedras se espatifou e as ondas provocadas pelo impacto derrubaram os soldados.

Cada colisão despedaçava mais o calçamento e disparava cacos por todos os lados, como se fosse mísseis mortais. Um longo estilhaço penetrou a armadura de Kratos e furou sua pele. Ele o puxou para fora. A ponta afiada da lasca estava vermelha de sangue. Com um poderoso impulso, Kratos a arremessou no Colosso, só para vê-la quicar sem causar dano algum ao tórax de metal.

Kratos precisou de toda sua agilidade para driblar o punho metálico que despencou novamente. Para piorar ainda mais, tão logo se recuperou e tentou retalhar o impenetrável braço, lançando faíscas em todas as direções, ele viu de relance que mais soldados se aproximavam.

– Matem-no e ganharemos mais terras do que seríamos capazes de percorrer em uma semana!

Quatro soldados avançaram em sua direção enquanto ele tentava picotar o braço do Colosso, que, por sua vez, varreu o calçamento de pedras para derrubá-lo. Kratos saltou, rolou e teve a chance de atacar o antebraço esquerdo, onde parte da blindagem de bronze estava faltando. Os ligamentos por dentro do braço lhe pareceram melhores alvos e partiu um dos grandes, em um estampido estridente, levando o Colosso a recuar, quando enfim Kratos pôde lidar com os soldados que o atacavam.

Eles provaram ser adversários fáceis. Se lutavam por terras ou honra ou sua cidade-estado, pouco importava. Um após outro, pereceram todos pelas lâminas afiadas de Kratos. Assim que o último guerreiro morreu sob a ponta de sua espada, Kratos percebeu uma movimentação estranha. O Colosso cambaleava para trás, segurando o braço esquerdo bem onde seu pulso fora decepado, deixando para trás apenas um toco que cuspiam faíscas azuis cintilantes e um brilho de arrepiar a alma.

O braço amputado volteava sem parar, propagando uma luz incandescente

pelo ar, enquanto esturricava, queimando e se contorcendo. Kratos mergulhou por baixo do feixe azul letal e firmou as lâminas em suas mãos ao se preparar para uma nova investida. O Colosso, porém, movimentou-se com uma velocidade bem acima da que um monstro com tamanha massa metálica seria capaz de alcançar. O braço decepado podia até balançar sem controle, mas a mão boa, a direita, despencou como se esmagasse um mosquito.

Kratos esperou até o último instante para saltar de lado, não a tempo de escapar da poderosa mão de bronze que acabou se chocando contra o chão. Voou alto com o impacto. Com um giro ágil, ele se colocou de pé – apenas para descobrir que não tinha caído no terraço de pedras, mas na mão estendida do Colosso. Suas sandálias estalararam contra a palma de metal quando ele aterrissou de forma brusca. Os dedos do Colosso se fecharam sobre Kratos, com a clara intenção de esmagá-lo.

Ambas as lâminas se voltaram para cima. Uma delas penetrou o dedo que o comprimia, tentando aniquilar a vida de seu corpo mortal. A outra cortou fora um naco de metal do dedo ao lado. Kratos soltou um berro de dor ao ser espremido pelos dedos do Colosso que se amontoavam sobre ele. A quantidade de bronze cortada do dedo, ainda que pouca, foi o suficiente para salvá-lo. Arestas ásperas cravavam-se em seu corpo, mas mesmo assim ele conseguiu passar metade de seu tronco pelo buraco que havia talhado e, usando suas lâminas como bastões, fincou-as em dois dedos e se alavancou livre por cima do punho cerrado.

Ele tombou no terraço, rolou e ficou de pé, armas em prontidão. O Colosso novamente recuou, fitou o talho que Kratos havia feito em seu dedo e, então, girou seu fulgurante toco em uma vã tentativa de pegar o Deus da Guerra desprevenido.

Kratos saltou para uma plataforma próxima, onde uma balista tinha sido carregada com uma enorme lança de pedra. A guarnição, havia muito, abandonara seu posto e sua missão de lançar o míssil para esmagar os navios espartanos que ancoravam. A corda estava esticada apenas pela metade. Kratos agarrou a manivela e empenhou toda a sua força para entesar bem o arco. Aquele normalmente seria um trabalho para quatro homens, mas Kratos deu conta do recado sozinho. Músculos pulavam de seus possantes braços e contraíam-se em suas costas enquanto ele se esforçava.

A corda se travou com um baque sólido.

Ele se virou e moveu a balista em volta até conseguir mirar no pesado gigante de metal ainda se debatendo no porto. As chamas azuis dos olhos do Colosso se fixaram em Kratos, e sua boca se abriu no que parecia mais uma paródia do sorriso forçado de um humano. O brilho celeste se esparramava em volta enquanto o beemote se arrastava para atacar de novo. Kratos observou,

calculou a distância – e esperou um pouco mais. O Colosso era muito lento para esquivar-se do míssil de pedra maciça que estava prestes a ser lançado, mas Kratos fazia questão de acertar em cheio no meio do rosto de metal.

Quando o Colosso tentou alcançá-lo, Kratos disparou a balista. A pedra deslizou pelos trilhos de madeira e irrompeu com uma velocidade tão grande que não passou de um borrão. Se tivesse atingido qualquer navio no porto, a embarcação teria sido condenada e mandada direto ao fundo do mar. Mesmo com toda a sua velocidade, a pesada pedra não atingiu o Colosso. Movendo-se mais rápido do que de costume, a estátua golpeou a rocha de maneira tal que a desfez em pó.

Kratos teve de reconhecer o perigo que então enfrentava. Sua essência fora sugada pela águia e totalmente transferida ao Colosso de metal. A cada minuto que passava, a estátua gigante ia se tornando mais forte, mais rápida, mais capaz.

– Você não vai me derrotar assim tão fácil, Atena – ele disse, e a determinação se consolidou em seu peito. – Tirar meus poderes de nada adiantará. Eu sou o Deus da Guerra!

Uma enorme mão de bronze subia e caía sem parar, estremeando os alicerces do edifício até que tudo em volta de Kratos estivesse destruído. Ele recuou e, logo em seguida, disparou em um salto por cima do punho. Kratos caiu pesado, encarando três soldados. Varrendo o vento com suas espadas, botou dois deles para correr em debandada, nada dispostos a enfrentá-lo em uma luta. O soldado que sobrou teve uma morte breve, a tempo de Kratos evitar outra bofetada do Colosso.

O braço esquerdo, exposto daquela maneira, era um alvo tentador, mas Kratos não conseguiu alcançá-lo com suas lâminas. Em vez disso, cortou furiosamente o braço direito, provocando um pequeno talho – nada mais. Quando o gigante de metal recuou para atacar mais uma vez, Kratos saltou de novo em direção à balista. Não havia mais pedras maciças para arremessar contra a estátua de bronze – tampouco havia tempo para rodar toda a manivela novamente, de qualquer modo. Kratos se pôs sobre os trilhos e pressionou suas costas contra a corda, empurrando-a com o auxílio de suas poderosas pernas.

Se ele não podia derrotar a estátua de metal por meio da força bruta, ele atacaria da forma mais inesperada possível.

Rosnando feito um animal, ele retesou o arco para trás, centímetro a centímetro. Na sua frente, erguendo-se no porto, o Colosso retornava, pronto para desferir outro golpe esmagador.

O corpo de Kratos se curvou ligeiramente quando ele, enfim, travou a corda. A falta de um míssil não o deteve. Ele permaneceu em sua posição, com as costas blindadas pressionando firmemente o lançador. Quando a criatura de

bronze se posicionou em frente à balista, Kratos puxou o gatilho.

A súbita aceleração tirou seu fôlego ao atravessar o ar em linha reta, indo parar na cabeça do Colosso. Novamente, porém, a estátua metálica dotada de poder divino reagiu com velocidade espantosa para rebatê-lo bem alto. Kratos se viu olhando de cima para a figura monstruosa e, em seguida, tombou céu abaixo, retorcendo-se para evitar que fosse capturado pelos dedos ferrenhos. Sua agilidade e destreza no combate fizeram com que ele aterrissasse na maçã do rosto da estátua, próximo ao incandescente olho direito.

– Graaah!

O grito de guerra de Kratos reverberou sobre a face de metal e ao longo de Rodes enquanto ele ergueu ambas as espadas para mergulhá-las profundamente no olho do Colosso, que reagiu tal qual um animal selvagem o faria. A estátua levou sua mão de imediato em direção ao olho ferido e ao próprio Kratos, mas ele já não estava lá, fazendo as vezes de vítima diante do poder esmagador dos dedos metálicos. Ele deslizou, chegando a um ombro escorregadio de bronze, onde talvez pudesse obter alguma vantagem, e passou a desferir golpes contra o pescoço à mostra. Alguns arranhões apareceram e, logo em seguida, entalhes mais profundos.

E, então, os dedos que ele evitara com sucesso, até o momento, finalmente o encontraram, arrancando-o e arremessando-o para o alto. Dessa vez, Kratos gritou frustrado, ao se chocar contra uma construção indiferente a sua dor, do outro lado do porto.

Capítulo quatro

Atena se deteve à entrada que conduzia à sala do trono de Zeus. O Pai dos Céus estava rigidamente sentado na beira de seu elevado trono, inclinando-se para ouvir, atento, seu irmão Hades. O que quer que estivessem discutindo provocava emoções acaloradas. Atena encontrou certa dificuldade para não irromper adiante e interromper a discussão, mas lhe restou um mínimo de cautela e tratou de sufocar sua raiva.

Ela pressionou sua mão contra o rosto, tentando se assegurar de que estava com total controle sobre si. Ela vinha sendo cada vez mais irracional nos últimos tempos, e dera-se conta disso. Era como se ela tivesse, de alguma maneira, separado o corpo do espírito, o primeiro tomando conta da situação à medida que sua alma vagava livre e longe, levando toda a lógica consigo.

Zeus ergueu os olhos e a encarou, mas era como se ela não estivesse lá. Ele se voltou a seu irmão e atirou um raio aos pés dele. Quem antes argumentava em voz baixa, então ferveu em alto e bom som.

– Você não vai fazer uma coisa dessas!

– Ele me enganou! Ninguém pode escapar do Senhor do Submundo. Diga-me como foi possível que Kratos escalasse de volta à vida depois de ter morrido no Templo de Pandora, e sem ajuda? Não foi Ares que o ajudou. Ele estava de cabeça quente, e é certo que teria sentido prazer ao saber que sua urtiga mortal havia sido transferida a meu reino – Hades ergueu a mão ossuda e cerrou o punho, com firmeza. Um pó negro cascateou aos pés de Zeus.

– O que você está dizendo, meu irmão? – Zeus ignorou a poeira sepulcral em suas sandálias.

– Atena me contrariou! Ela o ajudou a escapar da travessia do Estige!

Atena observava a reação de seu pai e teve certeza de que ele havia sido o deus que ajudara Kratos, na pele de um coveiro. Ela já suspeitava disso, mas, até então, não tinha uma prova sólida o bastante.

– Seja bem-vinda, filha – Zeus disse, voltando os olhos a ela, como se a visse pela primeira vez – Chegue mais perto. Seu tio estava me contando sobre sua interferência no reino dele.

– É sobre Kratos que vim falar, Pai – ela disse. Atena acenou educadamente com a cabeça para Hades, mas não lhe dirigiu a palavra. Ele ardia em fúria, pensando que fora ela quem cavou o sepulcro perto do templo para permitir a fuga de Kratos.

– Ela ainda defende a causa dele! Ele trouxe apenas discórdia ao Olimpo,

Zeus. Você não pode permitir que isso vá adiante, bem como não pode permitir a intromissão de Atena em assuntos que só dizem respeito a meu reino!

Hades estava tão furioso que seu rosto sombrio esfumou, como se estivesse pegando fogo por dentro. Ele espalmou suas mãos, apertando-as com tanta força, que uma cascata de cinzas fluiu sem parar rumo ao chão de mármore travertino, em frente ao trono de Zeus.

– Meu tio deveria ter sido um poeta, tão fértil é sua imaginação. Talvez você tenha conversado com Homero, já que ele está a investigar os Campos Elisios?

Hades levou seu punho fechado para trás no intuito de golpeá-la, mas um relâmpago deslumbrante tremeu acima de sua cabeça. Hades se virou e encarou Zeus. Antes que pudesse dizer uma palavra, um novo raio fez com que Hades perdesse o equilíbrio. Ele girou, ascendendo ao vento, e desapareceu em um tornado de fuligem. Zeus baixou a mão que lançara o raio e, em seguida, fez um rápido movimento com o braço, como se varresse as cinzas do chão, que sumiram. Atena não pôde deixar de notar que a escuridão gordurosa permanecia nas sandálias de Zeus quando ele se prostrou de volta em seu trono.

Novamente, ele era o estoico Pai dos Céus, Rei dos Deuses, de olhar majestoso, como se nada tivesse o perturbado.

– Minha filha, você suplica por Kratos de novo?

Ela estava prestes a concordar, então balançou a cabeça.

– Não, Pai, mas eu lhe rogo por misericórdia. Ainda desconheço seus planos em relação a Kratos, mas foi por meio de suas boas graças que fui autorizada a elevá-lo ao trono de Ares.

– A insanidade de Ares o destruiu. Kratos apenas lançou os dados na jogada final de uma partida que Ares não tinha mais como vencer.

– Os outros deuses humilharam Kratos – ela começou a falar, mas a profunda gargalhada de Zeus impediu que fosse adiante.

– Kratos, humilhado? Nunca! Seu orgulho não conhece limites. Eu é que fui ofendido. Ele se recusa a obedecer e traz discórdia ao Olimpo. Quantas vezes não o encontrei me observando com malícia?

– Ele tem razão em se revoltar pelo senhor não ter dado um fim a seus pesadelos – ela disse.

– Tudo o que faço é por uma razão, filha. Ele optou por ignorar seus avisos e o comportamento dele agora ameaça a todos no Olimpo.

– A todos, Pai dos Céus? – ela indagou, encarando-o com ousadia. – Ou há algo mais que eu não saiba? O senhor tem medo de sua própria criação e do que ela é capaz de fazer?

– Assim como Ares, ele se recusa a me obedecer. Kratos não se apossou do trono do Deus da Guerra. Eu *permiti* que ele ascendesse. Por acaso não sou o Deus do Olimpo? Eu controlo tudo o que acontece.

Atena preferiu não responder, pois o tom de seu pai indicava que ele realmente acreditava naquilo. Ou teria esquecido o papel das Moiras na Titanomaquia? Se elas não tivessem favorecido os deuses durante a Grande Guerra, os Titãs ainda reinariam supremos.

Em vez disso, ela disse:

– A discórdia se espalha no Olimpo, meu Pai. O senhor bem viu a maneira como seu irmão, meu tio, está agindo.

– Poseidon é rabugento, oras – Zeus disse, acariciando suas longas barbas brancas de nuvens atmosféricas. Anéis de ouro com o nome dele gravado prendiam grossos tufo juntos. Com um menear de cabeça, ele afastou seus longos cabelos brancos dos olhos – olhos sem pupilas que emanavam o azul celeste a circundar o Olimpo. Um ar contemplativo veio à tona. Atena se perguntou o que estaria passando por trás daquele olhar em branco.

– Kratos é a causa disso tudo. Fale com ele, meu Pai. Convença-o com sua eloquência a devolver a paz ao Olimpo.

– Será que ele me escutaria? Ele desprezou sua tentativa de ajudá-lo – Zeus respondeu sua própria pergunta. Um sorriso malicioso arrastou seus lábios. – É claro que ele me dará ouvidos. Ele precisa aprender o que é humildade, pois almeja o que não pode ter – seus olhos correram em direção a uma alcova acortinada do outro lado da câmara de audiência. Atena observou a expressão de Zeus se alterar: de confiança, até mesmo arrogância, para alguma... outra coisa.

Ela olhou por cima do ombro ao tempo em que uma suave brisa passou pela câmara, agitando a cortina e as pétalas de rosa pelo chão. O vislumbre da Caixa de Pandora fez Atena se enrijecer com o receio repentino de que Zeus estivesse notando sua atenção à caixa, e não voltada a ele.

– Como? – a pergunta escapuliu de Atena antes que ela se desse conta. Deu um passo adiante, pondo um pé no degrau mais baixo do trono daquele que comandava os deuses.

– Ele quer me destronar, assim como Ares tentou antes. Nenhum deus – ou deusa – nunca assumirá este trono. Ele é meu e apenas eu devo governar o Olimpo – sua voz aumentou, estridente, e ele se ergueu a meio caminho do trono,

tensionando seu poderoso corpo. Atena pôde sentir o mesmo quê da loucura de Ares em seu pai, e isso a deixou assustada. Uma dúzia de pensamentos martelava sua cabeça sobre a melhor forma de evitar qualquer tentativa de Zeus de exercer maior controle sobre os outros deuses. Conspirações e planos secretos fermentavam desde sempre entre os que se aborreciam facilmente no Olimpo, mas Zeus estava em uma posição singular de poder.

Uma vez mais, Zeus passou os olhos por ela até a Caixa de Pandora, mas voltou sua inteira atenção a Atena antes que ela pudesse dizer algo mais.

– Kratos não tem aspiração alguma em relação a seu trono, Pai – ela disse para, logo em seguida, pausar e refletir sobre o que havia acabado de dizer. Ela balançou a cabeça tão logo teve certeza dos motivos de Kratos. – Ele apenas provoca a guerra, usando seus soldados espartanos, para contra-atacar o amontoado de ofensas que paira sobre sua cabeça.

– Eu o tratei de maneira justa – Zeus disse.

– Ele não enxerga isso – Atena retrucou.

– Ele não consegue enxergar. Devo, portanto, fazer com que ele se dê conta disso, para que a harmonia seja restaurada no Olimpo – Zeus se acomodou em seu trono, com os braços cruzados e minúsculas tempestades redemoinhando nas barbas de nuvens trançadas.

Atena acabou escutando mais do que as discretas trovoadas produzidas por aquelas tempestades. Ela sentiu ventanias violentas soprando através de seu querido Olimpo.

Capítulo cinco

– Que padrão mais lindo, este – Cloto arrulhou ao reacomodar seu imenso corpo, semelhante a uma lesma, para ficar mais confortável à sua roda de fiar. Em meio à lamúria de fios voando de sua feira, surgiram gritos distantes de dor à medida que exércitos inteiros conheciam o destino decretado pelas Moiras. – Não consigo me lembrar de já ter tecido um modelo tão bom antes. O que você me diz, querida irmã?

Átropos tirou os olhos de seu próprio trabalho. Ela estava medindo o comprimento de um fio de destino, amarrado a uma haste para manter a tensão. Se ele afrouxasse, ela teria de recalculer tudo de novo para não acabar concedendo a dádiva de uma vida longa demais ao jovem rei, acorrentado até sua morte remota. Ou, ainda pior, ele poderia morrer muito depressa, caso a impetuosidade de Láquesis a fizesse cortar prematuramente o fio, ainda frouxo. Átropos estendeu suas compridas garras, usando-as para demarcar no fio a duração adequada de vida.

– Por que, irmã, você decidiu tão rapidamente sobre o destino desse? – Cloto perguntou, olhando por cima da feira a serpentear destinos.

– Espero brincar com ele um pouco mais – disse Átropos, suspirando. Ela ascendeu ao vento, com gavinhas negras redemoíndo no lugar das pernas. Rodopiou e, logo em seguida, restabeleceu-se em sua poltrona para marcar outro fio de destino tecido por Cloto. – Quanto tempo este deve ter? – ela devaneou.

– Você, por acaso, está perguntando minha opinião? – Cloto riu. – Claro que não está, não é mesmo, querida irmã? Você nunca pede opinião alguma. Sempre tão dedicada a seu trabalho que nunca precisa de conselhos.

– Temos diversão o bastante ao brincar com os mortais.

– E os deuses – Cloto interrompeu. – Precisamos dedicar mais tempo a eles e menos aos insignificantes mortais.

– Você é quem diz. Tenho bons momentos de pura distração com os mortais.

Átropos passou suas garras ao longo da miríade de fios, alguns de um ouro brilhante e outros simples e brancos, como os de algodão ou outro material mundano, e, enfim, puxou um deles.

– Kratos – disse Cloto, observando o fio de ébano que tomava a atenção de sua irmã. – Esse nos trará problemas. Eu sinto isso. Deixe-me...

– Pare! – Átropos lançou suas longas garras para evitar que sua irmã tecesse um novo fio de destino para Kratos. – Nós já havíamos concordado, as

três, sobre ele.

– Ele conversa com Titãs – Cloto disse.

– Nós anulamos os Titãs quando colocamos os deuses no Olimpo. Eles não são mais interessantes.

– Não se deixe ficar obcecada por ele. Irmã, volte a seu trabalho e deixe que Láquesis cuide dele. Há fios demais para tecermos e medirmos.

– Você está certa – disse Átropos, ignorando o fio negro de Kratos em favor de outro, mais interessante. – Estou concentrada em um mortal importante. Ele se contorce e pelega à toa, não tem chance alguma de escapar do destino que guardo a ele.

– Não é mais uma daquelas pragas tediosas que você tanto preza, é? – Cloto recuou, com seu corpo gelatinoso ondulando, e olhou para o emaranhado de destinos que ela planejava reunir. Nações não passavam de intrincados padrões de destinos individuais. Ela havia moldado uma tapeçaria fina dessa vez, que seria lembrada para todo o sempre pelos mortais.

– Guerra – insistiu Átropos. – Descobri um novo atalho para a destruição, que bem cabe a este personagem em particular.

Cloto olhou para o fio e bufou com desprezo.

– O quê? Agora, você acha que eu não trabalho bem, Cloto? – Átropos puxou o fio, deixando vibrações pelo caminho. – Eu afundei um continente inteiro desta maneira!

– Atlântida – disse Cloto em reprovação – mal valia seu esforço, quando temos tantos outros destinos mais refinados para tramar aos deuses e aos mortais que os adoram.

– Os deuses – Átropos disse quase com tristeza. – Eu me desapontei com eles. Pensei que a vitória de Zeus sobre seu pai Cronos fosse resultar em algo mais... divertido.

– Foi divertido o bastante para eles, mas eles são apenas deuses e dependem de nós no que diz respeito a seus destinos.

– Láquesis pode estar certa sobre Kratos. Elevado à divindade após a destruição de Ares e, então, mandado de volta à condição de mortal – Átropos disse –, isso pode ser interessante. Fico tão cansada de atribuir os mesmos destinos aos deuses, mas especialmente aos mortais. Suas vidas são tão curtas e violentas.

– Você deveria decretar mortes mais tranquilas para eles – disse Cloto. – Por outro lado, quais opções você teria? Encurtaria suas existências ou faria com que sofressem?

– Ah, acho que eu poderia permitir um pouco mais de dor em suas vidas. Você fia bem, irmã, mas eu me preocupo com o comprimento que distribuo aos fios. Parece tudo sempre tão... limitado. Tudo fica tão ordinário ao longo das eras.

– Eu sinto prazer em ver Hades recebê-los no Submundo e as torturas que são aplicadas lá.

– Kratos – disse Átropos, voltando ao assunto perturbador. – Nós precisamos ficar de olho em nossa irmã Lâquesis e em seu trabalho com o mortal tornado deus, que ela tanto estima.

– Eu não o acho tão interessante assim – disse Cloto. – Seria melhor inventar uma nova criatura para copular com os mortais e os deuses. Guerras, pestes – há tantas possibilidades de cruzá-los para nos mantermos ocupadas.

– Trata-se de mortal? Ou de um deus? Alguma coisa entre os dois? – Átropos parecia estar pensativa. Enquanto ela considerava a questão, seu dedo acariciou o fio do destino vinculado ao jovem rei que lhe chamara a atenção antes, atribuindo um destino violento ao mortal acorrentado até o fim da vida. Nunca relaxada, sempre sob uma tensão agradável, a pobre criatura, ainda que fosse sofrer, proporcionava-lhe a oportunidade de uma reflexão.

– Um semideus? Quão ordinário. Os deuses se acasalam com mortais desde sempre. Já estou entediada de fiar destinos a uniões desse tipo – Cloto rejeitou a ideia.

Átropos deu uma sacudida no fio tão habilmente que uma enorme ondulação o acompanhou. Ela sorriu ao ver o destino que desejava sendo atribuído ao jovem monarca. Ele chegaria à velhice, sim, com toda sua sabedoria e inteligência, mas o desenho único de seu fio havia ditado que seria sem as pernas. Explorar aquele personagem certamente quebraria a pasmaceira das sortes urdidas. Foi bom empreender novos destinos aos mortais.

– Lâquesis desperdiça seu tempo com Kratos – Átropos disse de repente. As palavras escaparam de seus lábios de forma inesperada, pois estava com a cabeça em outro lugar.

– Bobagem, querida irmã – disse Cloto. – Ela tem algo especial reservado a ele.

– O quê?

– Ela diz ser surpresa, um presente para nós. Não devemos nos intrometer, portanto, no destino do mortal que virou o Deus da Guerra.

– Não interferir? – Átropos riu. – Ou não interferir demais? Eu vejo uma grande possibilidade de entretenimento para nós nesse tal de Kratos.

Cloto assentiu, já sem prestar atenção no destino dele, voltada que estava a sua tapeçaria, a qual decretou a morte inevitável de milhares. Apesar do que disse a sua irmã, um fio de moléstia entrelaçado ao tecido fez as cores do destino ficarem bem mais atraentes.

Capítulo seis

Kratos trombava contra o vento, agitando os braços, até que recuperou o controle sobre si. Ele se jogara de ponta-cabeça do Olimpo; cair até o outro lado do porto de Rodes não deveria ser tão difícil assim, mesmo tendo seu tamanho e sua força subtraídos.

Ele encostou o queixo contra o peito, protegendo o pescoço, virou de lado em um giro e aterrissou bruscamente em uma cúpula de cristal. Por um átimo de segundo, imaginou que o vidro aguentaria o tranco, mas se despedaçou de imediato, e Kratos desabou direto em uma límpida piscina. O choque ao quebrar a cúpula foi amenizado pela súbita imersão na água. Kratos continuou mergulhando até que seus pés tocassem os azulejos escorregadios no fundo da morna piscina. Suas poderosas pernas se flexionaram e o impulsionaram feito uma flecha. Ele irrompeu à superfície, já quase sem fôlego. O perfume enjoativo do banho o sufocou mais ainda.

Ele nadou até a borda da piscina e se impulsionou para fora, sacudiu-se como um cão, espirrando gotas de água por todo lado e, então, subiu correndo as escadas até uma ampla varanda com vistas para o porto. O Colosso estava agitado e bem barulhento, destruindo tudo desenfreadamente conforme procurava por Kratos, sem saber que ele o observava a uma distância segura. Ao se dar conta de que Kratos o encarava com ódio mortal, o monstro de metal deu a volta em direção a ele. Seus olhos incandesciam um azul único e se fixaram em seu oponente, enquanto sua boca se abriu para vomitar ainda mais brilho em um grito sem som.

O rangido das juntas de metal despertou Kratos para o fato de que ele teria apenas alguns segundos até se atracar novamente à estátua em uma terrível batalha. Ele sacou as Lâminas de Atena, ficou em posição e esperou por sua oportunidade. O Colosso se movimentava de forma lenta pelos escombros do porto submerso, mas Kratos já fora testemunha de seus reflexos rápidos. Ao se aproximar, o Colosso ergueu o braço para novamente esmagar o que estivesse embaixo. Kratos prendeu o antebraço direito da estátua no X de suas espadas cruzadas e apertou com toda força. Um arranhão profundo, brilhante e irregular apareceu no bronze.

O Colosso recuou e, logo em seguida, volteou seu braço esquerdo amputado. Kratos utilizou as lâminas como ganchos para escalar e atacar a estrutura descoberta. Mais ligamentos se partiram e o Colosso reagiu como um animal ferido. Com um golpe poderoso de cima para baixo, Kratos fincou suas espadas no pulso de metal exposto. Voaram faíscas por todas as direções. Ele escorregou de novo, lutando para manter o equilíbrio. O Deus da Guerra fez seu caminho braço ferido acima, até alcançar uma posição em que pôde enterrar sua espada em uma ofensiva tremenda, enganchando-a na bochecha de metal como um anzol. Com um brusco solavanco, Kratos voou para o alto, usando sua outra

espada para golpear profundamente o metal, soltando um berro ensurdecedor, e desferir um golpe no olho que restou. Uma vez mais, o Colosso reagiu.

Kratos fintou a garra feroz e decepou um novo naco de metal, abrindo uma ferida de onde vazou uma luz azul, idêntica ao brilho que emanava da boca e do então único olho da estátua. Ele apunhalou e retalhou e notou que o metal cedia – e isso quase sacramentou seu trágico fim.

Sua vontade de esfolar outra vez uma lasca de metal fora, expondo a face interior do gigante, era tal que ele se recusou a esquivar da mão direita. Gritou de dor quando os dedos de metal se fecharam sobre ele. E espremeram. Com força. Com mais força. A dor não se parecia com nada que ele já havia suportado antes, mas ele se recusava a ceder. Concentrando-se no dedo superior da estátua até quase decepá-lo, Kratos conseguiu se alavancar e valer-se de sua força prodigiosa para se encontrar uma vez mais lançado ao vento.

Ele despencou em um chão de pedras, rolou e se apoiou sobre seus pés. Levantou-se e fitou o céu, onde as nuvens carregadas de uma tempestade haviam encoberto o sol.

A explosão de um relâmpago rasgou o céu e o deixou em alerta um instante antes de uma voz ressonante retumbar: “Kratos!”

Ele mirou as nuvens e respondeu:

– Eu não preciso de sua ajuda, Zeus. Posso derrubar esse monstro de metal!

– Eu lhe ofereço mais do que ajuda, Kratos. Eu lhe ofereço poder.

Kratos ergueu seu braço para proteger o rosto quando as nuvens se abriram e um segundo sol radiante explodiu em existência, um sol que caiu do céu. De olhos semicerrados, viu o que pensara ser um relâmpago se transformar em uma longa espada cintilante, que se cravou em um terraço de pedra do outro lado do porto.

– Eu lhe ofereço a Lâmina do Olimpo – Zeus continuou. – Foi essa lâmina que deu fim à Grande Guerra e derrotou os Titãs. Canalize seus poderes divinos à espada, Kratos. Só então você atingirá todo o seu potencial.

Kratos fixou o olhar na longínqua espada incrustada na pedra e, em seguida, levou os olhos às nuvens, então resplandecentes com os raios ofuscantes e pungentes de Zeus. O Colosso foi em direção ao lado oposto do porto, reunindo forças para outro ataque – um que deixaria Kratos em apuros.

– Por que você quer me ajudar agora?

– O que estou fazendo é para o bem de todo o Olimpo. Empunhe essa arma

e todos no Olimpo lhe tomarão por quem você verdadeiramente é.

A incerteza dilacerava Kratos. Ele não tinha nenhuma razão para acreditar ou confiar em Zeus, mas uma necessidade abrasadora de liderar seus espartanos rumo à vitória – contra Atena, aquela vadia traiçoeira – falava mais alto. Ainda assim: Zeus? O Pai dos Céus era tão seu aliado quanto qualquer um dos outros deuses do Olimpo que ele tanto abominava. Zeus se orgulhava de sua perfídia.

Porém, se Zeus realmente acreditasse ser para o bem do Olimpo, ele seria capaz de ajudar qualquer um. Mesmo o Fantasma de Esparta.

Antes que Kratos pudesse ponderar entre os riscos de acreditar em Zeus e a possibilidade de uma proposta desleal, ele se viu cercado por soldados que surgiam de dentro da construção. Ele girou as Lâminas de Atena em circunferências amplas e viciosas que liquidaram as vidas de um defensor rodesiano após outro. Pela grande quantidade deles, porém, acabaria afogado em um mar de gente – e, mais uma vez, o Colosso partiu para cima dele. As investidas incessantes do gigante acabaram revigorando os soldados rodesianos, que então obrigavam os nobres espartanos a bater em retirada rumo ao porto. Por eles, Kratos nada podia fazer, senão dar o exemplo. Para alcançar a vitória, ele sabia que deveria aceitar a dádiva de Zeus.

A Lâmina do Olimpo!

Ele seguiu seu caminho em meio à destruição deixada por seus espartanos e logo deu de cara com outro emaranhado de soldados – e um arqueiro.

Kratos lançou o olhar em direção à lâmina de uma incandescência celeste, sua meta, e atacou com fúria renovada. Esmurrava um soldado, quando outro a sua esquerda bradou: “Cuidado! O Colosso!”

Kratos dispersou o olhar do combate por um instante. Seu corpo inteiro doía por conta das batalhas contra a estátua de metal animada. Para piorar, suas pernas não dispunham mais da força habitual, nem da velocidade em seus ataques.

Kratos recobrou a atenção, depois de quase ter a cabeça decepada de seus ombros. Era um truque. O Colosso provocava um alvoroço no porto, mas não era perigo iminente. O soldado havia gritado apenas para dar ao adversário de Kratos, seu companheiro, a chance de se aproveitar da distração.

Kratos mal teve tempo de erguer suas lâminas em um X para travar a espada que caía e teria partido sua cabeça ao meio. Fosse antes, encolerizado pela batalha, e sua força divina teria facilmente prevalecido. Ele foi jogado de joelhos pelo poder do golpe. Para piorar, o soldado que o distraía resolveu atacar em dupla com o parceiro. Os dois deslizaram com habilidade as espadas afiadas por entre evasivas furiosas de Kratos, marcando sua carne e fazendo jorrar

filetes de sangue de suas feridas abertas.

O olhar de Kratos passou por eles rumo ao Colosso – e à ajuda que Zeus havia oferecido.

– Morra, Kratos, morra! – esbravejou o soldado que quase partira sua cabeça ao meio.

Muito antes de Kratos se tornar o Deus da Guerra ou mesmo o lacaio de Ares, ele havia sido um guerreiro feroz. Os reflexos de outrora haviam sido substituídos pela confiança em seu poder divino, então subtraído. Acabou cedendo ao potente ataque, mas conseguiu desviar de lado o golpe de seu oponente no meio da estocada. Ainda de joelhos, ele soltou o punho da espada e partiu para cima, encaixando a virilha do soldado em seu ombro, enquanto suas mãos circundavam as coxas do sujeito, em busca de nervos entre os músculos para, então, cruelmente goivá-los com os dedos. As pernas do soldado ficaram dormentes, permitindo que Kratos mudasse o rumo de seu ataque.

Ele carregou o sujeito em seus ombros, rodopiou o pobre-coitado e o atirou contra o companheiro de luta. Eles caíram amontoados um sobre o outro, mas Kratos se deu conta do quão esgotado ficara após a batalha contra o Colosso. Em outras circunstâncias, teria sido bem simples despachar os dois homens, ainda desengonçados e impotentes, antes que eles pudessem se recompor. Como havia perdido a chance de usar suas espadas, Kratos se atirou para cima deles, levando-os de volta ao chão.

Sua habilidade em confrontos corpo a corpo novamente o salvou. Um soco em cheio na garganta sufocou um deles, deixando o caminho livre para Kratos esmurrar o outro até um estado de puro entorpecimento. Com ambos invalidados, Kratos ficou de pé, virou-se e encarou seu verdadeiro inimigo.

O Colosso retornava para reivindicar a morte de sua vítima.

Tamanha determinação dirimiu quaisquer dúvidas. Kratos disparou por uma passagem boleada e observou o lado oposto de uma longa e estreita ponte de pedra. A Lâmina do Olimpo brilhava ao longe, como um farol.

E as articulações do Colosso rangeram todas quando ele recuou para arremessar o toco que sobrara de seu braço decepado em uma pancada certa que esmigalhou o terraço de pedra onde estava Kratos. Este, por sua vez, reagiu instintivamente. Pernas a todo vapor, ele partiu em velocidade para atravessar a ponte. Mais uma vez, a agilidade do Colosso quase despachou Kratos ao Submundo. Tanto o coto esquerdo quanto o punho direito despencaram sobre a ponte de pedra, despedaçando-a logo atrás de Kratos. Ela foi desabando cada vez mais rápido à medida que o Deus da Guerra corria e, somente em uma explosão final, ele conseguiu chegar a terra firme.

A Lâmina do Olimpo estava cravada no centro do terraço.

Kratos partiu em direção à espada, apenas para dar de cara com o Colosso. A estátua de metal lançou seus braços novamente para baixo, abrindo sulcos no piso de mármore. Esquivando-se das rachaduras, Kratos atacou, suas lâminas cantavam o hino da destruição – mas foi interrompido quando o Colosso fincou o coto incandescente contra o chão. As fendas se preencheram com labaredas ofuscantes que carbonizaram sua armadura e fizeram as Lâminas de Atena queimarem em suas mãos feito fogo.

Kratos desviou das rachaduras, fitou o Colosso e invocou a Fúria de Poseidon. Ele se ergueu, levou os braços ao alto e sentiu o poder crescer dentro de si. Uma aura de energia cobriu seu corpo, estalando, chiando, dançando como insetos perversos em meio às chamas. Ele rodopiou e, logo em seguida, disparou adiante um anel de energia cada vez mais veloz até explodir como se fosse o próprio sol. O Colosso recuou, momentaneamente atordoado, e Kratos aproveitou a chance para atacar. Ele massacrou o braço direito do Colosso, mergulhou por baixo dele e, então, abriu um talho profundo no diafragma de bronze, do qual transbordou uma luz azul.

Ferido, o Colosso agarrou seu revestimento de metal dilacerado, dando a oportunidade que Kratos esperava.

O Deus da Guerra correu rumo à lâmina e tentou puxá-la. Ela não cedia aos seus esforços, mas ele pôde sentir uma pulsação na lâmina, uma sensação crescendo em suas estranhas. Ele agarrou o punho da espada com ambas as mãos e concentrou toda sua força para arrancá-la. Mas a Lâmina do Olimpo continuou emperrada na pedra onde Zeus a arremessara, e Kratos começou a sentir uma fraqueza estranha.

Ele soltou a empunhadura e fitou a lâmina. “Será que eu realmente preciso de sua ajuda, Zeus? A troco do quê?” O som da batalha, de espartanos sendo rechaçados, de seus irmãos de luta sendo mortos, fez com que ele tomasse sua decisão. Deixando suas dúvidas de lado, Kratos novamente lançou mão da espada.

Ele então sentiu uma tontura. Para puxar a lâmina da pedra, ele teve de renunciar voluntariamente ao seu poder. Por mais estranho que fosse para ele o conceito de renúncia, ele sabia que era necessário. Kratos fechou os olhos, segurou a lâmina e deixou que seu poder se esvasse.

A espada passou a sugar sua divindade.

O mundo girou e ele sentiu um embrulho violento na barriga. Teria vomitado, caso seu estômago não estivesse vazio. Seus músculos estremeceram e a fraqueza se apoderou dele.

Sua força era então a do Kratos de outrora, o Kratos que havia sido laçado de Ares – mas também o Kratos que havia assassinado um deus.

A Lâmina do Olimpo deslizou até se soltar da bainha de pedra, todos os poderes divinos de Kratos ora inerentes a ela. Ele ergueu a espada e a observou. Sentiu o poder tiritando dentro dela. Poder que fora seu e, então, entregue a sua arma. A pesada lâmina girou facilmente ao ser empunhada. Quase que de forma natural.

O Colosso pressionou seu braço direito sobre o profundo talho esculpido em sua barriga. O braço esquerdo oscilou, cuspidando o feixe azul como se fosse sangue arterial. Kratos disparou com a Lâmina do Olimpo erguida acima de sua cabeça, pronta para um ataque letal. Ele mergulhou adiante, deu uma cambalhota e acabou parando na borda do terraço de pedra, enquanto o membro amputado balançava sobre ele. O calor da luz, como se sangue em chamas, derreteu parte da armadura de Kratos, mas ele seguiu em frente.

Cortes ligeiros na mão direita do Colosso deixaram-no ainda mais enfurecido. Ele a suspendeu e, então, deixou-a cair, pesada, fazendo o chão tremer embaixo de Kratos. Ele desviou do golpe, restabeleceu-se e calculou a distância. Com pernas que mais pareciam molas, ele se atirou adiante, tendo a ponta da Lâmina do Olimpo a sua frente.

A espada abriu ainda mais o talho na barriga da estátua, e Kratos trombou contra a enorme estrutura animada. Passou a escalar as irregularidades ao redor das entranhas dilaceradas do gigante. A desarmonia das peças trituradas levava-o cada vez mais alto, até chegar a uma plataforma com vista para um eixo de rotação que levava às engrenagens que davam vida ao Colosso.

Equilibrando-se com cuidado sobre uma viga, ele atingiu o centro de comando da enorme máquina de bronze. Como se dotada de consciência própria, a Lâmina do Olimpo escorregou por entre as engrenagens. Por um instante, Kratos pensou que a espada pudesse se partir. Em vez disso, ela ficou mais iluminada à medida que sugava a força vital do Colosso – *sua* força vital, que a águia havia transferido. Kratos assistiu com uma sombria satisfação à lâmina absorvendo a energia da estátua da mesma forma que extraía a dele. O eixo e as engrenagens, até então incandescentes, perderam o brilho e se tornaram tão somente mecânicos.

Ele arrancou a lâmina com um puxão e a segurou por cima de sua cabeça. Ela brilhava a luz de uma centena de sóis. Não teve tempo de se deleitar com a sensação de estar empunhando uma arma tão potente, pois logo toda a estrutura começou a sacudir e cambalear. Kratos saltou rumo ao arcabouço de metal e continuou escalando até alcançar um gradeamento, de onde pôde espreitar o porto através da boca escancarada da estátua. Seu senso de equilíbrio estava certo. O Colosso declinava precariamente.

Mas ainda se movimentava e seu toco se ergueu, jorrando energia azul esbranquiçada. Mesmo drenado pela Lâmina do Olimpo, restava-lhe energia suficiente para continuar perigoso.

Do alto de sua vantagem, Kratos viu o Colosso retornar ao porto, onde valentes espartanos haviam revertido a situação, acuando os defensores da cidade. Seu peito se encheu de orgulho pelas proezas de seus soldados no combate, mas a constante retomada estava prestes a desandar mais uma vez, com a estátua de bronze voltando seu foco para eles. Ela teria de ser totalmente destruída para que a vitória de Esparta fosse garantida.

E para garantir sua própria vitória sobre a traiçoeira Atena. Uma vez que recuperara o poder que lhe fora subtraído, ela haveria de lamentar e muito a traição.

Kratos continuou subindo até alcançar o interior da cabeça. Quatro outros circuitos clarearam suas ideias sobre as engrenagens da estátua. Novamente, a Lâmina do Olimpo sorveu profundamente a energia do Colosso que, ainda assim, continuou se debatendo.

Antes que ele pudesse acertar outro golpe, o Colosso tremeu todo, como se estivesse ardendo em febre. Kratos agarrou um ligamento para se apoiar e, mesmo assim, perdeu o equilíbrio. Ficou pendurado sobre o abismo no centro da estátua de bronze. Muito abaixo, viu as engrenagens rompidas, retorcidas, e enormes tiras retalhadas de latão que roçavam umas nas outras.

Com um impulso de primeira, ele jogou seu corpo ao alto e agarrou a borda do olho que arrancara antes. Com a visão privilegiada, ele pôde observar melhor a cidade em chamas e o progresso de seus espartanos contra os defensores.

Ele exultava. A maré havia virado a favor de Esparta! Já era tempo de desferir o golpe mortal naquela monstruosidade ambulante e se juntar a seus homens uma vez mais.

Foi então que o Colosso empinou e tombou para frente. Kratos viu as águas do porto se aproximarem depressa para, logo em seguida, a estátua se estatelar de cara no mar. O interior oco do gigante metálico foi rapidamente preenchido por água, que começou a ferver ao tocar as engrenagens e os ligamentos movidos a magia. Kratos sentiu seus pulmões a ponto de explodir enquanto o Colosso mergulhava cada vez mais fundo. Perdeu ainda mais o fôlego quando os olhos e a boca da estátua atingiram o fundo do mar, levantando lodo. Ele tentou achar um caminho, mas ficou tonto com a falta de ar, e descobriu ser impossível penetrar a lama escorregadia do porto para escapar de dentro do Colosso.

Brandindo sua espada, recusando-se a ceder, Kratos sentiu o impacto de sua lâmina contra o metal e, então, penetrando fundo. Quando enfim foi obrigado a puxar o fôlego, não foi água que ele tragou, mas puro oxigênio. O Colosso se

ergueu de sua sepultura marinha e novamente se sacudiu, como se pudesse desalojar Kratos, que desferiu sua espada profundamente contra o interior de uma das bochechas e segurou firme enquanto a lâmina deslizava.

A estátua rangia e soltava gemidos à medida que o metal ia sendo dilacerado. O gigante foi à loucura quando Kratos torceu sua espada.

Inclinando-se para o alto, Kratos viu o que devia ser o cérebro da máquina mortífera. Com um salto poderoso, ele atravessou o compartimento, agarrou com habilidade uma corda amarrada no eixo central e tomou o rumo de uma escada de mão, desaparecendo cabeça acima. Subiu até chegar a uma plataforma, logo mirando uma junção onde meia dúzia de feixes brilhantes se uniam em um único mecanismo de pequenas engrenagens incandescentes.

Uma passagem estreita o levou à estrutura cerebral, com potentes feixes de energia correndo em todas as direções para animar a estátua. Ele se agachou por baixo de um pêndulo que oscilava lentamente e, em seguida, atacou com sede de vingança, surgida da raiva e da frustração por ter sido usado de maneira tão penosa pelos deuses – por Ares e, então, por Atena.

Ele retalhava o metal repetidas vezes com a Lâmina do Olimpo, cada corte provocando um enorme tremor no Colosso. Apreciando a tortura, Kratos continuou a retalhar até que as peças começassem a se desfazer, cada qual levando um pouco mais da energia vital da estátua, e os eixos enfim pararam de rodar. Só então ele enfiou a espada diretamente no centro do mecanismo cerebral. Dessa vez, a sensação da energia sugada foi extrema.

O Colosso estremeceu como se pegou por um terremoto, forçando Kratos a agarrar um esteio para não ser arremessado de seu precário poleiro. Ele segurou a lâmina no centro das engrenagens, observando o brilho azulado esvanecer-se em um vermelho fosco e, então, desaparecer por completo. Ele foi tomado pela frieza da satisfação por ter frustrado os planos de Atena e seu assassino de bronze.

De tanto o Colosso estremecer, o arcabouço em seu interior passou a ruir. Kratos arrancou sua lâmina e o eixo que fazia o cérebro funcionar despencou. Toda a estrutura desmoronava. Kratos deu a volta por dentro da cabeça e rastejou rumo à boca da estátua. O som ensurdecedor do metal sendo dilacerado foi ofuscado por um ruído ainda mais nefasto. Não se parecia com combustão ou um sibilo, mas algo além, algo pior.

Kratos tombou por entre os lábios afora e foi tomado pela rajada de um vento fresco que passava pelo porto. Quando ele se virou para o alto e encarou o Colosso, sentiu o fedor de metal queimando. Com um salto firme, Kratos navegou pelos ares. Instantes depois, a cabeça de bronze explodiu como se estivesse envolta em fogo grego. Estilhaços de bronze foram lançados em todas

as direções. Ele foi pego pela onda de choque, acelerando sua queda. As pernas de Kratos se reviravam, como se ele corresse no ar. Aterrissou de cócoras em uma varanda de pedra, com a Lâmina do Olimpo ainda resplandecendo em sua mão.

Ele se levantou, mirou o céu e esbravejou:

– Vocês estão vendo bem, deuses do Olimpo? Precisam de mais provas do que isso?

O assobio do metal cruzando o vento chamou sua atenção a tempo de ver o Colosso desabando em sua direção. Kratos chegou a erguer sua lâmina, mas a mão de bronze da estátua o esmagou contra o chão e lançou a arma pelos ares.

Sem a Lâmina do Olimpo, Kratos entrou em desespero. Todo o seu poder divino havia sido transferido a ela. Sem a espada em seu punho, ele era um mortal. Apenas um mortal. Ele se mexeu e sentiu o movimento de líquidos dentro de seu corpo. Algum órgão se rompera. Seus músculos estavam fracos e se recusavam a obedecê-lo. Porém, mesmo mortal, a força física de Kratos ainda era maior do que a de seus pares. Uma força de vontade indomável o arrastou de baixo da mão de bronze que o prendia ao chão de pedra.

Ele caiu de quatro, vomitando sangue. A dor torturava seu corpo, mas o antídoto para seus problemas estava à vista. A Lâmina do Olimpo havia rodopiado pelos ares e, novamente, cravou-se em uma pedra. A alguns metros de distância. Apenas alguns metros. Ele fez força para se colocar de pé.

Uma súbita tontura levou Kratos de volta ao chão. Mais sangue irrompeu de sua boca e de seu nariz, espargindo o piso. Ele ficou de joelhos e sua armadura caiu de seu corpo como folhas de uma árvore no outono. Seus ferimentos teriam sido muito piores sem a proteção. Mas agora só lhe pesava às costas e acabou sendo uma benção se livrar dela.

Ele ergueu os olhos e viu, de esquelha, soldados espartanos se reunindo, embora sua visão estivesse um tanto turva. Apontaram para ele, que escutou um deles dizer: “Kratos caiu!” Outro lamentou: “Como isso pôde acontecer? Por que nosso deus se debate no chão?”

Ele queria chamá-los para assegurar-lhes de que ele seria novamente o deus deles.

Suas pernas cambalearam e, mais uma vez, ele tropeçou dolorosamente rumo ao chão. O sangue escorria de seu nariz, sua bile queimava a garganta. Mancando em direção à espada, sua ira crescia renovada. Por um instante, ele se sentira derrotado, mas a raiva, tão antiga e familiar contra os deuses mesquinhos que haviam embrutecido sua alma ao longo de tantos anos, voltou a consumi-lo. O instinto de sobrevivência o levou adiante, passo a passo.

– Que poder seria capaz de derrotar o Deus da Guerra?

Kratos viu espartanos correndo em sua direção, mas pararam no meio do caminho sob a investida de um bando de defensores da cidade. Os soldados rodesianos viram na humilhação dele uma chance de vitória. Atacaram com gritos e armas lampejantes. Se ele quisesse ajudar seus dedicados soldados, tinha de alcançar a Lâmina do Olimpo.

Assim que ele se aproximou da arma, uma águia gigante despontou no horizonte, batendo suas asas lentamente ao se preparar para o pouso.

– Você acha que pode me matar? – Kratos saiu do sério. Ele desembainhou as Lâminas de Atena e enfrentou a águia que grasnava, interpondo-se entre ele e seu objetivo. A águia havia transferido a força de Kratos ao Colosso de Rodes e, então, colocava-se entre ele e sua salvação, não apenas dele, mas de seus soldados, que bravamente lutavam e morriam sob o ataque devastador dos rodesianos. Ele se esforçou para erguer as pesadas lâminas. Músculos gritaram em agonia ao longo de seus ombros, e seus braços se tornaram mais fracos do que os de um bebê choramingão. Kratos tropeçou adiante e foi tomado por uma fúria crescente. As lâminas surgiram em mãos trepidantes, mas, se ele tinha de morrer, que morresse como um soldado.

A imensa águia pousou, arranhando o chão de pedra com suas garras. Um relâmpago a banhou e ela se transformou.

– Zeus! – Kratos tentou entender o que estava acontecendo. As pontas das lâminas se afundavam cada vez mais, não importava o quanto ele lutasse para erguê-las em sua própria defesa.

– Sim, fui obrigado a lidar com esta situação eu mesmo – Zeus disse, dando longos passos adiante. Para alcançar a Lâmina do Olimpo, Kratos teria de derrubar o Rei dos Deuses – e ele mal podia cambalear, esgotado que estava, após sua batalha contra o Colosso. – Atena se recusou a corrigir seu erro. Imagine, preocupar-se com uma criatura como você.

– Por quê? Por que você me traiu?

– É *você* que acabaria *me* traido! Por acaso devo ficar de braços cruzados enquanto o Olimpo se encontra ameaçado? Suas mãos já estão manchadas com o sangue de um deus. Não permitirei que o destino de Ares seja também o meu – Zeus agarrou a Lâmina do Olimpo e a arrancou de sua bainha de pedra.

– Os deuses são mesquinhos e patéticos, e o seu reinado não tem força alguma.

– Estou cansado de sua insolência. Eu sou o Rei do Olimpo. E são meus desígnios os desígnios dos demais deuses. Você deve fazer o juramento de que

me servirá para todo o sempre!

Kratos zombou de Zeus e, com toda a sua força, girou as Lâminas de Atena de um lado para o outro, tecendo uma cortina de aço ao avançar sobre o Rei dos Deuses.

– Eu não sirvo ninguém.

Zeus ergueu a Lâmina do Olimpo, desviando do ataque com desdém, e a investiu contra o rosto de Kratos, que não se acovardou mesmo com o metal gelado raspando seu rosto. Seus braços já não tinham forças para empunhar suas espadas. Ele usou sua mão vazia e empurrou bruscamente a lâmina.

– Então, você não me deixa escolha.

Zeus atacou e a Lâmina do Olimpo dilacerou o vento – e o peito de Kratos. Nenhuma armadura teria sido capaz de proteger sua carne de um golpe tão poderoso. A dor explodiu dentro dele, que cambaleou para trás.

– Submeta-se! – Zeus rugiu e passou a avançar com sua lâmina, tirando pedaços de Kratos a cada golpe.

Kratos tinha consciência de que os espartanos assistiam a seu deus em batalha com Zeus. Ele não se renderia por causa deles. Ele não se renderia porque era Kratos, o Fantasma de Esparta!

– Eu prefiro morrer! – ele conseguiu bloquear um golpe de Zeus, mas foi jogado para trás.

Zeus redobrou o ataque feroz, forçando Kratos a ficar totalmente na defensiva. Apareciam cada vez mais talhos em seu corpo e em seus braços enormes. Então, Zeus avançou, desarmando Kratos como se as lâminas dele fossem de capim.

Kratos desabou para trás e agarrou a Lâmina do Olimpo com ambas as mãos para impedir que ela perfurasse seu peito.

– Não precisa terminar assim – Zeus disse.

O desprezo no rosto de Kratos selou seu destino, como se suas palavras não fossem o bastante.

– Uma decisão dos deuses é tão inútil quanto os próprios deuses.

Zeus rugiu furioso.

– Mesmo em seu último suspiro, você continua a me desafiar?

Ele avançou, atravessando o coração de Kratos com a ponta da espada. Por um instante, Zeus ficou paralisado, a lâmina ainda cravada no peito de Kratos. Então, ele a arrancou. Uma pulsação de luz em estado bruto emanou de Kratos.

Zeus se ajoelhou e sussurrou:

– Tudo e todos que você preza tanto, Kratos, agora irão sofrer por conta de seus sacrilégios. Você nunca reinará sobre o Olimpo. O ciclo termina aqui.

Zeus se pôs de pé, virou-se e – usando a lâmina que havia derrotado os Titãs – girou-a em uma ampla circunferência que lançou uma energia azulada coruscante, fatiando os bravos espartanos ali perto. Gritos de agonia foram arrancados de suas gargantas. Kratos se deu conta de que aqueles eram apenas os primeiros a morrer pelas mãos de Zeus. Os demais espartanos, não importava onde estivessem em Rodes, sofreriam o mesmo destino tão logo o furioso e irrefreável disco de energia os serrasse ao meio.

– Você vai pagar por isso, Zeus. Esteja certo disso.

Zeus se elevou acima dele e, então, foi sumindo. A visão de Kratos ficou turva e escureceu.

Capítulo sete

A terra estremeceu, como se estivesse ardendo em febre. Rachaduras gigantes apareceram ao longo de continentes inteiros, e pequenas montanhas se ergueram quando o espírito de Gaia se inquietou. Sem forma definida, tudo na terra, a terra, e ainda assim carecendo de substância, ela se esticou e passou a tomar nota sobre o que o mundo se tornara após a guerra com os deuses.

A Titanomaquia, a Grande Guerra que ela e os demais Titãs haviam perdido.

Gaia olhou em volta e viu pequenas mudanças que, para um Titã, pouco significavam. Aguçou seu foco e encontrou o mortal cuja vida acompanhara desde os primeiros dias. Os motivos de tamanho interesse por ele não estavam claros até Kratos demonstrar bravura e habilidade na batalha como um oficial de baixa patente no exército de Esparta. Ansiosa, Gaia observara a ascensão constante nas fileiras até que ele se tornasse comandante do mais vitorioso exército na história daquela cidade-estado.

Ela então se deu conta de que uma nova chance para retomar o poder havia surgido, ainda que além de seu alcance, mas cujo momento se aproximava cada vez mais. Para um Titã, o conceito de tempo não fazia sentido, embora, mesmo assim, ela tivesse de o acatar, uma vez que era tão importante à efemeridade dos mortais. Para piorar a situação, o conceito de tempo então não fazia mesmo o menor sentido, já que seu corpo físico havia sido destruído, deixando para trás apenas o espírito incipiente.

A carreira militar dele havia disparado, ainda que a vida pessoal tenha se provado trágica. Ela, porém, via a maneira como os deuses jogavam xadrez com seu peão mortal, bajulando-o e lhe fazendo promessas e o manipulando para seus próprios fins.

Sua ira só fez aumentar quando Zeus entrou na história, mas Gaia nada podia fazer, senão observar e esperar. Não tardaria para que os deuses cometessem um erro que, bem aproveitado, faria com que a eterna guerra entre deuses e Titãs fosse retomada. Por enquanto, Zeus e os deuses podiam estar em vantagem, mas Gaia foi testemunha de como eles subjugaram a máquina mortal que eles próprios forjaram, Kratos, o novo Deus da Guerra deles. Se não foram capazes de apreciá-lo, ela o faria.

Gaia esticou-se e flexionou seus membros-fantasmas, que se estenderam até o centro da terra, e então subiram lentamente até a superfície, à medida que sua raiva foi passando. Ela e os outros Titãs foram banidos quando Zeus os derrotara, mas uma nova oportunidade se apresentava para destituir os deuses ingratos. Zeus, dentre todos os sentados no Olimpo, deverá demonstrar arrependimento aos outros Titãs pelo que fizera ao pai dele, Cronos. As Moiras

havam decretado a sorte dos deuses, mas Zeus não deu valor ao dom que recebera. As Irmãs do Destino escolheram mal o vitorioso naquela guerra.

A traição de Zeus contra Kratos e a confusão cada vez maior entre os deuses propiciaram a ocasião perfeita para atacar. Mas suavemente, no começo, para não despertar a atenção de ninguém. Ela deveria forjar aos poucos a arma usada primeiro por Ares, então por Atena e, finalmente, por Zeus. Gaia observara Kratos ao longo de toda a vida dele e sabia que agora era o momento.

O momento exato.

Capítulo oito

–Acabei de notar – disse Láquesis, animada. – Raramente uma estopa passa pelo rastelo, como esta – ela flutuou, seu cetro em forma de foice lampejando uma luz baça pela Câmara de Tecer. Suas saias rodopiavam em torno de pernas nuas, e a parte de cima de seu traje cobria apenas um dos seios, deixando o outro à mostra, tal qual as mortais de alguma cidade-estado – o estilo povoou suas fantasias, mas ela não conseguia se lembrar de onde. Talvez ela tivesse usado a foice para cortar os fios dos destinos dessas mulheres, há muito, muito tempo. Em momentos como aquele, ela apreciava a liberdade de movimentos que o traje lhe conferia. Ela girou a foice de um lado para o outro, de modo ameaçador.

– Alguém escapou de seu destino, o destino que *nós* decretamos? Impossível!

– Não, não é isso. O destino dele está selado, mas as circunstâncias que o compõem não são as que eu esperava.

– Você cometeu algum erro? – Átropos se deliciava com sua irmã em apuros. – Eu já lhe disse que você precisa cortar com mais cuidado, pensar de forma mais ampla e, somente então, começar seu trabalho. Afinal, Cloto desfia o destino, eu determino sua duração e você... é o carrasco.

– É mesmo? – Láquesis disse, bufando com desdém. – Eu me divirto bastante. Você e Cloto são muito zelosas e nunca têm prazer algum em suas criações.

– Criações? É assim que você chama as estipulações da sorte de um mundo inteiro, cheio de mortais e deuses?

– Você esqueceu de mencionar os animais da floresta e os peixes do oceano – disse Láquesis.

– Só você tem prazer em decidir qual deles acabará como jantar dos mortais – Átropos passou as longas garras por um fio com as cores do arco-íris, como se acariciasse um animal de estimação. A névoa negra, que fazia a vez de seus pés e pernas, redemoïnhou em torno de sua cintura, então foi se acalmando à medida que ela se ia se intriguando cada vez mais com o que sua irmã dizia.

– Ou como o amante de um mortal – Láquesis disse, sorrindo tolamente. – A fim de que você não se esqueça de algumas de minhas uniões mais memoráveis e suas respectivas ninhadas.

– Só você poderia se orgulhar de coisas como essas. Forjar destinos é um trabalho sério, um trabalho ao qual você precisa ser metodicamente aplicada ou o mundo desabaria. Tudo deve se encaixar perfeitamente. As peças não podem

ter bordas afiadas ou os fios de nosso labor podem acabar se rompendo.

Láquesis desdenhou de tanta baboseira com um abano de sua graciosa mão. Ela tinha os dedos incrivelmente fortes, assim como suas irmãs, se assim pudessem ser descritos os prolongamentos ósseos de Cloto ou as garras de Átropos, que vinham se protuberando de seus corpos avantajados ao longo dos séculos de labuta na Câmara de Tecer. No entanto, muito mais do que mera manipulação era dedicado às tapeçarias de pura inevitabilidade que elas criavam de tempo em tempo. Suas irmãs não apreciavam a necessidade de se deleitar com um trabalho tal, fazendo mais do que simplesmente decretar uma morte ou decidir uma guerra baseando-se tão somente em valentia ou covardia. Elas controlavam os mortais e, além de tudo, também os deuses, que se revelaram ainda mais divertidos.

– A próxima coisa que você dirá é que quer ressuscitar os Titãs – Átropos disse.

Láquesis pensou por alguns instantes.

– A última guerra entre deuses e Titãs foi divertida. Ocupou nossos pensamentos e nosso trabalho por alguns séculos.

– Mas Cloto e eu colocamos um fim nela. Você teria permitido que ela continuasse. Há mais do que mero desfrute pessoal em nosso dever.

– O que mais pode haver? – Láquesis perguntou. – Veja o fio que tanto me interessou.

– O qual você tinha mencionado?

– Kratos é o mais fascinante de todos. Eu sei que você observou o fio. Não negue! Um mortal, um mortal que tomou os poderes do deus que matou, tornando-se ele próprio um deus.

– Hummm – Átropos disse, olhando por cima dos ombros inclinados de sua irmã e tocando a linha de ébano que causara tamanha comoção. As vibrações cessaram, mesmo com ela pressionando a garra de seu polegar contra o fio do destino dele. – Ele está morto.

– Morrendo – Láquesis corrigiu. – Ele está confinado à espera do Submundo e das torturas rudes de Hades. Eu deveria...

– Você deveria prestar atenção em seu devido trabalho e parar de perder tempo com esse brinquedo – Átropos retrucou. – Quanto mais você desperdiçar seu esforço em mortais inválidos como Kratos, maior será o trabalho que eu e Cloto teremos de assumir.

– Kratos é um deus que monopoliza as atenções para si. Nós estabelecemos que ele morresse e ele morreu, mas não da forma esperada. Que divertido! Zeus está se tornando mais irracional a cada dia, a diversão é cada vez melhor de se assistir.

– Um trabalho como o nosso não é entretenimento.

– Não precisa ser totalmente entediante, tampouco – Láquesis reclamou. – Precisamos de mais distrações do que meros destinos ordinários e de mau gosto que tantos mortais suportam.

– Você fala como se aguardasse ansiosa pelos dias da Grande Guerra – Átropos havia terminado um novo fio, entressorriu de satisfação por um trabalho feito de maneira competente e, então, estendeu a mão para tocar o fio do destino que embrulhava a sorte de Kratos. – Nada. Ele está preso ao Submundo, que tenha uma boa viagem. Ele a distraiu demais de seu verdadeiro trabalho.

– É você quem manda, irmã – disse Láquesis. Ela passou a esperar que Átropos medisse um destino bem mais complexo, que dizia respeito a um pequeno vulcão na península em forma de bota. Láquesis assentiu com a cabeça. Muitos dos destinos terminaram com os mortais sendo revestidos por blocos de lava. Ela girou seu gancho ao léu, a lâmina afiada despencando – quase – sobre muitos dos fios. Se ela não os cortasse, aqueles que estivessem presos nos blocos de lava não morreriam, permaneceriam encerrados e com vida. Quais, porém, mereciam tal sorte? Tanto planejamento havia acabado em tamanho desastre. As vidas dos mortais tiveram de ser retiradas e chegaram ao fim naquele exato instante, com exceção daquelas que podiam ser guardadas para distrações mais intrincadas. Láquesis queria brincar com os sobreviventes, mas sabia que suas irmãs jamais permitiriam isso. Elas sempre lhe negaram maiores experimentações.

Será que a consideravam uma igual? Láquesis franziu a testa ao se questionar sobre isso. A habilidade de Cloto para desfiar destinos era grande, mas Átropos? Tudo o que ela fazia era tirar as medidas da longevidade dos mortais. Qualquer um poderia fazer isso. Que pensassem como quisessem. Ela era mais do que uma igual, executava o que as outras duas não seriam capazes – a real entrega das almas a Hades.

Láquesis acariciou o fio que ainda vinculava Kratos à sorte dele. Quando Átropos desviou o olhar, novamente absorta em seu trabalho, Láquesis o balançou com ímpeto e deixou que a leve vibração desaparecesse rumo ao Submundo. Com um suspiro contente, ela sabia que o resultado seria de curta duração, mas lhe conferiu entusiasmo suficiente para se intrometer no que Cloto e Átropos disseram ser inútil.

Não poderia haver dúvida alguma quanto ao destino de Kratos. Tampouco

havia razão para que não fosse também divertido – mesmo excitante – e quebrasse o tédio de controlar tantas desgraças mundanas.

Capítulo nove

A escuridão preencheu seu universo. Kratos se movia com esforço. Suas pernas se recusavam a obedecê-lo. Um grito se formou em sua garganta, para morrer em um gorgolejo de sangue. Então ele sentiu suas pernas formigarem. O que antes parecia uma pena lhe fazendo cócegas se transformou em uma dor aguda, que lhe deu esperanças de ainda estar vivo.

A dor foi subindo por suas coxas até chegar ao peito e atravessar seu rosto. Ele piscou e, reabrindo apenas um dos olhos, conseguiu ver, pouco antes de o sangue o cegar, as Mãos sombrias de Hades se levantando do piso de pedra em que ele estava caído, para engolfá-lo e passar a goivar sua carne inerte. As brumas da meia-noite formavam tufos que encobriram seus braços e pernas, queimaram como fogo e, então, apertaram suas extremidades como correntes. Mais e mais tentáculos esfumaçados subiam e desciam em volta dele, imobilizando seu corpo. O chão de pedra onde ele estava caído começou a se dissolver, permitindo que as Mãos o puxassem para baixo.

Ele gritou, mas as palavras não saíram de sua boca quando o piso embaixo dele começou a desmoronar. Mesmo caindo pelo portal sombrio direto a Hades, os tentáculos negros o agarraram com mais firmeza e extraíram de dentro dele uma quantidade infinita de agonia. Cada vez mais rápido, o mármore sob seu corpo se esmigalhava e era cavado o buraco por onde ele despencava em uma velocidade que teria tirado o fôlego de um mortal.

A escuridão o encobriu. Abaixo dele, surgiram gritos angustiados dos quais ele bem se lembrava da época de sua fuga do Submundo, antes de lutar com Ares. O cheiro pestilento da morte tomou suas narinas e fez sua língua intumescer. Sua respiração não foi capaz de preencher seus pulmões. Lutando contra as mãos que se encravavam cruelmente em sua carne, ele olhou para seu peito e viu... através de seu corpo. Zeus havia escareado fora sua barriga, deixando um buraco maior do que seus dois punhos juntos. Kratos sabia que já não estava mais entre os vivos. Os tentáculos apertaram e se enterraram ainda mais em seu corpo, até que ele estivesse completamente amortalhado. E, logo em seguida, ele desabou, cego, incapaz de se mover, privado de todos os sentidos, completamente indefeso.

Então, foi tomado pela cólera. Ah, e como foi tomado! Seu corpo podia ter sido subtraído dele, mas sua mente ainda lutava contra a injustiça. Desistir facilmente não fazia parte de seu caráter. Mesmo enquanto caía, ele prometia vingança contra Zeus e cada um dos pilares do Olimpo.

Sua ira transbordou e, de repente, ele não estava mais envolto na escuridão, mas pendurado acima de um poço escaldante. O calor o tostava e fazia o suor misturado ao sangue escorrer por seu corpo. Mãos em chamas Tateavam sua pele, segurando-o de braços estendidos no ar. Cada movimento era como se

lanças perfurassem seu corpo, mas, ainda assim, ele lutava contra suas limitações. A dor o focava em sua fúria.

E, então, a fúria deu lugar a um vazio total. Sua esposa estava diante dele, implorando-lhe, para logo desaparecer e ser substituída por sua querida filha. A tortura física não significava nada para ele, mas aquilo! Os pesadelos que Zeus e Atena haviam prometido exterminar permaneciam, mesmo ele estando morto! Kratos, então, foi transportado de volta à aldeia onde Ares o enganara para que ele matasse tanto Lysandra quanto a pequena Calíope.

– Não, não – ele arfou. O cenário mudou novamente. Tanto menos o agradou, pois estava deitado de costas, e a carnificina da batalha por todos os lados.

Seus valentes guerreiros estavam morrendo sob o ataque devastador dos bárbaros – e do Rei Bárbaro, que se elevava por cima dele, com o enorme martelo de guerra erguido e pronto a esmagá-lo.

Kratos tentou permanecer em silêncio, mas as palavras foram arrancadas de seus lábios.

– Ares, destrua meus inimigos e minha vida é sua!

Foram aquelas mesmas palavras que o puseram sob o jugo do Deus da Guerra por muitos anos, a garantia que botara seus pés em uma estrada de carnificina desalmada contra quem se pusesse em seu caminho – contra Ares.

Kratos queria que fosse diferente dessa vez, queria que o Rei Bárbaro desse cabo dele, mas o gigante estancou seu golpe e olhou por cima do ombro, rumo ao céu, onde nuvens plúmbeas se apartavam e o Deus da Guerra apareceu e...

... Kratos gritou quando as Lâminas do Caos cauterizaram sua carne adentro e se fundiram com os ossos de seus antebraços. Então, não mais deitado de costas, ele girou as lâminas em voltas desenfreadas, acabando com a vida do Rei Bárbaro e trucidando o exército invasor... e sua esposa. Lysandra afundou, mortalmente ferida por seu estúpido golpe, e sua filha, sua filha também caiu...

... e Ares gargalhou. O Deus da Guerra se elevou por cima de Atenas em chamas, lançou o olhar para o alto e zombou dos deuses do Olimpo.

Lute, espartano.

Kratos conhecia bem a dor que vai além do corpo. Que, inclusive, ele aprendera a suportar, mas e então? Então, ele foi submerso mais uma vez nas memórias que mirraram sua vida. Ele lutou para tentar mudar as decisões que havia tomado, mas as forças o cercaram como uma onda para afogá-lo. Ele sabia o que iria acontecer, estava odiando isso, não podia fazer com que

parasse...

Sua ordem aguda fez Ares redemoinhar em volta, com sua barba flamejante lançando faíscas e seus longos cabelos dourados açoitando feito um galhardete de guerra...

... permitindo que Kratos avançasse e agarrasse um punhado dos cabelos oleosos do Rei Bárbaro com tanta força que o pescoço dele estalou. Pingava sangue do martelo de guerra cravejado de espinhos, penso do punho do Rei Bárbaro. Kratos se concentrou na situação. Dessa vez, tinha de ser seu próprio sangue. *Dessa vez!* Ter consciência do que aconteceria, caso ele fosse bem-sucedido, dilacerava-lhe a alma, bem mais do que um golpe de Zeus com a Lâmina do Olimpo jamais seria capaz.

O gigante, porém, estava apenas atordoado. A cena se passou mais uma vez em sua mente – nessa realidade tão mortal – e ele não tinha energias para detê-la. Suas mãos tremeram ao fazer força para se livrar do gigante e finalizar seu súbito ataque letal. Mas Kratos manteve o punho cerrado e bateu a cabeça do guerreiro repetidas vezes contra um pedregulho até que a mica da rocha refletisse o brilho vermelho do sangue do guerreiro.

Kratos ofegava com esforço e se levantou, cambaleando em meio à carnificina. O sangue até seus tornozelos não era tão temível ou terrível quanto o sangue que teria em suas mãos ao matar sua esposa e sua filha – a menos que ele, então, abrisse mão da vitória. Mas que escolha! Por toda a sua vida, ele fora um conquistador. A vitória de Esparta sempre fora soberana em seus pensamentos e ações, mas, se ele morresse ali, naquele momento, Esparta perderia.

E ele venceria uma batalha pessoal. Ele não seria feito de idiota a ponto de matar sua própria família. Kratos utilizou as lâminas soldadas a seus ossos como bengalas para seguir adiante, ainda que cambaleando, ciente de que sua deserção significava a derrota de Esparta. Sua vida não significava nada, apenas sua honra! Abandonar seus camaradas de luta era a pior coisa que um guerreiro podia fazer.

Quase a pior. Kratos enfrentara a única coisa ainda pior. Sua família. Morta a seus pés, por suas mãos, por ter concordado imprudentemente em se aliar com Ares para evitar o malogro. Ele seria tachado de covarde, mas as vidas de sua esposa e de sua filha significavam mais para ele. Agora.

O Rei Bárbaro se remexeu. Ele não estava morto. Kratos sabia o que aconteceria em seu futuro se ele matasse o gigante. O rei deveria viver e triunfar no campo de batalha, mas as Lâminas do Caos se ergueram, como se por vontade própria, e giraram em uma volta temível. Com movimento semelhante a uma tesoura, Kratos decepou a cabeça do Rei Bárbaro, que rolou por entre lama

e sangue coagulado, um olhar atônito para sempre gravado no rosto.

Um redemoinho súbito, como se tivesse sido arrebatado por uma tromba d'água, desorientou os seus sentidos.

Kratos limpou o sangue de seus olhos e gritou em desespero por não ser capaz de ver sua esposa e sua filha estateladas no altar de pedra, parcialmente desmembradas por seus temíveis golpes e estocadas. O sangue empoçava sob suas cabeças e Kratos olhou para baixo, vendo seu próprio rosto refletido na poça vermelha. Ele se reconheceu, mas, por outro lado, não se reconhecia. Era outro Fantasma de Esparta que o espreitava de volta. Aquele ainda não tinha plena consciência da profundidade de seu fracasso e de sua perda.

– Não! – ele bradou e...

– Você deve matar Ares – Atena disse imperativamente. – A existência do Olimpo depende disso. Seu próprio destino depende da morte dele por suas mãos.

– Atena – Kratos rangeu os dentes com sua fúria edificada novamente. Ele tentou alcançá-la, mas ela parecia derreter diante de seus olhos, o corpo flutuando, modificando-se, transformando-se em uma beleza nua e encantadora com os cabelos fluindo como um rio de ouro, sinalizando para que ele se aproximasse dela. Seus lábios se abriram e ela falou com ele em particular.

Kratos, você não está destinado a morrer aqui.

A morte, mesmo sob o domínio horrível de Hades, era preferível, mas ele não podia voltar atrás. Ele havia perdido mais uma vez. Em sua vitória sobre o rei bárbaro, ele perdera tudo – e, então, seu castigo foi sabê-lo e não ser capaz de alterar seu passado, seu presente ou seu futuro de sofrimentos.

Um furacão passou pelo corpo nu da bela mulher e Kratos novamente encarou Ares.

O Deus da Guerra ergueu o braço para desferir o golpe letal. Kratos estava tão perto que podia sentir o cheiro de suor e sangue e excitação que exalava do deus diante da morte iminente. Sua espada chicoteou e...

... a lâmina se cravou na garganta de Ares. Os olhos do Deus da Guerra se arregalaram em choque. Seus cabelos tremulavam ao vento em meio ao furacão e ele tombou no chão...

... e Zeus grasnou em uma fúria insana. Como um cão raivoso, sua boca estava salpicada de espuma, e ele rosnou e abocanhou e se inclinou para frente, enfiando a Lâmina do Olimpo profundamente no peito de Kratos. A dor lhe arrancou um novo grito de fúria e...

... Lysandra, sem olhos e com um sangue escuro pingando das órbitas, ficou atrás de Zeus. Calíope se agarrou a suas saias sujas e esfarrapadas, e a criança falou...

Este não é o fim.

Todo o tormento sobre ele desapareceu, quando uma neblina como que cerrou para escondê-lo, mas sua dor permaneceu para lembrá-lo de que ele pendia sobre o Submundo, isca para Hades e uma eternidade de torturas. Kratos nunca poderia esperar misericórdia do irmão de Zeus.

Ele desejou a morte, então percebeu que a neblina escaldante, a escuridão intensa, o desfile de visões de sua família morrendo, haviam desaparecido. Um odor ao longe chegou a suas narinas. Não era sangue ou morte, mas terra fresca.

Kratos murmurou:

– Quem é você? – ele obviamente nem ousou pensar que Hades seria o deus a aliviar seu sofrimento. Hades se deliciava na elaboração de novas torturas, não abrandando as antigas.

Ele prendeu a respiração quando um rosto enorme se moveu do nevoeiro, sem dimensão ou cor, e tomou forma diante dele. A princípio, ele pensou que fosse outra alucinação, sua imaginação dando um rosto a uma enorme planície de lama seca. Amarronzado e cheio de rachaduras, o rosto se desenvolveu, revelando olhos e um nariz achatado e uma boca tão grande que poderia engolir metade do mundo. A face se movimentava de um lado para o outro, enquanto seus traços enrijeciam.

– Eu sou a Titã Gaia, a mãe da terra, sempre presente. Eu o vi se transformar em um guerreiro poderoso e estive com você ao longo de todos os acontecimentos de sua vida. Mas eu já não posso mais simplesmente ficar assistindo.

Kratos engasgou ao sentir seus pulmões se encherem de ar e seu coração começar a bater novamente, um esforço tremendo a cada palpitada, uma nova agonia, mas também um indício de que a vida não havia sido toda sugada dele com sua descida a Hades.

– Nós vamos ajudá-lo a derrotar Zeus – Gaia disse.

Ele fechou os olhos e foi rodopiado no vácuo. Sentia Gaia bem mais do que a enxergava – assim como os outros Titãs. Gaia estava desprovida de substância, reduzida apenas ao espírito. Cronos rastejava pelo Deserto das Almas Perdidas com o Templo de Pandora ainda preso às suas costas, e os outros estavam igualmente aprisionados. Hipérion e Rhea e Têmis. Jápeto, para sempre condenado ao Tártaro, e Mnemosine ainda tendo a seu lado a piscina de água

limpida. Kratos foi ao encontro dela em busca da ajuda que ela podia dar. Se ele tinha mesmo de estar morto, que ao menos bebesse do Rio Lete para esquecer seu passado.

– A morte é uma fuga, Kratos. Você é um guerreiro de Esparta e não um covarde. Apenas um covarde aceita a morte.

Kratos mantinha os olhos bem fechados, e ainda assim viu os outros Titãs, todos banidos por Zeus após terem perdido a Titanomaquia, muitos o encarando como se ele ainda fosse o Deus da Guerra.

– Eu não sou covarde – ele disse. – Mas já sofri perdas grandes demais, muito além do que sou capaz de suportar.

– Reflita sobre seus pontos fortes e não sobre suas fraquezas. Todo mundo os leva consigo, apesar de negá-los ou não os confrontar diretamente. Ao longo de constantes vitórias, você acabou ignorando suas porções que lhe fizeram um homem de fato.

– Eu as perdi, por minhas próprias mãos eu as perdi!

– Por acaso, você permite que os deuses o usem como um escravo? É esse o Kratos que se tornou o Deus da Guerra? É esse o Kratos que dizimou aqueles que se opunham a ele?

Kratos sentiu a desolação de maneira ainda mais aguçada.

– Sozinho, não posso vencer Zeus – admitir aquilo foi uma revelação que o atingiu tão poderosamente quanto o martelo do Rei Bárbaro.

– Você não precisa mais lutar sozinho, Kratos – a Titã disse em uma voz baixa que, ainda assim, soou feito um sino e o encheu de confiança novamente. – Você terá mais do que um exército de mortais lutando ao seu lado. Os Titãs lhe ajudarão do mesmo modo que você nos ajudará.

Kratos sentiu a corrente subterrânea de poder e o compromisso nas palavras de Gaia, mas havia também uma pincelada de desespero.

– Você deve lutar. Eu irei lhe mostrar o caminho até as Moiras. Apenas com o poder delas você será capaz de derrotar Zeus.

Kratos gritou de dor e abriu seus olhos, fitando o rombo que Zeus deixara em sua barriga com a Lâmina do Olimpo. Enquanto ele observava, a ferida se curou e a dor regrediu – mas as lembranças do que ele sofrera após desabar Hades adentro permaneceram e chumbaram o âmago de sua alma.

Lutando contra as Mãos que o agarravam, ele sentia cada vez menos o vigor

do aperto, à medida que se curava. Foi, então, tomado por um súbito espasmo, que lhe arqueou as costas e o atirou ao léu conforme ele se deu conta de seu batimento cardíaco e de seus pulmões lutando como um fole de ferreiro e as veias pulsando em suas têmporas novamente. Suas mãos doíam e seus braços e pernas tremiam com o sopro de vida.

– Ahhh! – a exultação escapou de seus lábios ao sentir que estava vivo de novo.

Então ele estava caindo, de cabeça para baixo, a neblina escaldante por toda parte e cheia de mãos sobre ele. Unhas lavravam sua carne e se enterravam em seus tornozelos, mas, não estando mais morto, ele reagiu. Seus punhos carnudos atacaram, esmurrando os braços finos que tentavam agarrá-lo. Contorcendo-se aos pontapés, ele se libertou e caiu, mas, dessa vez, de uma forma que ele pudesse sacar as Lâminas de Atena e usá-las como ganchos para se pendurar nas laterais de um penhasco de calcário.

Kratos grunhiu com o baque da queda cessando de repente, ao fincar as lâminas na rocha. Ele bateu de frente contra o paredão, mas, em vez de sentir dor, ele se sensibilizou com o fato de o rombo feito por Zeus em seu ventre não estar mais lá. Patinou contra o penhasco até que seus pés encontrassem apoio e, então, ele se pôs a escalar.

Cada vez mais veloz à medida que ia ganhando ritmo, ele passava as lâminas sobre sua cabeça, uma a uma, para penetrar a rocha. Seus possantes ombros suportavam a tensão de erguer seu peso até que conseguisse livrar a espada do rochedo para depois lançá-la por cima da outra.

O fluxo de seus músculos e o cheiro do mundo a sua volta revigoraram Kratos. O desespero por ter sido arremessado mais uma vez ao Submundo desapareceu no momento em que sua determinação substituiu as lembranças horríveis que ele suportara. Seu coração batia ritmado, pulsando sangue em suas veias. Raras vezes sentira-se assim. A sensação da vitória após uma batalha difícil até que chegava perto, mas o que ele experimentava então era a vida em estado puro, sem que fosse preciso lidar com a morte.

Seus objetivos se consolidaram em seu peito ao refletir sobre como Gaia o ampararia, a partir de então, contra Zeus.

Bem acima dele, viu um buraco sutil abrir-se rumo ao céu. A fumaça passava pela abertura e ele soube que aquele caminho o levaria de volta a Rodes. No arroubo da esperança de que logo se veria livre de novo do Submundo e das garras letais de Hades, as mãos que antes cravavam as unhas nele voltaram a saltar das rochas e novamente tentaram agarrá-lo, puxá-lo para baixo e o arremessar ao fundo do precipício rumo ao Rio Estíge, que corria nas profundezas do abismo.

Kratos soltou um berro que contraiu sua barriga e concentrou seus esforços para seguir adiante. Ele usava suas espadas alternadamente, ora para escalar, ora para fatar as mãos predatórias, decepando-as nos pulsos e cotovelos. Ele chutou uma que tentava agarrá-lo pelo tornozelo e, logo em seguida, retalhou as que brotavam acima dele, bloqueando sua saída. Tudo o que vira e sofreu em sua queda ao reino de Hades passou a estimular sua ascensão. Ele golpeava com mais e mais força, escalava com maior velocidade e, então, usando uma das mãos que seguravam seu tornozelo como um trampolim, impulsionou-se para cima. A mão foi atrás, já sem forças para puxá-lo de volta. Cruzando suas lâminas, ele decepou a mão em um corte seco e irrompeu acima, até ultrapassar a borda do buraco. Foi um trabalho e tanto até que se visse livre da mão amputada ainda garrada a seu tornozelo.

Ao ficar de pé, um redemoinho passou por ele, deixando-o de joelhos. Quanto mais rápido o tornado girava, mais levantava pedaços de rocha e as pedras do calçamento, que passavam por sua cabeça para cair no buraco. Ele olhou para baixo e viu os entulhos se encaixarem perfeitamente até que a passagem estivesse lacrada. Tão rápido quanto começara, a ventania cessou.

Kratos se levantou e observou em volta de Rodes. Por todos os cantos, construções queimavam. Seus olhos, porém, não se importavam com a destruição de uma cidade inimiga, mas tão somente com os corpos dos valentes guerreiros espartanos mortos por Zeus com a Lâmina do Olimpo. Ele foi até um soldado próximo de si e percebeu que o sujeito fora dilacerado pela poderosa arma.

Outro soldado fora morto de modo similar. E outro e mais outro.

Então, Kratos parou ao lado de um soldado bastante maltratado que ainda se mexia. Os olhos do sujeito se abriram de repente. Um sorriso surgiu nos lábios dele quando olhou para cima e viu Kratos.

O jovem soldado disse:

– Meu senhor! Eu sabia que o senhor não podia estar morto. Nunca perdi as esperanças.

Kratos o segurou pela armadura e o colocou em pé.

– Retorne a Esparta e prepare-se para a batalha.

– Mas nossos irmãos estão mortos! – o rosto do jovem soldado estava coberto de sangue e sujeira, e uma miríade de feridas em seus braços e pernas tornavam o ato de permanecer em pé muito mais difícil, mas ele se levantou com orgulho diante de seu comandante.

– Espartanos nunca se rendem. Você ainda pode segurar uma espada.

Obedeça aos comandos de seu deus! – Kratos estendeu a mão e agarrou o soldado pela couraça, empurrando-o para enfatizar suas ordens.

– E quanto ao senhor?

Ambos se voltaram em direção ao som de asas pesadas batendo contra o vento, acima deles. A poucos metros de distância, um Pégaso de asas flamejantes se preparou para pousar, seus cascos esmigalhando o chão de pedras. Suas asas bateram uma última vez e, então, dobraram-se, enquanto a criatura pacientemente esperava por seu cavaleiro. Outro presente de seus novos aliados.

– Estou indo atrás de Zeus.

Kratos deu as costas ao jovem soldado e montou o corcel de fogo. Deixando uma enorme nuvem de poeira para trás, o Pégaso plainou ao vento. O Deus da Guerra cavalgava seguro de si.

Capítulo dez

– Eles se intrometem de novo! – Átropos reclamou. Cruzou os braços e tamborilou suas longas garras, contrariada. – Como eles ousam desafiar sua sorte?

– Sim – concordou Láquesis –, o destino que nós determinamos para eles – ela se acomodou em seu assento, e parecia pensativa. Como sua irmã tamborilava as suas longas unhas com raiva, ela subiu e desceu a mão pelo cetro em cuja extremidade estava a foice usada para cortar os fios do destino. Foi necessário um esforço considerável de sua parte para não perder sua própria paciência. Não demorou para que ela colocasse de lado seu comportamento ranzinza e pensasse de modo mais profundo. – Talvez desafiar os deuses de novo não seja uma coisa assim tão ruim para os Titãs.

– Nós resolvemos esse assunto há séculos. Não vou permitir que meu trabalho seja desfeito.

– Por que não, querida irmã? O mundo se tornou complacente. Diria até chato. Isso pode acabar apimentando uma refeição que, de outra forma, seria insossa demais.

– Refeições, tempero, às vezes não consigo entender você, Láquesis. Fomos nós quem decidimos sobre a questão da supremacia dos deuses sobre os Titãs. Não há uma segunda chance.

– Só porque não me ocorrera antes, não quer dizer que não poderia ocorrer agora – Láquesis salientou. Elas brincavam com as vidas dos mortais, deuses e Titãs e sempre decidiam da mesma forma, era após era. Precisava haver alguma mudança para dar mais momentos emocionantes a seu trabalho incessante.

– O que deu em você? – Átropos exigiu uma explicação. – Será que preciso consultar Cloto? Ela há de concordar comigo que já chegamos a uma decisão final.

– Sim, sim, os Titãs foram banidos e os deuses subiram ao Olimpo, triunfantes. Nada foi o mesmo com Cronos e Gaia e os outros no exílio.

– Nada permanece o mesmo – Átropos deu uma sacudidela em um fio e deu fim a uma vida.

Láquesis reprimiu um bocejo. Quase lembrou a irmã que Kratos havia contornado a sorte que elas haviam estabelecido para ele, mas guardou a nova para ela. Se Átropos e Cloto estavam dispostas a se comportar como burros de carga, não era problema dela. Podia muito bem ter um pouco de diversão com o mortal que virou deus e finalmente voltou a ser um mortal. Um destino delicioso!

– Você precisa prestar mais atenção em seus afazeres, Láquesis – Átropos enrolou o fio em um novelo apertado, deixou-o quieto na palma da mão por um breve momento e, então, desapareceu de vista. Átropos podia até sentir prazer em todo esse exibicionismo mesquinho, mas Láquesis tinha maiores anseios – e ela correria atrás deles.

Alcançando as amarras, encontrou o fio que controlava o destino de Hades. Um poucas sacudidelas e alguns puxões ao longo do fio provocaram o efeito esperado. O Senhor do Submundo foi desperto de sua apatia e logo sentiu os efeitos de uma fonte que ele nem ao menos reconhecia. Foi só o primeiro dos deuses a ser tocado por Láquesis, visto que os destinos dos deuses eram excitantes de se manipular.

– Isso é errado. Cloto precisa tramar novos destinos. Não podemos...

– Ah, Átropos, você bem se lembra das oferendas que nos trouxeram. Poseidon sozinho amontoou pilhas de riquezas no céu, em uma tentativa de nos influenciar – Láquesis soltou uma gargalhada. – Quando os deuses haviam triunfado, ele pensou que a homenagem prestada pudesse bastar.

– Ele é um deus ridículo. Nunca gostei dele, com aquela barba de algas marinhas e sua falta de educação.

– Por acaso Zeus é melhor? Sua barba é feita de nuvens e tempestades – disse Láquesis. Ela pouco se importava com a aparência das barbas dos deuses, apesar de que a de Kratos era até atraente. A barbicha bem aparada no formato de um pequeno triângulo destacava seu forte maxilar, e o negrume contrastava com o marfim de sua pele e de sua cabeça raspada.

– Foi um toque de mestre ter feito com que o oráculo da aldeia maculasse para sempre a carne de Kratos com as cinzas dos ossos de suas falecidas esposa e filha.

– Kratos? Você tem trabalho de verdade para terminar – disse Átropos. – Nós já decidimos seu destino. A uma hora dessas, ele deve estar nos braços de Hades.

– Sim, ele já deve estar no Submundo.

Átropos voltou a tirar as medidas de um destino para o que parecia ser um encontro casual entre Dionísio na Ilha de Lacônia e a filha do rei, Cária. Um sorriso curvou seus lábios diante da possibilidade de um caso de amor emocionante, mas Láquesis descansou seus dedos ágeis sobre uma linha em particular. Uma linha negra feito ébano.

O fio de Kratos.

Não faria mal algum aos artifícios da trama se ela brincasse com ele por mais um tempo. Afinal, ele era apenas um mortal, mesmo sendo capaz de proporcionar tamanha distração. Não faltaria uma oportunidade propícia para que ela lhe tramasse um novo destino e logo o devolvesse à sorte decretada por Atropos e Cloto.

Láquesis soltou uma gargalhada enquanto foi desenrolando seu plano.

Capítulo onze

– Você está se intrometendo! – vociferou Hades. – Ele estava quase em minhas mãos e você deixou que ele escapasse – de novo!

– Eu não fiz nada além de tê-lo mandado ao Submundo – Zeus disse, franzindo a testa. Alguém estaria se intrometendo? Atena? Ela era esperta o suficiente para não contrariar sua vontade, embora ele fosse cético além da conta quando o assunto era Kratos.

Zeus voltou os olhos para cima quando Hades soltou um rosnado gutural, mais parecendo um animal do que um deus. A ira de seu irmão estava cada vez mais difícil de ser tolerada. Zeus passou os dedos pela Lâmina do Olimpo, encostada em seu trono, e ponderou sobre como o problema poderia ser rapidamente resolvido. Um golpe súbito e Hades iria se juntar a Ares, dissipando-se e deixando de ser tão irritante.

Ele havia, porém, decretado que um deus não poderia exterminar outro, daí ter tornado Kratos um mortal novamente antes de executá-lo com a Lâmina do Olimpo. Até o momento, Zeus havia seguido à risca tal resolução e concordara com Atena que a mesma devia se aplicar a todos os deuses, inclusive ao Senhor do Olimpo. Ainda assim, Hades estava insuportável.

– Você o salvou. De que outra forma ele poderia ter evitado a queda às margens do Rio Estige? Pois garanto que ele nunca chegou ao fundo.

– Ele leva seu trabalho a sério – Zeus disse, acomodando sua mão sobre a Lâmina do Olimpo. O poder da espada o fez estremecer e o lembrou da batalha final contra os Titãs. Com a memória, veio uma fúria sem limites. Cronos não tinha sofrido o suficiente. Zeus acorrentara o Templo de Pandora em volta de seu pai e o obrigou a rastejar pelo Deserto das Almas Perdidas até o fim dos tempos. Após o assassinato de Ares pelas mãos de Kratos, fora um prazer enorme banir Cronos às torturas do Tártaro. Ele poderia rever sua decisão, talvez dar falsas esperanças a Cronos de que ele não mais sofreria para, em seguida, encontrar um castigo ainda pior do que o Tártaro. Falsas esperanças eram a pior – a melhor! – das torturas.

– Você se refere a todos os espartanos enviados a meu reino? – Hades afagou sua longa barba de fuligem.

– Muitos ainda atravessarão o Rio Estige – Zeus disse. Ele queria que Hades fosse logo embora para que pudesse refletir sobre a questão de Cronos. A energia renovada na Lâmina do Olimpo fez com que ele se lembrasse da Titanomaquia e do dia mais glorioso para os deuses do Olimpo. O dia mais glorioso *dele*.

Desde então, não houvera nada além de disputas mesquinhas entre os deuses para que ele mediasse. A questão mais séria havia sido sobre Ares querer

matar seu pai para assumir o trono, o que acabou ocupando muito de seu tempo. Zeus julgara que manipular Atena para que ela oferecesse o trono do Deus da Guerra a Kratos traria a paz de volta ao Olimpo. Se muito, tornou impossível o diálogo e inevitável a batalha.

– Você pode enviar todos os exércitos de todas as cidades a mim e não seria o bastante, irmão – disse Hades. – Duas vezes! Por duas vezes, Kratos trapaceou seu destino.

– Trapaceou seu destino – Zeus murmurou. – Isso é impossível. As Moiras não cometem erros.

– Elas nos favoreceram contra os Titãs. Como elas podem ter favorecido Kratos, um emergente, um arrivista mortal, contra nós? É simples, elas não podem! Foi *sua* intervenção que o resgatou. Eu sei disso.

– Você não sabe de nada – Zeus disse friamente.

– Sou soberano em meu reino e, ainda assim, você se intromete em meus assuntos. Kratos é meu e você o roubou de mim. Duas vezes! – Hades estufou o peito e seus olhos incandesceram-se como carvão em brasa. Seu corpo soltava caracóis de fumaça cada vez mais ao longe, levando Zeus a considerar a possibilidade de lançar um raio e dar razão para tamanho comportamento.

– Retorne a seus domínios, e deixe-me lidar com Kratos e assuntos de maior importância no Olimpo.

– Você me dá ordens como se eu fosse uma copeira? Sou seu irmão, Zeus. Você não pode – Hades deu um passo para trás, olhos fixos no Pai dos Céus, que se levantou e aumentou de tamanho até sua cabeça roçar a cúpula da sala do trono. Seus olhos lampejaram como faróis letais e ele teve de resistir para não violar seu próprio decreto sobre um deus não poder matar outro. Hades entendeu a mensagem nos olhos de seu irmão. Zeus quase gargalhou quando o Senhor do Submundo recuou, curvando-se a seus pés.

– Você tem seus próprios problemas – disse Hades. Ele olhou para cima, evaporando sua submissão como a neblina aos primeiros raios do sol. – Não se intrometa nos meus! – Hades se dissipou por completo, desaparecendo.

Zeus deu um passo adiante, de braço erguido, prestes a soltar um raio, mas conteve sua mão quando viu Hermes à porta, observando atentamente. O Mensageiro dos Deuses bateu em retirada, deixando que suas sandálias aladas o levassem embora.

Zeus quase ordenou que Hermes retornasse, mas, então, sentou-se pesado em seu trono.

– Kratos – ele disse, sua fúria crescendo. – Essa escolha foi sua. Você nunca mais retornará ao Olimpo para sentar-se neste trono. Em *meu* trono! – Zeus, então, soltou um raio e explodiu um enorme buraco na parede. Cacos de pedra e gemas preciosas cascatearam abaixo, deixando para trás uma nuvem de poeira. Enchendo os pulmões de ar, Zeus soprou forte e dispersou o entulho em uma furiosa ventania para, então, afundar-se em seu trono, tomado por uma cólera sombria.

Capítulo doze

OPégaso batia suas asas furiosamente para ganhar altitude, permitindo que Kratos observasse a destruição que acometera Rodes. Seu coração foi tomado pela frieza. Seu exército havia lutado bem. Mas seria preciso mais do que a força de seus soldados para enfrentar a Lâmina do Olimpo. Os focos de incêndio por toda a cidade provocaram enormes cortinas de fumaça, asfixiantes, densas e negras, mas o Pégaso empinava constantemente para desviar das piores nuvens.

Kratos viu o exército trucidado que tentara, em vão, defender Rodes; o cavalo alado, então, subiu em espiral, o suficiente para que ele olhasse em direção ao porto. Kratos se deleitou com a imagem do Colosso de bronze estendido embaixo d'água, tão turva, devido ao sangue derramado, que era difícil visualizar nitidamente a estátua. Ele conseguiu, porém, ver o braço esquerdo amputado. O coto ainda irradiava uma luz vermelha embotada, mas a cabeça fora decepada e o tronco de bronze se encontrava cheio de profundos entalhes entrecruzados e algumas chagas consideráveis.

Kratos levou as mãos aos ombros e afagou as Lâminas de Atena embainhadas em suas costas. Aquelas espadas, tão confiáveis, provocaram um grande estrago no Colosso, mas o estrago real viera da Lâmina do Olimpo. As mãos de Kratos tremeram quando ele pensou em como Zeus o fizera de idiota ao transferir seus poderes divinos à espada.

As palavras do Pai dos Céus ressoaram zombeteiras nos ouvidos de Kratos: Empunhe esta arma e todos no Olimpo lhe tomarão por quem você verdadeiramente é.

Restava a Kratos apenas imaginar se Atena havia aprovado aquilo ou não. Ela mentira para ele tão escrachadamente quanto Zeus. Ela, por acaso, estaria rindo dele por ter pressuposto que a águia que lhe roubara o poder, infundindo-o no Colosso, era um totem a serviço dela? Ele agora sabia que Zeus havia sido o responsável.

Mas Atena devia estar ciente do que se passava.

Seus fortes joelhos pressionaram os ombros do cavalo alado, conduzindo o Pégaso para longe de Rodes e rumo ao Olimpo. A distância ainda ocultava o imenso pico por trás da neblina, mas ele pôde ter uma ideia do contorno. No topo da montanha, espalhavam-se os palácios dos deuses, e o que se encontrava em um nível mais elevado, o melhor, o mais ostentoso, pertencia a Zeus. Ele invadiria o palácio e mataria Zeus, não importava se o Rei dos Deuses empunhava a Lâmina do Olimpo ainda dotada de sua própria energia. A raiva de Kratos o sufocou e lhe deu a certeza de que ele poderia derrotar qualquer deus, mesmo Zeus.

– Eles todos irão me temer pelo que fizeram – seus lábios se comprimiram.

As poderosas asas do cavalo passaram a chamejar. Momentos antes, as penas ao longo de suas bordas haviam faiscado, mas, agora, extensas serpentinas de fogo explodiam sobre toda a superfície das asas e varriam o céu, deixando um rastro flamejante.

– Mais rápido – Kratos incitou o cavalo. Ele arqueou as costas e agarrou a crina com uma ferocidade tal que fez o Pégaso relinchar alto.

O corcel alado subiu ainda mais em espiral e, em seguida, desviou seu curso do Olimpo. Quanto mais Kratos tentava forçar o Pégaso em direção ao Olimpo, mais o cavalo resistia. Como penas que se soltam das aves, cada vez mais faiscas eram cuspidas de suas asas à medida que sua inquietação crescia.

– Rumo ao Olimpo – Kratos ordenou. – Eu tenho de enfrentar Zeus!

O Pégaso se recusava a seguir seu comando.

– Você desafia o Deus da Guerra?

Ele pressionou os joelhos com firmeza contra os flancos do animal para coagi-lo a lhe obedecer, mas acabou paralisado quando o vento ficou revoltado em torno dele. A sensação era parecida com a que sentira enquanto estava suspenso bem acima do Submundo. E a voz que lhe falou foi reconhecida de imediato.

– Você não é mais um deus, Kratos – estrondou a voz ressonante de Gaia. – Zeus, o Olimpo e a lâmina que contém todo o seu poder estarão para sempre fora de alcance. Sua única esperança é encontrar as Moiras e a Ilha da Criação, e viajar de volta no tempo até o momento em que Zeus o traiu, pois só então ele estará verdadeiramente vulnerável.

Ele se aquietou montado ao Pégaso e seus olhos se encheram de cólera. Zeus iria sofrer por sua traição. Kratos se certificaria disso – mas o que exatamente Gaia quis dizer sobre as Moiras e voltar ao instante em que Zeus o trespassara com a Lâmina do Olimpo?

Kratos tocou a pálida cicatriz em seu peito, onde a lâmina havia penetrado, abrindo um enorme rombo – e se lembrou de como aquela ferida havia sido curada antes que ele conseguisse sair do Hades, de volta para Rodes. Gaia demonstrou todo o seu poder ao curá-lo daquela maneira.

Ela fizera mais do que curar o ferimento. Ela lhe deu a chance de, novamente, escapar das garras de Hades. Não desperdiçaria tamanha dádiva.

Ele mirou o horizonte enquanto o Pégaso voava com um bater constante e poderoso de suas asas. Kratos não fazia ideia do lugar aonde o cavalo alado o

levava, mas sabia que não seria um destino alcançado com facilidade.

Enquanto ele ponderava sobre perigos em potencial, três grifos surgiram atrás dele.

Capítulo treze

Átropos fitou a vasta tapeçaria que compunha o destino do mundo todo, mas não percebeu os nós espertos ou as intrincadas tramas e urdiduras que ela e suas irmãs haviam criado. O que Láquesis dissera a estava incomodando. Láquesis sempre foi inquieta e inquietante, nunca se debruçava sobre o sério trabalho de escolher os melhores destinos aos que mais mereciam. Ainda assim, o que sua irmã dissera fez Átropos refletir com mais cuidado sobre Kratos.

Nada sobre o destino dele havia saído precisamente como ela ou suas irmãs haviam estipulado. Mais de uma vez, ela verificara a força do fio vinculando o Fantasma de Esparta a seu destino, e descobria apenas alguns esgarçamentos ao longo dele. O reparo daquelas pequenas imperfeições não alterara em nada seu destino, é claro, mas havia mudado a trajetória até sua eventual morte.

– Quão longa devo medir sua vida antes de permitir que Láquesis corte o fio? – ela murmurou. Átropos sabia que era melhor com detalhes do que Cloto ou Láquesis. Cloto enxergava o todo e julgava o que seria necessário para atingir seus objetivos, enquanto Láquesis demonstrava impetuosidade demais a destinos decentes para seguir de acordo com o planejado. Átropos, porém, tinha consciência de que devia tomar a frente dos pormenores quando se tratava de um destino mais detalhado. Ela prezava mais pela execução das táticas, ao tempo em que ambas as suas irmãs eram estrategistas. Isso a satisfizera até que Láquesis se interessasse de forma tal pelo mortal Kratos, a ponto de torná-lo aprendiz de Ares.

Átropos só conseguia imaginar que Láquesis tivera a intenção de transformar Kratos no Deus da Guerra para que ele perturbasse a serenidade do Olimpo. Os deuses e deusas tornaram-se complacentes demais nos últimos séculos e passaram a acreditar que as Moiras eram suas aliadas. Ela bufou. Ela e suas irmãs não tomavam partido. Ter permitido o triunfo dos deuses sobre os Titãs não tinha nada a ver com os méritos de um lado em contraposição às deficiências do outro.

Mas o que exatamente Láquesis viu nesse tal de Kratos?

Átropos feriu alguns filamentos mais em torno do fio do destino dele para fortalecer-lo e não dar margens a contratempos. Trabalho malfeito nunca a levou a lugar algum, e não que sua irmã se importasse com isso. Ela apenas favorecia o caos em demérito de conclusões definitivas.

Ela observava a maneira como o fio vibrava e habilmente interpretou os tremores e as oscilações em sentido inverso necessários para se produzir um resultado mais de acordo com a visão global que as Moiras tinham do mundo. Extirpar Kratos poderia ser necessário, embora ele tenha evitado tal sorte ao escalar o Submundo.

De novo.

Átropos franziu a testa. Ela examinou cuidadosamente a primeira fuga das garras de Hades e viu que Zeus havia intervindo em nome de Kratos.

– O coveiro – ela disse. – Um disfarce apropriado e ao qual não falta ironia – sem a ajuda de Zeus, Kratos teria sido exilado para todo o sempre em algum canto escuro e perigoso do Submundo. Da maneira como Hades agiu quando o nome de Kratos nem sequer fora mencionado, ele teria banido o espartano ao Tártaro.

Tal pensamento provocou uma carranca ainda mais intensa a enrugar-lhe o rosto. Kratos aprisionado e torturado onde tantos Titãs haviam sido enviados. Não fora uma boa decisão. Será que Zeus havia enfim se dado conta disso e salvo Kratos por essa razão, ou o Pai dos Céus simplesmente agira de forma abrupta por motivos mesquinhos? Matar Ares fora determinante. Zeus não iria contra seu próprio decreto, permitindo que um deus matasse outro, mas Kratos então ainda não era um deus. Qual instrumento seria mais perfeito para destruir o velho Deus da Guerra senão a arma que ele próprio havia tão cuidadosamente forjado? O erro de Ares fora forçar Kratos a matar sua esposa e sua filha. Em vez de temperar o aço do braço de sua poderosa espada, esta acabou o partindo ao meio em usufruto de Zeus. Um erro muito caro.

Átropos franzia a testa ao analisar o fio negro de Kratos. Suas longas garras mediam a vida dele quando ela notou que o fio se alongara, se comparado à fiação original. Isso não podia ter acontecido em consequência de ele ter perdido sua divindade. Quando muito, seu fio do destino podia ter se estendido um pouco enquanto ele ainda era imortal. Por que não havia encurtado? Ela o mediu e, então, franziu o cenho mais profundamente. Zeus matara Kratos. Aquilo não fazia parte de seu destino – tampouco seu contato com Gaia. Átropos mudou de posição, ascendeu em sua coluna de fumaça negra e inclinou-se bem para perscrutar mais de perto os fios menores tramados juntos para formar o maior.

Novos fios apareceram, alguns não uniformemente negros. As cores desafiavam uma descrição precisa. Ela prendeu a respiração e se reclinou.

Como Kratos havia feito tudo aquilo sem que as Moiras tivessem se dado total conta?

Os lábios de Átropos se afilaram qual o corte de uma faca em linha reta. Ela flutuou para analisar melhor o fio escuro do destino estendido. Após jogar para trás seus longos cabelos brancos, ela se acomodou novamente, à medida que sua raiva crescia. Não havia nenhuma maneira de isso ter acontecido – a menos que uma de suas irmãs tivesse permitido. Cloto não tinha interesse em Kratos, mas Láquesis? Não era ela quem estava sempre falando sobre o quão maçante era cortar os fios nos pontos precisos que Átropos determinava? Ela

tinha uma fantasia com o Deus da Guerra e, pelo que Átropos podia ver, considerou-o um projeto especial a ser nutrido e manipulado para aliviar o tédio que só ela sentia. Quanta arrogância! Láquesis não devia se intrometer. Fiar, medir e cortar os fios do destino era uma empreitada que elas deviam dividir entre si. Láquesis não devia tomar conta de Kratos sozinha!

Aquilo tinha de mudar. E Átropos viu que parte da mudança tinha de ser no Olimpo. Zeus se achava, de forma arrogante, acima da sorte. A presunção dos mortais fez com que eles aspirassem à divindade. E os deuses, aos quais foram dados o tempo e uma confiança prepotente em suas próprias e parcas habilidades, pensaram desafiar a sorte. Essa era a eterna dança que ela e suas duas irmãs bailavam, e sempre as Moiras eram as únicas a continuar, após a última nota ser tocada. Elas controlavam o destino, não os mortais, nem os deuses, e muito menos os Titãs.

Átropos estendeu a mão e agarrou um fio especial esticado ao máximo. Uma sacudidela, mais outra e, então, uma ainda mais forte enviaram a mensagem à deusa na outra extremidade. Hermes não era o único deus a par dos segredos do Olimpo. Íris era a Deusa do Arco-Íris e, às vezes, prestava serviços como mensageira. Átropos se recostou, refletindo sobre o que poderia ser feito para alterar o destino daqueles que residiam no Olimpo sem enfiar suas irmãs por não as ter consultado. O destino era um processo perigoso que exigia muita reflexão e discussão entre as três. Ainda assim, Átropos sentiu uma mostra do entusiasmo que Láquesis devia ter sentido ao aventurar-se por conta própria em tal assunto.

Com um cuidado primoroso, ela correu suas garras ao longo dos fios, sacudindo um e outro acolá, entrelaçando-os novamente para que o comprimento permanecesse o mesmo, ainda que o conteúdo estivesse alterado. Átropos testou o retesamento de um deles bem onde estava amarrado a um poste. Ela sorriu por ter conseguido alterar os fios sem deixar algum rastro que Láquesis ou Cloto pudessem detectar.

Destino determinado por apenas uma e não pelas três. Um poder inebriante.

Antes que ela pudesse seguir essa lógica e pô-la em andamento de outras maneiras, fechou os olhos e transmitiu sua projeção. A velocidade de sua jornada era infinita, e Átropos apareceu nos aposentos de Íris, uma imagem fantasmagórica de si mesma. Olhou ao redor do quarto arrumado e bastante organizado no alto do Olimpo e imediatamente soube que havia encontrado o lugar certo.

Uma cortina tremulava no outro lado do aposento. Um arco-íris se formou. Sua essência enevoada se avivou e se solidificou, arqueando-se de um lado da câmara ao outro. Sobre o arco, caminhava uma pequena e ativa deusa, de proporções bem definidas, envolta em nuvens brancas que constantemente

fluíam para revelar deliciosos fragmentos de pele nua e, em seguida, modestamente escondê-los de novo, à medida que ela se movimentava.

Átropos entendeu por que Íris e Hermes nunca se tornaram amantes. Cada qual se consumia por demais em nome da beleza pessoal e do autoengrandecimento. Mas por qual motivo Íris não havia desafiado Hermes para assumir a posição de Mensageiro dos Deuses? Lançando mão de sua beleza, Íris certamente poderia ter influenciado muitos dos deuses – e, era bem possível, algumas das deusas – da mesma forma que Hermes empregara a própria beleza para consolidar sua posição no Olimpo.

Íris encarou Átropos com um olhar arregalado em seu rosto redondo. Sua pele era do mais puro alabastro, fazendo com que seus olhos de cor violeta parecessem ainda mais penetrantes do que eram.

– Seu arco-íris é adorável – disse Átropos.

– Passe-me a mensagem que você deseja enviar, e eu tratarei de entregá-la após a mais magnífica das tempestades em Creta, que me promete a chance de mostrar todo o meu esplendor em sua plenitude.

– Ocupada demais para ser cortês? Você sabe quem eu sou? – Átropos não tinha certeza se ela deveria sentir-se ultrajada ou entretida. A deusa não demonstrava medo, mas isso podia ser devido à falta de conhecimento sobre quem havia aparecido em seus aposentos.

– Uma delas. Uma das Moiras. Acho que você é Átropos, já que ouvi rumores de que Cloto seria... diferente – A deusa sorriu de maneira doce. – Sim, Átropos. Você mede o tempo de vida dos mortais. Talvez você queira que eu adicione um pouco de cor a uma delas? – Íris estendeu as mãos e produziu um arco-íris que se esticava de uma a outra.

A Irmã do Destino apreciava cada vez mais as habilidades daquela deusa sem papas na língua. Ela seria das mais úteis para estremecer as fundações do Olimpo, mas de um jeito benigno.

– Venho em busca de um favor – disse Átropos.

– Espero que nada tão grandioso quanto os Corcéis do Tempo que lhe foram presenteados por Cronos – disse Íris. – Não sou tão grande e poderosa para conceder-lhe tal dádiva, mas não pense que eu não lhe darei tudo o que estiver ao meu alcance.

Outra vez, Átropos percebeu um quê de desconfiança na deusa e, talvez, um toque de sarcasmo. Ela buscava uma contrapartida. E por que não? Um favor a uma das Moiras poderia lhe trazer um benefício significativo no Olimpo. E, pelo que Átropos tinha em mente, poderia, de fato.

– Você é ignorada pelos outros por causa de Hermes – Átropos disse com cautela.

– Tanto quanto seus arbítrios – disse Íris, igualmente cautelosa. Ambas davam voltas verbais, um cachorro a farejar o rabo do outro, na tentativa de encontrar um objetivo em comum e, talvez, obter alguma vantagem.

– Eu simplesmente determino o resultado. Como um mortal – ou um deus – chega a atingi-lo é, muitas das vezes, uma surpresa e tanto. Mas eles nunca deixam de cumprir seus destinos. Nunca – mesmo enquanto falava, ela se perguntava sobre Kratos. Láquesis o beneficiara mais do que deixava transparecer. Zeus havia ajudado Kratos a escapar do Submundo antes, mas teria Láquesis brincado com a sorte do deus? A agitação desenfreada, que tomou conta do Olimpo após Kratos ter se tornado o Deus da Guerra, certamente não agradava Zeus em nada. A segunda vez que o enviou a Hades, que, por sua vez, esperava-o de braços abertos, foi prova disso.

Ela sentiu um breve calafrio com a lembrança da Lâmina do Olimpo trespassando o estômago de Kratos. Ela estava com os dedos sobre o fio dele naquele exato momento e sentiu a energia vital do guerreiro se esvaír para, então, desaparecer por completo quando as Mãos o puxaram para baixo. Láquesis, porém, deve ter intervindo para que Kratos se visse livre das garras de Hades. O Pégaso esperando por ele fora igualmente uma perplexidade tremenda. Tão somente pela diversão, Láquesis teria sido capaz de compelir Kratos a rastejar sobre sua barriga e não mais voar rumo à saída, como teria feito caso ainda fosse o Deus da Guerra.

– Então, por que você veio a mim? – Íris perguntou.

– Você tem obrigações mais importantes?

A deusa viu de imediato a armadilha naquelas palavras. Um sorriso sutil ergueu um dos cantos de seus lábios perfeitamente desenhados em forma de arco.

– Minhas preocupações não passam de poeira em comparação ao menor de seus caprichos, Átropos – a deusa disse.

Átropos assentiu de maneira brusca. Sua mente corria solta conforme seu plano tomava forma. Ela precisava dar instruções precisas para que Íris humilhasse Hermes aos olhos de Zeus e ainda fazê-lo sem que suas irmãs o percebessem. Láquesis, em particular, favorecia Hermes com uma atenção considerável. Uma leve mudança poderia ser feita em um destino sem que fosse notada, mas Átropos não tinha certeza de que poderia interferir no fio vinculado ao Mensageiro dos Deuses sem ser descoberta. Por outro lado, ter Hermes sob seu controle proporcionaria um grande salto qualitativo ao Olimpo.

Ela falou por algum tempo, Íris prestava atenção nos detalhes. Ao posicionar-se abaixo de seu arco-íris para entregar a mensagem, a deusa sorria de orelha a orelha. Átropos assentiu, aprovando a disposição da deusa para obedecer-lhe. Com um lampejo reluzente, Átropos rodopiou céu acima, com as névoas negras de sua cintura para baixo se entrelaçando para seguir a viagem de volta, até deixar o Olimpo e retornar à Ilha da Criação. Com sorte, Láquesis nunca saberia que ela havia desviado sua atenção a outro assunto. Seria divertido jogar segundo as regras da própria Láquesis sem que ela jamais soubesse.

Capítulo catorze

As asas poderosas aceleravam adiante, mas o olhar aguçado de Kratos enxergou o perigo que ia se aproximando. Ele não era o tipo que desviava de seu caminho quando algo errado estava à frente, mesmo tendo sido despojado de seus poderes divinos. Gaia disse que ele que tinha de encontrar as Moiras e voltar no tempo. O que parecia bem improvável. Nunca ninguém havia alterado seu próprio destino. No entanto, uma Titã ousou desafiar a ira do Olimpo e as Irmãs do Destino para ajudá-lo. Ele não tinha o direito de demonstrar menos coragem, ainda que confiar em Gaia não fosse fácil para alguém que aprendera a desconfiar de todos, menos da força de sua própria espada e das proezas do exército espartano.

Caso ele falhasse, os deuses e as Moiras não poderiam fazer nada pior com ele do que ele já havia sofrido – do que ele sofrera, de fato, em seus pesadelos. Caso obtivesse êxito...

As asas do Pégaso começaram a bater mais rápido, soltando penas de fogo em um rabo de cometa. Por um instante, Kratos pensou que a explosão em alta velocidade faria com que se livrassem dos objetos voadores que se aproximavam, mas logo percebeu ser impossível escapar de um número tão grande deles.

Ele lançou as mãos às costas, desembainhou as Lâminas de Atena e preparou-se para a luta – e foi quase derrubado quando um grifo deu um rasante, atacando-o por trás. Ele se voltou à besta feroz e encarou sua cabeça de águia. Ele não viu remorso algum, nenhuma piedade, nenhuma folga a ser concedida no ardor daquele olhar penetrante. O que veio a calhar para Kratos, já que ele não esperava mesmo nada disso – e nem oferecia nada disso.

Ele se curvou e deixou que o grifo passasse ventando. Suas poderosas asas de águia impulsionavam-no a uma velocidade idêntica à do Pégaso, mas o corpo de leão lhe conferia uma melhor mobilidade. Kratos desviou para a direita e, por pouco, não conseguiu cruzar a rota do grifo. As garras da criatura o agarraram pelas costas, tirando sangue dos arranhões que deixaram. Com um recolher de ombros e um poderoso lançamento de sua lâmina direita ao alto, ele conseguiu repelir o leão-águia, que grasnou e bateu suas asas contra ele, apenas dando margem para que Kratos cortasse fora a ponta de uma delas. O grifo bateu em retirada – e, então, Kratos se deparou com mais meia dúzia dos selvagens assassinos aéreos.

O Pégaso navegou pelo vento e rodopiou em uma inesperada espiral fechada, fazendo com que Kratos fosse derrubado e voasse pelos ares. Com um poderoso impulso, ele ergueu totalmente os braços e se segurou firme. Seus dedos se fecharam em torno da pata de leão. O grifo, subitamente mais pesado devido à carga extra, passou a perder altitude. Com um giro hábil, ele se jogou para cima, caindo entre as asas da criatura. Kratos botou um de seus pés contra a

nuca da águia para evitar que ela desse o bote, abocanhando-o com o bico serrilhado. Agarrando a cabeça dela com uma de suas mãos e o bico com a outra, ele foi para trás, concentrando sua imensa força em seus braços e pernas até sentir o pescoço da besta estalar. Por um instante, ele segurou a cabeça, ainda presa ao corpo.

Ele, então, arrancou-a fora, jorrando sangue pelo ar.

Kratos olhou para cima e viu o Pégaso iniciar um mergulho em sua direção. Com o grifo morto, desabando sob ele, Kratos se esticou e agarrou a crina do cavalo alado, alavancando-se de volta a sua montaria. O Pégaso suavemente se estabilizou e tentou atravessar a cortina de bicos e garras que os atacava.

Kratos manteve a calma, tomou sua posição e passou a girar suas lâminas com uma eficácia letal. Uma delas golpeou a garganta de um grifo e o sangue quente jorrou sobre Kratos. Por um instante, ele ficou sem poder enxergar, mas continuou lutando por instinto. Sua espada esquerda se aprofundou profundamente no peito de um grifo, matando-o instantaneamente.

Ele quase foi derrubado quando o Pégaso rodopiou, mergulhando. Passando a mão de modo selvagem pelos olhos, ele limpou o sangue que lhe tirava a visão e logo viu um problema. Um grifo, muito maior do que os outros, dava sinais de que atacaria por baixo. O Pégaso e o grifo estavam em rota de colisão. Após esperar pelo momento oportuno, valendo-se de sua longa experiência em batalha, Kratos se lançou ao vento. O Pégaso rodopiou na direção oposta, para longe dele, com as pontas de suas asas estalando forte e uma cortina ofuscante de penas perdidas e em chamas fluuando acima.

As penas momentaneamente confundiram o grifo, dando a Kratos a oportunidade de que ele precisava. Ele se lançou abaixo, torceu-se de lado e se agarrou à asa do pássaro-leão. Novamente, ele empregou seu peso em sua vantagem e fez o grifo despencar em um mergulho, mais parecendo uma folha caindo de uma árvore. O grifo desferia bicadas e tentava agarrá-lo mesmo enquanto lutava para se endireitar.

Tudo o que Kratos fez foi se concentrar no que ele fazia de melhor: massacrar.

Uma mão se manteve presa à asa, impedindo-a de ajudar o grifo a permanecer voando. A outra esmurrava a besta com golpes brutais contra o peito e as costas.

O grifo desistiu de tentar voar e simplesmente passou a lutar. Seu ágil pescoço girou e seu bico abocanhou o bíceps maciço de Kratos. Ele sabia bem como o ataque funcionava e arriscou tudo, soltando a criatura, que projetou a cabeça para frente em uma tentativa de rasgar os músculos dele, mas apenas conseguiu sacudi-lo de um lado para o outro. Ele se mostrou pesado demais para

que o grifo fosse capaz de suportá-lo, e os dois despencavam cada vez mais rápido.

O grifo soltou o braço de Kratos, mas ele já havia empunhado sua lâmina e a utilizou como um gancho para fincá-la nos quadris da besta, que passou a cair de costas e não mais de cabeça para baixo.

Kratos lançou mão de sua outra espada para conseguir agarrar a cauda de leão, que se debatia feito um chicote no lombo de um escravo. Ele a apertou, alcançou as costas do grifo, montou-se nele e desferiu um soco letal na parte de trás da cabeça do monstro. Sua mão afundou na caixa craniana e, quando saiu, escorria sangue.

Logo depois, ele tombava contra o vento e para longe da criatura morta.

Kratos se resignou à queda letal. E, mais uma vez, o Pégaso sincronizou seu voo para salvá-lo. Ele escutou o barulho das asas, olhou para cima e viu um céu repleto de penas em chamas. Antes que ele se desse conta, o cavalo alado dera um rasante por baixo dele e, então, lutou bravamente para não colidir contra o mar. Chegaram tão perto de estatelarem-se na água que uma neblina passou a subir à medida que as asas do Pégaso lançavam nuvens de vapor a cada toque na superfície.

– Você tampouco me reivindicará hoje, Poseidon – Kratos rosnou. Eles se afastaram dos domínios do Senhor do Oceano e, novamente, voaram alto. Ele inclinou seu corpo para frente e acariciou a cabeça do Pégaso, de onde se soltavam pequenas faíscas.

– Com mais cem iguais a você, meus exércitos cavalgariam sempre rumo à vitória!

Tal reação provocou um resfôlego de fogo saindo das narinas do cavalo alado e renovou seu empenho para pairar nos ares. Kratos perscrutou atentamente o horizonte e pensou ter visto uma figura vestida de preto montando um grifo verde e lilás, mas tal cavaleiro logo se transformou em um pontinho negro e rapidamente desapareceu ao longe.

– É este o nosso destino? – então, Kratos percebeu que a pergunta não fazia o menor sentido. Eles voaram até que o Pégaso estivesse esgotado. A jornada feroz havia custado muito da energia do cavalo. Kratos sentiu o ritmo cada vez mais irregular e se deu conta de que teriam de pousar, não importava se aquela era a Ilha da Criação.

Ele jogou seu peso contra o Pégaso e empregou seus joelhos para guiá-lo em direção à boca escancarada de uma caverna. O que quer que os aguardasse lá, ele logo descobriria e depois continuaria seu caminho.

Rumo ao extermínio das Moiras e de Zeus.

Capítulo quinze

Láquesis franziu a testa enquanto passava os dedos ao longo do fio vinculado ao destino de Kratos. Ele vibrou de modo estranho, como se estivesse de alguma forma livre por um instante. Aquilo não era possível. Romper o fio do destino era... impensável. Ela pressionou o fio com certa leveza e, enfim, sorriu quando notou que sua astuta manipulação havia provocado um desastre próximo, que então foi reparado.

– Que ele lute – ela disse suavemente. Agradava-lhe pensar que ela não havia perdido a destreza de seu toque. Uma sacudidela diferente no fio poderia acabar com a vida de Kratos instantaneamente, mas ela acabou subtraindo a alma dele de Hades por duas vezes. Fazer o que estava em seu alcance para frustrar Hades garantia-lhe diversão. Todo um panteão de deuses e nada fizeram para merecer os bons serviços dela. Embora ela não lhes invejasse a vitória sobre os Titãs na Grande Guerra, como ela e suas irmãs chamavam comicamente a batalha, eles não fizeram coisa alguma recentemente para entretê-la. Se eles achavam que a Titanomaquia havia sido a Grande Guerra, ela poderia dissuadi-los da ideia prontamente. Pensamentos sobre destinos entrelaçados e desastres de escalas inimagináveis tomaram sua mente e provocaram um sorriso ainda maior em seus lábios.

Ela controlava os destinos deles, meros peões que se moviam no tabuleiro de xadrez a seu bel-prazer.

Láquesis franziu novamente a testa quando as gralhas que ela enviara contra Kratos foram frustradas. Não era para ter acontecido aquilo. Ele devia ter sido gravemente ferido já no primeiro ataque. Novos puxões e afagos no fio a levaram a um pânico momentâneo. O fio normalmente possuía a textura de uma fina lã, mas então se transformara em um cordão de seda. Sua sagacidade a presenteou com uma pergunta ante a qual ela nunca se deparara antes. Suas habilidades nunca foram questionadas, por que então tamanha mudança sem sua inferência?

– Átropos? – ela sussurrou o nome da irmã, imaginando se seria possível que a tão diligente tecelã dos destinos alheios tivesse finalmente se cansado de brincar com tanta segurança. Láquesis sacudiu sua cabeça. Era possível que sim, mas duvidava que Átropos sequer se incomodaria. Ela era uma defensora da ordem e produzia meticulosamente todos os destinos. Não fora ela quem desconsiderou a importância de Kratos, mesmo quando ele ascendeu ao trono e se tornou o Deus da Guerra? “Um mero mortal cheio das pretensões”, como Átropos havia bufado.

Láquesis notara Kratos muito antes de sua entrada no Olimpo, mesmo antes de seu pacto ultrajante com Ares para ser o pau-mandado do Deus da Guerra. Desde o berço, ela o notara. E por que não? Seu nascimento fora excepcional.

Guardar aquele pequeno segredo fez com que ela se sentisse superior a suas irmãs ao tempo em que conspirava e planejava. Era como se Kratos fosse seu projeto especial particular, embora isso não fosse possível, já que suas Irmãs do Destino colaboravam com a maior parte dos acontecimentos referentes aos deuses e aos mortais.

Às vezes, elas discutiam para ver qual das três conseguiria obter o melhor resultado com a menor alteração. Láquesis as deixava vencer de vez em quando, embora ela sempre prestasse atenção nas artimanhas de suas irmãs para aperfeiçoar-se ainda mais em nome de suas próprias intromissões futuras.

– Mas seria mesmo você, Átropos, quem está tentando manipular meu Kratos, ao impor ordem quando eu busco diversão por meio de uma pitada de caos? – Láquesis descartou a possibilidade. Sua irmã era uma principiante em confrontos quando se tratava de traçar as determinações das melhores sortes.

Láquesis analisou o problema e meneou a cabeça quando notou que Kratos, de alguma forma, encontrara um Pégaso para trazê-lo cada vez mais perto da Ilha da Criação e, mais cedo ou mais tarde, ao Templo das Moiras. Os ataques que ele sofreu enquanto estava sendo transportado pelo ar levaram-no à Gruta de Tifeu, mas, até onde podia analisar com cuidado os fios tramados sobre o assunto, ela vislumbrava bem como aquilo se desenrolaria. Seus olhos se arregalaram quando ela notou um detalhe sobre a incursão de Kratos na gruta.

– Isso pode ser grave – ela disse, pensativa. – É hora de selar o destino de Kratos – Ela bateu as palmas de suas mãos e um de seus Sacerdotes do Destino entrou. Ele se curvou de cabeça baixa e manteve a posição, esperando as ordens dela.

– Invoque o Guerreiro do Destino – ela ordenou. – Ele interceptará Kratos antes que ele atinja a Ilha da Criação.

– A senhora não deseja mais brincar com esse mortal transformado em deus?

Ela encarou o sacerdote ainda curvado e imaginou quais pensamentos passavam pela cabeça dele. Ele e os outros trabalhavam pesado, pondo em prática as resoluções dela, executando tarefas que nunca deveriam ser nem consideradas por alguém, e tudo em nome de uma participação ínfima na determinação de seus próprios destinos. Coisa, aliás, que ela nunca havia permitido, mas que mantinha um rio constante de súplicas e suplicantes fluindo para desembocar nos serviços dela, todos expectantes e temerosos – e todos tolaemente otimistas quanto à inútil esperança de enganar seus destinos.

Os destinos que ela e suas irmãs tramaram para eles.

– Meus caprichos não são de sua conta, sacerdote – ela disse friamente.

– Convocarei o Guerreiro do Destino imediatamente – o sacerdote do Destino começou a retirar-se.

– Espere! – um pensamento lhe ocorreu. – Quero que você se certifique de que ele receberá isto também – ela se levantou e pareceu flutuar como um fantasma por toda a câmara, até uma coluna de mármore. Colocando as mãos sobre a coluna frisada, ela pressionou um dispositivo secreto e fez com que uma fenda comprida e esguia se revelasse. No interior dela, havia uma urna feita de obsidiana, tão longa quanto seu braço e tão espessa quanto seu pulso. Láquesis retirou a caixa e a abriu.

Pelo tamanho, era muito mais pesada do que aparentava ser, mas ela já esperava por isso. Dentro dela, havia uma arma de imenso poder e que deveria ser usada somente em situações de maior emergência.

O que ela vira sobre Kratos na Gruta do Tifeu convenceu-a de que ela precisava colocar aquela arma formidável nas mãos de seu mais intrépido lutador.

Láquesis entregou a urna de obsidiana ao sacerdote, que a segurou com ambas as mãos. Ela correu os dedos ao longo de uma das bordas, encontrando as travas quase imperceptíveis. A tampa se abriu. Ela perdeu o fôlego quando viu o que havia dentro. Mesmo ela, uma das Moiras, devia demonstrar medo e reverência perante tamanho poder.

Ela retirou a arma da urna e a entregou ao sacerdote.

– Diga-lhe para usá-la da melhor maneira possível contra Kratos.

Capítulo dezesseis

O Pégaso desviou tão bruscamente de seu caminho para tomar a direita que Kratos foi obrigado a se agarrar na crina e arrancar um punhado do cabelo composto por fios de ouro para manter sua montaria. O cavalo deu um súbito pinote e se embrenhou numa caverna ornada com pingentes de gelo e uma rajada de vento congelante, que tirou o fôlego de Kratos. As paredes de gelo, rochosas e sujas, ficaram cada vez mais estreitas, forçando Kratos a se jogar violentamente de um lado para o outro no esforço de seguir montado ao cavalo alado. Das profundezas da montanha glacial, soprou um bafo seco e gelado que cobriu sua barba com uma camada fina de gelo e fez as penas flamejantes do Pégaso piscarem. O corcel alado bateu as asas com fúria, mas sua força se esvaiu com rapidez. Caso o cavalo não fosse capaz de continuar, ele não teria mais utilidade alguma a Kratos.

– Para trás – ele bradou, deslocando seu peso para guiar o Pégaso por um corredor lateral ainda mais gélido do que a entrada da caverna. Seus braços estendidos foram cobertos pela geada, fazendo sua carne ficar azul de frio. Encolhendo-se, ele tentou se aquecer nas asas flamejantes do cavalo, mas já não havia calor algum ali.

O Pégaso se enfraquecia mais a cada segundo, em um ritmo de voo já bem errático. Kratos tinha de se reposicionar constantemente para não ser derrubado.

De repente, eles emergiram em uma caverna ainda maior, cuja luz azulada era fraca demais para que pudessem ver por onde voavam. Kratos praguejava enquanto o Pégaso cambaleava de um lado para o outro, quase se chocando contra uma parede, não tivesse desviado a tempo. O Fantasma de Esparta estava tão absorto na tentativa de guiar seu corcel para fora do nevoeiro congelante e de volta rumo à estreita passagem entre as rochas que acabou notando o perigo tarde demais.

O cavalo bateu furiosamente suas asas para evadir-se de um enorme pé que se levantou de uma borda suja de gelo cinza. O Pégaso avançou para cima, passando por uma estátua com vida, cuja boca escancarada era grande o suficiente para que entrassem nela. Kratos conseguiu evitar a armadilha, fazendo o cavalo bater selvagemmente suas asas para longe dali. Uma mão de pedra congelada foi na direção deles, mas não conseguiu abatê-los.

– Desapareça daqui, Olímpiano – o Titã retumbou. O que Kratos havia tomado por uma estátua era Tifeu em pessoa. O polegar e o indicador dele eram imensos, dez vezes maiores do que o próprio Kratos. O som provocado ao se espatifarem contra o chão alertou Kratos para o real perigo. Aqueles dedos gélidos, tão grandes, tão enganosamente lentos, eram letais.

Curvando-se totalmente, Kratos guiou o Pégaso para longe do Titã Tifeu.

– Eu não o ajudarei, Deus da Guerra!

Kratos gritou de volta, sem papas na língua, o que o Titã podia fazer com tal ajuda.

O Titã de pele azul parecia mais uma estátua do que uma criatura viva. Kratos se questionou sobre que banimento teria condenado Tifeu àquela caverna gelada, ou se o Titã se escondera ali para evitar a ira dos deuses. Pequenas erupções pontilhavam o rosto de Tifeu, depressões que estouravam para lançar cristais de gelo despencando sobre uma cortina de penas. Kratos pensou na escuridão atizada por trás daquelas marcas congeladas e em como poderia escapar.

Tentou segurar a crina com mais firmeza e se deu conta de que a temperatura abaixo de zero havia levado um tanto de sua força. Lutar naquele momento poderia ser perigoso.

Ele guiou o cavalo em volta de uma grande câmara de gelo, sua visão já um tanto embaçada pela geada que cobria seus cílios. Escapar daquela frígida gruta era a única esperança de sobrevivência, mas a pálida luz tornava ainda mais difíceis as tentativas de não se chocar contra as afiadas estalactites dependuradas por todos os lados – e ele não se atrevia a voar perto demais do chão, onde mais estalagmites cintilavam com bordas anavalhadas.

O cavalo respondeu com lerdeza a seu comando, voando alto novamente para dentro da câmara invernal – mas perto demais do rosto do então animado Titã. A boca de Tifeu soprou ondas de um vento nocivo e gélido. Por um breve instante, as asas flamejantes do cavalo se apagaram. Kratos pensou que as chamas se extinguiriam por completo após o bafo congelante. Elas, porém, acenderam-se de novo. Mas não o bastante.

O Pégaso rodopiou para baixo, fora de controle, e tombou contra a laje de pedra bem em frente ao Titã que se ataçava, mesmo devagar. Kratos deu um salto mortal e se contorceu no ar até alcançar novamente sua montaria, quando os dedos de Tifeu se levantaram, pesados... e desabaram com uma velocidade surpreendente.

O Pégaso ficou preso embaixo da pesada e fria palma da mão.

Kratos pensou em abandonar o cavalo alado, mas como ele escaparia daquela gruta congelante e atravessaria o oceano para ver-se livre daquele fosso de pedras pontiagudas de gelo, a menos que ele voasse? Os relinchos lastimáveis do cavalo não significavam nada para ele. O Pégaso era um meio de transporte e nada mais, mas era necessário, se ele quisesse levar adiante sua vingança contra Zeus. Ele sacou suas espadas e atacou uma enorme unha, tão somente para ser arremessado com um pateleco, como se fosse um inseto irritante.

Kratos atacou com mais empenho ainda, fazendo o Titã se curvar um pouco. Uma nova rajada do bafo gélido de Tifeu encobriu Kratos, que cambaleou. Outras erupções lhe deram um banho de gelo. Ele girava suas espadas, protegendo seus olhos dos cacos que despelavam seu couro – mas acabou dando um passo em falso à beira de uma cratera e tombou, deixando para trás tanto o Titã como o Pégaso aprisionado.

Kratos reagiu de pronto e deu um giro para ficar em pé no ar a tempo de absorver o impacto da queda. Ele rolou e se restabeleceu desconfortavelmente perto de um minotauro. Kratos ficou surpreso ao ver que uma criatura viva fora capaz de constituir um lar, dentre todos os lugares possíveis, nos domínios gélidos de Tifeu. Sobre seus cascos, a fera rugiu, abaixou a cabeça e investiu. Chifres negros e letais balançavam, para cima e para baixo, enquanto o poderoso pescoço da criatura tentava enfiá-los nas estranhas de Kratos. Os ombros largos do homem-touro se contraíram com músculos retesados e braços couraçados partiram para cima de seu adversário, visando a se atracar a Kratos e o decapitar com os chifres. Suas largas narinas resfolegaram, lançando chamas, e um rugido gutural acompanhou o estalido dos cascos contra o chão no momento da investida.

Kratos vislumbrou a íngreme parede de cima a baixo e não viu como escalá-la de forma alguma. Tinha de haver outra forma de se chegar ao topo, ainda que fosse por meio da criatura que o atacava. Suas lâminas esquentaram o vento com giros selvagens a tempo de desviar um chifre prestes a estripá-lo. Sua outra espada fatiou uma lasca do pescoço do minotauro, abrindo um talho profundo.

O que enfureceu ainda mais o monstro – e o tornou ainda mais vulnerável. A raiva de Kratos estava mais bem direcionada. Ele passou a escolher seus alvos com mais cuidado, desferindo um golpe que rompeu o tendão de uma das pernas. Ao capotar, o minotauro deixou seu pescoço exposto. Kratos se atirou para cima dele e cravou sua espada no couro desprotegido. O minotauro era um adversário potente e aquilo não foi o bastante para liquidá-lo. Kratos, então, plantou os dois pés no peito dele, ergueu seu par de espadas bem acima de sua cabeça e deu repetidas estocadas na boca da criatura.

Que morreu.

Ele saiu de cima da carcaça e analisou a melhor forma de subir até a base do trono de pedra do Titã. Kratos bufou, formando nuvens de vapor condensado. O sangue quente do minotauro o revestia, mantendo o frio sob controle, mas Kratos não achou prudente permanecer mais tempo naquela prisão congelante.

Percorreu a caverna até encontrar um buraco no teto cujo ângulo permitiu que ele vislumbrasse o Titã. Usando suas espadas como ganchos, ele escavou a rocha, escalando até o teto encrostado de estalactites e passou a atravessá-lo pela

abertura. As espadas penetraram na rocha e lá permaneceram por tempo o suficiente para que ele girasse na direção em que Tifeu estava sentado, bufando enormes nuvens de fôlego condensado como a fumaça de uma fornalha. Kratos redobrou sua cautela, uma vez que as depressões no rosto do Titã continuavam a expelir gelo. Tais cavidades se estendiam do imóvel Tifeu para todos os lados, cicatrizando as paredes da caverna. Ele já havia escutado lendas sobre criaturas que viviam em uma rocha animada por Gaia e compartilhavam suas energias vitais com a montanha que lhes servia de morada até que a terra toda estremeceu e a montanha saiu andando. As cavernas proviam proteção; as sentinelas sangravam a vida de intrusos.

Assim que uma das lâminas se fincou na rocha, um grasnado estridente reverberou por toda a gruta e escorreu sangue pelo cabo da espada e sobre o punho de Kratos. Ele arrancou a lâmina e uma sentinela com pernas rochosas tombou para fora de sua toca. Com desdém, Kratos limpou o sangue na ponta da espada e continuou em direção ao Titã, mas acabou descobrindo da pior maneira que o acidente fatal havia despertado mais bestas idênticas à primeira.

As criaturas humanoides pululavam de suas pequenas tocas, com seus capacetes de ouro emplumados reluzindo na pálida luz da caverna, e romperam a correr atrás dele como aranhas nas saliências das rochas. Kratos focou nas garras que mais pareciam facas e nos machados de combate que buscavam estripá-lo e desmembrá-lo, rasgá-lo e fatiá-lo. Dependurado em uma espada fincada no teto, ele lutou com toda a sua habilidade e força. As sentinelas de pele acinzentada não eram adversários à altura, mas havia muitos deles e lhe tomaram um precioso tempo. Ele não tinha certeza de por quanto tempo mais o Pégaso suportaria ser esmagado pelo dedo de Tifão. Uma a uma, ele despachou as criaturas rochosas aos braços de Hades até que apenas um silêncio esquisito preenchesse a caverna.

As sentinelas eram responsáveis por não deixar que Tifeu congelasse por completo, mas elas não existiam em número suficiente para que o Titã se visse livre de seu aprisionamento glacial.

Tão logo Kratos se aproximou do local onde poderia se impulsionar até a base do trono do Titã, uma parte do teto desabou, fazendo-o despencar rumo ao chão da caverna. Sua única saída no meio dos escombros foi uma corrente presa à pedra acima dele. Kratos a agarrou e por ela foi escorregando, até tombar contra o chão, restabelecer-se e ficar de pé, sentindo um vento gelado no rosto. Por um instante, ele pensou que suas articulações emperrariam. Ele virou as costas para a ventania e concentrou suas forças e o calor de seu corpo. Kratos flexionou os dedos e olhou de soslaio contra o vento para ver qual caminho deveria seguir. Ao dar um passo à frente, encontrou uma borda saliente coberta de neve, que se alongava em direção a uma densa nevasca. O frio intenso iria matá-lo em questão de minutos. Quando ele se virou para retornar à Gruta do Titã, uma porta pesada bateu acima dele, bloqueando seu recuo. Kratos grunhia

ao tentar levantar a porta. Mesmo que tivesse seus poderes divinos, ele não estava certo de que aquele portão pudesse ser aberto por meios estritamente físicos. Ele deu um passo para trás e ergueu os olhos rumo ao topo da montanha, focando-se em uma geleira bem no alto, adornada com frestas de neve. Uma tempestade se formava em torno do cume e saraivava pedras de granizo maiores do que seu punho.

Antes que ele pudesse começar a escalar para ver se encontrava outro caminho à Gruta de Tifeu, ele escutou um clamor lamurioso pedindo ajuda. Kratos foi averiguar quem compartilhava seu dilema de estar trancado do lado de fora. Se alguém conseguiu sobreviver por mais de alguns minutos, devia haver algum fogo lhe aquecendo os ossos.

Arrastando seus passos pesados através da neve recém-caída, ele foi em direção a uma mão esculpida em pedra, estendida e de palma para cima. A princípio, tudo o que ele podia ver eram as costas largas de um pássaro branco feito a neve, inclinado para frente, comendo com avidez. Nacos sangrentos de carne crua estavam espalhados sobre a neve, que chiava conforme o calor ia sendo rapidamente sugado pelo frio.

Pelos clamores abafados de misericórdia, Kratos sabia que, quem quer que o pássaro estivesse jantando, esse alguém vivia, e os xingamentos que se seguiram mostravam uma vítima ainda capaz de lutar e sentir raiva. Os passos largos e pesados de Kratos fizeram com que o enorme pássaro girasse sua cabeça de um lado para o outro, para acabar fitando-o com um olhar indiferente. Tiras de carne ensanguentada se dependuravam de seu bico serrilhado. Com um único grasnido, o pássaro bateu suas asas imensas e se elevou ao céu. Kratos ergueu o braço para proteger os olhos da neve levantada pelo impulso brusco da ave ao decolar.

Tão logo baixou o braço, franziu a testa. Seguindo adiante até chegar a poucos metros de um homem com os intestinos arrancados e outros órgãos pensos da cavidade no corpo, Kratos não pôde deixar de se perguntar como alguém podia ter sobrevivido a tamanho ataque. A vítima da ave estava acorrentada, com as mãos erguidas sobre a cabeça de modo que seu abdômen ficasse bem esticado, fornecendo ao carnicheiro uma refeição mais prática.

– Deus da Guerra, você está vivo!

– Eu já não ando mais entre os deuses – Kratos disse. Ele contemplou o cruel esplendor da tortura. – Quem o colocou nesse tormento?

– Zeus!

Kratos assentiu. Apenas outro deus poderia conceber uma sorte tão cruel e ele governava o Submundo, mas Hades teria mantido sua vítima perto de si para se deleitar com a experiência diária da dor. A tortura adicional vinha do clima

feroz. As entranhas chiavam conforme o calor se esvanecia no bucho esfomeado do vento cortante.

– Sou Prometeu e meu único crime foi ajudar a humanidade. Zeus considerou uma traição o fato de eu ter levado o fogo do Olimpo aos mortais.

Kratos mudou de posição para que os raios do Sol não batessem em seus olhos. Prometeu estava quase desaparecendo em meio à luz do céu vermelho-encarnado, cuja tonalidade se misturava com a cor de seu corpo flagelado. A neve alvoroçava tudo em volta, dando a impressão de que gotas de sangue coagulado dançavam céu abaixo.

– Ele me condenou a ser barbaramente consumido todos os dias por esse pássaro miserável. E, então, com o cair da noite, eu fico curado – Prometeu tossiu sangue junto com pedaços acinzentados de seu tecido pulmonar. Ele tentou levantar a cabeça, mas sua força, sua razão de viver, havia sido arrancada dele. – Por quanto tempo estou aqui, há quanto tempo sofro essa maldição, eu realmente não sei – Um forte estremecimento passou por seu corpo e ele morreu.

Kratos observou como os órgãos que haviam sido arrancados das entranhas de Prometeu deslizaram de volta para o lugar. O pedaço que faltava do intestino foi regenerado e se encaracolou obedientemente, como uma corda enrolada por um marinheiro experiente no convés de um navio. Quando todos os órgãos foram restaurados, a carne de sua barriga até o peito se fechou no lugar, em um estalido. Em pouco tempo, Prometeu estava totalmente curado, nem mesmo uma cicatriz mostrando onde a impiedosa evisceração havia ocorrido.

Prometeu soltou um grito de pura agonia e arqueou as costas ao lutar contra seus grilhões. Seus olhos se abriram e ele arfou em busca de oxigênio.

– A cura é pior do que a morte, mas pior ainda é acordar sabendo que não tenho nada à frente, somente dor e sofrimento – ele disse, ofegando com esforço. Ele olhou para Kratos. – Por favor, Fantasma de Esparta, liberte-me de meu tormento.

Kratos encarou Prometeu por um instante antes de chegar a uma decisão. Como ele havia sofrido nas mãos de Zeus! Ver outra pessoa sofrendo da mesma maneira e implorando por ajuda acabou guiando as mãos de Kratos. Ele concederia clemência ao camarada ferido em batalha. Prometeu não merecia menos do que isso.

Kratos avançou, suas lâminas ganindo contra o vento gelado. Faíscas saltavam longe dos grilhões de ferro à medida que ele golpeava um elo atrás do outro.

Kratos se afastou quando Prometeu tombou adiante, mas percebeu de

imediatamente que não havia libertado o sujeito, que escorregou por entre os dedos da estátua e ficou pendurado pela corrente, acima de uma pira gigante, onde ardia uma chama eterna.

– A única maneira de me matar, Kratos, é me queimando nas Chamas da Perdição! – Prometeu chutava o vento feito um idiota, esforçando-se para atear fogo em si mesmo, mas não foi capaz de concretizar a autoimolação.

Kratos se aproximou ainda mais e deixou o calor que subia renovar suas forças. Flexionou os braços e estirou as pernas até que o gelo derretesse. Então, ele se curvou para analisar melhor o problema. Ao observar como as correntes se emaranhavam em torno de Prometeu, Kratos percebeu que não conseguiria afrontar Zeus com a morte enfim consumada do mártir, sem descer mais. Ele deslizou e resvalou seu corpo contra a palma congelada da estátua antes de partir para outra saliência mais abaixo. Fitando Prometeu penso no ar, ele soube ser impossível partir as correntes e o lançar rumo à pira em chamas.

– O Arco de Tifeu – Prometeu murmurou. – Você deve obter o arco mágico escondido em um dos olhos do Titã.

Prometeu se contorcia em evidente agonia, sua carne queimando e se curando, apenas para ser queimada novamente, mas Kratos percebeu que o antigo deus olhava em direção a uma fenda ao longe. Indo de cabeça contra a crescente tempestade de neve, ele se arrastou adiante e sentiu o vento soprando de dentro da montanha através da fresta. Virando-se de lado, Kratos mal cabia entre a fissura na rocha. Ele passou, então, a subir por uma passarela em forma de espiral, que o levou a uma ponte de pedra no nível dos olhos de Tifeu.

Um grito agudo e horripilante o alcançou. Um trio de harpias magricelas vigiavam a ponte. Em perfeita sincronia, saltaram grasnidos estridentes como se fossem uma só criatura e se lançaram ao alto para atacá-lo. Suas asas de couro batiam contra o vento gelado, e seus focinhos partidos ao meio e retorcidos resfolegavam uma forte rajada, enquanto partiam com suas garras para cima dele. O fedor pestilento o deixou enjoado. Kratos odiava harpias, tanto quanto a raiva estúpida e feroz que elas sentiam.

Ele se esquivou do ataque de uma delas e, logo em seguida, sacou suas espadas para empurrar as outras em direção a uma rampa, até um plano horizontal. Imediatamente, Kratos percebeu seu erro. Ele, então, enfrentava não apenas as três harpias, mas também uma górgona. Ele desviou o olhar, uma fração de segundo antes que fosse transformado em pedra. Uma suave luz esverdeada banhou suas costas, formando uma sombra que mais se parecia um novo guerreiro diante dele.

As harpias grasnaram e atacaram de novo. Kratos se levantou, girou suas espadas em uma ampla circunferência para chamar a atenção delas e, então,

caiu de braços, expondo as harpias ao olhar letal da górgona.

O que outrora eram três harpias, respirando cheias de vida, mortíferas, então não passavam de estátuas suspensas no ar, acumulando geada. Como se estivessem derrapando sobre melaço, as harpias se retorceram e rodopiaram para, em seguida, desabarem com a rapidez de um falcão de caça e se partirem em mil pedaços aos pés de Kratos.

O ninho de cobras furiosas sobre a cabeça da górgona se movimentava sem parar, sibilando e abocanhando sem parar em direção a Kratos, seguindo cada movimento que ele fazia. As cobras, porém, não o preocupavam tanto. Os olhos da górgona dardejavam por todos os lados seus raios quentes que transformariam qualquer criatura viva em pedra.

Kratos fechou os olhos, rolou e se pôs de pé. A tentação de olhar era grande, mas ele sabia quais seriam as consequências de uma mera espiadela que fosse. Por vezes, quando em combate, ele havia lutado sem enxergar, com o sangue dos outros e o dele próprio em seus olhos. Em vez de olhar, escutava com atenção os sibilos da górgona deslizando bem na frente dele. Ele a imaginava se levantando em sua poderosa cauda, como uma cobra se preparando para o bote. Guiando-se pelos ruídos cada vez mais irritados da górgona, ele calculou a distância e, em seguida, deu uma cambalhota para frente. No instante em que protegeu seus olhos usando o próprio corpo como escudo, pôde ver onde a mulher monstro estava, prestes a atacá-lo, e passou a rolar em outra direção. Quando ele enfim se posicionou, seus olhos estavam novamente muito bem fechados.

Suas lâminas se ergueram e desabaram. A da direita retumbou contra o chão de pedra. A da esquerda cravou-se fundo na carne da górgona, provocando um guincho de pura agonia que norteou a espada direita em seu redirecionamento. Mais dois golpes certos e a górgona caiu morta no chão da caverna.

Correndo por uma vereda de gelo escorregadio, ele se encontrou no nível dos olhos do Titã. Kratos mal notou uma harpia se aproximando, enquanto analisava a melhor forma de atacar a estátua. Ele a agarrou pelas asas e forçou um de seus pés contra a espinha dorsal da criatura, que se partiu ao meio, deixando tão somente as asas para trás, presas às mãos dele. Livrando-se furiosamente das partes desmembradas, ele vislumbrou uma maneira de alcançar o Titã e atacá-lo.

Kratos ficou paralisado no meio de sua investida quando uma voz profundamente ressonante preencheu a caverna. Tifeu falou.

– Você não pode me vencer, Fantasma de Esparta. Renda-se. Deixe-me esmagá-lo de uma vez. Prometo-lhe uma morte sem dor antes de despachar seu

espírito rumo ao Submundo – o Titã se alvoroçou, mas não removeu o dedo que prendia o Pégaso.

– Sua mãe, Gaia, disse-me o que preciso fazer para derrotar Zeus. Você vai se opor a ela? – Kratos bradou.

– Sim! Foi a falta de bom-senso de minha mãe que arruinou os Titãs.

– Você odeia Zeus, tanto quanto eu. Vamos unir nossas forças.

– Não! Eu irei matá-lo sozinho, não aliado a um deus decaído e em desgraça como você!

Kratos ficou a postos, movendo-se devagar, com cuidado. Um olhar rápido mostrou o quão difícil seria seu caminho, mas também revelou seu alvo. Uma sombra ligeira, uma curvatura e nada mais, flutuava por trás do olho do Titã. Uma segunda espiada mais detalhada não deixou que pairassem dúvidas. O arco se mexia conforme Tifeu piscava lentamente.

Seus músculos explodiram e lâminas ligeiras passaram a retalhar a cúspide de uma geleira até que ela rachasse ao meio, declivando, para enfim tombar na direção de Tifeu, sobre um afloramento rochoso achatado, construindo uma ponte improvisada para que ele chegasse mais perto. Kratos partiu, mas se jogou para trás tão logo a ventania glacial que Tifeu baforava ameaçou congelá-lo, caso avançasse, esperando o momento oportuno para, então, disparar em alta velocidade pela passarela que ele havia criado. O gelo sob suas sandálias transformou a breve corrida em uma jornada traiçoeira, mas ele conseguiu atravessar com êxito. Ele sabia não haver espaço para hesitações. Tifeu puxou profundamente o fôlego. Se o Titã soltasse a respiração, Kratos pereceria na hora, congelado.

Seus pés escorregaram no gelo, então se deslocaram com mais força ainda e ele se atirou pelos ares, aterrissando na bochecha do Titã. Tifeu rugiu e tentou jogá-lo, sacudindo sua cabeça volumosa e congelada de um lado para o outro. A geada havia tornado o rosto de Tifeu escorregadio, mas Kratos estava perto demais de atacar um ponto vulnerável para desistir. Se ele simplesmente desistisse, teria deslizado pela bochecha como uma lágrima letal para despencar de uma altura muito grande, bem onde o Titã ainda mantinha o Pégaso em cativeiro, situação que em nada otimizaria seus esforços.

Tamanha queda acabaria mal para ele, não apenas por conta da ira de Tifeu, mas tanto mais pelas sentinelas saltando para fora das depressões no rosto do Titã.

Usando as Lâminas de Atena como ganchos, ele escalou até o vermelho incandescente do olho esquerdo do Titã, onde ele havia localizado o enorme arco flutuando na membrana mais exterior. Kratos desferiu golpes furiosos e cegou o

Titã, fazendo rajadas abissais de ventanias glaciais serem expelidas tanto pela boca quanto pelo nariz. Kratos ignorou a crescente nuvem de vento gélido, picotando ainda mais o olho para, então, alcançar o fundo e segurar o arco. Seus dedos deslizaram na primeira tentativa. Na segunda, ele conseguiu puxar o arco para fora.

O Titã retumbou e se pôs a berrar.

– Eu irei trucidá-lo, Kratos. Você não pode fazer isso comigo!

– Você, entre todos os Titãs, foi o que de fato enfrentou Zeus.

– E ele acabou me aprisionando aqui! – Tifeu rugiu.

A câmara toda estremeceu e rochas caíram ao chão, forçando Kratos a proteger sua cabeça.

– Sim, eu o enfrentei. Foi a vontade de minha mãe, mas eu o fiz de bom grado. Ele massacrou meus irmãos!

– Os Gigantes morreram pelas mãos de Zeus – Kratos disse, segurando o arco. Cada movimento do Titã representava uma nova ameaça de enviar Kratos voando pelos ares. Suas mãos estavam tão frias que mal conseguiam se mexer. Se ele fosse atirado ao chão, a queda poderia matá-lo. Retornar ao abrigo pedregoso era sua única chance – e Tifeu virou o rosto, tornando o salto impossível.

Uma enorme lágrima se formou no olho do Titã e deslizou. O líquido quase empedrado de tão frio encobriu as pernas de Kratos, ameaçando congelá-las onde tocasse. Sua posição parcamente vantajosa na bochecha de Tifeu estava em risco. Por mais que tentasse, ele não conseguia escapar da lágrima. Ela, enfim, congelou na altura dos tornozelos dele e, em seguida, continuou descendo.

– Eu sou o último filho de Gaia, e o que ela mais sobrecarrega com suas artimanhas.

– Esta pode ser sua única chance de escapar deste desterro cruel – Kratos disse. Com o arco em uma das mãos, utilizou a outra para agarrar sua espada e golpear o punho dela contra o bloco de lágrima congelada. Apareceram pequenas rachaduras, mas a pedra de gelo acabou se deslocando ainda mais e deslizou, de modo que ela – e ele – perdesse o equilíbrio. De onde estava, ele podia vislumbrar bem a altura da queda, sem o menor esforço. Centenas de metros o separavam de onde o Titã ainda esmagava o Pégaso, mantendo-o seu prisioneiro.

– E se você falhar?

– A vitória será minha!

– É você quem diz, Kratos, mas eu não posso correr o risco.

– O que você tem a perder? Uma eternidade nesta prisão? Que Zeus o atormente ainda mais?

– Minha esposa!

– Equidna? – Kratos continuou a martelar no gelo e conseguiu livrar seu pé esquerdo. Tifeu girava sua cabeça em volta e fez com que um grande pedaço da lágrima tombasse de seu rosto para espatifar-se bem abaixo.

– Minha querida esposa e meus filhos. Depois que me aprisionou aqui, Zeus permitiu que eles vivessem em liberdade, um desafio a futuros heróis. Se ele sequer imaginar que eu ajudei você, mataria todos eles! É melhor viver no exílio, tendo minha amada família livre, do que enfrentar Zeus e tê-los todos mortos, caso você venha a falhar.

– Eu não sabia – Kratos disse. – Perder a família é um fardo terrível de se carregar.

– Você deve saber bem – Tifeu berrou. Seu bafo gelado soprou e girou para resfriar Kratos ainda mais. Mas um golpe final com o punho da espada enfim partiu a lágrima que o aprisionava. – Você quer que eu padeça da mesma dor que você sente? Será que você não falharia com minha família assim como falhou com a sua?

Kratos eriçou-se de raiva. Será que o tormento que lhe foi afligido por Ares nunca teria fim?

– Eu irei massacrar Zeus!

Kratos caiu de joelhos quando Tifeu começou a chacoalhar-se, rugindo seu amor por Equidna, seu ódio por Zeus – e prometendo interromper qualquer tentativa de destronar o Rei dos Deuses para preservar as vidas de sua esposa e seus filhos.

Como a fúria do Titã se tornou ainda mais violenta, restou a Kratos se lançar pelos ares, aterrissando novamente no abrigo coberto de gelo. Escorregando para cair de joelhos, ele descobriu ser impossível recuperar o equilíbrio. Das bochechas do Titã, caroços acinzentados foram inchando por toda parte, transformando-se em sentinelas determinadas a preservar sua morada – Tifeu.

Rolando, Kratos atropelou uma delas, então a agarrou, apoiando-se nela para se levantar. Depois, arrancou sua cabeça com uma torção selvagem. Duas outras sentinelas cresceram como se fossem lágrimas escuras na bochecha de

Tifeu. Se continuasse a lutar daquela maneira, ele logo iria perecer. Foi quando ergueu a arma arrebatada de seu esconderijo.

Ele puxou a corda e apontou para o olho do Titã. Muito embora o arco não estivesse armado, quando ele soltou a corda, uma flecha de gelo reluzente navegou fiel ao alvo, enfiando-se no olho de Tifeu, completamente cego. O berro que se resultou forçou Kratos para trás. Ele caiu sentado e derrapou ao longo da ponte de gelo, encontrando abrigo contra a ira do Titã atrás de rochedos salientes. Muito embora ele não fosse capaz de atacar, Tifeu involuntariamente o ajudou. A chacoalhada de cabeça havia desalojado as sentinelas e, por um instante, chego a distraí-las.

A violenta investida glacial durou algum tempo ainda, mas o Titã teve de, enfim, tomar fôlego. A trégua permitiu que Kratos analisasse sua situação. Tinha de haver uma maneira de libertar o Pégaso e voar para fora daquela prisão de gelo. Atacar Tifeu e suas sentinelas de nada adiantaria, mesmo usando o arco. Kratos refez seu caminho rumo à fresta que dava para o lado de fora, em meio à tempestade de neve, e retornou para onde Prometeu pendia sobre a chama olímpica.

– Kratos – Prometeu exclamou. – Você não me abandonou.

– Eu almejo derrotar Zeus – disse ele. – Você tem de me dizer como escapar desta prisão congelada.

– Liberte-me de meu tormento, eu lhe imploro! Acabe com isto e eu lhe direi como escapar!

Kratos puxou a corda do arco e disparou. Uma rajada gelada de vento voou para ricochetear nas correntes que prendiam Prometeu. A segunda flecha as balançou tão somente, mas Kratos era um especialista em todo tipo de arma. Sem paciência alguma para ritmar a toada entre armar uma flecha e dispará-la, ele encheu o ar de uma vez com seus misseis de gelo. Um dos elos começou a ceder. Kratos concentrou seu poder de fogo sobre ele.

O elo partiu e Prometeu mergulhou abaixo, rumo ao centro da enorme pira. Ele caiu de pé e foi imediatamente banhado em chamas. Jogou as mãos acima da cabeça e girou o corpo para garantir que cada centímetro dele fosse exposto ao fogaréu letal de purificação.

– Eu lhe dou este presente, Kratos, por você ter me dado o maior presente de todos.

Kratos recuou assim que uma nuvem de cinzas ascendeu do corpo em brasa e choveu sobre ele, que sentiu um formigamento se transformando em uma dor ardente, similar à que sentiu quando o antigo oráculo o cobriu com as cinzas de sua esposa e sua filha, do lado de fora do templo de Atena. Kratos tocou sua pele

de marfim para sempre marcada, mas as novas cinzas não haviam apagado – ou agravado – sua vergonha visível.

Bem no fundo de seu âmago, ele sentiu o trituração, ou, antes, o atrito de um órgão contra o outro, um poder crescente que não tinha como ser ignorado. Kratos ofegou quando seu corpo todo se arrepiou e estremeceu. O gelo formado sobre ele derreteu, e a tatuagem vermelha emanou sua luz interior. Quem outrora se sentia enfraquecido pela batalha com Tifeu agora experimentava apenas uma leveza de corpo e espírito. Ele baixou os olhos e viu as cinzas brancas que, um dia, haviam sido sua esposa e sua filha e, então, marcavam permanentemente sua pele, começarem a brilhar uma luz trêmula até que ele fosse obrigado a fechar os olhos para não ficar cego.

Entrou em desespero por ter de cumprir a missão de Gaia, embora aceitasse ser aquela a única forma de despachar Zeus rumo à sorte que merecia. O poder renovado de Kratos também renovou sua determinação. Ele era o Fantasma de Esparta e a vitória seria sua!

Mais do que mero poder, as cinzas de Prometeu haviam imbuído nele o discernimento de como fugir para longe daquela prisão.

Ele se virou e viu uma dúzia de sentinelas avançando em sua direção, atraídas pelos clamores de Prometeu enquanto morria. Fervendo dentro dele, veio uma onda de energia. Expandindo para fora de seu corpo em movimentos helicoidais, a energia varreu contra – e através de – as sentinelas. Elas morreram de imediato.

– A Fúria dos Titãs – chegou-lhe o sussurro distante de Prometeu. – Use-a, Kratos, use-a contra Zeus! – e, então, a voz desapareceu.

Por alguns segundos, Kratos ficou parado e permitiu que o poder dentro dele – a Fúria dos Titãs – se constituísse. Ele sabia bem onde usá-la de verdade pela primeira vez. Andando a passos largos e sem parar, ele reentrou na Gruta de Tifeu, marchando rumo à ponte de pedra, apenas para encontrá-la em ruínas. O Titã havia castigado tudo em volta, usando seu bafo gelado para rachar a pedra.

Kratos recuou, encontrou uma corrente pensa do alto e saltou. Seus dedos se fecharam sobre o frio metal – e seguraram firme. Ele se alavancou adiante até poder se soltar e seguir veloz seu caminho rumo à base do trono do Titã, onde a mão ainda mantinha o Pégaso preso.

– Solte o cavalo, Tifeu – ele berrou. – Agora!

– Eu não obedeço a seus caprichos – o Titã disse em sua voz rouca e profunda.

Kratos avançou e mirou a unha quebrada no dedo gelado mais próximo a

ele. Retalhou o quanto pôde com suas espadas, o que, contudo, acabou não surtindo reação alguma. Ele respirou fundo e, em seguida, invocou a Fúria dos Titãs. O imenso poder partiu a unha e fez com que Tifeu erguesse o dedo do meio. Kratos investiu ainda mais e liberou novamente a Fúria dos Titãs. Tifeu se afastou em um sobressalto, retirando a mão de cima do cavalo alado.

O Pégaso se revirou sobre suas patas e saiu tropicando, livre. Em questão de segundos, suas penas flamejavam um brilho intenso outra vez. Ele bateu as asas como se as testasse, para ver se o aprisionamento lhes causara algum dano. Tão logo o corcel empinou a cabeça e soltou um alto relincho triunfante, Kratos se arqueou sobre as costas do cavalo e esporou seus calcanhares contra os flancos do animal.

O Pégaso se atirou ao vento, voando furiosamente para longe da Gruta do Titã e deixando para trás as maldições que Tifeu bradava com um furor bem conhecido por Kratos, um furor decorrente de ter sua vida e sua família destruídas pelos deuses do Olimpo. Ainda assim, deixar o Titã ferido, mas com vida, mesmo que recluso em sua frígida gruta, foi a coisa mais próxima à simpatia que Kratos pôde sentir por uma criatura que havia escolhido enfrentá-lo.

Kratos, montado ao cavalo alado, explodiu para fora da caverna rumo à luz do Sol, fria e brilhante, lançando-se aos céus e voando em direção à Ilha da Criação.

Capítulo dezessete

Gaia se agitou novamente em seu sono, quando os deuses mencionaram Kratos. Seu interesse despertou quando não só Zeus, mas também Hermes começou a falar dele. Agora, outra deusa levava a Zeus informações que deixaram Gaia intrigada o suficiente para prestar atenção na conversa.

Onde quer que houvesse árvores e terra e rochas, lá estaria Gaia.

– Kratos rompeu as correntes de Prometeu e o libertou, Pai dos Céus – informou Hermes. Suas sandálias aladas zumbiam suavemente enquanto ele pairava alguns centímetros acima do chão, na sala do trono de Zeus. Sobre ele, nuvens brancas e intumescidas flutuavam ao léu, mas pesaram feito chumbo rumo ao baixo-ventre de Hermes, tão logo Zeus o encarou com sangue nos olhos.

– Como isso é possível? Será que nunca irei me livrar daquele arrivista? – Zeus estendeu o braço e formou um raio em sua mão direita, distraído-se com ele, o que causou um enorme desconforto em Hermes.

De sua posição privilegiada, Gaia segurou uma gargalhada profunda ao ver o Mensageiro dos Deuses tão nervoso. Zeus poderia disparar sua potente artilharia a qualquer instante e reduzir Hermes a cinzas chamuscadas. O que provocaria mais do que mera consternação entre os deuses Olímpianos.

– Eu o matei. Eu o matei com a Lâmina do Olimpo – exclamou Zeus. – Como você soube disso? Qual foi o deus que o enviou, Hermes, com essa mensagem, só para me provocar?

– Eu... deus nenhum, meu pai – disse Hermes. – Eu me deparei com essa informação por acaso e julguei que o senhor deveria ser o primeiro a saber. Se o senhor preferir, eu posso dizer a outro.

– Você estava flutuando ao léu como sempre faz e simplesmente viu, por acaso, Kratos libertando Prometeu? Quanta coincidência.

– Por favor, Pai dos Céus, essa é verdade. Eu não faço ideia de como fui parar próximo à caverna de Tifeu, mas eu estava lá – os olhos de Hermes estavam exaustos e confusos.

Pois deveria saber, Gaia pensou. *As Moiras decretaram que ele estivesse lá quando Kratos libertasse Prometeu.* Ela inspirou o ar, erguendo cordilheiras. Quando suspirou, rios se formaram entre os vales e continentes mudaram de lugar. Gaia sonhava com o triunfo de Kratos, mas agora havia bem mais do que mera esperança. Diversas possibilidades tomavam forma.

– Ele não tinha como libertar Prometeu – Zeus disse. – Eu o prendi com todo o cuidado – ele se sentou em seu trono, com os braços cruzados sobre seu

peito maciço. Ele jogou a cabeça para tirar a barba de seus braços, ondulando seus longos cabelos brancos.

– Ele utilizou o Arco de Tifeu para romper...

– Ele arrancou o arco do olho de Tifeu? – Zeus o interrompeu. O Pai dos Céus se inclinou para frente, suas mãos agarradas aos braços de seu poderoso trono, que rangeu com seu peso quando ele ameaçou ficar em pé. – Impossível!

– Nem tão impossível, ao que tudo indica. Ele utilizou o arco para romper as correntes que prendiam Prometeu, e depois...

– As correntes não eram tudo o que o prendiam – Zeus o interrompeu novamente. – A águia que vinculei a ele por meio de um feitiço irá segui-lo, não importa aonde ele vá – o Rei do Olimpo parecia estar mais contente, até que Hermes abriu de novo a boca.

– Se o senhor me deixasse terminar, querido pai, saberia que Prometeu caiu nas Chamas da Perdição.

– Como ele se atreve a libertar o Ladrão do Fogo de seu tormento!

– A questão é: como ele conseguiu um Pégaso para cavalgar até Prometeu? Não havia nenhum em Rodes.

– Ele recebeu a ajuda de alguém no Olimpo – Zeus se enfureceu.

Gaia apreciou a paranoia que tomava conta de Zeus. Ele culparia outros habitantes do Monte Olimpo e nunca saberia que fora ela quem forneceu o corcel alado a Kratos.

Zeus devaneava enlouquecidamente.

– Quem, Hermes, quem no Olimpo lhe deu o Pégaso?

– Eu não saberia dizer. Ninguém mencionou tal artimanha em minha presença.

– Você está mentindo. Você sabe quem foi! Por que você se recusa a me dizer?

– Eu falo apenas das coisas que testemunho com meus próprios olhos – protestou Hermes com os nervos à flor da pele. – Eu juro, Pai, eu teria lhe dito!

– Silêncio! – Zeus abriu a mão e soltou o raio. Ele trovoou e então explodiu, lançando Hermes ao vento, de cabeça para baixo. – Eu não vou tolerar suas mentiras.

– É meu dever juramentado dizer apenas a verdade ao entregar uma mensagem oficial – disse Hermes, contorcendo-se no ar para recobrar a compostura. – Embora nenhum outro deus ou deusa tenha confiado esta mensagem a mim, eu atesto sua veracidade.

– Não pode ser – disse Zeus, e pôs-se a refletir, sorumbático.

– O senhor tem razão, meu Rei. Não pode, mesmo.

Em um pulo, Zeus ficou de pé, para ver melhor quem chegava.

– Íris, o que você está dizendo? – Hermes exclamou. – Eu só digo a verdade a meu pai. Eu não ousaria mentir.

– Mas você está mentindo, Hermes – Íris disse. Indo em direção a eles, cada passo formava um arco-íris incandescente no piso de mármore. – Você pensa em ascender ao trono e substituir nosso senhor Zeus!

– Eu... nunca! – Hermes caiu no chão, curvando-se aos pés de Zeus. – Eu sou totalmente leal.

Gaia assistia a tudo com cuidado. Os deuses lutavam entre si!

– Prometeu não foi libertado por Kratos, e o senhor não corre perigo algum, Zeus.

– Por que você está dizendo isso, Íris? É errado! – Hermes não conseguiu controlar suas sandálias aladas e saiu flutuando até que um raio de Zeus o forçou de volta a uma postura mais subserviente na base do trono.

– Por que você está enchendo os ouvidos de nosso Senhor Zeus com tamanhas baboseiras? Você acha que pode enganá-lo para, então, me substituir?

– Não!

– Silêncio! – Zeus berrou. Ele se voltou para Íris. – O que aconteceu?

Íris passou a desenrolar uma história que em nada condizia com a realidade. Gaia estremeceu de prazer, então logo voltou a si, quando se deu conta de que Íris não havia pensado em substituir Hermes como o Mensageiro dos Deuses por conta própria. Por outro lado, nenhuma aliança com deus algum era possível. Gaia pensou profundamente sobre isso e percebeu que Kratos nunca enfrentara um inimigo tão perigoso.

As Moiras estão se intrometendo de novo. O que estariam maquinando desta vez? Por que remendar a sorte de Íris para causar discórdia no Olimpo? Estariam tentando deter a ascensão dos Titãs ao poder?

– Veja bem, Pai dos Céus – Íris continuou –, Kratos foi neutralizado pelas Moiras. Assim que soube disso, vim informá-lo – ela olhou de esguelha para Hermes, sentindo prazer em ver o deus se contorcendo com as mentiras dela.

– Meus poderes não estão sendo desafiados, então – Zeus disse, quando Íris terminou. Ele encarou Hermes. Lentamente, ele ergueu o braço direito e apontou. – Eu o condeno ao exílio na terra! Até que eu decida em contrário, você não entrará mais no Olimpo, como prova de minha ira! – Zeus descarregou outro raio que explodiu acima, provocando uma chuva de mármore esfarelado e gesso, ao abrir no teto uma vista para o céu.

Hermes começou a falar, mas logo se calou, sabendo que nada do que ele dissesse seria capaz de mudar a decisão de Zeus. Em vez disso, ele simplesmente baixou a cabeça ao se retirar da sala do trono. Prontamente, ele voou do Olimpo rumo ao mundo encardido e insignificante dos mortais.

Gaia observou o Mensageiro dos Deuses – o *antigo* mensageiro – partir em desgraça, ciente de que ele poderia muito bem se opor tanto a Íris quanto a Zeus por conta daquele desterro. Quanto mais confusão perambulasse pelos corredores do Olimpo, mais fácil se tornaria sua tarefa, mas preocupou-lhe o fato de não ser a única tentando semear o caos entre os deuses.

Capítulo dezoito

Seis dias. Kratos estava montado às costas do Pégaso por seis dias enquanto voavam em direção ao fim do mundo e à Ilha da Criação. O cavalo voador parecia incansável após ter sido aprisionado por Tifeu, mas Kratos estava cada vez mais fraco pela falta de comida e água. Quando era o Deus da Guerra, ele não precisava de um sustento constante, mas Zeus havia roubado tal aptidão junto com o resto de seus poderes divinos. Uma vez ou outra, o Pégaso dava rasantes sobre alguma ilha isolada, para que Kratos pudesse coletar um pouco d'água, mas o cavalo estava sendo tão determinado quanto seu cavaleiro.

As longas horas e um mar sem fim fluindo abaixo deram tempo suficiente para que Kratos analisasse como ele se sobressairia a Zeus. O Rei dos Deuses buscava adulação, adoração, total obediência – e o que ele deu em troca? Traição. Traição que deveria ser respondida à altura.

Durante o breve período como Deus da Guerra, Kratos havia recompensado aqueles que o adoraram. Esparta havia enviado exércitos sob o comando dele por toda parte e estava conquistando o mundo, despojando tropas inimigas e distribuindo os espólios de volta à população para que esla ficasse ainda mais forte. Ele lutou ao lado de guerreiros robustos e buscou consolo na batalha. Ele teria encontrado, caso Zeus não tivesse sugado seus poderes divinos para dentro da Lâmina do Olimpo e a usado para massacrar todo o exército espartano.

Toda vez que Kratos se lembrava da carnificina que Zeus havia provocado, ele odiava o Rei dos Deuses ainda mais. O destino de um soldado era morrer bravamente, em batalha, em nome da cidade-estado, mas nenhum dos espartanos em Rodes teve chance alguma contra um deus. O que deixou Kratos ainda mais furioso foi o fato de Zeus ter usado seu próprio poder para trucidar seu próprio exército.

Kratos tinha mais esse remorso lhe ulcerando a alma, saber que sua energia e seus poderes divinos haviam sido responsáveis por tantas baixas entre seus soldados. Por conta disso e de muito mais, Zeus teria de ser trazido à justiça – para receber a vingança de Kratos.

O Pégaso soltou um alto resfôlego que focou a atenção de Kratos no caminho à frente. O horizonte estava limpo, mas logo Kratos viu crescer uma mancha ao longe. Grifos varriam o céu em sua direção, grasnando feito águias, com as garras arranhando o vento como se fosse seu próprio ventre. Ele contou cinco deles, mas poderiam estar em maior número, arrebanhando-se em algum canto da grande ilha a perder de vista. A Ilha da Criação. Um pouco além da ilha, estava o fim do mundo, com oceanos despencando por todos os lados, caindo no esquecimento.

Ele, enfim, havia chegado. Era hora de abrir caminho rumo às Moiras e saciar sua sede de vingança contra Zeus.

Assim que os grifos se aproximaram, Kratos sacou o Arco de Tifeu. O arco quase se partiu ao meio quando ele puxou a corda e lançou uma flecha ao vento, distorcendo os raios luminosos do Sol enquanto voava como uma miragem para, enfim, extinguir-se contra o peito do grifo que liderava o rebanho. A criatura soltou um grasnido, revirou de costas e depois caiu de cabeça rumo ao mar bem abaixo.

Ele não esperava que os outros atacantes se dissuassem pela morte, mesmo de seu líder. Dois grifos avançaram, um de cada lado, para abatê-lo em conjunto. O Arco de Tifeu cantarolava enquanto ele disparava uma flecha após a outra. Um dos grifos, mais ágil do que os outros, girou sua cabeça e abocanhou um dos dardos de gelo. O bico de águia esmagou a flecha, mas o grifo havia subestimado o poder do arco. A flecha se partiu em um milhão de estilhaços, cada qual se transformando em uma flecha menor. O grifo gorgolejou e espirrou sangue pelas narinas e pelo bico, enquanto os pequenos mísseis seguiram sua trajetória. Milhares de projéteis minúsculos perfuraram a criatura.

Kratos concentrou o ataque em outra direção e acertou um dos oponentes no olho. Antes que ele pudesse disparar o Arco de Tifeu sobre o grifo que restava, este avançou, chocando-se violentamente contra uma das asas do Pégaso. Chumaços de penas em chamas iam se alastrando conforme o Pégaso seguia em direção à Ilha da Criação, mas o grifo se recusou a ceder.

Kratos disparava uma flecha atrás da outra, mas o monstro voador era esperto – e sortudo. Dando piruetas, ele conseguiu desviar dos disparos. Usando seus joelhos, Kratos forçou o Pégaso a virar, para que pudesse saltar e mergulhar pelos ares. Ao passar pelo grifo, que tentava arrancar fora uma das asas do cavalo, Kratos estendeu os braços e agarrou ele próprio uma asa.

O grifo soltou o Pégaso e desabou, Kratos pendurado nele e sendo balançado de um lado para o outro. Kratos rangeu seus dentes e escalou a asa até alcançar o enorme corpo do grifo. Estocadas repetidas e ligeiras onde a asa se prendia ao corpo de seis metros de comprimento invalidaram o prolongamento do animal, deixando o caminho livre rumo às costas largas do grifo. Ele agarrou a asa e a arrancou com toda a sua força.

Incapaz de voar, o grifo passou a cair e Kratos foi arremessado pelos ares. Ele estava a poucos metros do chão, quando o Pégaso deu um rasante por entre suas pernas e, novamente, eles voaram rumo à ilha, que já não estava mais no horizonte, mas bem abaixo deles. A batalha aérea não o impediu de se aproximar da Ilha da Criação, no fim das contas. Pelo contrário, acabou fazendo com que ele chegasse perto o bastante para caçar uma pista de pouso.

Antes que ele pudesse encontrar um lugar adequado, o Pégaso bateu suas asas com força e disparou para cima feito um foguete.

– Não, vá para baixo! – Kratos protestou. Então, viu um novo defensor dos ares.

Uma mancha lilás esverdeada cruzou o céu e, então, o grifo chegou perto o suficiente para revelar maiores detalhes sobre quem o cavalgava. O cavaleiro usava um elmo emplumado de combate que escondia seu rosto, uma armadura pesada, e grevas que reluziam um clarão, como se fossem feitas de ouro maciço. Em seu cinto, penduravam-se um machado, de um lado, e uma lança curta, do outro. Kratos voou ainda mais veloz em sua direção.

Ao abater-se sobre Kratos, o cavaleiro ergueu o machado.

E, então, o grifo passou tinindo, dando a Kratos uma ideia de quem seria seu adversário.

A determinação de Kratos aumentou, conforme ele fez o Pégaso rodopiar pelos ares. Ele vira seu oponente dias atrás, antes de invadir a Gruta do Titã. Até então, ele não passava de um pontinho minúsculo ao longe, que evitara o combate. Quão temível podia ser um soldado que foge à luta?

– Seja cauteloso, Kratos – a voz de Gaia chegou a seus ouvidos. – Esse guerreiro é o capataz das Moiras, que foi invocado do além. Elas não o enviariam à toa para cumprir um ordenamento qualquer, não quando elas podem controlar o destino.

– Qual é a arma dele? – muito embora a lâmina do machado cintilasse afiada e letal sob os raios do Sol, Kratos instintivamente soube que a verdadeira arma era a lança curta, presa no cinto do guerreiro. Havia uma aura de poder, um poder letal, pairando sobre ela.

– A Lança do Destino – Gaia disse. – É melhor temê-la, Kratos. Não deixe que ela o toque!

– Ela não pode me deter!

– Ele é um inimigo mais perigoso do que você supõe, Kratos. O Guerreiro do Destino pode impedi-lo de alcançar a ilha e o palácio das Moiras. Você não gostaria nem um pouco de morrer pelas mãos dele, sua alma seria confiscada por toda a eternidade!

Kratos mal escutou Gaia, tão concentrado estava no Guerreiro do Destino, voando direto em sua direção. Da primeira vez que viu o guerreiro, transbordou confiança. Dessa vez, levou a sério a advertência de Gaia sobre a lança, já que pôde sentir seu poder mesmo àquela distância.

Se seu encontro com Zeus lhe ensinara alguma coisa, era ter cuidado com armas misteriosas.

O lampejo de suas lâminas cortou o vento. As espadas se interligaram sobre o machado e tesouraram um pedaço do capacete, escarpando o guerreiro e expondo a carne cor de cobre corroída no rombo em seu couro cabeludo. Logo em seguida, passaram zunindo um pelo outro, mas Kratos conduziu o Pégaso em uma curva mais fechada e atacou o grifo do Guerreiro por baixo. Ele levou os olhos ao ventre curtido do animal, lilás e verde, de onde penas flutuavam leves rumo às ancas fulvas da enorme criatura. O Guerreiro do Destino o procurou, mas não descobriu onde Kratos se escondera.

Não demorou para que ele o encontrasse. Kratos se estirou e apunhalou de baixo para cima com suas duas espadas, estripando o grifo, que insurgiu sobre ele, obscurecendo o céu com todo aquele volume. Um banho de sangue se esparramou em seus olhos, tirando sua visão. O Pégaso interrompeu o ataque e se afastou, em uma guinada.

Kratos limpou o sangue do grifo com seu braço, tomando cuidado para não se machucar com o bracelete formado pela corrente fundida em seu antebraço. O vento passou açoitando seus olhos, que se encheram d'água, o que ajudou a remover o sangue. Quando Kratos enfim conseguiu enxergar novamente, o Guerreiro do Destino já havia se restabelecido e, apesar dos graves ferimentos de sua montaria, voava logo atrás dele. O Pégaso imediatamente se lançou abaixo em uma espiral fechada.

Enquanto rodopiavam, Kratos via seu objetivo passar por ele a cada segundo. A Ilha da Criação!

Ele, porém, nunca a alcançaria sem primeiro despachar o Guerreiro do Destino. Foi quando percebeu a tática do Pégaso. Rompendo em espiral, ele faria com que o Guerreiro atacasse em linha reta, em vez de segui-los ao longo da interminável curva pelos ares.

O mar estava revoltado, alertando Kratos sobre a necessidade de a tática surtir efeito o quanto antes, caso contrário, logo se encontrariam nos domínios de Poseidon.

Ele agarrou a crina do cavalo, inclinou-se para frente e, então, conduziu o Pégaso para fora da espiral. Uma dor aguda perpassou seu ombro esquerdo quando o Guerreiro passou zunindo, seu machado fatiando o vento, mas Kratos se desviou com sucesso do mergulho, e o Pégaso lutou bravamente para subir mais uma vez.

O Guerreiro o acompanhou um pouco mais devagar.

A cada movimento, Kratos descobria novas vulnerabilidades em seu

adversário. As feridas abertas no grifo o tornaram mais lento e impediam que a fera escalasse o vento com toda a sua força. Mas a deslumbrante Lança do Destino presa no cinturão em volta dos quadris do Guerreiro era a advertência agourenta de uma morte iminente, caso Kratos se acomodasse por um instante sequer. Das profundezas cristalinas da lança, minúsculas partículas bailavam para formar todas as cores do arco-íris, algumas se unindo em partículas maiores, apenas para explodirem. O guerreiro tinha seus motivos para ainda não ter usado a arma, e Kratos os conhecia bem. Arremessá-la e errar o alvo significaria o desperdício de uma potente artilharia. Tanto melhor se valer do machado até que tivesse a chance de uma estocada certa com a lança.

O grifo estabilizou seu voo; Kratos aproveitou a oportunidade. O Pégaso voou ainda mais rápido, demonstrando maior manobrabilidade do que o grifo, e Kratos teve de agir em uma fração de segundo. Ele juntou seus pés e se impulsionou com força, lançando-se ao alto.

Agarrou, então, o traseiro leonino do grifo e escalou seu caminho até as costas largas da fera. Três metros à frente de Kratos, montado ao dorso da criatura, o Guerreiro do Destino se virou, vislumbrou o perigo e arremessou de qualquer jeito o machado sobre seus ombros. Kratos se esquivou sem dificuldade enquanto avançava sobre as costas do grifo, com as espadas a sua frente. O Guerreiro ficou de pé tão somente a tempo de levar uma estocada profunda em seu peito. Ele cambaleou para trás, segurando o ferimento de onde jorrava um sangue esverdeado.

Kratos não perdeu tempo e avigorou seu ataque contra o guerreiro ferido, que se esforçou para sustentar o peso de sua armadura sobre seus pés, enquanto o grifo pinoteava. Kratos bloqueou um ataque apático com suas espadas e, em uma nova investida, o metal abrasador encontrou seu ancoradouro no braço esquerdo do Guerreiro. Sentindo a fraqueza de seu adversário, Kratos insurgiu sobre ele para liquidá-lo.

O Guerreiro do Destino era mais forte do que aparentava ser e os dois se engalfinharam, medindo forças, até que o guerreiro jogou a perna e passou uma rasteira em Kratos. Os dois despencavam, o guerreiro por cima de Kratos, que caía de costas e, então, vislumbrou o verdadeiro perigo. A Lança do Destino, de alguma forma, fluiu do cinturão para a mão do guerreiro.

Ele segurou a lança de maneira que o Fantasma de Esparta vislumbrasse seus mínimos detalhes. Era uma lança curta de arremesso, mas a ponta chiava de eletricidade. Observar a ponta afiada confundiu seus sentidos, e ele tonteou. Voltou os olhos ao cabo de ébano, a forma como o poder fluía em torno da lança e pelo braço do Guerreiro.

– Hora de morrer – o Guerreiro do Destino disse, retumbante. Com toda a sua maestria na arte de guerrear, segurou a Lança do Destino com delicadeza,

como se temesse usá-la – ou estivesse com medo de sua própria arma.

Kratos suspendeu o pé e atirou o calcanhar com força sobre as costas do grifo. Em troca, recebeu uma súbita guinada pelos ares. Ele tinha certeza de que a fera havia sido gravemente ferida no primeiro ataque e então voava com extrema dificuldade. A mudança repentina na rota da criatura derrubou o Guerreiro de sua montaria, abrindo caminho para que Kratos o tomasse de assalto e tentasse imobilizá-lo.

O voo instável do colorido grifo, que permitira a virada de mesa pouco antes, então colocou Kratos outra vez em desvantagem. O grifo vacilou e despencou em um mergulho em linha reta, forçando Kratos a concentrar seus esforços no pulso do Guerreiro para evitar um golpe ligeiro com a lança. Apesar de estar ferido, o Guerreiro teve força suficiente para baixar lentamente a lança em direção ao rosto de Kratos.

Kratos chutou novamente com o calcanhar e fez o grifo desviar de seu rumo. Com um tremendo surto de potência, forçou a arma para trás e torceu com vigor o pulso suntuoso que a segurava. O Guerreiro uivou de dor e soltou a Lança do Destino.

Kratos agarrou a arma e investiu com ela. O Guerreiro caiu para trás, tentando manter o equilíbrio, e, então, desabou contra o mar bem abaixo.

– Que Poseidon o tome – Kratos rosnou.

Ele segurou a Lança do Destino e a sentiu estremecer. Logo em seguida, reagiu instintivamente quando o grifo torceu seu pescoço para abocanhá-lo. Ele perpassou a lança pelo pescoço da criatura voadora. O grifo entrou em convulsão, lançando Kratos pelo vento.

Ele observou o grifo, com a lança empalada em sua garganta plumosa, espatifar-se contra um terraço bem na beirada da ilha. Então, ele se deu conta de que também mergulhava rumo à morte, uma vez que o Pégaso se perdera de sua vista e, dessa vez, não providenciaria um resgate aéreo. Ele soltou um alto e prolongado grito de guerra, empunhou as duas espadas e virou de ponta-cabeça para despencar em direção à Ilha da Criação.

Capítulo dezenove

– OPanteão não pode ficar desfalcado – Zeus disse, afagando a barba.

– O senhor é sábio, Pai dos Céus – Íris disse. – Os mortais acabariam se questionando sobre os motivos de tanta indecisão no Olimpo, caso o senhor não escolha logo um novo Deus da Guerra.

– O que não falta lá embaixo é guerra – Zeus disse, esboçando um sorriso. O que era para ter sido uma risada logo morreu. Ele ergueu os olhos em direção a Atena, prostrada em silêncio diante do trono, depois fitou Íris, à direita dele. Em qual das duas podia confiar? Atena era a Deusa Guerreira, mas ela havia tomado o partido de Kratos para destronar Ares. Com a aprovação e a ajuda dele, sim, mas antes ela o manipulara. Não fosse por isso, o resultado com Kratos não teria sido tão desastroso.

– Mas os mortais precisam de uma figura divina a quem possam adorar – além do senhor, todo-poderoso Zeus.

– Sim, você tem razão, Íris. Um novo Deus da Guerra é necessário, mas qual deus iria renunciar seu atual posto para sentar-se no trono que até pouco tempo atrás era ocupado por Ares e Kratos?

– Eu posso espalhar a mensagem para o senhor – disse Íris. – Permita-me correr por todos os cantos do mundo, por cada fresta no Olimpo, pelo Submundo e pelas profundezas dos domínios de Poseidon – por todo lugar! – e proclamar um concurso para a escolha de um novo Deus da Guerra.

– Um concurso? – Zeus franziu a testa. – Qual seria a necessidade de um concurso, se sou eu quem tomaria a decisão final?

– É de seu interesse que o concurso dê a *impressão* de estar aberto a todos, mas é claro que seria o *senhor* quem decidiria. Afinal, quem é o mais sábio dos sábios no Olimpo? – Íris se aproximou ainda mais e sussurrou – O senhor pode se aproveitar da ocasião para ver quem é leal e quem não é... tão leal assim.

– O que você quer dizer com isso? Quem é desleal aqui? – um raio se formou em sua mão. – Quero nomes, diga-me e eu irei atropelá-los!

Íris olhou discretamente por cima do ombro em direção a Atena e, em seguida, disse:

– Seu decreto ainda está valendo, Senhor de Todo o Céu e Toda a Terra. Nenhum deus pode matar outro. O senhor não deve fugir à regra.

– Por que não? Eu sou o rei. Posso fazer o que bem entender!

– O senhor é o mais poderoso dos poderosos, mas não pode se voltar contra todos os deuses. Muitos planos e artimanhas contra o senhor correm soltos no Olimpo, neste exato momento em que conversamos.

– Quero nomes! Eu ordeno, Íris. Você é minha Mensageira dos Deuses. *Minha!*

– Não sou como Hermes – ela disse, curvando-se aos pés de Zeus e lançando migalhas cintilantes de arco-íris rumo à base do trono. – Dói muito fazer tamanha revelação, uma vez que não me apetece falar mal de outro deus, mas Hermes é conhecido à boca miúda por divulgar o conteúdo de suas mensagens para os outros, às vezes por inimizade, mas tantas outras por puro despeito. Dever e honra são os vínculos de meu trabalho, tão certo como o amor e o respeito me vinculam ao senhor, Zeus. Qualquer missiva que me for confiada será entregue... e ficará restrita a seus olhos e ouvidos.

– Conte-me tudo – ele disse, com os olhos fixos em Atena. Íris se emparelhou ainda mais perto dele e sussurrou para que apenas Zeus pudesse escutar.

– O senhor é sábio, Pai dos Céus. O senhor conhece a resposta. Não há razão alguma para que eu quebre meu juramento mais sagrado.

– Não, você está certa, Íris. Nenhuma razão – ele encarou Atena com um olhar furioso. – Especialmente quando eu mesmo posso imaginar quem deve estar espalhando mentiras a meu respeito e aspirando a meu trono.

– Ninguém jamais sentará em seu trono, nesta câmara, além do senhor, meu rei – disse Íris.

Atena avançou e parou sobre a plataforma do trono. Ela levou as mãos a seus quadris deslumbrantes e encarou seu pai com os olhos enfiados. Zeus se perguntou se ela havia conspirado alguma coisa contra ele ou se toalmente pensara que poderia depô-lo do trono sozinha.

Como ele nada falava, Atena pediu sua permissão:

– Meu pai, permita aproximar-me de seu trono.

– Você está perto o suficiente.

– Pois bem. Eu lhe rogo que Kratos seja poupado. Restabeleça-o em seu posto como Deus da Guerra. Apesar de abominar o tumulto que ele causou enquanto deus, o vazio naquele trono é muito pior. Para o bem do Olimpo, em nome da paz entre todos os deuses, restabeleça-o.

Zeus se abaixou e pegou a Lâmina do Olimpo. Ele a ergueu contra o vento,

como se esfaqueasse o próprio céu.

– Ele permitiu que seus poderes divinos fossem sugados pela lâmina. Ele teve a chance de me servir, de servir ao Olimpo, mas ele ofereceu apenas insolência e insultos quando eu lhe estendi a mão.

– Ele é um homem orgulhoso.

– Orgulhoso? Atena, você o chama de um homem orgulhoso. Ele era um deus arrogante! Eu não podia mais tolerar. Ele se recusou a dobrar os joelhos diante de mim, o Rei do Olimpo!

– Por isso, você o matou e estabeleceu um projeto particular sobre o qual nada sabemos. Ele escapou do Submundo. Como ele conseguiu, pela segunda vez? Kratos é um homem astuto e o maior entre os guerreiros, mas ele foi auxiliado em sua fuga para longe de Hades.

– O que você está dizendo, Atena? – intimou Íris. – Que Kratos é mais bravo e habilidoso do que Zeus? Nunca! – Íris fitou Zeus, que não escutou os elogios. Ele estava focado demais em Atena.

– Você zomba de mim, filha. Você me ridiculariza, menospreza minha inteligência.

– Penso tão somente no Olimpo, Pai – Atena disse. – Desde que Ares morreu, as coisas andam um tanto confusas. Cabe ao senhor estabelecer a ordem.

– E fazer com que Kratos retorne ao trono de Deus da Guerra ajudaria em algo?

– Sim, ajudaria – Atena disse.

– Eu suponho que você queira o perdão ao banimento de Hermes, também – Íris interveio.

– Fique quieta – Zeus rosnou.

– Não foi por mal, todo-poderoso Zeus – disse Íris, recolhendo-se a sua insignificância. Apesar do tom constrito, Íris fixou seu olhar em Atena, fechando o cenho.

– Onde está Kratos? Eu irei destruí-lo – outra vez! – Zeus ficou de pé e lançou um raio, que explodiu sobre a cabeça de Atena.

Íris se pôs ao lado de Zeus e disse:

– O senhor não precisa confiar nela para obter informações, Lorde Zeus. Sua mensageira fiel pode lhe contar tudo. Kratos buscou refúgio na Ilha da Criação e pereceu de maneira insensata.

– O quê? – Atena deu dois passos trono acima sem que percebesse. – Kratos não pode estar morto!

– E se essa for minha vontade, filha? E se seu rei, o todo poderoso Zeus, o retumbante Rei do Olimpo, tiver decretado isso? Você iria contra meus anseios?

– Não, Pai, é claro que não. Tudo o que importa é o Olimpo – Atena se afastou, virou as costas e se retirou da câmara de audiência.

Zeus se voltou a Íris.

– Se você estiver mentindo para mim, a sorte de Hermes não será nada perto da sua.

– Kratos está morto – Íris disse, convicta de suas palavras.

Zeus afundou de volta em seu trono e sorriu.

– Bom saber. Agora, o Olimpo está enfim a salvo.

Capítulo vinte

Kratos despencou de cabeça a uma grande altura, com espadas flamejantes em punho enquanto acelerava para baixo, rumo a sua morte. A possibilidade de morrer, depois de tudo pelo que havia passado, deixou-o furioso. Ele rugiu desafiando sua sorte. Se ele morresse ali, Zeus ganharia. Os deuses do Olimpo continuariam a governar, e as mortes de tantos espartanos corajosos em Rodes teriam sido em vão.

O vento cortava seu rosto e afastava seus braços do corpo. Ele juntou as duas espadas na frente de seu rosto e sentiu um solavanco que o revirou, de modo que seus pés se voltassem rumo ao chão, que ficava cada vez mais perto. Kratos rodopiou e viu que podia manobrar seus movimentos apenas o suficiente para levá-lo até uma construção à beira da Ilha da Criação. Ele se deu conta, então, de que não morreria. Não ali. Não naquela ocasião.

Ele cerrou os punhos e jurou em silêncio:

– Você morrerá pelas minhas mãos, Zeus. Eu prometo!

A promessa saiu com facilidade, mas negar a Hades outro habitante no Submundo foi um pouco mais difícil. Kratos continuou a despencar em direção à ilha e ao palácio que se equilibrava na beira do penhasco. Os terraços se aproximavam cada vez mais rápido e, então, Kratos girou suas lâminas para retalhar um rochedo. Faíscas deixaram um rastro atrás dele e a poeira explodiu dos sulcos profundos que ele escavara. Sua velocidade diminuiu e ele enfim se desgarrou da rocha, novamente desabando solto ao vento, mas seus reflexos eram soberbos. Em vez de prolongar sua queda livre, ele lançou uma das espadas para cima e fisgou uma saliência rochosa, bem no beiral da plataforma. Assim que sua queda estancou, deixando seu braço dolorido por conta da súbita freada, ele desferiu uma nova estocada por cima de sua cabeça com a outra lâmina.

Por alguns instantes, ele reuniu forças para, então, abrir caminho rumo à laje rochosa acima dele, até chegar a outra beirada. De lá, levou apenas alguns segundos para subir até o terraço. Kratos deu um giro para cima e, então, congelou.

A uma grande distância, ele ouviu um sussurro, que foi ficando mais alto a cada instante. Então, Gaia falou.

– Kratos, eis a Ilha da Criação, lar das Moiras. Aqui, inicia-se o caminho rumo a seu verdadeiro destino.

Kratos ouviu os passos sincronizados de pés marchando em sua direção. Ele encolheu os ombros e firmou os cabos das espadas em seus punhos, assim que duas sentinelas surgiram em uma curva por trás da construção. Armados com machados de dois gumes e vestindo armaduras brilhantes sobre librés de

carmesim, avançaram com desprezo. Kratos duvidou que fossem convocados para enfrentar guerreiros de verdade. Seus elmos ostentavam plumas eriçadas; suas grevas estavam impecáveis e as vedações de suas armaduras, imaculadas de quaisquer tribulações corriqueiras de um combate.

Kratos partiu na direção deles, suas lâminas refletindo a luz do Sol. Ele matou um soldado antes que a outra sentinela percebesse que estava sendo atacada. Os poucos segundos que levou para despachar o primeiro deram a chance ao segundo de se defender. Kratos corrigiu a postura, olhou o inimigo de cima a baixo e o enviou com uma única estocada. Estalou o sangue das pontas dos dedos após passá-los pelas Lâminas de Atena, limpando-as.

– Como você pode ver, a ilha é cheia de perigos – Gaia continuou. – Ela foi criada para impedir que toda e qualquer pessoa alcançasse as três Irmãs do Destino.

– O que devo fazer quando encontrá-las? Como isso me ajudará a derrotar Zeus? – ele inquiriu.

– O poder das Moiras lhe permitirá voltar ao momento em que Zeus o traiu e o matou, Kratos, alterando assim sua sorte... e a sorte de outros.

Ele começou a perguntar, *Quais outros* – mas que diferença fazia, desde que sua busca por vingança contra Zeus e os outros deuses do Olimpo fosse concluída? Seu caminho estava livre. Ele havia aterrissado no palácio e, então, deveria encontrar um jeito de chegar às Moiras. Com passos certos e bastante decidido, Kratos passou a explorar o local.

Ele dobrou uma esquina, esperando encontrar mais soldados. Nada em volta. Parecia não haver outra saída daquele terraço a não ser subir por uma escada de mão. Kratos não perdeu tempo e disparou para cima. Sabia que, quanto mais ele escalasse, mais perto chegaria da mais alta torre do palácio, onde provavelmente seria o covil das Moiras. Chegando ao topo da escada, ele saltou para um terraço rochoso mais amplo do que o outro abaixo, onde havia deixado as sentinelas mortas. Vedando a câmara, havia uma pesada porta de pedra maciça, que ele não seria capaz de derrubar valendo-se apenas da força bruta.

Franzindo a testa, ele analisou em volta e encontrou um pedal próximo a uma alavanca, que deslizava sobre um longo trilho. Pisando sobre o pedal, provocou o atrito de uma pedra contra outra. Atrás do portão rochoso recém-aberto, um gradeamento de aço bloqueava o caminho. Ele tirou o pé do pedal e puxou a alavanca. A grade de metal se abriu. No instante em que ele deu um passo adiante, o portão rochoso se fechou a sua frente, antes que ele pudesse alcançá-lo.

Kratos franziu novamente a testa ao ponderar sobre o que estava diante dele. A força bruta não seria mesmo o bastante. Testou o que lhe pareceu óbvio e concluiu que as molas do pedal subiam quando o peso sobre ele era removido. Olhando em volta, caçou algo para fazer pressão sobre o pedal, enquanto ele puxasse a alavanca. Para que seu caminho estivesse livre, ele precisaria de algo além do que tinha em mãos. Deixando a câmara, desceu a escada, pegou um dos cadáveres e subiu de volta com ele em suas costas. Grunhindo, atirou o corpo da sentinela sobre o pedal. Com o peso do defunto, o denso portão de pedra se abriu. Ele puxou a alavanca, deslizando-a por todo o trilho.

No instante em que o soltou, o gradeamento de aço passou a se fechar, deslizando. Com o reflexo desenvolvido em batalha, Kratos saiu correndo em direção à porta, após puxar novamente a alavanca para trás o máximo que pôde. Com a grade arriando tão depressa, ele foi obrigado a dar uma cambalhota para que conseguisse cruzá-la. As barras de aço se trancaram atrás dele, assim que ele passou por uma brecha estreita que levava a outro portão.

Incapaz de voltar, mesmo se quisesse, Kratos seguiu em frente. Ele se preparou, agarrou a borda inferior do portão e aplicou toda a sua força contra ele. O som do metal retorcido se juntou ao estampido da rocha se partindo para derrubar, aos pedaços, o portão, que se revelou uma ponte levadiça.

Uma longa ponte, cujo término dava a distância de uma flecha arremessada com vigor. Kratos deu um passo à frente e mirou centenas de metros abaixo, rumo ao mar escaldante. A água agitava-se em torno da ilha, a Ilha da Criação, para cascatear pela borda do fim do mundo. Na sua frente, onde a ponte o teria levado, viu o que deveria ser a Ilha do Destino, onde as Moiras viviam. Os penhascos ao redor da ilha não podiam ser escalados a partir do oceano cristalino, robusto e pontilhado por cachoeiras que levariam à morte qualquer homem que se aventurasse próximo demais delas.

O único caminho para a ilha seria atravessar a ponte, que simplesmente já não existia mais. Kratos regulava o passo enquanto estudava as possibilidades de atravessar o abismo. Passou, então, a julgar quais eram as chances de cruzar o estreito entre as ilhas ou de encontrar o Pégaso e voar ao outro lado. Aonde ele fora após sua batalha aérea com o Guerreiro do Destino, não sabia dizer, mas vinha se enfraquecendo cada vez mais durante a batalha. Ele não poderia voar, portanto, nem atravessar de qualquer outra forma. Retroceder era impossível, uma vez que o caminho de volta fora bloqueado. A frustração tomou conta dele ao perceber que alcançar as Moiras estava além de sua capacidade e, assim, deveria clamar por auxílio. O que de nada adiantara quando implorou a Ares para que o ajudasse no campo de batalha, mas ele não tinha outra escolha senão se voltar a quem o havia levado àquele impasse.

Ele ergueu o rosto aos céus e exclamou:

– Por que você me ajudou antes, Gaia? Você vai me ajudar a cruzar este abismo rumo às Moiras?

– Eu o ajudei porque Zeus deve ser detido, Kratos. Essa história de vingança já foi contada antes.

Kratos mirou a Ilha do Destino e sentiu uma fúria latente, que nunca seria extinta até que o Pai dos Céus realmente morresse.

– Existem muitas histórias de vingança, Gaia – ele disse. – Mas tenho minha própria história. Ajude-me!

– Você deve conhecer bem a do poderoso Titã Cronos – Gaia continuou, como se não o tivesse escutado.

Os músculos de Kratos enrijeceram-se quando sua mente foi arremessada para bem longe da borda despedaçada da ponte, rumo a um tempo-espaço muito além do que podia calcular. Era como se ele tivesse voltado ao Olimpo e observasse os mortais muito mais abaixo, mas a mulher carregando um bebê de fraldas era algo mais do que um mero mortal. Ela estava em meio a uma planície repleta de templos em ruínas. Três pilastras interligadas a um dintel permaneciam intactas, próximas a um altar de pedra, mas todo o resto jazia em escombros. Ela se inclinou e beijou suavemente o bebê na testa, e feixes de luz atravessaram plúmbeas nuvens, iluminando-os.

– Tão temeroso estava Cronos por conta das previsões do oráculo, de que seus próprios filhos se levantariam contra ele, que decidiu aprisioná-los todos em sua barriga.

Kratos rangeu os dentes quando viu uma águia batendo as asas em direção à planície desolada, uma águia tão parecida com aquela enviada por Zeus a Rodes que ele tentou alcançar suas espadas. Mas não conseguia se mover. Era um mero observador naquele drama, não um participante.

– Rhea estava presente e assistiu a tudo enquanto seus filhos eram devorados um a um. Quando chegou a vez de o último ser engolido, no entanto, ela não foi capaz de suportar tamanha perda novamente, e bolou um truque para salvar o bebê Zeus.

– Zeus – o nome saiu dos lábios de Kratos feito o sibilar de uma cobra.

A águia deu um rasante e arrebatou o bebê com suas garras. Rhea se afastou, com os braços caindo flacidamente sobre seus flancos. Ela mordeu o lábio inferior para não gritar, pois ao longe vinha Cronos. O imenso Titã se arrastava pesadamente em direção ao topo árido da montanha em que ela estava, vindo atrás do bebê agora escondido entre um bando de águias douradas que voavam às alturas. Aquelas poderosas aves levariam o bebê a uma ilha

muito além dos olhos espíões de Cronos.

– Fui eu – Gaia continuou – quem cuidou dele. Fui eu quem o manteve seguro.

Rhea caiu de joelhos e pegou uma grande pedra do tamanho de seu filho, logo envolvendo-a em uma manta. Um breve olhar a advertiu sobre a aproximação de Cronos às planícies. O Titã obscureceu metade do céu ao se erguer centenas de metros acima, levando suas mãos de dedos espessos na direção dela.

Rhea colocou depressa a pedra enfaixada no altar manchado de sangue e recuou. Então, observou Cronos se ajoelhar. Sua imensa mão se fechou sobre o altar e levou a pedra escondida na manta. Ele a ergueu no ar, como se contemplasse uma porção delicada da mais fina iguaria e, então, levou-a a sua gigantesca bocarra, deliciando-se.

Rhea se contorceu para não gargalhar histericamente, para não chorar, nem fazer coisa alguma, salvo encarar o imenso Titã que se elevava acima dela.

– Zeus devia ter morrido ainda criança! – Kratos bradou, mas nem Rhea nem Cronos escutaram. A visão daquele cume solitário da montanha foi desaparecendo, substituída por uma praia e seu cálido mar a perder de vista. Ondas suaves envolviam a areia, e risadas pueris saíram de dentro da escuridão da abertura de uma caverna.

Zeus, ainda jovem, em forma, a fonte da risada, emergiu da gruta.

– Eu alimentei seu desejo de libertar seus irmãos e irmãs de Cronos, mas meu ato insensato de compaixão acabaria assombrando os Titãs para sempre.

Kratos conseguia apenas observar Zeus montado às costas de Gaia. A caverna se edificava bem acima do mar, em uma montanha formada aos pés de Gaia – formada *a partir de* Gaia. Zeus, longos cabelos brancos soprando forte ao vento, vislumbrava os mistérios da criação em volta de tão alta montanha, com cachoeiras desabando por todos os lados, árvores e grama crescendo em meio às rochas. Kratos quis matá-lo novamente quando o esboço de um sorriso lhe curvou os lábios.

– Ao poupar Zeus, permitimos que ele retornasse a nosso convívio com o coração sedento de vingança. Ele traiu todos os Titãs por conta dos pecados de apenas um de nós – os pecados de seu pai, Cronos.

O cenário se esvaneceu e Kratos desmoronou, novamente diante da impossível tarefa de cruzar o abismo rumo à ilha distante. Como o conto de Gaia poderia ajudá-lo a encontrar uma saída, ele não fazia ideia. Ele se virou e voltou a analisar o gradeamento de aço, mas não conseguiu abri-lo de modo algum.

Retornando à ponte, vislumbrou uma passarela circundando a torre onde estava. Ele deu uma pisadela, testando sua resistência. Cascalhos desmoronaram com seu peso. Kratos recuou, julgou o que tinha de ser feito e disparou correndo o mais rápido que pôde.

O rochedo ruía por baixo de seus pés enquanto ele corria, cada vez mais perto de ser lançado em um tombo rumo a sua morte muito abaixo. Quando ele sentiu a passarela de pedra desaparecer sob seu calcanhar esquerdo, deu um salto poderoso e navegou pelos ares, mal triscando a rocha ainda sólida da passarela a sua frente. O som de toneladas de pedregulhos colidindo contra o mar muito abaixo advertiu-o de que não havia espaço para maiores hesitações. Seus ombros quase destroncaram, mas seus músculos aguentaram o tranco, quando ele se atirou ao alto e pousou em um terreno mais firme, a alguns centímetros de distância da beirada do precipício letal.

Kratos saltou por cima de uma mureta e se viu no meio de uma câmara oval. Torceu o nariz ao sentir um fedor repugnante.

Cérberos, cães de caça monstruosos com três cabeças e dentes tão afiados que poderiam dilacerar o braço de um homem com uma única mordida.

Antes que ele pudesse sacar suas lâminas, dois cérberos o atacaram. Eram ainda filhotes, com uma cabeça só e crinas entrançadas, mas não menos perigosos para ele. Eles se movimentavam mais rápido do que o cão adulto que se tornariam um dia e pareciam competir entre si para ver quem era o mais cruel. Kratos rodopiou, chutando um deles bem no focinho e agarrando o outro pelo musculoso pescoço, tão logo este saltou rumo a sua garganta. O filhote se debatia, e a mão apertada de Kratos passou a escorregar por causa do sangue coagulado emaranhado à crina e à garganta do animal – era tanto sangue que o filhote devia ter recentemente feito um banquete. Mas o vira-lata deixou bem claro que ainda estava com fome, pelo jeito como seus dentes afiados se fechavam para cima de Kratos, sem saber que o que havia acabado de devorar, o que quer que tenha sido, seria sua última refeição. Segurando-o com o braço esticado, deu uma única e impiedosa torção e arrancou a cabeça fora. Jogou-a de lado para se voltar ao filhote choramingão que ele havia chutado, e logo se viu cercado por três pequenos monstros mortíferos. Eriçavam suas costas ao circundar Kratos, coordenando o ataque para que todos pudessem compartilhar a carne dele.

Kratos soltou um grito de guerra, girou suas espadas em um círculo fechado em sua volta e passou a despachá-los. Decidido a matar aquele que havia chutado, não olhou para trás. Mandíbulas ferozes abocanharam seu ombro com tanta força que o levantaram do chão. Pendendo da malha de dentes, tudo o que podia ver era a cúpula sobre a câmara, então estudou o padrão das oscilações do animal, tentando prever para que lado as mandíbulas iriam jogá-lo em seguida, no intuito de rasgar sua escápula.

Quando ele entendeu como acompanhar o ritmo, deu um solavanco e forçou seu ombro ainda mais para dentro da boca do cérbero adulto, enfraquecendo-se de imediato. Era tudo o que ele precisava, contudo, para afundar o punho na cabeça do cão e conquistar sua liberdade. Ele foi jogado ao chão. Voltando os olhos ao cérbero acima dele, com três cabeças entrelaçadas, rosnando e pronto para abocanhá-lo, Kratos não fez nada. Permaneceu imóvel, de cócoras. Três pescoços independentes. Geralmente, a espinha de um filhote tinha alguns palmos de comprimento; a das criaturas que o atacavam, porém, tinha quase um metro. Qualquer uma delas poderia empalar um sujeito mais descuidado. Kratos baixou a cabeça, protegendo sua garganta, quando a criatura rugiu e lançou uma rajada de bafo fedorento contra seu rosto. Pingava saliva dos molares amarelados e quebradiços. O cérbero recuou e saltou para o nível de Kratos, saltando um uivo gutural com a intenção de acovardá-lo.

Conforme Kratos esperava, o cérbero julgou que sua presa ficaria paralisada de medo. Seu bote foi descuidado, abrindo caminho para que Kratos se agachasse embaixo da cabeça central e, assim, bloqueasse a da direita, agarrando a parte inferior do maxilar da cabeça esquerda com uma mão e enfiando os dedos da outra nos olhos arregalados do bicho. Com uma robusta chave de pescoço, ele torceu e arrancou a cabeça. O sangue quente espargiu em volta, fazendo-o escorregar. Se o cérbero não estivesse tão gravemente ferido, Kratos teria sido liquidado.

Mas a dor de perder uma cabeça intimidou o cérbero, que se deu conta de que seu adversário não era tão vulnerável quanto pensava. Rosnando, avançou. Mesmo ferido e cauteloso, ele se movimentou com uma velocidade surpreendente e desferiu a cabeça contra o queixo de Kratos, que se jogou para trás no último instante, a tempo de levar apenas uma pancada no peito, um pouco mais forte do que o soco de um soldado com o punho envolto por correntes.

Ele se recuperou e logo veio uma nova investida. O cérbero recuou sobre suas patas traseiras e cuspiu adiante uma bola de fogo. Kratos virou de lado, e o fogo mortal passou por ele. Ele girou o tronco na direção oposta para evitar uma segunda bola de fogo, mas não conseguiu se desviar do petardo, que lhe atingiu as costas em cheio, cauterizando as mordidas que o cão havia deixado em seu ombro.

Eles o cercavam com cautela, cada um dando suporte às fraquezas do outro. Kratos estava em vantagem. Ele já havia enfrentado outros cérberos antes. Mas aquele nunca havia lutado com ele. Tampouco teria uma segunda chance.

Kratos sacou as lâminas, atacando com um berro ensurdecedor, e decepou a cabeça da direita – mas não totalmente. A cabeça se debatia, gemendo, mas estava presa ao corpo apenas por sua espinha dorsal. O que acabou distraindo a cabeça do meio, a única que restava, por tempo suficiente para que Kratos se agachasse, esquivando-se de uma abocanhada certeira e cheia de dentes, e

agarrasse o animal pelo queixo.

Do mesmo jeito que havia arrancado a primeira cabeça, ele lidaria com a morte da terceira. Seus músculos intumesceram-se com o esforço. A cabeça central era mais forte do que as outras. Ele enfiou o pé no peito do cérbero para exercer uma pressão maior. Só então a cabeça foi arrancada do corpo. Era tanto sangue derramado que a cabeça escorregou de suas mãos e foi quicando pelo chão.

Ele parou em frente ao filhote que uivava, gemendo de dor, o qual Kratos julgara já estar morto.

As pernas traseiras do cérbero estavam quebradas por conta do chute que levava antes. Kratos se aproximou e fitou os olhos amarelados, cheios de puro ódio. Ele experimentou estender a mão e deixar que o cão a cheirasse. Então, chutou-o para que caísse próximo do cérbero três vezes decapitado, no centro da câmara, onde ele poderia morrer em seu próprio tempo.

Ainda ofegante, examinou o quarto.

Encontrou apenas uma saída. Se ele quisesse mesmo alcançar a Ilha do Destino, deveria seguir por ela.

Capítulo vinte e um

Contraindo cada músculo até o ponto de ruptura, Kratos empurrou o enorme bloco de pedra pela câmara, passando por cima dos corpos dos filhotes de cêrberos para deixar um rastro de sangue. Ao posicionar o bloco conforme pretendia, pulou em cima dele, agarrou-se a um parapeito e se impulsionou para cima, sobre uma passarela em torno do palácio, que ainda não havia desmoronado.

Ele caminhou de lado pela beirada até retornar à ponte em ruínas, mirando a ilha a sua frente. Tinha de haver um jeito. Ao se virar para continuar explorando o local, uma flecha passou assobiando por sua orelha.

– Lá está o intruso – exclamou um arqueiro, apontando com a ponta de outra flecha. – Tenha cuidado. Foi ele quem matou o cêrbero e seus filhotes!

Outro arqueiro se juntou ao primeiro, falando em voz baixa. Kratos não precisava escutar o que eles estavam conversando. Estava certo de que a ama deles era uma das Moiras.

– Suspendam o fogo! Esperem! – Kratos gritou. – Eu gostaria de falar com – ele não teve a chance de se prolongar. Ambos os arqueiros dispararam suas flechas. Ele espalmou uma delas e, movendo depressa a cabeça, conseguiu driblar a outra, inofensiva. Conversar com a ama daqueles guardiões seria impossível.

Ele agarrou o Arco de Tifeu, puxou a corda e disparou sem nem ao menos mirar no alvo. A rajada glacial empalou um arqueiro, ao lado do qual outros dois se preparavam para soltar seus projéteis. Kratos não lhes deu a mínima chance. Quatro disparos ligeiros enviaram duas flechas rumo a cada um, matando-os na hora.

Ele analisou o caminho que dava ao terraço de onde os arqueiros atiraram, caminho pelo qual ele poderia continuar explorando as sinuosidades do local. Os arqueiros deveriam estar guardando algo importante. Mas, se ele conseguisse se aproximar com cautela suficiente, talvez pudesse encontrar uma maneira de declarar suas intenções de uma conversa com as Moiras, desse modo não seria obrigado a lutar para abrir caminho através de um batalhão de outros guardas. Escorando-se ao lado da ponte, calculou a distância e o quão difícil seria alcançar o terraço, para, então, desembainhar as Lâminas de Atena e saltar pelos ares. As lâminas se fincaram em uma escultura de pedra em frente ao palácio. Ele seguiu se debruçando de um ponto a outro, até chegar ao parapeito e se impulsionar para cima.

Kratos esperava reação e logo a encontrou. Um soldado bem robusto gritou e atacou com um machado de lâmina curva. Em vez de usar suas espadas, Kratos calculou a distância e a velocidade com que ele vinha, desviou no último

instante e arrancou o machado da mão do guerreiro. Deu, então, um forte empurrão e derrubou a criatura de cara no chão. Um giro rápido para baixo com o machado acabou com qualquer chance de reação. Kratos não derramou sequer uma gota de suor pelo esforço.

Passos largos o levaram palácio adentro e por um corredor que dava em uma câmara bastante afastada das outras por trás da ponte despedaçada. Encontrou uma alavanca no centro do cômodo e a puxou com força. O chão estremeceu sob suas sandálias e, então, começou a afundar mais e mais depressa. Se ele quisesse atravessar rumo à outra ilha, teria de ser no nível do mar.

Quando o elevador parou, Kratos saiu com cautela e olhou em torno do que parecia uma câmara vazia semelhante à anterior, mas farejou um odor peculiar. Dando-lhe a certeza de que sabia o que estava prestes a enfrentar, ele ouviu um pequeno zumbido, um som bem baixo que não teria significância alguma sem todas as outras pistas. Kratos agarrou o Arco de Tifeu e começou a disparar flechas pela câmara em direção a uma coluna com intrincados detalhes esculpidos em mármore, projetando sombras – que se moviam. E cantavam.

– Sereia – ele murmurou. Continuou disparando, lançando uma flecha atrás da outra rumo ao ser etéreo de movimentos sinuosos. Com o dobro do tamanho de Kratos, a criatura delgada estendeu os braços, ostentando braceletes de ouro nos bíceps e mãos com dedos tão longos que se agitavam como se fossem tentáculos. Seus olhos ardiam em fogo, irradiando uma intensa luz azul, quando ela se levantou feito um cavalo-marinho, sem pernas ou pés à vista por baixo de um vestido transparente que ondulava como uma pálida cortina de fumaça. Ela deslizou adiante, acompanhada pelo vestido em um suave sussurro ao longo do piso de mármore, e passou a levar seu canto a sério.

Aumentou o tom de sua voz, sedutora, hipnotizante. Kratos tentou atirar outra flecha, mas se viu imobilizado por tamanha doçura e limpidez.

– Meu amor – surgiram as palavras intercaladas às notas do canto. – Venha aqui. Eu quero você. Eu quero amar você – a Sereia estendeu os braços; como Kratos poderia resistir? E por que deveria? Ela era sua amante, seu amor, a única com quem ele se importava ou mesmo que cuidava dele, no mundo inteiro.

Ele caminhou lentamente em sua direção. Cada passo, uma aflição.

– Abrace-me, meu amor, meu bravo guerreiro espartano – a sereia o atraía.

Ele tentou lutar, mas seu corpo se recusou a obedecer. Aproximou-se dela, ouviu seu canto sedutor e soube que a morte estava muito próxima. Kratos se esforçou na tentativa de erguer a espada e perfurar a mulher adorável que lhe abraçava. Nunca vira uma mulher tão bonita ou desejável. Sua canção

despertava seus impulsos mais primitivos e o atraía para cada vez mais perto.

Os lábios deles se tocaram. Kratos sentia como se tivesse sido arrebatado por um rio caudaloso, que corria em direção a uma imensa cachoeira. Seus lábios o afagavam e o excitavam – e absorviam a vida de dentro dele.

Ele lutava em vão. Sua força foi sugada até que a sereia interrompesse o beijo.

– Você está mais fraco do que um bebê choramingão nos braços da mãe – a sereia disse. – Eu gosto quando meus... amantes... me apreciam.

Mesmo fraco como estava, ele ainda possuía duas vezes a resistência e a força de um mero mortal.

– Você vai sangrar até que sobre apenas sua casca. Você vai...

A sereia soltou uma nota tão estridente que os tímpanos de Kratos sangraram. Mas havia uma música ainda mais doce aos ouvidos dele do que aquela canção fascinante: seu canto de morte. Ele perpassou suas espadas pelas entranhas dela e continuou a empurrar, abrindo um corte que seguiu pelo torso até os ombros. A sereia caiu fatiada em três pedaços. Mesmo assim, ainda gritava.

– Eu amo você – disse a sereia, palavras que ele não ouvia desde a morte de sua esposa, Lysandra. Mas o sangue, que lhe enchia os pulmões, roubou toda e qualquer magia das palavras dela.

Kratos se curvou, recolheu-a em seus braços e a segurou com o rosto próximo ao dele por um breve momento.

– Morra – foi tudo o que disse antes de apertar as mãos em volta dela e partir sua espinha como se fosse uma vara seca. Seu grito ao morrer reverberou feito um trovão e despedaçou uma parede que escondia um corredor ao longo do qual se chegava ao outro lado da câmara. Ele odiava harpias tanto quanto odiava sereias, embora uma harpia nunca tivesse sido capaz de insinuar-se a sua mente e a seus sentimentos. Kratos chutou o corpo de lado, então seguiu e mirou uma arcada que se elevava sobre quatro imensos cavalos, atrelados às colunas da construção por correntes de elos mais grossos e mais pesados do que o próprio corpo de Kratos.

– Os Corcéis do Tempo – surgiu a voz retumbante de Gaia.

– O que eles têm a ver? – Kratos perguntou.

– Você deve ir até os corcéis se quiser reverter tudo o que aconteceu com você – Gaia disse. – Monte nos cavalos!

Kratos queria perguntar mais à Titã, mas sentiu que ela não daria uma resposta satisfatória. A falta de hospitalidade demonstrada até então dizia-lhe que o caminho rumo às Irmãs do Destino seria sangrento e que ele não seria, de modo algum, recebido de braços abertos, apenas com armas apontadas em sua direção.

A Ilha do Destino se assentava a sua esquerda e os Corcéis do Tempo, direto em frente. De onde estava, ele não conseguia estipular o quão grande eram as estátuas de bronze dos quatro cavalos, provavelmente centenas de metros de altura entre os cascos que se afundavam mar abaixo e as altivas cabeças empinadas rumo ao céu. O brilho embotado que emanava dos flancos dos corcéis expunha a corrosão do tempo. Ele se perguntou qual poderia ser a utilidade das estátuas, mas a dúvida não impediu Kratos de se aventurar adiante. Ele, talvez, pudesse fazer com que os enormes cavalos cavalgassem rumo a seu objetivo e, assim, ninguém poderia fazer nada para detê-lo. Mas como? Trazê-los à vida era uma questão com a qual se preocuparia mais tarde; alcançá-los era o problema imediato.

Ele olhou para baixo. A uns seis metros de onde estava, uma das correntes que serviam de correias à tropa se estendia mais longa do que muitas pontes. Correndo, Kratos se lançou pelos ares e pousou com força sobre o metal, que retiniu. A espessura das rédeas – das correntes – era maior do que três vezes sua altura.

Os corcéis repousavam ao longo de mais de um quilômetro, de uma ponta a outra. Kratos voltou os olhos à ilha com suas colossais torres e o templo imenso, rochas íngremes mais abaixo, e uma magnífica cachoeira cascateando ao mar à direita. Ele poderia facilmente se perder pelos labirintos daquele templo e nunca chegar a ter uma chance melhor de alcançar as Moiras do que continuar rumo aos cavalos. Até então, tudo o que Gaia dissera se mostrara útil a ele. Se ela quisesse lhe fazer mal, bastaria uma mentira casual e ele já teria morrido a qualquer momento.

Ele tirou os olhos da ilha e observou as correntes, no intuito de obter uma melhor estimativa sobre a real altura dos cavalos. Os cerca de cento e cinquenta metros ou mais que separavam a corrente do oceano abaixo deram uma perspectiva do tamanho dos cavalos. Ele se pôs a correr. A corrente sob suas sandálias nunca chegou a balançar enquanto ele passava ligeiro, tão maciço era o cabo. Quando ele enfim alcançou as traseiras blindadas dos cavalos, então elevados muito acima de sua cabeça, ele ergueu os olhos e se perguntou se precisava mesmo de todos os quatro, ou se um único cavalo não bastaria.

Mas como desengatar um único cavalo, quando estavam todos presos uns aos outros de maneira tão segura às imensas correntes?

Kratos seguiu os indícios e analisou os corcéis de um ponto de vista

privilegiado, entre os ombros de dois deles. Não vendo nada que pudesse guiá-los adiante – ou trazer as impassíveis estátuas à vida –, ele escalou a escada de mão sobre a crina de um dos cavalos e atingiu uma ampla estrutura. Caminhou em volta, procurando uma entrada. Quando se deparou com uma grande porta de bronze, tentou abri-la. A porta crepitou, mas não saiu do lugar.

– Você precisa da Chave do Guardião dos Cavalos para entrar – surgiu uma voz de barítono por trás dele. Kratos se virou e, então, ergueu os olhos a um homem gigante vestido com a melhor armadura possível. Ele vestia a armadura de um rei. Um rei de Atenas.

– O Fantasma de Esparta – o enorme guerreiro disse, sarcástico. – Então, o que eles dizem é verdade.

– Teseu – Kratos disse, com um tom de voz nada amigável.

– Dentre todos os idiotas que sempre tentam, eu nunca poderia esperar que logo você tentaria uma audiência com as Irmãs do Destino.

– E eu nunca poderia esperar que logo você se tornaria um servo das Moiras.

– Eu sirvo e protejo as Irmãs do Destino em nome da glória de Zeus! – Teseu ergueu seu braço esticado e rogou aos céus. Kratos não se esforçou nada para disfarçar seu desprezo.

– O tempo de Zeus está chegando ao fim – Kratos disse.

– Hummm, você está atrás das Irmãs para matar Zeus – ele gargalhou espalhafatosamente. – Você já não tem mais os poderes de um deus, Kratos. Eu duvido até que você seja capaz de me matar, quanto menos Zeus.

– Deixe-me passar e eu o deixo viver, velho.

Teseu gargalhou outra vez.

– Essa é sua escolha, não a minha – Teseu girou sua lança em volta, em cujas extremidades incandescia-se o bailar azul de sua magia. Bordas retorcidas ao longo do eixo brilhavam ao sol, enquanto Teseu rodopiava com facilidade o bastão em círculos que chegaram bem perto do rosto de Kratos.

– Há mais interesses por trás de seus serviços como sentinela, Teseu – Kratos disse, circulando em torno do imenso homem. – O que *você* espera obter das Moiras?

Kratos sacou suas lâminas e se colocou em posição de ataque contra o rei ateniense. Teseu recuou, sem encarar Kratos nos olhos. Ele baixou sua lança,

mantendo Kratos na mira de uma das pontas. Seu corpo inteiro estremeceu de emoção. Ele falou com uma voz suave, tão baixa que Kratos mal pôde ouvir.

– Dionísio – ele disse, engasgando-se. O rei herói de Atenas ergueu os olhos, arrasado. – Ariadne me salvou do Minotauro, e eu a amava. Ela me amava tanto que arriscou sua vida para me entregar o barbante que me guiou para fora do labirinto. Seu pai, o Rei Minos de Creta, não permitia que ninguém escapasse de sua prisão, mas eu salvei os atenienses antes que eles fossem devorados pelo Minotauro. Ariadne não só me salvou, como também meus concidadãos de Atenas – disse ele. – Mas Dionísio a reivindicou.

O rosto do rei endureceu, e Kratos viu seus problemas resolvidos. Ele sabia o que estava passando pela cabeça de Teseu naquele momento, uma vez que o mesmo pensamento lhe ocorreu.

– É essa sua razão de ser um laçao das Moiras? – Kratos perguntou.

– Eu quero o amor de Ariadne e... a vida de meu pai.

– Você sacrificou sua amada em nome do quê? – Kratos disse. – Dionísio não é conhecido por sua fidelidade. Você, por acaso, quer que as Moiras mudem o destino, fazendo com que ele se apaixone novamente para que você possa voltar a ter Ariadne em sua cama?

– Ele me obrigou a abandonar Ariadne na ilha de Naxos e... ela me amaldiçoou enquanto eu navegava de volta para... – Teseu ficou desolado; então, seu rosto endureceu com uma lembrança amarga. – Quando retornei triunfante a Atenas, meu pai Egeu pensou que eu tivesse rastejado de volta após ter fracassado. Eu devia içar uma vela branca, mas a maldição a enegreceu – disse Teseu. – Ele viu o que ele pensou ser seu pior pesadelo, minha morte e a de seu exército, e se lançou dos penhascos, mar adentro – o ateniense estufou o peito e agarrou a lança com ainda mais força. – Eu exigi que o mar fosse conhecido para todo o sempre como Mar Egeu. E nunca poderei recuperar minha Ariadne ou meu pai a menos que sirva as Irmãs do Destino e, assim, elas me concedam tamanha dádiva.

– A menos que as Irmãs do Destino mudem seu destino – Kratos disse com sarcasmo. – Há quanto tempo você está esperando aqui para ser convocado ao trono delas? Quais tarefas domésticas elas pedem que você faça, você, que já foi um rei?

– Eu sou o Guardião da Chave dos Cavalos – disse Teseu, erguendo seu punho esquerdo, como se empunhasse uma espada. O braço de sua armadura brilhava o ouro primorosamente lavrado com cavalos em baixo-relevo. – Parece que meu dever para com as Irmãs neste exato momento é matar o antigo Deus da Guerra!

Sua lança rodopiou em volta, nivelou-se e se dirigiu direto ao ventre de Kratos. Mas Kratos havia observado o intento se formar no ateniense e já tratara de recuar. Ao se desviar com habilidade do golpe afiado, girou suas espadas, chocando-as contra o aço da lança do ateniense. Magia contra magia.

– Se você morrer, talvez então eu possa solicitar às Irmãs do Destino que mudem minha sorte – disse Teseu.

– Você se ilude, se pensa que pode me derrotar.

– Como não poderia? A sorte está do meu lado – Teseu entrou no ritmo do combate, investindo, bloqueando, avançando, sempre pressionando Kratos de volta contra a borda da plataforma sobre as costas do imenso cavalo.

Kratos permitiu que Teseu o acuassem – por apenas mais alguns passos. Então, suas lâminas cruzaram-se, formando um X. Kratos prendeu a lança no vértice e a levantou com força. A ponta da lança rumava ao céu, oportunidade que Kratos aproveitou para dar um chute. Seu pé aterrou na barriga fortemente blindada de Teseu. O pontapé fez o ateniense cambalear. Kratos avançou, passou pela lança e se deu conta de que havia ficado perto demais para usar suas espadas.

Kratos passou, então, a esmurrar Teseu, abrindo cortes no rosto de seu inimigo e o deixando atordoado. Ao tentar agarrar o queixo de Teseu e lhe dar uma chave de pescoço, levou uma joelhada na virilha, que o suspendeu no ar. Caiu pesado sobre as mãos e joelhos.

Teseu rodopiou sua lança em volta, mas, em um descuido, acabou tropeçando e, então, afastou-se de onde Kratos se esforçava para levantar-se.

– Vamos, lute, seu covarde! – Kratos berrou.

Foi então que Teseu bateu a ponta de sua lança contra o chão, e uma criatura feita de gelo se levantou como se ilhas vulcânicas emergissem de dentro do mar. Mas, ao contrário de uma ilha inerte, a criatura de gelo ostentava armas dentadas e se movia com uma velocidade impressionante. Teseu bateu sua lança no chão por mais duas vezes, e Kratos teve de enfrentar um trio de elementais. Eles rugiam e ameaçavam atacar, batendo seus pés de gelo lascado contra a pedra.

O Arco de Tifeu logo foi empunhado. Kratos desencadeou uma enxurrada de flechas glaciais rumo aos elementais de gelo, que passaram a atacá-lo. A temperatura no campo de batalha foi caindo enquanto ele se movimentava em volta, disparando depressa para manter as três criaturas afastadas.

– Você é um covarde, Teseu. Deixa que seus servos batalhem por você!

Sua resposta se limitou a uma áspera risada. Teseu havia escalado até o telhado da estrutura e apontou sua lança para baixo. Kratos deu uma cambalhota para longe de onde a energia tremulante o tocara de raspão – e uma estalagmite brotou do chão. Se ele tivesse permanecido no local, teria sido empalado.

Kratos deu uma arrancada, disparando suas flechas contra os elementais de gelo ao tempo em que se esquivava das afiadas elevações glaciais que surgiam no chão, conforme Teseu tentava derrubá-lo. Kratos passou a trocar ataques com Teseu outra vez e suas flechas o forçaram a parar de convocar as estalagmites.

No instante em que o Rei de Atenas interrompeu sua investida, Kratos se voltou aos monstros congelados. Valendo-se de suas espadas, atacou. O primeiro ficou em migalhas. O segundo e o terceiro tentaram cercá-lo. Mas Kratos era um guerreiro cauteloso, experiente em combate e conhecedor de todas as táticas. Virava-se para manter a posição de modo que um bloqueasse o ataque do outro. Não demorou para que ele reduzisse um deles a pó. Então, inclinou ambas as espadas para baixo e cravou as duas simultaneamente. A última criatura de gelo explodiu.

– Teseu! – Kratos exclamou a seu adversário. – Lute comigo. Você disse que eu não era mais um deus. Você está com medo de um mortal!? Típico de um ateniense!

Kratos brandiu o arco e disparou uma flecha certeira. Seus olhos acompanharam a flecha de vento refletir a luz do Sol para sumir na garganta de Teseu. O herói ateniense mal conseguiu segurar sua lança ao tombar adiante.

Ele se balançava por uma corda enrolada em torno de seu tornozelo, debatendo-se de maneira débil.

Kratos girou a espada e cortou a corda, fazendo o ateniense cair de cabeça.

– Você é patético – Kratos disse, desferindo chutes em Teseu até que o sujeito se desatasse da corda e, em seguida, tentasse escapar da punição. Um pontapé final na cabeça de Teseu fez com que ele deslizasse pelo piso até permanecer inerte no chão. Kratos olhou por um instante o adversário nocauteado, não sentindo nada além de desprezo. Agarrou, então, o braço esquerdo de Teseu e arrancou seu bracelete de ouro.

A Chave do Guardiã dos Cavalos.

Ele deu as costas a Teseu e foi até a porta, uma sólida chapa de bronze ao longo da qual cavalos pinoteavam em baixo-relevo. Kratos ignorou a maestria com que o portão fora esculpido ao passar sua mão pelo metal frio e de bordas afiadas até encontrar o buraco da fechadura. Enfiou a chave de primeira, destravando a porta em um giro selvagem de mão, que a abriu à distância de um palmo. Antes que Kratos atravessasse a passagem, Teseu gemeu e se arrastou

pelos dedos até ele, deixando um rastro de sangue. Uma mão frouxa segurou o tornozelo de Kratos. O Fantasma de Esparta bem poderia tê-lo chutado para longe, mas preferiu arrastá-lo um pouco mais e seguiu adiante, em um solavanco.

Kratos abriu a porta e logo se viu livre do peso-morto, ao batê-la com força contra a cabeça de Teseu. Respingou sangue por todos os lados. Kratos, então, bateu a porta novamente, ainda mais forte. E ficou batendo outras tantas vezes até que Teseu estivesse quase decapitado, aos pedaços em uma poça de sangue.

Ele bateu contra a cabeça de Teseu por uma última vez antes de adentrar a ala por trás da porta.

Capítulo vinte e dois

– Aquela mentirosa! – Hermes bateu o pé e cruzou os braços sobre o peito. Seu rosto quase belo carregava marcas de preocupação e nuvens de um ódio eterno.
– Eu quero que ela morra!

– Zeus ainda segue à risca seu decreto. Nenhum deus pode matar outro deus
– Atena disse ao Mensageiro dos Deuses recém-deposto do cargo. A clareira no meio de uma floresta em nada condizia com a figura de Hermes soltando fogo pelas ventas, e ela foi obrigada a admitir que também compartilhava do sentimento. Assistir calada que Íris se insinuasse a cada resolução de Zeus havia sido bem doloroso, mas agora a Deusa do Arco-Íris já havia conquistado poder demais. Zeus não tomou uma só decisão sem consultá-la primeiro.

– O Olimpo todo está em alvoroço com a notícia – Hermes disse. – Eles me querem de volta, mas não têm coragem de rogar a Zeus.

– Com Íris assentada a sua mão direita, Zeus taparia os ouvidos a uma súplica tal, mesmo se feita por todos os deuses – Atena disse. – Ela alega que as mensagens dela são entregues com mais rapidez e precisão do que as suas, e sem serem violadas.

– Sem serem violadas? Ela viola todas as mensagens. Fiquei sabendo de uma enviada por Hades. Ela deturpou tudo, o que fez Hades considerar declarar guerra contra Hélios. Ela semeia discórdia como os dentes de um dragão!

Atena não tinha como contra-argumentar, tampouco vislumbrou maneira alguma de depor contra Íris ou curar o mal que afligia os deuses do Olimpo. Brigas eram comuns. Os deuses estavam cada vez mais temerosos, especialmente de serem espionados e traídos por informações adquiridas de forma tão doentia. Mesmo Afrodite havia feito um voto de castidade, embora Atena duvidasse que seria mantido por muito tempo.

Desde que Kratos fora transformado novamente em um mortal, a situação entre os deuses só havia piorado. Ou o câncer já vinha crescendo desde que ele matara Ares? Ou mesmo antes? Atena fora usada por Zeus para eliminar Ares. Ela então via isso claramente e lhe preocupava o fato de que seu pai estivesse tentando usá-la outra vez, mas para qual finalidade? O dano já havia sido causado, os deuses estavam suspeitando abertamente uns dos outros.

Atena deu um sorriso áspero. Eles nunca haviam sido amigáveis, apesar de todas as relações familiares, mas a hostilidade cada vez maior era novidade e crescia como uma erva daninha.

– Ajude-me, Atena. Você sempre gostou de mim, eu sei – Hermes tentou dar uma piscadela lasciva, mas não foi capaz de tanto. – Ajude-me, e eu, enfim, deixarei o caminho livre para que você tente algo comigo, como sempre

desejou.

– Se eu desejasse dar um fim a minha castidade, Hermes, certamente não seria com você – sua ira aumentou diante de uma mentira tão descarada contada por um deus que lida com mensagens que deveriam conter somente a verdade. Ela se pegou pensando sobre a fonte daquela raiva crescente. Longe de serem os insultos de Hermes. Ele apenas abriu sua boca sem pensar, como sempre fazia, e, em uma situação tão desesperadora quanto a dele, ela esperava até mais. Havia algo mais importante com que se preocupar.

Ele estendeu a mão e tomou-lhe o braço, sacudindo-a com gentileza.

– Você tem que me ajudar a voltar às boas graças de Zeus.

O toque dele interrompeu sua linha de raciocínio. Ela se afastou e assentiu.

– Farei o que puder. O que você descobriu?

– Muitos dos deuses se recusam sequer a reconhecer minha existência – Hermes disse em um tom conspiratório, como se tivesse informações preciosas. Sua voz se fundiu ao vento suave soprando através de antigas árvores e espalhando flores brancas e ramos de folhas, como se fossem tributos aos deuses. Atena olhou em volta para certificar-se de que Ártemis não estava escondida por trás de alguma árvore, espionando-os. Ártemis logo se tornou amiga de Íris, a dupla partilhava do amor pela chuva e pelo odor de floresta molhada. Atena não tinha certeza se Íris apreciava os animais e a floresta em si, mas não havia como negar que seu arco-íris só poderia existir com uma tempestade.

Tal pensamento mudou a linha de raciocínio de Atena rumo a outra direção. Talvez Íris pudesse ser afastada caso os Anemoi se voltassem contra ela. Os deuses do vento raramente entravam no Olimpo, uma vez que Zeus estabelecera apenas dias de sol a uma temperatura que lhe agradasse por todo o lar dos deuses. Faria alguma diferença, portanto, com Bóreas e Zéfiro tão carentes de poder e prestígio?

– Seu mortal de estimação está tentando mudar o próprio destino.

– O quê? – os pensamentos de Atena haviam, estranhamente, perdido o foco, mas Hermes a deixou em estado de choque, despertando sua total atenção.
– Ele alcançou as Moiras?

– Ele ainda está se aventurando rumo à Ilha da Criação, mas já está bem perto. Ele lutou contra o Guerreiro do Destino que as serve e o derrotou.

– Então, as Irmãs sabem que ele está indo atrás delas?

– Devem saber – Hermes disse, dando com os ombros. – E se ele conquistar

o apoio delas? A vida de Zeus seria confiscada.

– Kratos ou Zeus – Atena disse, pensando sobre qual seria a diferença entre um ou outro no trono do Rei dos Deuses. – Por acaso, um seria melhor do que o outro para governar o Olimpo?

– Só se Kratos me restituir – disse Hermes.

– Zeus se dará conta do erro que está cometendo e reconsiderará seu banimento do Olimpo – Atena assegurou ao deus em lamúrias.

– Você acha, mesmo? Em breve?

Se aconteceria em breve ou não, Atena não tinha certeza. Mas foi tomada por uma sensação de desgraça iminente e se pôs em dúvida sobre se um oráculo seria capaz de amenizar seu crescente temor acerca do futuro. Ou apenas o agravaria ainda mais?

– Tenho que retornar ao Olimpo – ela disse. – Antes que Zeus sinta minha falta.

Hermes impulsivamente a agarrou. Atena o repeliu com força e, em seguida, turbilhonou-se de volta ao Olimpo. Desolada, ela percebeu de imediato que o clima de desconfiança havia aumentado, mesmo naquele curto espaço de tempo que ela passara conversando com Hermes.

Kratos avançava quando, de repente, foi jogado para trás ao levar um choque da faísca emitida pela Chave do Guardiã dos Cavalos. A energia azul dançando pela chave se espalhou rapidamente, até que a porta inteira estivesse banhada pela potente descarga. Kratos olhou de relance por cima do ombro para o corpo de Teseu, então delineado pela energia da porta. Sua carne estorricava sobre seu esqueleto já exposto. Dando-se conta de que aquele seria também seu destino, caso tardasse a tomar uma atitude, Kratos adentrou uma ala de teto baixo.

Apenas seus reflexos rápidos o salvaram de ser trespassado por uma lança de gelo que ascendeu do chão, parecida com aquela usada por Teseu do lado de fora. Kratos observou em volta com atenção, buscando um padrão, mas não encontrou nenhum. Devia haver um caminho seguro, ele só tinha de o encontrar em meio ao pouco que sabia do lugar. Ele deu um passo para trás e analisou a chave na fechadura. Marcas novas haviam aparecido nela, até onde ele podia ver.

– Há muitas maneiras de uma chave desbloquear um caminho – ele disse em voz alta, agarrando o cabo da Chave do Guardiã dos Cavalos para arrancá-la da fechadura. Um choque bateu em sua mão, seu braço, seu ombro, mas logo o letal brilho azulado se esvaiu. Em poucos segundos, o metal esfriou em seu punho fechado, permitindo que ele o manejasse para analisar as gravuras com mais cuidado. Kratos revirou a chave em suas mãos e, em seguida, baixou-a até que sua parte mais larga estivesse paralela ao assoalho. Foi girando a chave até que os padrões se encaixassem uns aos outros. Os vãos que sobraram forneceram um mapa que mostrava por onde era seguro passar ou não. Ele se moveu ligeiro, pisando sobre as áreas não afligidas por estacas de gelo.

Kratos se concentrou para achar um caminho e percebeu que o ar preenchendo a sala vinha de um lugar próximo, mofado, como se sua porta não fosse aberta há anos. Um altar baixo de pedra, na outra extremidade do recinto, guardava uma pira onde chamas tremeluziam. Algumas palavras haviam sido esculpidas na pedra, mas Kratos não foi capaz de lê-las àquela distância. Aproximou-se com cuidado, analisando os símbolos para decifrar o texto entalhado à frente do altar.

Estava a meio metro de distância da pedra, quando uma neblina branca passou a amalgamar-se atrás dele. A bruma rodopiou, assobiando, e tomou forma.

A imensa cabeça de Cronos falou.

– Nosso destino nos reuniu, guerreiro. Para o bem dos Titãs, eu agora lhe concedo o que restou de meus poderes. Use minha Fúria contra Zeus.

Kratos tentou se mover, mas se viu paralisado ao ser devorado por dois

feixes de energia vazando dos olhos de Cronos. Kratos flutuava no ar, de costas arqueadas, enquanto o poder explodia sobre seu corpo, forjando um ponto incandescente próximo ao coração. Virando-se de maneira sutil, uma vez que estava suspenso no ar, ainda mantido em cativeiro pelo feixe duplo, Kratos se sentiu como se estivesse aumentando de tamanho. Qualquer fraqueza dentro dele desapareceu, e ele estremeceu com a recém-adquirida habilidade.

Os olhos se apagaram, liberando Kratos do ritual. Ele se chocou contra o chão, caindo sobre um de seus joelhos. Com uma das mãos apoiada ao chão, recuperou os sentidos e se levantou. A neblina branca havia desaparecido, arrebatando Cronos consigo.

Kratos se voltou ao altar e viu seis guardiões se amontoarem na sala, evitando com cuidado as armadilhas no chão. Todos eram tão altos quanto ele e carregavam espadas perversamente curvadas, elmos estúpidos e armaduras brilhantes. Kratos fez pouco caso deles. Mais soldados da guarnição. Emparelhados ombro a ombro, eles até ficavam bem, mas não pareciam ser bons lutadores.

Sua opinião sobre a coragem deles mudou tão logo eles se dividiram em dois grupos, três deles indo pela esquerda, enquanto o outro trio à direita esperava para ver como ele atacaria. Com qualquer dos dois grupos que lutasse primeiro, deixaria suas costas expostas à aproximação do outro. Avaliou bem a tática deles, mas já ter lutado contra tantos acabou o deixando um pouco mais lento. Ele sentiu uma urgência cada vez maior de que as Moiras lhe dessem o que ele precisava, o que Gaia dissera que poderia ser feito, ou que ele as forçasse a alterar seu destino e o de Zeus.

De maneira espontânea, a estrela que emanava uma luz branca de seu peito aumentou de intensidade e explodiu no meio do trio mais à esquerda. Eles interromperam a investida, atordoados com o poder do Titã que passava por eles. Kratos soltou um berro, sacou suas espadas e se livrou rápido deles, antes que os outros três pudessem se recuperar do choque de ter visto seus companheiros sendo derrotados tão facilmente. Antes de o último soldado tombar morto ao chão, Kratos se virou e, mais uma vez, desencadeou a Fúria de Cronos.

Os guardiões restantes cambalearam sob a explosão, desorientados e incapazes de lutar. Kratos os matou com uma facilidade desprezível. Ele chutou um cadáver para longe de seu caminho ao retornar rumo ao altar. Inclinando-se, aproximou o rosto dos símbolos e decifrou as palavras. Ao se levantar, sabia como se valer dos Corcéis do Tempo para alcançar as Irmãs do Destino.

Caminhou por entre os corpos, sacudiu o sangue de suas sandálias e, então, saiu rumo à luz do dia. De alguma forma, o dom de Cronos fez com que seus passos ficassem mais leves e seus braços ligados às espadas ainda mais fortes, mesmo quando ele não estava liberando o poder contra inimigo algum. Kratos

correu em direção ao jugo entre os dois cavalos centrais e viu que deveria girar quatro alavancas para soltar um cavalo de cada vez e, por fim, destravar a plataforma onde ele estava. Aplicando sua poderosa força sobre a primeira manivela, fez com que um rio de energia vermelha e coruscante jorrasse da gamarra que prendia o cavalo à esquerda. O corcel começou a se agitar e retesar seu arreo. Kratos repetiu o mesmo procedimento para libertar cada um dos outros três cavalos, que, uma vez livres, recuaram, sacudiram os arreios e relincharam alto.

Ele se curvou, segurou com as duas mãos a barra em sua frente e a suspendeu com força. A trava, parecida com uma âncora de navio, foi arremessada adiante em um giro de 180º. A plataforma, então, soltou-se em um solavanco, fazendo com que Kratos pensasse ter caído em uma armadilha engenhosa. Mas ela girou, subindo alto até se estabelecer quase no nível das costas dos dois cavalos. De dentro de uma caixa, ele escutou crepitações. Kratos a abriu com um chute e viu enrolados dois longos chicotes incandescendo a mais límpida das chamas. Ele empunhou as chibatatas e as serpenteou, uma em cada mão.

Os chicotes de fogo estalaram alto e os cavalos reagiram de imediato, dando um puxão. Ele, então, chicoteou os flancos blindados dos animais, lançando lascas de bronze por todas as direções. Por fim, agachou-se, descendo o chicote no lombo de ambos os cavalos mais próximos a ele com um fúria tal que não apenas os dois, como todos os quatro passaram a puxar em sincronia. Kratos continuou estalando os chicotes e os Corcéis do Tempo arrastavam, com cada vez mais força, as correntes de seus arreios, que rangiam de modo nefasto, como se os elos de aço pudessem não ser firmes o suficiente para suportar a pressão.

Kratos olhou de relance para trás e viu a Ilha da Criação, ao longe, sendo puxada pelas correntes. Rochas tombaram ao mar e o templo em seu cume rochoso estremeceu, mas permaneceu intacto, exceto por pequenos estilhaços que desmoronaram das paredes, tamanho era o empenho da tropa gigantesca. Os Corcéis do Tempo relinchavam e cada passo despejava cortinas d'água por cima do mar. Ele continuou a chicotear até que os cavalos empacaram e, por mais que ele insistisse, não esboçaram esforço algum.

Atrás dele, ambas as ilhas haviam sido atraídas uma a outra, como se dois pedaços de pano se unissem pela costura.

– Você deve retornar às ilhas, Kratos. Retornar ao Templo de Láquesis – disse Gaia.

– Onde desembarquei pela primeira vez na ilha? O que encontrarei lá? – ele não recebeu resposta alguma, mas pouco importava. As Irmãs do Destino tinham de ser convencidas – coagidas – a levá-lo de volta ao instante em que Zeus o matara. Com tal objetivo ardendo feito carvão em brasa em sua mente, ele

saltou da plataforma entre os cavalos, caiu de encontro ao elo imenso que compunha a corrente e passou a correr de volta pelo caminho agora duas vezes mais distante do que antes.

Ao aproximar-se do templo, enormes blocos desabaram da parede. Se ele estivesse apenas alguns metros mais perto, teria sido arrebatado da corrente e se chocado contra as rochas na base da ilha. Ele passou andando de lado e, então, abriu caminho em meio aos escombros para escalar o templo. O Templo de Láquesis, assim denominado por Gaia, por ser consagrado a uma das Irmãs. O santuário estava parcialmente em ruínas depois que os Corcéis do Tempo uniram as ilhas, mas Kratos tinha a ligeira impressão de que restavam poucas pessoas ali para reformá-lo de volta ao que era antes da destruição que ele causara.

Tomando-se as sentinelas que tentaram impedi-lo de chegar a Teseu e os guardiões que o enfrentaram quando tentava descobrir um jeito de usar os Corcéis do Tempo, ficou patente que visitas à Ilha da Criação não eram lá muito apreciadas.

Ele avançou por dentro da imensa galeria subterrânea do templo. Uma estátua dominava a paisagem ao fim do caminho, com as mãos espalmadas, como se em oração. Um capacete imperial brilhava no centro de sua testa. Os raios do Sol delineavam sua silhueta, mas Kratos estava mais preocupado em explorar o templo em si. Levou um tempo até que chegasse à conclusão de que não havia saída fácil naquele templo, senão pelo mesmo modo como entrara.

Ele circundou a estátua, procurando o melhor ponto para iniciar sua escalada sobre a pedra polida. Bastou-lhe um único passo para mudar seus planos e lançar mão de suas espadas para escalar a estátua ensebada. Ao pisar sobre um pedal, no fim de uma longa passarela elevada que conduzia à réplica de Láquesis, a estátua baixou os braços e estendeu as mãos como se suplicasse por um tributo. Se conseguisse subir naquelas mãos, ele poderia irromper ao ombro da estátua, atrás do qual se abria a parede para o céu, única forma de seguir pelo templo.

Kratos saiu correndo quando as mãos que suplicavam passaram a subir mais uma vez. Deteve-se muito próximo de atingir a base da estátua, retornou ao pedal e o pressionou. Novamente, as mãos baixaram. Mesmo correndo o mais rápido que pudesse, ele nunca seria capaz de alcançar as mãos antes que subissem de volta. Ele se curvou e analisou o pedal. Talvez fosse possível encaixar uma lâmina fina entre o mecanismo e a pedra a seu redor para mantê-lo ativado por um bom tempo, mas tudo o que ele possuía eram as Lâminas de Atena. Se ao menos tivesse um defunto como outrora ou, no mínimo, pudesse providenciar algum em meio a um punhado de sentinelas estúpidos... Ele esfregou o pedal com a mão e notou uma inscrição já desgastada pelo tempo. Uma análise mais detalhada revelou uma curta mensagem, que ele não entendeu na hora: O AMULETO DAS MOIRAS.

Ele já havia escutado sobre aquele amuleto mágico, mas não fazia ideia de como ele poderia ser usado para manter o pedal pressionado. Kratos se ergueu, pisou novamente sobre o mecanismo e observou as mãos da estátua baixarem.

A intenção era óbvia. Como atingi-la é que não era. Ele foi rumo à base da estátua e ergueu os olhos, pensando mais uma vez em escalá-la. Suas espadas não penetravam na pedra, apenas resvalavam, acabando com qualquer esperança de usá-las como ganchos. Ele olhou sobre a passarela elevada e viu o chão empoeirado abaixo. Então, saltou, caiu e rolou, e ficou de pé em frente a um gradeamento de aço.

Por trás das grades, havia uma estátua um pouco menor do que ele, com uma pedra cintilante em uma das mãos. Ele a fitou e sentiu um pequeno formigamento no fundo do peito, como se a pedra de alguma forma fizesse cócegas na Fúria de Cronos, mas tão prodigioso poder não estava nem ao menos desencadeado. Ele recuou e a sensação de formigamento desapareceu. O que quer que a pedra verde pudesse ser, as propriedades mágicas dela e aquelas que ele havia adquirido de Cronos eram compatíveis.

– Seria esse o Amuleto das Moiras? – ele se perguntou. Não vislumbrando nada mais que pudesse fazer, Kratos flexionou suas pernas, agarrou as barras de metal e tentou suspendê-las. Ele poderia muito bem ter tentado mover logo a terra inteira. A grade se recusou a ceder. Lançou mão de suas espadas, mas não conseguiu sequer arranhar o sólido metal.

Rosnou ante tamanha frustração. A estátua no compartimento de barro tinha o que ele julgava ser necessário para continuar sua busca pelas Moiras, e ele estava ali trancado. Kratos volteava feito um animal enjaulado, analisando a pequena câmara e o piso logo em frente à estátua. Ele viu o que pareceu ser um espelho d'água.

Após calcular a distância, ele puxou profundamente o fôlego, estufando seu peitoral robusto e, então, mergulhou na piscina sem espirrar uma gota sequer. Deslocando os braços com velocidade, chegou ao fundo, mas uma parede o impediu de continuar nadando em direção ao compartimento da estátua. Correndo os dedos pela superfície do obstáculo, notou uma fina rachadura na parede e empregou o punho de uma das espadas para despedaçá-la de vez. Antes que os destroços chegassem ao fundo da piscina, ele bateu os pés duas vezes e utilizou seus poderosos braços para impulsionar-se adiante. Kratos irrompeu no compartimento, pelo lado das grades que lhe convinha.

Suspendeu-se e analisou a estátua. Não vendo razão alguma para não retirar a joia de um verde resplandecente da mão estendida da estátua, girou sua lâmina e cortou fora o membro inteiro. Apanhou o braço, e sua preciosa gema, antes que atingisse o chão. Kratos ergueu a joia esverdeada e a examinou. Teria ficado deslumbrante em um colar de ouro aninhado entre os seios de Lysandra. Ela

nunca fora de usar muitas joias, mesmo quando ele trouxe consigo os mimos espoliados da casa do tesouro de um rei derrotado, porque tais bugigangas importavam bem menos para ela do que o amor a sua família e a seu país. Assim como ela, ele também não nutria maiores desejos por pedras preciosas, fossem meramente decorativas ou pelo que pudessem comprar. Ele havia sido um deus e precisava apenas pedir para receber tudo o que almejasse. Quando lutara por Esparta – na época em que era laçao de Ares –, a riqueza não significava nada para ele. Tudo o que buscava eram as proezas de combate, tudo com que se importava era conquistar a vitória.

Voltando-se mais e mais à joia, ele analisava os planos afiados, os ângulos suaves, as profundidades iluminadas.

– O Amuleto das Moiras – as palavras surgiram espontaneamente em seus pensamentos, embora nenhuma palavra tenha sido dita. Quanto mais ele fixava o olhar no interior da gema, mais evidente ficava qual poderia ser sua utilidade. O tempo foi passando cada vez mais lentamente, quase congelando.

Ele piscou os olhos e enxergou apenas a joia esverdeada. Com um mergulho ágil, passou novamente pela passagem embaixo d'água e emergiu do outro lado das grades. Ele tinha de deixar o pavimento onde estava e voltar ao lado de fora, por onde havia originalmente entrado no Templo de Láquesis. Levou algum tempo para escalar a parede e, de novo, encarar a vertiginosa estátua com o capacete imperial.

Kratos pisou de propósito no pedal, que se rendeu sob seu peso, fazendo a estátua baixar os braços. Ele ficou de joelhos para ver se havia algum lugar onde atarraxar a pedra esverdeada, mas nada encontrou. A magia dentro dele, porém, passou a avivar-se, alimentada pela Fúria de Cronos, sem, contudo, explodir adiante a energia destruidora. Em vez disso, uma mágica alimentou a outra. Ele ergueu os olhos à distante estátua. Dessa vez, não saiu correndo para tentar alcançar as mãos ligeiras. Estendeu o Amuleto das Moiras, que vibrou e esquentou e, então, ele se sentiu como se fora mergulhado em algum tipo de universo transcendental.

O aposento se transformou em uma reminiscência esverdeada de um oceano revolto, com tudo em volta se movimentando devagar, como se tudo flutuasse no mel. Seus movimentos estavam precisos, suaves. O mundo – o tempo em si – fora desacelerado.

Ele viu as mãos estendidas começarem a se levantar. Kratos andou a passos largos até a estátua, subiu e, então, cessou o feitiço de desaceleração do tempo. A súbita velocidade com que as mãos subiram fez seus joelhos dobrarem ligeiramente.

As mãos pararam assim que ele ficou cara a cara com a estátua. O

capacete imperial em sua cabeça resplandecia um brilho ofuscante. Assim que ele estendeu a mão para arrancar a joia da testa de pedra, a estátua falou.

– Ouça-me bem, deus decaído. Ninguém desafia o que as Irmãs do Destino determinam!

Capítulo vinte e quatro

– Apague tudo – disse Cloto. – Agora que o assunto está resolvido, preciso voltar a um trabalho mais sério.

– Espere! – Láquesis exclamou. – Irmã, não é assim tão fácil.

– E por que seria fácil? Mas é muito simples – disse Cloto. – Os deuses estão se portando muito mal, de maneira grave, e nós sabemos por quê. Os Titãs estão em rebuliço desde a Grande Guerra e, agora, ameçam o Olimpo. Por acaso queremos supervisionar tamanho conflito de novo?

– A Titanomaquia fez o mundo girar em outra direção – disse Láquesis. – Foi tão ruim assim? Por que devemos tentar manter a paz, manter tudo tão... estável?

Ela vislumbrava outro problema, que uma de suas irmãs evitava até mencionar.

Os Titãs estavam cada vez mais ousados após tantos séculos de aprisionamento, servidão e solidão. Não lhe surpreendeu o fato de que Gaia tenha sido a responsável por pastorear Kratos para longe dos braços de Hades e rumo à Ilha da Criação. O que realmente lhe surpreendia era como isso pôde ter acontecido. Ela e suas irmãs trabalhavam em equipe.

Sua testa franziu por não conseguir entender como Kratos havia derrotado o Guerreiro do Destino tão facilmente. Os fios entrelaçando os dois destinos deviam ter-se fundido, restando apenas o do Guerreiro. Ela balançou a cabeça, e os chifres negros em seu capacete imperial refletiram uma luz tão escura quanto seus pensamentos. Aquilo significava que a responsável pela derrota do aliado mais importante delas havia sido Cloto ou Átropos.

Bastaria que apenas uma delas se tornasse independente para arruinar o controle das Irmãs do Destino sobre o mundo. Láquesis considerou a possibilidade de ser necessário um pouco mais de ação por parte dela própria. Ela não nutria amores por suas irmãs, mas, ainda assim, *eram* suas irmãs, ligadas por um destino que estava fora do controle das três. Um pensamento mesquinho não deixou que ela retornasse ao trabalho, à rotina que suas irmãs tanto apreciavam. Talvez tivesse chegado a hora de se livrar da colaboração delas, até então perfeita e sem emendas, e atacar por conta própria.

– Vocês se deliciam com a rotina. Sou a única que consegue enxergar o perigo, pois ele se insinua apenas em situações fora do comum – disse Láquesis. Quem esboçaria reação? Ela seria capaz de descobrir qual de suas irmãs se intrometera... em sua própria intromissão?

– Você enxerga o perigo por toda parte – disse Átropos, taciturna. – Igual a

quando enviou o Guerreiro do Destino para combater Kratos.

Ao longo dos tempos, Láquesis havia aprendido a reconhecer cada reação de suas irmãs, a menor das contrações em seus rostos, o interesse dissimulado ou mesmo o tédio. Aquela simples declaração a deixou sem palavras, contudo. Como Átropos podia saber do fracasso do Guerreiro do Destino? Láquesis havia reagido sem cautela e de modo impulsivo em vez de refletir melhor sobre suas ações – ao contrário do que suas irmãs teriam feito. Mas a impetuosa decisão a havia revigorado e tornado sua infeliz existência um pouco melhor. Átropos estaria apenas jogando uma indireta, embora esse sempre tenha sido seu papel, ou teria seguido um fio de destino e sabia a verdade dos fatos?

Ou estaria exercendo seu papel com ainda mais afinco? As Irmãs do Destino seriam capazes de tecer seus próprios destinos ou uma força maior havia determinado o destino *delas*? Láquesis descartou de imediato tamanha fantasia. Ao longo dos séculos, não houve indício algum disso – por outro lado, elas sempre haviam trabalhado juntas em unanimidade, até então. Ela achou improvável que Kratos fosse o culpado pela desunião entre elas. Mas ele bem poderia estar sendo ludibriado contra elas, sem se dar conta disso, por alguém fora do controle das Irmãs.

Não podia ser. O centro da disputa era a falta de coordenação. Tinha de ser.

– Por que você insiste? – Cloto perguntou. – Eu vou voltar para a Roda da Fortuna e tratar de trabalhar. Sugiro que as duas façam o mesmo. Dito isso, Cloto se retirou.

– Kratos é mais perigoso do que você pode imaginar – Láquesis disse a Átropos, tão logo sua outra irmã saiu. – Deixe-o comigo. Dê-se por satisfeita com sua rotina banal – quanto mais ela pudesse manter Átropos ocupada, mais fácil seria remediar os problemas que havia causado com sua projeção impetuosa da sorte.

– Você acha que pode me descartar assim tão fácil? – Átropos ardeu de raiva. – Eu não sou uma criatura simplória qualquer, que não faz nada além de medir os fios do destino para que você os corte. Você só faz zombar de mim quando tento algo mais.

– Todas nós decidimos sobre os destinos – Láquesis disse com cautela, reparando em como sua irmã admitira ter agido de forma independente e sem informar às outras duas. – Então, cabe a cada qual tecer, medir e cortar.

– Eu até faria mais – disse Átropos. – Essa sua intromissão em assuntos que nós três decidimos é errada.

– Tão errada assim? – Láquesis disse, desconfortável com a veemência de sua irmã. Era como se ela tivesse sido pega fazendo algo ilícito. – Tão errado que

você quis tentar também? O que você fez?

– Kratos não é só seu – Átropos disse. – Não o acho tão interessante como você obviamente acha, mas ele é divertido. Por um tempo, ao menos – ela cruzou os braços, com suas longas unhas apontadas para baixo ao se elevar ativamente em uma coluna de névoa negra.

Láquesis começou a insistir no assunto, mas logo se lembrou de que a discórdia entre as Irmãs só havia causado infortúnios até então. Nas vezes em que discutiram, o mundo havia girado solto no caos, a ordem fracassara e os mortais agiram da maneira como bem entenderam por conta de fios negligenciados. Melhor seria aplacar os ânimos de Átropos e descobrir – e corrigir – o que quer que ela tivesse feito com o destino de Kratos. Seus remendos raramente eram úteis ou produtivos, pois não tinha a mesma prática que Láquesis.

– Precisamos ampliar nossa visão do mundo – disse Láquesis, julgando que isso distrairia sua irmã.

– E quanto aos Titãs e aos Olímpianos? – Átropos parecia disposta a insistir em destinos outros que não o de Kratos.

– É um tema que vale a pena ser considerado – mais tarde. Por enquanto, vou orientar com mais cuidado o que você diz ser meu animal de estimação, Kratos, e averiguar como Gaia apoia sua busca.

– Por que ele está vindo para cá? Nós nunca mudaremos o que já tramamos para ele. Zeus o matou. Devia ser o fim dessa história toda.

– Mas Gaia se intromete.

– Deveríamos, então, lançar uma nova Grande Guerra? – Átropos perguntou, afobada.

Láquesis se perguntou se deveria tirar vantagem da confusão de sua irmã sobre o assunto e fazê-la confessar o que havia feito com fio do destino de Kratos. A irritação de Láquesis com sua irmã só crescia. Tarefas rotineiras eram perfeitas para Átropos, mas quando algo se desviava da trama ou mesmo da urdidura habitual, ela ficava desvairada. Como estava naquele momento.

– Não há necessidade de mudanças tão desesperadas. Pequenas alterações no destino, eis o que é preciso. Temos de chegar a um acordo sobre o rumo de nossas ações, um destino que todas nós aprovemos.

– Como jogávamos antes? Aquela que conseguisse fazer a menor mudança e obter o melhor resultado venceria o jogo?

Láquesis se recordou da Guerra de Troia com certo afeto. Ela havia vencido ao introduzir uma única maçã de ouro na sociedade dos mortais, o Pomo da Discórdia. A guerra matara heróis de ambos os lados e poetas ainda discorriam sobre ela.

– Sim, Átropos, algo assim. Mas Kratos desacorrentou os Corcéis do Tempo e está agora em meu templo.

– O quê? Por que não fui informada disso? Devemos...

– *Você* não deve fazer nada. Eu cuidarei dele. O que ele é, afinal de contas? Nada que nós não fizemos dele.

– Ele traiu seu destino – Átropos insistiu. – Isso o torna perigoso. Ele era um mortal e matou um deus e se tornou um deus e...

– E ele é, uma vez mais, um mortal – Láquesis enrijeceu os músculos. – Tenho que mandar um aviso severo para ele. Já encontrou minha estátua no templo. Vá, Átropos, vá e se atente aos negócios, enquanto eu falo com nosso Kratos.

Átropos se retirou, murmurando consigo mesma. Seus dedos desossados se moviam sinuosamente, criando nós de destinos e, tão facilmente quanto, desfazendo-os em gesticulações nervosas. Láquesis se obrigou a ignorar sua irmã e dedicar sua total atenção a Kratos. Ela limpou a garganta com um pigarro e falou.

Capítulo vinte e cinco

–Ninguém desafia o que as Irmãs do Destino determinam.

Kratos fixou o olhar na estátua que falava. Seus olhos piscavam e seus lábios se mexiam, mas era pedra, não carne viva. Láquesis podia até estar falando por meio de sua imagem, mas a Irmã do Destino estava em outro lugar. Isso o enfureceu. Não havia razão alguma para ela estar distante. Que ela o encarasse e não usasse um suplente de pedra.

– É como deve ser. Apenas a morte espera por você no final de sua jornada.

– Minha morte foi o que *começou* esta jornada – disse Kratos, cerrando os punhos com força. Ele deu um passo adiante e quis partir para o ataque – mas ele também queria escutar o que Láquesis tinha a dizer. Gaia dissera que somente as Irmãs do Destino poderiam levá-lo de volta ao momento exato para que ele conseguisse salvar a si mesmo e matar Zeus naquele terraço desolado, devastado, em Rodes.

– As Moiras não consideraram a possibilidade de vitória para você. Sua alma nunca encontrará a paz por conta do que você se tornou.

– Eu sou o que os deuses fizeram de mim! – ele não conseguia mais conter sua raiva. O lampejo de suas espadas provocou um corte de lado a lado na bochecha da estátua, lançando estilhaços de pedra e poeira ao chão, muito abaixo.

Sua fúria aumentou ao ser frustrado por Láquesis. Uma segunda e poderosa investida cortou fora o nariz da estátua. A joia no capacete imperial brilhou ainda mais intensamente, um verde ofuscante que fazia as entranhas de Kratos arderem em um fogo que ameaçava consumi-lo, o que só o atizou a reagir com violência ainda maior. Bochechas e mandíbula, garganta e cada um dos lados da cabeça. Ele retalhou até que seus músculos se retensassem e a cabeça de Láquesis, outrora protegida pelo capacete, deslizasse para trás, enfim separada do corpo. Kratos recuou, firmou seu pé contra o rosto de pedra assolado e se impulsionou com força. A cabeça foi se desfazendo pelos ares por alguns metros e, então, tombou de encontro ao chão, esmigalhando-se em mil pedaços.

Kratos desceu, andou em meio aos restos de cabeça da estátua e viu um rosto fantasmagórico em um portal arqueado.

– Você morrerá aqui, Kratos. Nós nunca permitiremos que você alcance nosso templo sagrado.

Kratos virou as costas, ignorando o fantasma de Láquesis. Parou e sacou suas espadas assim que um par de javalis grunhiu, resfolegou e, em seguida,

brandiu suas presas curvas antes de atacá-lo. Ele se manteve firme, esperou que um dos javalis gigantes saltasse para, só então, esquivar-se. Animais quadrúpedes, uma vez entregues a esse tipo de ataque, não conseguem se restabelecer ou mudar sua direção com facilidade.

Kratos estripou o javali, que passou ventando por ele.

O segundo javali havia aprendido com a morte de seu companheiro e não saltou, permanecendo em terra, de cabeça baixa enquanto se preparava para atacar, prestes a erguê-la e capturá-lo em suas presas amareladas e viciosas. Por mais perigoso que o ataque fosse, Kratos lidou facilmente com a situação. Em vez de usar sua espada, ele se abaixou, agarrou firme a orelha do javali e uma presa encharcada de saliva, e o arremessou ao chão. A pesada criatura se estatelou de lado, esperneando e guinchando. Kratos cerrou o punho no que mais pareceu um martelo de forja e esmagou a garganta do porco, que morreu afogado em seu próprio sangue. Ele o carregou, virando-se em direção ao vão onde o contorno misterioso do rosto de uma mulher ainda tremeluzia.

– Aqui está, Láquesis – Kratos bradou. – Tome seu servo! – ele atirou o javali através do espectro, que fulgurou como se ele tivesse perturbado uma miragem no deserto, ameaçou redemoinhar e, logo em seguida, amalgamou-se de volta em um semblante zombeteiro.

– Nós nunca iremos alterar sua sorte, Kratos. Você estava destinado a morrer pelas mãos de Zeus!

Kratos se virou e foi embora. O rosto ilusório de uma das Moiras não poderia lhe causar mal algum. Se Láquesis tivesse se materializado, ela teria morrido pelas mãos dele. Pelo que ela dissera, aninhava-se amedrontada em seu palácio com suas irmãs. Kratos só precisava encontrar o tal palácio e os corpos de carne e osso das Irmãs para persuadi-las a alterarem seu destino.

Suas espadas estalaram juntas, reassegurando-o de como aquela “persuasão” seria conquistada.

Ter suas lâminas já desembainhadas acabou salvando sua vida. Um imponente ciclope caiu de uma passarela e se chocou contra o chão de pedra a menos de três metros longe dele. Para o imenso monstro de um olho só, aquela distância não era nada; mal deu um passo e o alcançou, logo tentando agarrar Kratos. Apenas suas espadas foram capazes de bloquear os dedos que o açoitavam.

Decepeu dois, lançando dedos grossos como salsichões a girar longe pelo chão de mármore. Muito embora o corpo do ciclope estivesse bloqueando sua visão, ele se deu conta do que ainda teria de enfrentar. Ouviu os guinchos e os roncões de mais javalis enquanto eles devoravam os dedos decepados.

O ciclope rugiu de dor e fúria, e se preparou para atacar. Kratos girou suas espadas, estocando, retalhando, fatiando. E, então, foi forçado a recuar pelo ataque feroz. O olho solitário estava inflamado e se fixou nele com uma intensidade tal que teria assustado um homem menos corajoso. Para Kratos, significou apenas que havia um olho a menos para que ele cegasse.

Ao se preparar para o salto que o enviaria pelos ares e sua lâmina direto no olho gigante do ciclope, um javali o atacou. Kratos quase foi atropelado, mas se jogou para trás e suas espadas conseguiram manter o assassino de quatro patas distante dele por tempo suficiente até que desse uma cambalhota e ficasse de pé.

O ciclope chupou as feridas nos dedos e, logo em seguida, baixou a mão, agarrou outro javali e arrancou sua cabeça fora. Kratos se perguntou se o ciclope teria ficado confuso quanto a seus inimigos. Então, percebeu que a criatura estava simplesmente lançando mão das armas que tinha ao alcance. Juntando seus ombros possantes, o ciclope arremessou o javali, que ainda esperneava, mesmo decapitado, contra Kratos. Ele se precipitou ao chão e caiu apoiado de joelho.

Logo se viu sob ataque total do ciclope, que rugia sons ininteligíveis. Braços peludos golpeavam Kratos, deixando-o cambaleante e atordoado. Um punho maior do que sua cabeça esmagou suas costas e o esmurrou até que ele caísse de bruços. Em seguida, o ciclope lhe deu um chute que o arremessou contra a parede.

Apesar dos olhos ainda turvos por conta do castigo recebido, Kratos percebeu quando o ciclope partiu para cima dele de modo estrondoso e ávido por seu inimigo. Tudo o que Kratos conseguia ver era a mão com os dois dedos amputados. Ele sacudiu a cabeça, recobrando os sentidos, e, então, liberou o feitiço contido no Amuleto das Moiras. A investida de cabeça do ciclope foi perdendo a velocidade até estancar. À luz esverdeada que permeava aquele universo, seu olho inflamado de raiva parecia transformado em diamante. Todo dolorido, seus músculos pediam arrego, mas Kratos se levantou, sacou suas espadas e decepou a mão já privada de dedos.

Em seguida, desativou o feitiço, dando um passo ao lado. O ciclope rugiu de dor e descrença quando viu que sua mão havia sido cortada fora. A aflição tirou sua concentração, dando a Kratos a oportunidade que ele precisava para escapar por trás da criatura monstruosa e escalar com esforço suas costas, dando a volta em sua cabeça de cabelos arrepiados para enterrar os dedos em seu olho. O ciclope foi à loucura, debatendo-se e tentando repeli-lo. Os pés de Kratos criaram raízes no gigante até que ele conseguisse agarrar os nervos na parte de trás do olho para arrancá-lo e, em seguida, esmagá-lo.

Quando o ciclope abriu a boca para grasnar de dor e fúria, Kratos colocou uma mão em sua nuca e, com a outra, agarrou sua língua. Com um súbito e

rápido puxão circular, ele não só quebrou o pescoço do ciclope, como também arrancou sua língua. O monstro se enrijeceu e, então, tombou como uma árvore cujo tronco fora serrado.

Kratos saltou de cima dele e encarou, por um instante, o gigante decaído.

– Você não pode mudar seu destino – o contorno fantasmagórico da cabeça de Láquesis exclamou.

Ele atirou a língua de ciclope através do vão assombrado por Láquesis, e rumo ao corredor além do espectro. Por um instante, pensou que Láquesis revidaria, mas a imagem acabou desaparecendo de uma vez por todas. Ao fim do corredor então escancarado, havia um pântano abundante em gás metano e, logo, bem fedorento. Cadáveres pendiam de figueiras-de-bengala por todos os lados. Aves carniceiras davam bicadas nos corpos mais frescos, um deles possivelmente ainda com vida, embora Kratos não tenha parado para averiguar. Quem quer que estivesse pendurado naquelas árvores não tinha a mínima importância para ele.

Do outro lado do pântano, eviscerando os céus, elevava-se o pináculo do Palácio das Irmãs do Destino.

Ele estava preparado para o encontro com as Moiras.

Só não estava preparado para a corrente que passou sibilando pelo vento e se enroscou em seu pescoço. Kratos foi sufocado e, então, arrastado pela barriga por um enorme cavalo que galopou em meio ao terreno pantanoso.

Capítulo vinte e seis

– Omundo abaixo está em polvorosa, meu pai – Atena disse.

Zeus se acomodou em seu trono, aparentemente despreocupado. Ele fez movimentos vagos com a mão, pincelando o vento, como se ela não passasse de um inseto a ser enxotado.

– É reflexo da agitação no Olimpo – ela prosseguiu. – Não tem como haver tamanha convulsão social entre os deuses sem maiores repercussões.

– Você teme por meu trono, filha? – Zeus gargalhou asperamente. Atena não achou graça alguma em seu tom. Ele sempre a tratara bem antes, a ponto de os outros deuses afirmarem que ele a favorecia em demérito deles. Lembrou-se de como Ares havia tentado usar isso como um trunfo para ganhar mais influência junto a Zeus. Não havia funcionado com o primeiro Deus da Guerra e, pelo que ela podia ver, nada que pudesse dizer então teria impacto algum sobre Zeus.

– Eu temo, Pai dos Céus – ela disse. Atena viu Íris espreitando por trás de um grande pilar, ao lado da câmara de audiência. No instante em que a nova Mensageira dos Deuses se deu conta de que Atena havia percebido sua presença, ela se abaixou depressa, como se aquilo pudesse apagar toda e qualquer memória de sua espionagem. – Há aqueles sobre o Monte Olimpo que roubariam seu poder, se não seu trono.

– Você não é a primeira a me falar isso, filha. Eu sou o Rei dos Deuses. Ninguém se atreve a me enfrentar!

Atena se inclinou ligeiramente para esconder o olhar azedo em seu rosto.

– Pois todos estão se atrevendo. O senhor deve encontrar um meio-termo se quiser restaurar a ordem.

– *Todos*, filha? Você diz que *todos* estão conspirando para usurpar-me? Qual é seu plano para roubar meu poder? – começaram a se formar nuvens no teto abobadado; raios crepitavam sem, no entanto, relampejar. Zeus estendeu a mão, onde um raio se formou.

– O senhor seria capaz de me abater, Pai?

– Você se opõe a mim, Atena? *Você tenta roubar meu poder?*

– Eu procuro relações amistosas entre os deuses, Pai. Nada mais.

– Kratos é a origem desse câncer que vem crescendo nas entranhas do Olimpo – Zeus exclamou. – Eu cuidarei para que ele seja enviado ao Submundo!

– As Irmãs do Destino protegem o reino delas com bastante zelo, Pai – ela disse, apreensiva. Por mais que tivesse tentado, fora impossível enviar uma mensagem a Kratos. – Se ele permanecer na Ilha da Criação, não há nada que possa ser feito.

– Eu sou um deus. Eu sou o Rei dos Deuses! – Zeus se levantou e brandiu o punho aos céus. Através da abertura no teto de sua sala do trono, surgiram pequenas nuvens carregadas. – Envie uma petição às Moiras. Ou será que elas procuram um novo campeão que me derrote? – Zeus se sentou e olhou em volta, como se Kratos o estivesse espionando.

Aquilo incomodou bastante Atena. Seu pai parecia hesitante, hesitante e melindroso, não demoraria para agir precipitadamente. Suas oscilações de humor aumentavam a cada dia.

Atena deu um pulo quando ele enterrou seus punhos nos braços do trono com tanta força que duas fissuras paralelas se abriram do trono até o outro extremo do piso da câmara de audiência, isolando Atena em uma pequena ilha no meio.

Ela ficou estatelada ao ver que a destruição havia jogado não apenas Íris, mas também Poseidon, de seus esconderijos pela câmara. A Mensageira dos Deuses não era a única a espionar as audiências de Zeus.

– O que você quer, irmão? – Zeus ergueu a mão e, então, cerrou o punho, de onde escorreram nebulosas nuvens negras por entre seus dedos. Ele aumentou de tamanho até que sua cabeça roçasse a cúpula ao alto. Nada contente com a situação, Zeus esmigalhou a cúpula com um murro, cascateando uma chuva de pedras e estilhaços de vidro. Ele foi se inflando cada vez mais até que sua cintura ficasse na altura da cúpula ora destruída.

– Venho protestar contra uma invasão em meu reino, irmão – Poseidon disse. Ele começou a também aumentar de tamanho, mas logo percebeu não haver espaço suficiente no cômodo, mesmo que estourasse outro buraco no teto. – Retorne a uma estatura mais civilizada.

Zeus encolheu-se a um tamanho mais apropriado às proporções de sua câmara de audiência. Ele rangeu os dentes ao cair pesado de volta a seu trono.

– Tenho sua permissão para sentar-me em meu próprio trono, irmão? Ou você veio me depor?

– Tenho meu próprio reino nas profundezas do mar, Zeus – Poseidon avançou a passos largos, empurrando rudemente Atena de lado. Ela saiu do caminho. Íris se aproximou de modo a não perder uma única palavra da conversa. Atena receou que Íris pudesse tirar ainda mais proveito das informações trocadas naquela conversa. Era um exagero apontar Íris como a

única responsável pela inquietação entre os deuses, mas ela havia contribuído, com seu leva e traz, suas meias-verdades e as alianças formadas constantemente, as quais ela apenas respeitava até que já não mais lhe conferissem poder. Íris era uma das causas da desconfiança que se espalhava entre os Olímpianos como uma praga sem controle, mas não a única.

– Que tal retornar para lá? Zeus disse. – Preciso de um pouco de paz para governar de modo adequado.

– Paz – Poseidon disse, bufando. Ele cuspiu algas marinhas no chão e torceu a barba que ainda pingava antes de prosseguir. – O filósofo mortal, Platão, bem o disse: “Só os mortos viram o fim da guerra”. Detectei um invasor desafiando minha autoridade sobre os mares.

– Kratos? – Zeus riu asperamente. – Ele se tornou um fogo-fátuo que todos ainda veem pelo Olimpo.

– Não se trata de Kratos – disse Poseidon. – Oceano. Os Titãs estão cada vez mais ousados. Ele pensa em recuperar a transcendência sobre *meu* reino.

– Você é incapaz de lutar contra ele? Um Titã que foi despojado de seus poderes e está desacreditado há tanto tempo? Você não é meu irmão, se não for capaz de afugentá-lo de volta aos domínios tenebrosos do Tártaro. Oceano – Zeus disse, bufando com desprezo. – Ele era o menor dos Titãs – e acrescentou, sombrio: – Ao contrário de Cronos.

– Tenho sua permissão para fazer o que achar necessário?

Atena tentou advertir seu pai, aconselhando-o a não conferir poderes ilimitados a Poseidon. Seu tio era rabugento e brigão, mas também ambicioso. Uma vez no trono dos deuses e Poseidon criaria uma guerra entre eles que nunca teria fim. Poseidon carecia de qualquer indicio de diplomacia em sua alma. Zeus podia se inflamar de raiva com facilidade, mas sabia ser sutil e inteligente quando era necessário. Seu socorro a Kratos à guisa de coveiro antes da batalha com Ares havia provado isso.

Ela só não havia visto essa faceta do caráter de seu pai recentemente. Não mais; desde que Kratos ascendera ao trono do Deus da Guerra.

– Defenda-se como achar melhor. Você não precisa de meus bons votos para tanto, irmão.

Poseidon retorceu a barba novamente para esconder o sorriso largo. Zeus não foi capaz de notar, mas, de onde estava, Atena percebeu com muita clareza o que se passava. Tanto quanto Íris. A Mensageira dos Deuses saiu correndo.

Era como se a morte de Ares tivesse desencadeado uma ambição jamais

vista entre os Olímpianos antes. Ao tempo em que muitos reclamavam da autoridade de Zeus, os mesmos se submetiam a ela para que pudessem correr atrás de seus próprios prazeres, tanto no Monte Olimpo quanto entre os mortais. Mas e agora? Poseidon e Íris não eram os únicos a aspirar ao trono, enquanto Zeus continuava a direcionar sua ira contra um mero mortal.

Kratos podia até ter sido um deus, mas apresentava menos perigo a Zeus do que muitos dos que permaneceram deuses.

Poseidon e Zeus continuaram trocando farpas depois que Atena os deixou, perguntando-se o que deveria fazer para restaurar a ordem entre os deuses. Depor seu próprio pai? Ou ajudar Kratos na busca por vingança? Ela prendeu o fôlego quando percebeu o rumo que seus pensamentos haviam tomado. Haveria de ter outro caminho que não a obrigasse a se opor a seu pai – ou ajudar aqueles que se opunham.

Haveria de ter.

Capítulo vinte e sete

A corrente agitou-se, apertando-se em volta do pescoço musculoso de Kratos, e o arrancou do chão. Ele caiu com força e, então, foi arrastado atrás de um imenso cavalo malhado a galope. A paleta de cores nos flancos do cavalo tinha uma tonalidade de fogo encarnado. Os cascos desferiam coices para cima de Kratos, mas a corrente era longa o suficiente para mantê-lo a uma distância segura – se *seguro* pudesse ser usado para descrever um estrangulamento até a morte por uma corrente cada vez mais apertada.

Ele grunhiu ao se chocar contra uma árvore morta e voar alto. Aterrissou de forma brusca, mas acabou conseguindo vislumbrar rapidamente o cavaleiro. O homem vestia uma couraça bárbara, com folhas de um metal pesado cobrindo seus ombros ao longo do peito, braços descobertos resguardados apenas por braceletes felpudos, e pernas que até podiam esconder grevas, mas era provável que não. Embora o bárbaro não estivesse usando um capacete, Kratos não foi capaz de ver seu rosto. Importava mais era o chão passando ligeiro por sua barriga, rasgando seu corpo enquanto ele ia sendo arrastado mais e mais rápido atrás do cavalo de batalha. Kratos agarrou a corrente com ambas as mãos e a puxou, tentando afrouxá-la de sua garganta. Ele sentiu os elos cortando sua carne – e cortando sua respiração.

O mundo se tornou um pouco mais sombrio quando o cavalo acelerou ao longo de uma trilha. Para um trecho pantanoso, ele estava caindo demais e apenas em pontos bem sólidos. Pedras, tocos, detritos, tudo pela frente ia dilacerando a carne de Kratos e não o deixava se concentrar no único jeito de salvar sua pele. Se não conseguisse desenrolar a corrente de seu pescoço, ele morreria.

O cavalo saltou sobre uma árvore caída; Kratos não teve outra escolha senão acabar de encontro a ela com força e, logo depois, já pairava de novo. Por um breve instante, a tensão da corrente diminuiu um pouco. Ele mergulhou de cabeça contra o vento, desfez uma volta da correia de aço e impulsionou seu braço direito para o alto de modo que a corrente estalasse apertada em torno dele, em vez de seu pescoço. Em seguida, ele tombou contra o chão, exalando todo o fôlego de seus pulmões em uma rajada, com o impacto. Foi arrastado por mais uns cem metros até que recuperasse os sentidos o suficiente para levar a mão esquerda às costas, desembainhar uma espada e, então, trazê-la abaixo com toda a sua força contra a corrente.

Em um momento, ele deslizava pelo chão – em seguida, ele já estava se pondo de pé na estrada pantanosa, com árvores por todos os lados e o cavalo marcado pelo fogo disparando por uma clareira, livre do contrapeso de Kratos. O cavaleiro puxou as rédeas e forçou sua montaria a enterrar os cascos na terra fofa. Uma nuvem de poeira e lama se levantou, então o cavalo girou em suas patas e correu de volta aonde Kratos já estava com uma lâmina à mão.

– Pelos deuses, é verdade! – O cavaleiro se maravilhou, fixando seus olhos em Kratos. – As Moiras estão sorrindo para mim hoje. Abri meu caminho por entre os guardiões de Hades, rastejei pelo fogo do tormento eterno até conseguir escapar, e tudo por uma chance de mudar meu destino. E por onde haveria de começar da melhor maneira possível, senão tirando a vida do homem que roubou a minha?

– Você – Kratos disse com escárnio. – Quantas vezes mais eu terei de matá-lo?

O Rei Bárbaro levou o rosto aos céus e urrou em provocação. Ao se inclinar, o bárbaro expôs a pálida cicatriz em sua garganta a Kratos, que, por sua vez, havia decapitado o guerreiro, lançando sua cabeça a uma poça de lama, da última vez em que se encontraram. Sua barba negra e espessa escondeu novamente a cicatriz em seu pescoço quando ele baixou o queixo para lançar seu olhar carrancudo de encontro a Kratos, que mal conseguiu enxergar os olhos por trás daqueles poços escavados no cenho de seu oponente, mas pôde ver que ardiam mais do que mera sede de sangue. Toda a sua astúcia estava focada exclusivamente em seu inimigo.

– Em retribuição a meus esforços, a luz das Moiras ilumina meu caminho, enviando-me o alvo de minha vingança: Kratos!

Kratos cambaleou um pouco quando o mundo girou sobre ele, o lusco-fusco se esvaeceu e os gases nocivos que subiam do pântano foram substituídos pelo cheiro forte de sangue derramado. O campo de batalha, onde antes seu tornozelo se enfiava no barro, transformou-se em pura lama de tanto sangue derramado. Ele havia sido arrebatado da realidade em que vivia e lançado a um sonho – um pesadelo!

Kratos fazia parte da ilusão, embora estivesse à parte dela, cara a cara com o Rei Bárbaro, exatamente como outrora.

– Alik – exclamou Kratos. – Vou reduzi-lo a pó de novo! Venha e lute!

– Você vai tombar desta vez, Fantasma de Esparta. Você bebeu a ambrosia e me roubou a vida de meu pai.

– Com ele morto, você se tornou rei – Kratos disse. – Será que você me deixou fazer o trabalho sujo para, assim, se ver livre do problema sem levantar suspeitas? – Kratos procurou provocar o bárbaro para que ele atacasse de cabeça quente. Funcionou.

O Rei Bárbaro irrompeu adiante, mas o rumo da batalha não foi bem o que Kratos esperava. Alik era imenso e imensamente forte. Ele girou seu martelo de guerra com habilidade e poder, levando Kratos a cair de joelhos. Alik girou o cabo em volta e acertou Kratos por baixo do queixo. A cabeça do espartano foi

arremessada para trás, e ele caiu pesado, de costas contra o chão, de modo que viu bem quando Alrik cruzou ambas as mãos sobre o cabo do martelo e o levantou alto. Os músculos de Alrik retesaram-se quando ele se preparou para desabá-lo contra o crânio de seu inimigo, mas tudo o que Kratos podia ver era a barba agaloadada de forma intrincada e as juntas ósseas costuradas a ela.

Kratos clamou a Ares que o socorresse, revivendo a profana barganha que havia feito com o Deus da Guerra. E a batalha se transformou de imediato. Ares exterminou os bárbaros sem embaraço algum, e Kratos se viu possuído por uma força renovada – e as Lâminas do Caos se soldaram aos ossos de seus braços por longas correntes. A luta se tornou de um homem só, e Kratos lançou Alrik de volta ao Submundo, onde era seu lugar.

Ele tropeçou e se deu conta de que já não estava mais vagando por um pesadelo qualquer, com toda aquela lama sangrenta até seus tornozelos. Muito pelo contrário, a dura realidade que novamente enfrentava em nada destoava de sua alucinação.

Alrik havia acabado de escapar das garras de Hades.

– Temos algumas coisas em comum – Kratos disse.

– O ódio que nutrimos um pelo outro? – o Rei Bárbaro bradou.

– Sim. E ambos deixamos o Submundo para trás.

– Há mais uma coisa que temos em comum – disse Alrik.

Kratos não disse nada. Ele segurou firme suas espadas, avaliando a melhor maneira de atacar o imponente guerreiro, retornado do Hades.

– A morte de meu pai! Não vou morrer até que você pague por tê-lo matado – Alrik disse.

Antes que Kratos pudesse atacar, o centro da clareira começou a se transformar. Um abismo se abriu depressa no chão e alertou Kratos de que ele não tinha tempo a perder. Saltando sobre a bocarra escancarada que se estendia por todo o caminho abaixo até o Hades, ele deu um giro, mas Alrik era um lutador inteligente demais para que um ataque tão óbvio como aquele obtivesse algum êxito. Ele saiu galopando, já fora do alcance.

Kratos foi logo atrás e sacou o Arco de Tifeu. Passou a disparar flechas o mais rápido que podia. Alrik chegou a rebater um ou dois mísseis glaciais, mas alguns poucos se cravaram em sua pesada couraça. O ataque provocou uma gargalhada gutural.

– É o melhor que você pode fazer, Fantasma de Esparta?

O cavalo partiu a galope em direção a Kratos, seu cavaleiro empunhando o imponente martelo de guerra. Kratos deu uma cambalhota à esquerda do corcel de fogo, obrigando Alrik a girar a marreta sobre seu corpo, o que diminuiu seu alcance e garantiu a Kratos alguns poucos centímetros de vantagem – que salvaram sua vida. A cabeça cravejada de espinhos do martelo roçou suas costas, mas então já era tarde demais para que Alrik investisse de qualquer outra maneira. O Rei Bárbaro dependia de seu cavalo para fugir do alcance de qualquer ataque que Kratos pudesse desferir.

Kratos empregou suas espadas nas pernas do cavalo, cortando fora os cascos logo acima dos machinhos. As canelas do animal estalaram e ele caiu de cabeça contra o chão, lançando seu cavaleiro pelos ares. O corpo do cavalo impediu que Kratos desse seguimento imediato a seu ataque e um fim à vida de Alrik mais uma vez.

Determinado, ele deu a volta em torno do cavalo mutilado, com os olhos voltados apenas a Alrik. O que quase o levou à morte.

Alrik girou seu martelo de guerra em um arco sibilante para manter Kratos à distância. Ele cerrou os dentes, e então soltou um urro de parar o coração.

– Compareçam, meus guerreiros. Venham a seu rei e lutem mais uma vez ao meu lado!

Um fedor repentino empestou o ambiente, o que fez o nariz de Kratos enrugar. O cheiro era bastante familiar. Estava presente em cemitérios e em campos de batalha e em qualquer outro lugar em que a morte reinasse. Bem a sua frente, o abismo se abriu de novo, permitindo que os bárbaros trucidados pelos espartanos rastejassem para fora do Submundo. Um deles agarrou a perna de Kratos e o fez tropeçar. Com a agilidade de um gato, Kratos caiu e rolou, ficou de pé e girou as Lâminas de Atena com precisão mortal. A cabeça do bárbaro morto explodiu de seus ombros, quicou no chão e, então, desapareceu de volta pela beirada e rumo ao Hades. O corpo continuou a lutar. Kratos projetou sua perna, passou uma rasteira no soldado que se debatia e o lançou logo atrás de sua cabeça.

Ele se restabeleceu a tempo de ver Alrik se recuperar de sua queda. Com uma facilidade zombeteira, girou seu martelo de guerra, cujos espinhos cravejados reluziam ensanguentados. Kratos se perguntou de onde sangue tão fresco viera e logo percebeu que era seu. Alrik não havia coordenado seu golpe com rigor, mas, ainda assim, conseguira sangrá-lo. Kratos sentiu a grande mancha arredondada sobre suas costas começar a latejar por conta da lesão.

Kratos ameaçou atacar Alrik, mas logo interrompeu a investida. O Rei Bárbaro plantou o cabo de seu martelo contra o chão e, em seguida, bateu-o várias vezes com uma enganosa mansidão. O terremoto que acabou irradiando

teria derrubado Kratos, se ele não tivesse pulado com tanta força quanto suas poderosas pernas fossem capazes de impulsioná-lo. Quando ele aterrissou, o chão ainda tremia, mas o pior do abalo havia passado.

Uma lâmina certa abriu um extenso talho na bochecha de Alrik, mas o Rei Bárbaro não se acautelou. Girou seu pesado martelo de guerra e atirou as espadas de Kratos para longe. O movimento defensivo fez com que o enorme homem deixasse a guarda aberta e o caminho livre para que Kratos disparasse subitamente adiante, até que os dois ficassem a poucos centímetros um do outro. Kratos o espancou com o cabo de uma espada e seu punho direito. Os golpes consistentes forçaram Alrik a recuar. Kratos o acompanhou, dessa vez girando as duas espadas.

Os guerreiros se abalroaram em um combate feroz, cada qual com seu vigor, ambos determinados a matar o outro. Travados, contraídos, Alrik rangeu entre os dentes:

– As Moiras prometeram mudar meu destino. Não permitirei que você, Fantasma de Esparta, roube minha chance de viver!

Kratos deu um empurrão, impelindo Alrik para trás. O bárbaro era forte demais para ele, e os riscos do que ele tinha de fazer pareceram suicidamente altos. Com as lâminas a sua frente, ele concentrou sua energia e deixou o ponto esbranquiçado crescer, bem no fundo de seu peito. Assim que o poder se aglomerou em uma mancha cintilante, suas pernas vacilaram.

– Você tem medo de mim, Kratos? Eu sabia! – Alrik avançou em disparada.

Seus braços arremedaram as pernas e seu corpo todo se liquefez. O bárbaro grasniou um grito de guerra e ergueu o martelo para desferir o golpe fatal. Fraco demais para fazer qualquer coisa além de tremer sobre seus pés, Kratos mergulhou em seu eu interior e desencadeou a Fúria dos Titãs. A imponente onda de choque atingiu Alrik de maneira tal que o arrebatou do chão. Caiu sentado e derrapou por mais alguns metros. Pela primeira vez, algo além de ódio incandesceu-se nos olhos do rei.

Kratos vislumbrou temor.

– Você nunca irá passar por mim até o Templo de Euríale. Vou detê-lo e reclamar minha recompensa por servir as Irmãs do Destino!

Com as lâminas oscilando em um arco fatal, Kratos seguiu em frente e deixou feridas profundas e sangrentas nos braços do Rei Bárbaro. Percebendo sua chance, Kratos ergueu as mãos e agarrou o cabo do martelo de guerra em uma tentativa de arrancá-lo do guerreiro. Empurrou seus pés contra o peito de Alrik, esticando seu corpo para livrar o martelo das garras de seu adversário, que voou pelos ares e caiu pesado.

Antes que Kratos pudesse se pôr de pé, Alrik se abalroou para cima dele, valendo-se de seu joelho para pressioná-lo com força contra o chão. Alrik pegou de volta o martelo de guerra. Kratos saiu rolando até que estivesse a uma distância considerável de seu inimigo e ficou de pé. Mas quase não conseguiu ficar fora do alcance do giro do martelo. Sentiu ar quente soprando contra seu rosto quando a cabeça do martelo cravejada de espinhos passou a poucos centímetros dele. Se o golpe tivesse sido em cheio, sua cabeça teria virado uma polpa sangrenta.

Kratos atacou e suas espadas voaram mais rápido do que qualquer martelo de guerra seria capaz de bloquear. Alrik aplicou sua imensa força, empregando seus longos braços como alavancas diligentes para mudar a direção de seu golpe, mas já era tarde demais. Kratos havia quebrado a guarda do gigante. Suas espadas atravessaram o Rei Bárbaro.

Alrik nunca chegou a reagir às lesões. Mas esboçou alguma reação quando Kratos mais uma vez agarrou o cabo do martelo de guerra e o arrancou de suas mãos. Em seu rosto, um verdadeiro pavor se misturou ao ódio absoluto por um breve instante, antes de Kratos girar o martelo e acertar Alrik na lateral da cabeça. O golpe o derrubou de bruços no chão. Kratos alinhou sua postura, calculou a distância e, logo em seguida, levou o martelo abaixo com cada gota de energia contida em seu corpo aguerrido bem entre os ombros de Alrik. Choveu sangue quando os espinhos do martelo se enterraram na coluna do rei, que partiu-se ao meio. Kratos girou o martelo de novo. Dessa vez, mirou mais embaixo. A coluna se despedaçou. Mas, ainda assim, Alrik virou de lado. Outro golpe. Outro e mais outro, até que Alrik estivesse imóvel no chão.

Kratos segurou o martelo de guerra, apreendido após a vitória, sobre sua cabeça e rugiu triunfante. Então, chutou o corpo rumo à beira do abismo e, enfim, Hades abaixo.

Ele se permitiu um momento de satisfação. No passado, Alrik se sobressairia no combate e só a intervenção de Ares o salvara. Isso acabou submetendo Kratos a uma vida de servidão ao Deus da Guerra. O *ora morto* Deus da Guerra.

Não lhe sobrava mais tempo para saborear a vitória. Os bárbaros mortos-vivos continuavam a rastejar para fora do Hades. Suspendeu o martelo de guerra e o girou em uma ampla circunferência, rebatendo dois deles de volta ao precipício. Pôde escutar seus berros angustiados enquanto desabavam mais uma vez rumo ao Submundo.

Quando o último deles foi arremessado pelo abismo, o buraco passou a se fechar. Kratos colocou o martelo no chão e se inclinou sobre ele. O sangue de Alrik escorria por entre os espinhos. Kratos girou o martelo em seu redor e o enterrou no chão para limpá-lo, provocando um terremoto. Resmungou, já sem humor algum, e ergueu o martelo de guerra, acomodando-o em seu ombro.

Então, Kratos o deslizou, triunfante, por trás das costas, onde ele magicamente repousou junto às outras dádivas concedidas pelos deuses.

Ele mirou o horizonte para além do pântano e vislumbrou a torre negra que se elevava do Templo de Euriale, até então resguardado por Alrik em nome das Irmãs do Destino. Fora-lhe prometida uma nova sorte caso protegesse o templo da aproximação de Kratos. Por pior que tenha sido.

Capítulo vinte e oito

– O que aconteceu? – Átropos grasnou, frustrada. – Você deveria ter se livrado dele!

– Kratos? – Láquesis fez pouco caso de sua irmã, com um meneio de mão. – Ele pode ter destruído minha estátua, mas isso em nada importa. Alrik irá detê-lo no Pântano dos Esquecidos.

– Ah? – Átropos ficou parada, com as mãos nos quadris, fixando o olhar em sua irmã. – E como você acha que isso vai acontecer?

– O que você quer dizer? Alrik tem sido um servo fiel, se não um tolo. Ele acha que vamos analisar sua situação e acabar salvando-o. Ares forneceu as armas e a força para Kratos esmagá-lo. Não há razão alguma para concedermos uma nova audiência a Alrik – Láquesis riu de modo sutil. – Não há razão alguma, uma vez que ele cumpre nossos designios sem nunca ter exigido que façamos *nada* em favor dele.

– Você acha que Alrik vai deter Kratos?

– O que há de errado, querida irmã? – Láquesis começou a sentir um toque de raiva na forma como Átropos estava agindo. – Algum de seus fios do destino se rompeu, por acaso? Você sempre se esforça tanto para produzir cada um deles com perfeição.

– Perfeição – Átropos disse com amargura. – Você deveria dispensar a seu trabalho ao menos metade da atenção que dispenso ao meu. Se assim procedesse, saberia o que aconteceu.

Láquesis rodopiou e encarou Átropos. Palavra alguma se formou em seus lábios.

– É isso mesmo – disse Átropos. – Kratos não apenas derrotou os homens de armas zumbis do exército de Alrik, como também o próprio Alrik montado em seu pomposo e altivo cavalo de batalha. Mandou todos de volta ao abismo, rumo aos braços de Hades.

– Kratos matou Alrik? De novo? Mas eu – não era para isso ter acontecido – ela sentiu uma vertigem passageira. Não esperava que o fio do destino tão bem tramado por ela acabasse se sobressaindo daquela maneira. O fato de Kratos ter destruído sua estátua a surpreendeu, mas ela havia analisado minuciosamente o destino dele antes de lançá-lo e não viu nada que pudesse fazer para preservar a estátua. Bem ou mal, ele fora advertido.

Láquesis estendeu a mão para puxar, uma após a outra, as linhas, da finura de um fio de cabelo, que determinavam a sorte tanto de mortais quanto de

deuses, até encontrar o que procurava. O fio de Kratos estava com uma textura diferente. Láquesis conteve a raiva dirigida a sua irmã. Átropos se intrometera no que supostamente era para ter sido uma distração, uma sorte mais divertida. Kratos sempre fora o queridinho dela por nunca ter agido conforme o esperado – mas, de um jeito ou de outro, ele sempre acabava cumprindo o destino decretado por ela.

Não mais.

Acariciando o fio, alisando as ramificações irregulares, puxando um pouco, ela se esforçou no sentido de determinar um destino apropriado.

– Você está brincando com ele. Acabe com sua vida de uma vez – Átropos fez movimentos de corte com suas garras ao fixar os olhos em sua irmã.

– Mas eu acabei. Zeus o matou. Apenas a adulteração de seu destino feita por Gaia foi capaz de resgatá-lo do Hades. Não acontecerá novamente. Eu lhe asseguro disso.

– Do mesmo modo que você pensou ter cuidado da questão em seu templo?

– Se brinco com ele, é para me divertir um pouco, e nada mais – disse Láquesis. – Além do mais, não é minha culpa que Alrik tenha fracassado. Não foi você quem teceu o fio dele?

– Não – disse Átropos. As Irmãs se encararam. – Você acha que foi Cloto quem determinou que Kratos mandasse Alrik de volta ao Submundo?

– Por que ela faria isso? – Láquesis refletiu bastante sobre o assunto. Ela era capaz de observar a interação de milhares de destinos entrecruzados e mantê-los em ordem – ou até-os permanentemente, muito embora estivesse cada vez mais difícil de lidar com o fio de Gaia.

No passado, o fio era da cor da terra, cor de barro, com tons de verde, mas recentemente ela havia tentado perscrutar o fio – tão logo Cloto o tramara – e se deu conta de que era uma tarefa nada fácil. O fio estava escorregadio e difícil de cortar. Impulsivamente, Láquesis lançou seu gancho só para perceber que a lâmina havia passado através do fio, como se tivesse cortando lama. A tentativa de reparo não surtiu efeito algum. Afora isso, Átropos entrara na câmara atrás de serviço ou coisa que fosse, e ela teve de dissimular suas verdadeiras intenções.

Mas como foi possível que o fio se tornasse tão imaterial? As habilidades de Cloto eram inquestionáveis. Átropos teria interferido novamente em assuntos que não lhe diziam respeito? Sua irmã se intrometia cada vez mais, como se estivesse espionando.

Preocupava-a a possibilidade de Átropos descobrir sua decisão insensata de

enviar o Guerreiro do Destino atrás de Kratos. Um importante aliado fora derrotado. Cloto estaria interferindo? Não havia mortais, deuses e até mesmo Titãs o suficiente para manter Cloto e Átropos ocupadas? O receio de Láquesis só aumentava, temerosa de que o fardo por ter desemaranhado os novelos do destino acabasse recaindo sobre ela e tão somente ela.

– Ela pode ter percebido o quão mal você lidou com Kratos e pensado em como consertar a situação. Dê cabo da vida dele agora, Láquesis. Ele já foi longe demais. Os Corcéis do Tempo. Seu templo foi destruído. Alrik Dê cabo do fio agora.

Láquesis ficou ouriçada.

– Quem é você para me dizer o que fazer? Sei bem como tramar destinos. Melhor do que você *ou* Cloto!

– Devo me ocupar com suas tarefas? – Átropos pegou o fio do destino de Kratos.

Láquesis o tomou dos dedos afoitos de sua irmã. Faltava imaginação a Átropos e ela acabaria dando um fim a Kratos de maneira tal que enrugaria a trama. Um distúrbio desses poderia levar anos até ser resolvido.

– Deixe comigo. Ele nunca irá nos alcançar, irmã. Ele será detido no Templo de Euriale.

– Você está certa disso?

– Você me ofende e insulta minhas habilidades, querida irmã – Láquesis não fez esforço algum para esconder o sarcasmo em sua voz. Dedos espertos davam puxões no destino de Kratos. Cabeças de górgonas. Esqueletos. A chave. Não haveria maneira de Kratos evitar sua sorte. Nenhuma maneira.

Capítulo vinte e nove

– Escondidas nos confins da torre, estão as Moiras. Elas controlam os fios do destino. Tome o controle de seu fio e você será capaz de retornar ao momento em que Zeus o traiu – Gaia sussurrou a Kratos.

O Templo de Euríale se elevava no horizonte. Ele se esforçou para ver a torre que se insinuava por cima das tristes árvores com galhos chorões. Bufou de nojo. Não era de se admirar que o lugar tenha sido batizado de Pântano dos Esquecidos. Cadáveres pendiam dos galhos das árvores próximas a ele e o fedor da decadência humana empestou todo o lugar.

– Kratos – a voz suave de Gaia surgiu novamente, dessa vez com um quê de urgência não presente antes. – Você deve tomar cuidado. O que vem pela frente é uma armadilha.

– Para que você me diz o óbvio?

– As Moiras não permitirão que você entre assim tão facilmente no santuário delas. A Câmara de Tecer é sacrossanta. Ninguém, além do trio, jamais entra lá. Ninguém, senão os Sacerdotes do Destino.

– Não tenho medo de nenhum deles.

– Você tem se saído bem, mas não deve se descuidar. A húbris acaba com os mortais.

– Eu me tornei o Deus da Guerra e não me caiu bem. Tudo o que eu quero é matar Zeus pelo que ele fez.

Ele falou apenas ao sussurro do vento através das figueiras-de-begala e ao rangido das correntes e cordas em torno dos cadáveres pendurados.

– Nunca recuar – murmurou. Ele havia chegado longe demais em sua busca pelas Irmãs do Destino e para forçá-las a enviá-lo de volta no tempo, não tinha como voltar atrás. Recuar? Sua vida ainda estava por vir.

Ele foi pela trilha, atento às armadilhas. Alrik o surpreendera, mas Kratos acabou descobrindo, inclusive, que novamente sentia prazer no combate. Na primeira vez em que se encontraram, quando Alrik comandava sua horda inteira de bárbaros, Kratos era mais fraco. Seu braço era forte e sua espada, rápida; mas ele havia cedido a Ares, prometendo sua servidão em troca da vitória.

Suplicar aos deuses por ajuda não acrescentava nada a um verdadeiro guerreiro. Ele era espartano e precisava apenas de sua própria habilidade e bravura.

O fraco gotejamento de água em uma piscina era o único som que ele ouvia. Até o vento havia morrido. Segurando com firmeza o martelo de guerra que havia conquistado em combate, ele avançou, fazendo a curva na trilha para vislumbrar a torre sombria.

Ele viu a entrada de imediato. Uma grande porta de bronze era a única passagem. Ao partir em sua direção, passando por cima de esqueletos espalhados ao redor, ele desacelerou o passo. Gaia o advertira do perigo.

Com um salto poderoso para a esquerda, ele navegou pelos ares assim que a cabeça de uma górgona fantasmagórica se formou em frente à porta. O rosto, delineado por uma eletricidade crepitante e esverdeada, parecia estar prestes a falar, mas tão somente um olhar fixo e letal acabou envolvendo-o. Ele deu uma cambalhota, girando abruptamente, para só então encará-la, já que saíra do campo de visão da górgona, cujos olhos não podiam segui-lo devido às paredes que formavam a moldura da porta de bronze.

Se ele quisesse entrar no templo, teria de encontrar uma maneira mais segura.

Congelou ao pisar em um osso, que partiu. Havia algo errado com o som emitido por aquele osso. Os esqueletos em frente ao olhar da górgona começaram a tremer e deslizar pelo chão. Kratos assistiu aos ossos se interligarem e os esqueletos passaram a assumir uma forma mais humana. Logo os ossos estalaram-se de pé, cataram espadas abandonadas no chão e se prepararam para o ataque. Kratos vislumbrou várias ossadas de esqueletos guerreiros ainda em formação e se deu conta de que seria soterrado muito em breve, a menos que agisse de imediato.

Com um rugido, ele avançou, girando o martelo de guerra. A cabeça do primeiro esqueleto explodiu da espinha, decepada com precisão. Sua segunda investida cortou fora as pernas de um segundo esqueleto, que caiu para trás, agitando os braços, para acabar estourando novamente em uma ossada disforme. Kratos se desviou do semblante fatal da górgona, saiu chutando outros esqueletos que se formavam, destroçando-os de volta, e escutou os estalidos de osso se encadeando a osso logo atrás dele.

Kratos sentiu uma dor aguda pelo ombro quando a espada do esqueleto o acertou. Agachou-se para se desvencilhar do ataque, golpeou através das costelas de seu adversário e, logo depois, deu uma coronhada com o cabo do martelo em cheio no crânio. Mais uma vez, a cabeça explodiu da coluna do esqueleto. Kratos notou que o segundo esqueleto, do qual ele já havia tratado, recuperara suas pernas e estava novamente em pé, ainda que um tanto desajeitado. Incentivado pela dor do talho em suas costas, Kratos saiu rodopiando e demoliu seu inimigo ossudo. Não parando após espalhar os ossos por todos os cantos, carimbava o chão com seus passos, esmagando os braços de calcário e os ossos das pernas por

baixo de sua sandália. Girando para trás, desmembrou os esqueletos que o perseguiram. Ao perceber o modo como eles se reformavam seguidamente, estilhaçou os ossos, reduzindo-os a pó. Levou um bom tempo até que estivessem todos pulverizados, sobrando apenas umas poucas articulações e outros pedaços ainda menores que não representavam mais perigo algum.

Kratos abriu caminho em meio às ruínas, saltando sobre piscinas de águas escumosas e, enfim, encontrando o que outrora devia ter sido uma arena. As paredes haviam desmoronado de um lado, mas os corredores mais elevados e algumas beiradas ainda remanesciam. Ao observar em volta, ouviu uma voz débil.

– Guerreiro!

Kratos olhou para o outro lado da arena. Em um nível alto demais para ser alcançado, enxergou um homem se locomovendo com bastante esforço, rastejando pelo chão como se suas pernas estivessem quebradas.

– Guerreiro, ajude-me. Eu lhe imploro, ajude-me! – duas criaturas com chifres agarraram o sujeito e o arrastaram para fora da vista.

Kratos sacudiu a cabeça. Até que conseguisse atingir aquela altura, o homem já estaria praticamente morto. Perscrutou o chão. Poças alaranjadas de lama misturada a esterco emitiam gases que fizeram sua respiração ficar presa na garganta. Ele recuou, certificando-se de que não se tratava de uma armadilha. Tudo o que acabou escutando foram os sons obscenos e borbulhantes das poças de esterco.

O quase silêncio foi quebrado pelo sopro estridente de um chifre. Um Senhor das Bestas emergiu com o instrumento convocatório pressionado aos lábios, uma enorme pança blindada e seu rosto escondido por trás de um capacete com chifres. Suas garras se cravaram no piso de pedra, deixando arranhões profundos quando ele jogou as costas para trás e soprou outra longa e lúgubre convocatória. Nos tempos de Deus da Guerra, Kratos vira tipos como aquele e esperou pelo que estava prestes a acontecer.

O senhor deixou de lado seu chifre assim que um imenso ciclope apareceu, rastejando por trás das ruínas. Lançando ganchos, o Senhor das Bestas escalou o ciclope e se estabeleceu em suas costas largas, onde os arpéus se firmaram aos músculos de seus imponentes ombros. Tanto o Senhor das Bestas quanto o ciclope rugiram uma provocação que Kratos estava pronto a responder. Direcionando o monstro caolho como se guiasse uma carruagem, o Senhor das Bestas deu um forte puxão nas rédeas improvisadas para ativar sua montaria.

O ciclope uivou e partiu para cima de Kratos. Ao perceber o verdadeiro perigo, Kratos deu uma cambalhota por baixo da clava da criatura e retalhou furiosamente as pernas desprotegidas. O ciclope caiu de joelhos, possibilitando

que Kratos girasse suas espadas sobre o Senhor das Bestas. A ponta de uma das lâminas deslizou por baixo da pesada armadura. O Senhor das Bestas perdeu o controle e caiu de sua montaria caolha para se espatifar no calçamento irregular. O ciclope era perigoso, já o Senhor das Bestas era ardiloso e conseguia conduzir a luta de um jeito que Kratos tentava evitar.

O espartano avançou para cima do Senhor das Bestas. Antes, apenas machucara a criatura. Dessa vez, cravou as espadas com força e as levou de baixo das axilas até regiões bem delicadas. Um gêiser de sangue arterial explodiu.

O Senhor das Bestas gemeu e saiu rolando para longe. Kratos foi implacável em seu ataque. Encurralou o Senhor das Bestas, mas seu golpe fatal acabou sendo desviado. O ciclope havia retornado à batalha. Sua clava quase arrebatou a espada da mão de Kratos. Ele rodopiou e retalhou o ciclope, mas logo percebeu seu erro. O Senhor das Bestas atacou por trás.

Novas feridas se abriram em suas costas largas. A dor dos talhos profundos tirou sua concentração da batalha. Um guerreiro inferior teria morrido. Kratos já havia experimentado dores piores. Ele era um espartano. Ele era mais. Ele era o Fantasma de Esparta.

Ganhando cada vez mais ferimentos em suas costas, ele focou totalmente no ciclope e em seu porrete oscilante. Desviou-se de um golpe baixo que o teria reduzido a um pudim de sangue. Estilhaços de pedra irromperam do chão quando a clava destruiu ainda mais os paralelepípedos. Mas Kratos já havia quebrado a guarda do ciclope, que acabou ficando com a barriga exposta. Atacando com ambas as mãos, direcionou suas espadas para dentro, para cima – e para fora. Retalhou um enorme naco de carne sangrenta da barriga do ciclope, que soltou um grasnido de agonia e abandonou sua clava para segurar seu abdômen dividido ao meio.

Kratos estava com o caminho livre – ainda que por um instante – para matar o Senhor das Bestas atrás dele. A criatura blindada não havia parado de atacar suas costas desprotegidas nem por um segundo. Kratos sentia rios de sangue lhe fazendo cócegas enquanto escorriam por sua pele. Impeliu o rosto do Senhor das Bestas contra o piso de pedra e, então, carimbou a cabeça da criatura com seus pés, esmagando-a. Deu um passo para trás e riu com escárnio de seu adversário caído no chão. Kratos se sacudiu e lançou borrifadas de sangue por todos os lados.

Ele se virou e viu que o ciclope se recusava a morrer, pelo contrário. Ia atrás dele. Enterrando seus dedos contra a borda de um paralelepípedo quebradiço, conseguiu se firmar, apesar de suas sandálias estarem escorregadias de sangue. Esperou até que o ciclope chegasse perto o suficiente, então se lançou adiante. Escalou o monstro, agarrando punhados de carne até encarar o único e

enorme olho. Kratos tomou impulso para trás e esmurrou em cheio. Seu punho atravessou as entranhas em redor do olho viscoso e, então, ele agarrou e puxou. O olho pulou fora.

Cego, o ciclope foi levado ao chão sem maiores dificuldades. Quando Kratos se afastou da carcaça, notou ligeiros espasmos no corpo do Senhor das Bestas. Carimbou o pé algumas tantas vezes mais sobre ele. Só quando parou pôde escutar o barulho de uma feroz batalha sendo travada. Kratos avançou pela arcada e se deparou com um rio de lama com ilhas circulares de metal e vislumbrou o guerreiro que havia clamado por sua ajuda antes, lutando contra um par de minotauros do outro lado do rio, no topo de uma laje rochosa.

Kratos pulou na primeira ilha arredondada, notou correntes e rodas dentadas na lateral e, em seguida, tratou de empurrar uma longa manivela. A plataforma inteira rodou e se moveu em direção à margem oposta do rio pútrido. Se chegasse ao outro lado a tempo de salvar o guerreiro, ele o faria.

Se falhasse, pouco importava. Tinha de seguir em frente. Kratos pressionou as costas contra a alavanca e passou a girar o disco metálico sob seus pés, quando então o rio começou a ferver e oito sentinelas emergiram da água e deslizaram para cima do disco. Por alguma razão, ele supôs que a tropa não havia aparecido para ajudá-lo com a alavanca.

Capítulo trinta

– Ele me aceitará de volta se eu lhe der essa notícia – Hermes disse.

– Contenha-se – Atena advertiu o Mensageiro dos Deuses. – Zeus não está de bom humor neste exato momento. Os outros deuses estão irrequietos e... ainda há os Titãs – ela passou os olhos em volta do lugar escolhido por Hermes para seu exílio. Ele se punira demasiadamente ao permanecer no deserto egípcio, em vez de no Delta do Nilo, onde era mais fresco e povoado por pessoas, não pulgas-da-areia. Ainda assim, a pureza da areia a encantava – tanto quanto a inexistência de destruição. Talvez aquele oásis livre da porfia olimpiana, por mais temporário que fosse, acalmasse Hermes.

– Do que você está falando? – Hermes encarou Atena. – Gaia? Ela não tem poder algum. Cronos foi exilado no Tártaro tão logo Kratos devolvera a Caixa de Pandora ao Olimpo.

– Mas Tifeu fora desperto de seu sono na montanha, e Oceano começa a causar problemas nos domínios de nosso tio. Há muita coisa ainda a ser esclarecida – Atena disse, ignorando Hermes. – Devemos ter certeza do que vamos dizer quando conversarmos com Zeus.

Muita coisa havia escapado de seu controle. Sua cidade favorita ainda jazia em ruínas após o confronto entre Kratos e Ares. Seus adoradores haviam começado a restaurar os templos e santuários dedicados a seu culto, mas ficaram cautelosos. Esparta havia estendido seus tentáculos militares – com a bênção de Kratos – e destruiria qualquer cidade que desafiasse seu poderio. Mas havia mais. Mais, que até o habitualmente matreiro Hermes, aquele que tudo vê e tudo escuta, não percebera, em sua necessidade desvairada de recuperar seu *status* no Olimpo.

Alguns de seus adoradores haviam construído santuários, pequenas capelas a bem da verdade, em celebração a Gaia. Era como se escolhessem voltar a rituais antigos dos quais provavelmente já nem se lembravam. Ou havia algo mais acontecendo, que ela era incapaz de perceber? Os deuses do Olimpo manifestavam sua presença, seu poder e sua autoridade, embora com menor frequência agora do que antes de Kratos ter se tornado o Deus da Guerra. De alguma forma, os mortais sentiam o mal-estar no Olimpo e procuravam outras divindades.

Mas os Titãs? Atena não conseguia entender. A Grande Guerra fora travada e vencida. Zeus havia banido para sempre todos os Titãs pelo que Cronos fizera com ele, desgraçando até Gaia, mesmo tendo sido ela a responsável por sua criação. A fúria do Rei dos Deuses não conhecia limites. A raiva em seu peito já não ardia em fogo brando como antes, suas chamas irrompiam cada vez mais.

Estariam os mortais percebendo a facilidade com que ele poderia destruí-los e, assim, buscando outros deuses para protegê-los?

Mas logo os Titãs!

– Eu posso avisá-lo sobre Kratos e como ele chegou às Ruínas dos Esquecidos.

– O quê? – Atena ficou chocada com a informação. – Ele foi tão longe assim?

– Você não vai contar a Zeus? Ou vai? Quanto mais eu lhe der, menos suscetível ele ficará a favorecer Íris.

Atena percebeu a suspeita na voz de Hermes.

– Não, eu não lhe contarei o que você descobriu – ela percebeu que sua promessa não havia aliviado a preocupação de Hermes. Não lhe custaria muito para que ele virasse as costas para ela. Se ele desconfiasse que Zeus o reintegraria a seu *status* prévio entre os deuses, a traição surgiria tão facilmente em seus lábios quanto suas sandálias aladas o levavam, mais veloz do que um pensamento, por todo o mundo.

Ela precisava ficar em alerta. E quanto a Kratos? Deveria ajudá-lo quando tudo o que ele buscava era matar seu Pai dos Céus? Atena balançou a cabeça. Paz entre os Olímpianos – com Zeus no trono – era a única esperança de sobrevivência deles contra uma determinação tão fatal quanto a demonstrada pelo Fantasma de Esparta.

– Espere até que eu fale com as Irmãs do Destino e pleiteie seu caso – Atena disse a Hermes.

– Você faria isso por mim? Pediria o perdão delas?

Atena sentiu um calafrio quando pensou em ter de abordar o trio, cujas tramas do destino controlavam todo o mundo, mortal ou divino. Ela poderia interceder por Kratos.

Ou poderia interceder por Zeus. Imaginou que seu pai precisava de socorro muito mais do que o espartano.

Capítulo trinta e um

As sentinelas cercaram Kratos e o acuraram contra a alavanca que ele vinha empurrando para mover a ilha circular de metal. Suas lâminas cantavam de um lado para outro, mas as criaturas pingando resíduos orgânicos eram velozes demais e bailavam com facilidade para fora do alcance de suas espadas, que giravam ferozes.

Quando a alavanca esbarrou em suas costas e as correntes ligadas à engrenagem em volta da ilha metálica começaram a ranger, ele se deu conta de que seu progresso rumo à margem oposta do rio pantanoso seria em vão. Sem uma pressão constante sobre a alavanca, a chapa circular girava de volta em direção ao lado errado do rio. Quanto mais a luta durava, mais longe ele ficava da margem que almejava.

Um olhar de relance rumo à elevação rochosa muito acima dele mostrou que o guerreiro ainda batalhava. Logo em seguida, Kratos foi obrigado a ignorar o lutador em apuros por conta de seus próprios problemas. As sentinelas avançaram novamente com suas espadas e foices sibilando ao cortarem o vento.

Kratos fechou os olhos para concentrar seus poderes e, então, desencadeou a Fúria de Cronos. A magia irradiou e, momentaneamente, deixou seus oponentes atordoados. Empregando uma força descomunal, ele girou as Lâminas de Atena e cortou de ponta a ponta as barrigas das quatro sentinelas mais próximas. Dois passos ligeiros o deixaram em condições para despachar outras três. Com apenas uma remanescente, fora de seu alcance, ele se posicionou para a estocada final, mas acabou se dando conta de que a magia já havia se desvanecido. A sentinela berrou e partiu para cima dele.

Ao capturar a lâmina da criatura no X de suas próprias espadas cruzadas, Kratos caiu para trás e, de imediato, atacou com violência. Um de seus pés se prendeu em volta do tornozelo da sentinela; o outro chutou perversamente contra a rótula. O estalo seco dos ossos se partindo sobrepôs-se ao sussurro do rio que cortava o desfiladeiro e era cortado pela ilha. Mas o estalo seguinte – quando Kratos levantou bem acima de sua cabeça a criatura que se debatia e, em seguida, largou-a contra seu joelho – foi tão alto quanto qualquer trovão.

Kratos chutou o corpo para dentro da água e tratou de retornar a sua tarefa, para atravessar o rio contra a correnteza. Logo chegou ao outro lado, deu um curto salto para fora do círculo de metal e se embrenhou nas ruínas. Mal atingira uma área decadente, coberta por videiras, ouviu os gemidos fracos de um humano. Olhou em volta.

– Guerreiro, ajude-me – o apelo foi tão baixo que mesmo os ouvidos aguçados de Kratos quase não conseguiram escutar. Nas brenhas fétidas da floresta, em meio à densa vegetação, ele viu algo se movimentando,

resplandecendo seu fulgor. Kratos correu em frente, abrindo caminho através das videiras. Quando viu o guerreiro que antes clamava por ele, parou.

O guerreiro portava uma armadura ateniense, o penacho de seu capacete era de um vermelho vívido. Um ligeiro olhar em volta deixou Kratos convencido de que o soldado não era a isca de uma armadilha. Avançou, pôs-se de joelhos, segurou o soldado pela couraça e o sentou no chão. Saía sangue de uma dezena de feridas, todas potencialmente fatais. Kratos vira o soldado lutando contra minotauros. Um profundo sulco na barriga comprovava a chifrada que levou de um deles para, então, ser abandonado à própria morte. Kratos sacudiu o homem para reanimá-lo antes que sua alma partisse rumo ao Submundo.

– Deus da Guerra – o ateniense rangeu entre os dentes. Borbulhava sangue em sua garganta, outro sinal de que ele estava prestes a fazer a travessia pelo Rio Estige. Tentou apontar em uma direção. – Jasão... aquela besta o levou! – o soldado agarrou o braço de Kratos com uma força surpreendente. – Todos os nossos homens estão mortos. Jasão está com o velocino necessário para rebater o olhar da górgona. Você deve salvá-lo! – escorreu sangue pelo canto da boca do soldado ferido, e Kratos sentiu o cheiro da morte iminente. O sujeito desfaleceu, exaurido pelo esforço de alertar Kratos, que o colocou deitado de volta ao chão e se levantou, observando-o em sua tentativa de puxar o ar. Cada aspiração era sôfrega, chiada. Para um ateniense, ele havia lutado bem.

Kratos se virou em direção ao caminho indicado pelo soldado.

– Ajude-o – surgiu o clamor fraco, quase inaudível.

O soldado caído disse que Jasão havia enfrentado algum tipo de criatura. As demais súplicas foram abafadas por um repentino e obscuro ruído de sucção, gorgolejos, um vil festim.

Kratos percorreu o caminho rumo aos sons da carne de um animal sendo dilacerada para logo se esquivar, assim que a górgona assassina se ergueu sobre sua cauda de cobra e bloqueou a passagem. Um emaranhado de olhos o espreitava, entrelaçando-se por todos os lados, enquanto ele era perseguido pelas mãos fugidias da criatura que se arrastava cada vez mais em sua direção. O olhar fatal varreu o campo de visão de Kratos, que o encarou tolamente e sentiu seu braço virar pedra. O braço que, segundos antes, era só músculos, imponente, capaz de empunhar qualquer arma, no instante seguinte, encontrou-se entorpecido e gelado, como se fora esculpido em mármore. Uma poderosa flexão de seu ombro despedaçou a pedra e restaurou-lhe o braço, então curiosamente fraco. Ele o flexionou novamente, sacou suas lâminas e rolou por baixo do olhar fatal. A investida furiosa com ambas as espadas provocou um grasnido estridente que quase o congelou, tal qual o olhar da górgona o faria.

A criatura se empinou de novo em sua cauda de serpente, elevando-se

sobre ele. Ele estoqueou, enfiando a ponta de uma das lâminas alguns centímetros adentro da carne protegida por um couro espinhento, e esboçou um grito tão logo o olhar o cobriu por inteiro. O sangue já havia parado de circular em seu braço. Mas, então, as veias de todo seu corpo pareciam estar obstruídas. Um pânico momentâneo o assolou, mas não demorou a passar, tão logo percebeu estar envolto e não transformado em pedra. Com um solavanco possante, arqueou as costas e jogou os braços para cima. Sua carne foi rasgada pelos estilhaços do mármore estraçalhado que o encobria. Kratos não deu a menor atenção a ferimentos tão leves. O real perigo estava a sua frente. A górgona se preparou para o bote e disparou seus faróis gêmeos da morte. Se ele fosse empadrado de novo, talvez não conseguisse mais escapar.

Ele saltou no ar e cravou ambas as lâminas na górgona. A criatura contorceu-se de maneira sinuosa, apenas ligeiramente ferida. As bordas de suas espadas deixaram um rastro de fogo, tamanha foi a força do ataque seguinte, quando Kratos novamente retalhou o monstro. E, outra vez, seu corpo ficou frio e imóvel. O olhar o banhara com uma luz esverdeada, hedionda e transformadora. Kratos se estatelou contra o chão, duro feito pedra, por conta do olhar da górgona assassina.

A sorte conta muito na vida de um guerreiro. Assim foi com Kratos. Caiu pesado sobre uma rocha no terreno pantanoso – que acabou quebrando seu invólucro e, mais uma vez, ele se viu livre. Estilhaços voaram em todas as direções, na certeza de que um novo aprisionamento de pedra significaria seu fim.

Com fúria total, Kratos atacou, lançando-se pelos ares. O olhar da górgona o seguiu. Ele apontou suas espadas para baixo e as cravou nos olhos que ardiam as chamas da morte, cegando a besta, que soltou um grasnido e tentou fugir.

Espadas já não bastavam mais. Kratos agarrou o pescoço da górgona e apertou. Sentiu o couro frio e escamado de cobra por baixo de seus dedos. Apertou mais, sufocando-a. Apertou ainda mais quando ela começou a se debater, então deu um puxão selvagem e decapitou o monstro.

Kratos girou o martelo de guerra do Rei Bárbaro e esmagou a carcaça da criatura, reduzindo-a a pó. Pôde escutar melhor os clamores de ajuda, uma vez desobstruído o caminho.

Kratos parou em frente a uma grade de ferro. Do outro lado, um cérbero de peito largo e pelos negros jogou sua cabeça central e arrancou fora o braço de um homem caído. Choveu sangue sobre a areia da arena, e os ruídos da deglutição do monstro de três cabeças abafaram os gemidos de dor do sujeito agora maneta. A fera viu Kratos e rugiu. Suas garras lascavam o chão e seu rabo ouriçado chicoteava de raiva de um lado para o outro.

Kratos se curvou, agarrou a base da grade e a suspendeu, abrindo o portão. Kratos teve a impressão de que todas as três cabeças estavam sorrindo, mesmo a que ainda segurava o braço decepada, quando o monstro girou as patas para encará-lo.

Virando as costas ao cérbero negro, Kratos deixou o martelo de guerra frouxo em sua mão. Baixou a cabeça e esperou. O cérbero ficou intrigado com a falta de agressividade. A impaciência do cão de três cabeças o levou a atacar. Kratos apertou o cabo do martelo, seus músculos se enrijeceram, e ele deu início ao giro. Ao ficar de costas, ele quis apenas se adiantar e economizar a propulsão de uma meia-lua. Ele girou e mandou o martelo com toda sua prodigiosa força contra a cabeça que ainda devorava o braço humano. Explodiu sangue para todos os lados quando a cabeça cravejada do martelo deu de encontro com a cabeça do cérbero.

O monstro negro tropicou e caiu de lado. Kratos se reposicionou, girou o martelo em um amplo arco e novamente o encaixou certo logo atrás do musculoso ombro do cão. O choque causado pelo baque percorreu seus braços, obrigando-o a recuar para recuperar seu equilíbrio.

Kratos quase morreu.

O cérbero negro cuspiu uma bola de fogo de sua segunda cabeça. Kratos levantou o martelo e desviou uma parte da lava destinada a ele. Um lodo putrefato em chamas revestiu seu martelo, queimando o cabo de madeira. Com dois passos ligeiros, deu uma cambalhota e escapou de outra bola de fogo, reerguendo-se próximo ao maneta.

– Mate-o, Deus da Guerra – o sujeito ferido incitou. Kratos olhou para ele sem interesse algum. – Mate-o e Jasão da nau Argo lhe será eternamente grato.

– O Velocino de Ouro está com você?

Jasão meneou a cabeça. Com a mão que lhe restava, apontou.

– O cérbero o engoliu. Pegue-o de volta. Você tem de recuperá-lo.

Kratos soltou um rugido e atacou. O cérbero virou suas cabeças e enfim o avistou. A criatura havia ficado sem enxergar por algum momento devido a seu próprio sangue em seus olhos, que então já estavam bem limpos outra vez. Percebendo que o cão era lerdo demais em seus movimentos laterais por conta da disposição de suas quatro patas, Kratos o forçou a enroscar as duas traseiras em um giro duplo. Agarrando o martelo de guerra com ambas as mãos, atirou-o contra o chão entre ele e o cérbero.

O estouro do martelo explodiu ondas no solo por todas as direções. Kratos cambaleou e caiu apoiado de joelhos, mas o tremor acabou derrubando o cão,

que se chocou contra o chão e saiu quicando até que o abalo cessasse. Apoiado em um de seus joelhos, Kratos girou novamente. O martelo de guerra esmagou a segunda cabeça. Sobrou apenas a terceira. Pelos uivos lastimáveis vindos dela, Kratos devia tê-lo ferido gravemente.

A criatura se debatia para ficar de volta sobre suas patas e, assim, poder cuspir outra de suas bolas de fogo letais; Kratos se levantou ligeiro e avançou, tirando vantagem de um novo ataque flamejante que expôs a garganta da fera. Seu martelo girou para acertar o cão bem por baixo da mandíbula. Sua cabeça voou para trás.

Estando perto demais para usar um martelo de cabo tão longo, Kratos agarrou o cão com ambas as mãos e rasgou pedaços de carne de seu pescoço. O cérbere ficou possesso, debatendo-se, tentando atingir seu carrasco com suas garras e abocanhá-lo com a cabeça remanescente. Um giro ágil levou Kratos a se aproximar ainda mais. Pressionou um braço contra a garganta do cão e deu a volta por trás da cabeça com o outro. Ao capturá-lo em uma chave mortal, empregou toda a sua força no tranco. Um som como o de um trovão preencheu a arena, quando o pescoço estalou sob seu estupendo golpe fatal.

Kratos se afastou quando o cérbere se chocou contra o chão de areia, contraindo-se de forma violenta enquanto a morte lentamente tomava cada centímetro de seu musculoso corpo. Sem delongas, Kratos agarrou as mandíbulas e as forçou abertas, depois mergulhou seu braço na garganta do monstro. Seus dedos formigaram ao tocar um chumaço grosso de lã do carneiro mágico. Com um puxão ligeiro, Kratos arrancou tanto o Velocino de Ouro quanto o esôfago do cão, que foi jogado de lado. Segurou o velo acima de sua cabeça, observou seus fios de lã dourados e tremeluzentes, entrelaçados para formar as braçadeiras de uma armadura, e sentiu um poder preenchendo todo o seu corpo.

– Você conseguiu, Fantasma de Esparta. Você recuperou meu velocino!

Jasão foi dolorosamente em direção a Kratos.

– Devolva-me o velocino e você será abençoado pelos deuses.

Kratos deu uma cusparada.

– Não quero nada que tenha a ver com os deuses do Olimpo, senão matar Zeus.

Tal declaração deixou Jasão chocado. Seus olhos se arregalaram e sua boca tentou formar palavras. Agarrou seu braço amputado com a mão boa. Escorria sangue sobre seus dedos.

– Você não pode estar falando sério – disse Jasão. – O carneiro que ostentava essa lã foi abatido em oferenda a Zeus.

– Assim como Zeus será abatido em oferenda a mim – Kratos rodou devagar o velocino de modo que brilhasse como um pequeno sol dourado.

– O velo é uma relíquia sagrada. Você não pode pervertê-lo a seu bel-prazer, Deus da Guerra – disse Jasão.

– Eu não sou o Deus da Guerra! – Kratos berrou. – As Moiras me concederão um novo destino – um que preveja a morte de Zeus! Nunca mais vou me sentar no trono do Deus da Guerra!

– Meu destino é que será remendado pelas Moiras. Por que mais elas bloqueariam a entrada com uma magia que só meu velocino seria capaz de destruir? – Jasão disse, com uma voz já mais forte. – Eu e meus Argonautas enfrentamos um dragão e traições para roubá-lo de Eetes de Cólquida. Ele é meu!

Jasão estendeu a mão de maneira desajeitada, como se tentasse agarrar o velo. Kratos se afastou e deixou que o Argonauta caísse por terra, aterrissando de joelhos e apoiando-se em seu braço bom contra o solo arenoso. Jasão ergueu os olhos, rogando pela misericórdia de Kratos. Estava claro que ele não sabia nada sobre o homem a quem implorava, se achasse que algo como caridade ou até mesmo uma centelha de compaixão poderia arder em qualquer canto que fosse daquela alma torturada.

– Preciso dele para alcançar as Irmãs do Destino!

Kratos se afastou do sujeito enquanto ele se debatia para ficar em pé. Não havia motivo algum para que ele continuasse trocando palavras com Jasão.

– Minha sorte tem de ser mudada. O velocino garantirá minha entrada e será meu presente a elas para que mudem meu destino – Jasão contraiu o maxilar e sua fisionomia adquiriu uma expressão rígida. Cerrou o punho que lhe restava com tanta força que suas unhas cortaram sua carne já calejada e gotas de sangue foram sugadas pela sedenta areia do chão da arena.

Kratos tocou a mancha em seu peito, onde Zeus o trespassara com a Lâmina do Olimpo. Caso sua coragem porventura esmorecesse ao longo de sua busca pelas Moiras, aquela memória sempre haveria de renovar sua determinação. Zeus iria morrer em suas mãos.

– Medeia – a voz de Jasão engasgou. – Ela era meu amor, meu tudo. Era uma bruxa e a única mulher que um dia realmente me amou – Jasão recobrou a postura. – Ela matou seu irmão para ajudar no roubo do Velocino de Ouro. Convenceu as filhas de meu tio a matarem-no e comê-lo enquanto Pélias pensava em me trair por causa da profecia de um falso oráculo.

Kratos baixou o velocino e o segurou a seu lado, observando o Argonauta de

perto.

– Medeia convenceu minhas primas de que, se matassem meu tio e o devorassem picado aos pedaços, ele se rejuvenesceria e ficaria curado de uma doença grave – os lábios de Jasão se curvaram. – Ele – eles – mereceram a sorte que tiveram.

– Então por que você quer que as Moiras a modifiquem? Mudou de ideia?

– Nunca! Medeia fez isso por mim e eu a abandonei. Eu a deixei de lado pela filha do Rei Creonte. Era para Glauce ter sido minha noiva, mas Medeia lhe enviou uma túnica nupcial que irrompeu em chamas inextinguíveis até consumi-la por inteiro, no dia de nosso casamento – Jasão ergueu os punhos, enfrentado Kratos. – Depois de cortar as gargantas de nossos filhos, ela fugiu para Atenas.

Jasão fez uma pausa, cerrou os dentes e disse:

– Eu posso tê-la de novo. Quero que as Irmãs do Destino me levem de volta à cama de Medeia.

– Para matá-la?

– Não! Fui um tolo por ter acreditado que Glauce poderia me amar mais do que ela. Tenho saudades de meus filhos, e Medeia assombra meus sonhos, seu sorriso, o toque macio – Jasão levou a mão às costas, sacou um punhal perversamente afiado e se lançou para cima do espartano. Anos de batalha feroz afiaram os reflexos de Kratos. O brilho fosco da lâmina, que deveria ter sido cravada em seu peito, passou raspando por ele, que estendeu a mão e agarrou Jasão pelo pescoço, apertou e o suspendeu, levantando o Argonauta do chão. Jasão ainda investiu o punhal em uma tentativa débil e frustrada de esfaqueá-lo. O poderoso apertão de Kratos virou a lâmina ao contrário e a dirigiu rumo ao peito de Jasão e coração adentro.

Quando o sujeito parou de se debater, Kratos o jogou de lado.

– É melhor morrer em combate – ele disse, fazendo a vez da inscrição na lápide do herói morto.

Ergueu o velocino e o estendeu sobre os ombros em uma exibição de ouro.

Capítulo trinta e dois

Átropos manipulou sua imagem projetada para que tivesse duas vezes sua real altura e fitou o deus por cima de seu nariz. Ela queria poder incutir mais medo nele, mas só encontrava uma ânsia curiosa, ou talvez esperança. Com uma única sacudidela no fio predeterminado a Hermes em seu tear, ela poderia mudar seu destino, mas ele não parecia se preocupar com sua própria sorte.

Todavia, ele se preocupava, e muito. Caso contrário, por qual motivo estaria de joelhos no deserto egípcio, fazendo uma súplica às Irmãs do Destino?

Átropos olhou em volta, imaginando se Láquesis e Cloto não fariam uma visita ao deus, obrigando-o a rastejar a seus pés. Láquesis gostava de se aventurar para longe da Ilha da Criação por meio de suas projeções, mas Cloto relutava em fazê-lo, preferindo permanecer em seu cômodo, tanto em corpo quanto em espírito. Ela estava um pouco apreensiva desde que ficou sabendo que Láquesis havia convocado o Guerreiro do Destino, que acabou sendo derrotado por Kratos com a maior facilidade. Ah, havia sido uma dura batalha aérea, claro, mas o grifo que o Guerreiro conduzia era uma montaria inferior; devia ter sido muito mais ágil no ar do que o Pégaso que Kratos usara para chegar à Ilha da Criação. O que tinha dado na cabeça de Láquesis?

– Você conhece meu apelo, irmã – Hermes disse, curvando-se de forma intensa. As asas de suas sandálias zumbiam suavemente, mantendo seus pés um pouco acima das areias do deserto, como se ele fosse bom demais para andar onde os camelos andavam.

Átropos viu sua ira crescer, e não tinha a menor ideia do porquê. Considerou a possibilidade de derrubá-lo, prendendo suas sandálias aladas, para ensinar-lhe uma lição de humildade. Ela detinha o poder sobre os Olímpianos. Detinha o poder sobre todo o mundo! Por acaso ela e suas irmãs não haviam derrubado os Titãs na Grande Guerra? Os Olímpianos e Zeus em particular deviam a elas a posição e o poder dos quais desfrutavam desde então.

– Eu não posso mudar seu destino, deus do Olimpo – Átropos disse posposamente. Ela queria que ele ficasse bem mais nervoso do que estava e, talvez, acabasse lhe oferecendo um grande tributo, como Cronos havia feito no passado. Presentes dados no calor do medo sempre foram deveras interessantes, refletiam os pensamentos de quem os ofertava. – Ou, melhor dizendo, eu *não vou* mudar. Não é do meu feitio alterar o que já fora tramado com tanto carinho.

– Suas decisões me deixam confuso, irmã – disse Hermes.

– Elas não são passíveis de entendimento por parte de meros deuses.

– Por que você deixa que Kratos possua o Velocino de Ouro?

– Ele não o possui. Jasão está tentando nos conquistar com aquele suborno, como se o Velocino de Ouro tivesse alguma utilidade para nós.

– Se vocês não aceitarem o Velocino de Ouro como uma oferenda de Kratos...

– *Jasão* é quem nos leva o velo, e não Kratos. Kratos se frustrou em sua tentativa de chegar ao Palácio do Destino. Nós não permitimos que mortais – ou deuses – entrem no palácio, a menos que o determinemos em seu destino.

– Nem tanto, irmã – Hermes disse. Ele se tornava cada vez mais confiante, o que a deixou perplexa, irritando-a ainda mais. Havia muita coisa se esgueirando ao longo de um cordão de destino que ricocheteava e sacudia em direções inesperadas. O resultado seria o mesmo, claro, mas tais oscilações acarretavam imprevisibilidades demais para que ela conseguisse manter sua paz de espírito. Láquesis estaria se deliciando. Átropos queria apenas restaurar a ordem.

– Tenho ciência de cada dádiva já concedida por mim a um mortal.

– Qual é seu ponto, Hermes?

O alado Mensageiro dos Deuses a encarou com audácia – audácia até demais –, em uma clara provocação. Teriam ela e suas irmãs incitado Hermes longe demais? Ter permitido que Zeus expulsasse Hermes do Olimpo acabou deixando o deus mensageiro sem nada a perder. Ela pôde sentir aquela mesma determinação impassível de Kratos. O que mais poderia ser feito com ele que as Irmãs do Destino já não tinham determinado? Seu destino estava selado, tão certo como se tivessem afixado um pingo de cera nele e empregado seus anéis de sinete para marcar sua testa.

– Eu dei o carneiro a Frixo e Hele, que voaram...

– Sim, sim, fomos nós quem decidimos que Hele tombaria rumo a sua morte – Átropos riu por entre os dentes com a lembrança. Nenhuma das Irmãs pôde prever que os mortais batizariam o estreito canal onde Hele morreu com seu nome.

– Frixo apreciou bastante minha dádiva. O carneiro tinha tanto o dom da razão quanto o dom da fala – e possuía o Velocino de Ouro. Foi uma das minhas dádivas mais refinadas.

– Eu sei disso tudo, Hermes. Você está desperdiçando meu tempo. Agora, vá embora – Átropos encontrou o fio que vinha tramando com todo zelo.

– Toda e qualquer dádiva por mim concedida – disse Hermes ainda mais enérgico – permanece para todo o sempre vinculada a mim.

– Hermes – disse Átropos, cansada das reminiscências dele. – Suas caridades não me interessam.

O rosto de Hermes endureceu.

– Há sempre mais por trás de meus feitos. Por acaso não tomo ciência de segredos para depois divulgá-los? Eu já sabia que Jasão mataria o dragão e roubaria o velo.

Átropos fixou seus olhos nele. Logo em seguida, sentiu um calafrio crescendo dentro de si que era tanto inesperado quanto incomum. Ela controlava a sorte dos outros, mas então seu próprio destino escorregava de suas mãos e escapava em direções não determinadas, contrárias a sua vontade. Ela sabia que Hermes falava a verdade.

– Jasão embarcou em outra missão, dessa vez para ofertar-lhes o Velocino de Ouro como um tributo, para que vocês mudassem seu destino.

Hermes prosseguiu justo com o que Átropos não queria ouvir.

– Jasão está morto e Kratos está em posse do Velocino de Ouro.

– Ele pode entrar no Templo de Euríale – Átropos disse chocada.

– Kratos tem aliados poderosos.

Gaia! O pensamento tomou Átropos de sobressalto.

– Íris – disse Hermes. – A Deusa do Arco-Íris o ajuda. Estou certo disso.

– Íris? – Átropos foi arrebatada de suas especulações sobre os Titãs conspirarem uma vez mais para sobressaírem-se aos deuses. Ela estava ciente do interesse de Gaia por Kratos, mas teria Íris de alguma forma escapado de seu destino? Átropos se apavorou de verdade. Ela se intrometera demais e poderia acabar arruinando a si mesma por sua falta de habilidade. Como ela gostaria de ter o talento de Láquesis para desprezar as decisões sobre as quais todas haviam concordado acerca dos destinos. Aquela situação tinha de ser resolvida e, tão logo fosse, ela poderia voltar a suas medidas e deixar Láquesis com suas distrações insignificantes.

Ocorreu-lhe um novo pensamento, ainda mais desanimador. E se Láquesis tivesse contra-atacado seus pequenos beliscões no destino de Kratos, mudando a urdidura e a trama do fio dele em nome de seus próprios interesses? Tais interesses talvez pudessem não comportar as melhores intenções em relação a Átropos. Afinal, ela se animara com a ideia de interferir de modo que apenas *ela* determinasse a sorte, e não todas as três Irmãs do Destino.

E se Láquesis tivesse decidido que *duas* irmãs seriam melhor que três? Átropos nunca discutia com Cloto, e nunca soube de nada entre sua irmã e Láquesis, tampouco. Mas ela e Láquesis? Tiveram lá seus momentos de disputa acirrada, embora não recentemente. Seria aquele sossego todo na disputa entre elas apenas um plano astuto de Láquesis para deixá-la sossegada demais até que...

Átropos foi inchando até ficar quatro vezes maior do que seu tamanho normal. A projeção tolhia Hermes ainda mais, à medida que ela tentava esconder sua agitação.

– Quem mais poderia fornecer informações tão precisas, senão outro Mensageiro dos Deuses? Ela tem intenções muito bem definidas em relação a Zeus.

– Seu trono? Ela nunca será aceita como a Rainha dos Deuses, sentada no trono de Zeus.

– Ah, não, isso não. Íris consegue ser mais sutil. Ela pensa em suplantar Hera como esposa de Zeus. Uma vez a seu lado, ela poderá manipulá-lo de modo que acabe conquistando o poder que tanto almeja. Zeus é um deus intenso em suas paixões e desamores e não faz nada com base em meias medidas, deixa com frequência que a emoção fale mais alto do que a razão. Íris acaba o aconselhando com a desculpa de informar-lhe as notícias de todo o mundo mortal. O que ela diz são mentiras! – Hermes estava livre de novo. Suas asas então batiam freneticamente, levantando-o a uns bons metros do chão de azulejos, à medida que sua excitação crescia.

– Nós não determinamos isso – Átropos disse. Ela largou a complexa trama e o longínquo Nilo transbordou, varrendo tudo em suas margens, tudo pela ausência de sua habilidade em tirar medidas. Descartáveis no momento, ela abandonou os fios do destino com os quais se ocupava e procurou os de Zeus, Hera e Íris. Não havia sinal de qualquer reformulação, mas como, se Láquesis estava sempre mudando suas peças, assim que se entediava? Fora que Cloto era a mais ardilosa das Irmãs. Ela poderia muito bem ter mexido em um fio sem que Átropos nunca pudesse perceber nada a menos que desfiasse a trama inteira.

As Irmãs do Destino não haviam determinado tamanha reviravolta no Olimpo. Mas, quem sabe, apenas *uma* das Irmãs o tenha feito? Átropos encarou Hermes e se pôs a pensar. Teria Láquesis se cansado de seu papel como tão somente uma das três Irmãs do Destino? Seria possível que ela tivesse a ambição de se tornar a *Irmã* do Destino?

Capítulo trinta e três

Kratos estava parado em frente ao Portão da Górgona, cujos olhos emitiam os esverdeados feixes fatais que o transformariam permanentemente em pedra. Seu retorno pelas ruínas havia sido rápido, uma vez que a urgência ardendo em seu peito crescia cada vez mais dentro dele. Se Jasão havia buscado pelas Irmãs do Destino, outros heróis também poderiam vir para pedir-lhes um destino diferente. Sua urgência jazia suprema. Ele já havia matado Ares, o Deus da Guerra. O próximo passo era matar o próprio Rei dos Deuses.

Kratos tocou a mancha em seu peito, onde a espada havia penetrado, deixando suas entranhas expostas. Olhou para o Portão da Górgona e deu um sorriso de escárnio. Ao tocar o Velocino de Ouro adornando seus ombros, o formigamento mágico tomou seus dedos. Antes, era só uma capa. Agora, placas incandescentes aderiam na sua armadura.

Os olhos da górgona se fixaram nele, que cambaleou por conta do calor e da hispida energia, mas a armadura de ouro havia reforçado sua capacidade de se defender mesmo do golpe mais severo. Ele avançou com o martelo de guerra do Rei Bárbaro em sua mão direita.

Torrentes de energia emanaram em torno dele, como se fosse um penhasco à beira-mar e as ondas de uma forte tempestade colidissem de encontro a si. Feito uma rocha, ele não se dobrou nem cedeu. Grunhindo, girou o martelo tão forte quanto pôde contra o rosto da górgona de pedra, que explodiu em milhares de pedacinhos. Kratos soltou um berro de vitória e partiu para dentro do Templo de Euriale.

Passou a explorar o local, encontrando esporadicamente apenas alguns guardas bloqueando sua passagem. Escutou o som de rangidos. Sacando suas espadas, rodeou uma espessa coluna para vislumbrar um soldado mirrado girando energicamente uma manivela. O soldado olhou para cima e arreganhou um sorriso, expondo falhas entre dentes tão enegrecidos de podres que já não tinham utilidade alguma. A pele de seu rosto estava esticada como se fosse um tambor bem apertado, e seus olhos ardiam o fogo do fanatismo. Com um puxão, arrancou a manivela de madeira do sarilho, cambaleando para trás.

– Você nunca vai alcançar as Irmãs do Destino, Fantasma de Esparta. Esse é *meu* destino – com pernas que mais pareciam varetas, do tanto que os ossos se sobressaíam aos músculos, ele saiu correndo, para desaparecer atrás de uma coluna, gargalhando histericamente por todo o caminho.

Kratos examinou o sarilho e viu que ele controlava um elevador que o levaria às entranhas do templo. Sem a manivela, restavam-lhe duas opções. Poderia perseguir o soldado escanelado e tomar o cabo de madeira dele, ou poderia encontrar uma nova forma de descer, uma vez que parecia ser essa a

direção a ser tomada. Por que mais o velho soldado em sua armadura surrada e encardida de sangue tentaria impedi-lo de alcançar os pavimentos inferiores, a menos que o caminho realmente o levasse às Irmãs do Destino?

De tanto vasculhar, Kratos finalmente encontrou um pequeno vão no piso antigo de pedra, que acabou sendo ampliado com vários golpes ligeiros do martelo de guerra de Alrik. Estilhaços desabaram rumo ao chão, muito abaixo. Ele enfiou a cabeça no buraco para observar em volta e viu uma estranha jaula de ferro beirando uma das paredes – ainda mais estranhas, porém, eram as lâminas curvas com bordas serrilhadas que oscilavam uma rente a outra, ao longo de calhas acopladas no teto. A altura da queda até o chão era grande demais, até mesmo para Kratos, mas, se ele conseguisse chegar a uma parede e descer com a ajuda de suas lâminas, ele poderia continuar sua busca.

Para tanto, ele tinha de atravessar o teto carregado com as rodas da morte. Qualquer uma das lâminas giratórias que se moviam lateralmente poderia decepar um braço ou suas pernas – ou mesmo sua cabeça –, se ele fizesse um único movimento em falso.

Sem hesitar, Kratos girou para baixo, lançando mão das Lâminas de Atena para se agarrar ao teto de pedra. Entrou em um ritmo que o permitiu se balançar adiante com desenvoltura, puxando fora uma espada para logo enfiar a seguinte feito uma âncora segura no teto, mas também o que quase causou sua morte. Seu caminho cruzou o das lâminas giratórias, que corriam soltas a partir das paredes pelos trilhos no teto. Kratos foi forçado a sincronizar seu avanço de modo que conciliasse a velocidade das múltiplas lâminas serrilhadas.

Quando ele havia quase atingido a parede oposta, foi obrigado a usar sua espada para bloquear uma lâmina que girava diretamente em sua direção. O impacto fez com sua mão se desgarrasse. Ficou pendurado por um braço enquanto a lâmina passou por ele. Demorou alguns segundos para que ele recuperasse seus sentidos; então, viu que a lâmina havia chegado ao fim de seu trilho e estava voltando a uma velocidade ainda maior. Suspendeu-se, enfiou novamente a espada no teto, feito uma âncora bem firme, e girou para fora do caminho da serra no último instante possível. Esperneando com força contra o vento, ele se balançou para lá e para cá, até atirar-se em um arco tal que o levou de encontro à parede. Seus reflexos rápidos levaram suas espadas à frente e pedra adentro. De onde estava, não demorou para logo atingir o chão.

– É uma armadilha. Uma armadilha – surgiu um fraco gemido de dentro da jaula de ferro na parede a sua esquerda. Kratos analisou o mecanismo e franziu a testa.

O decrépito soldado que havia roubado a manivela fora empalado por estacas elevadas da parede vertical que atravessavam o interior da longa jaula de ferro.

– Uma alavanca – o sujeito esquelético sussurrou com uma voz rouca. – Seja rápido ou você morrerá... como eu.

O soldado se contorceu em espasmos para logo desfalecer. Por um breve momento, Kratos se perguntou quanto tempo de sua vida o soldado teria perdido na tentativa de mudar o que as Moiras haviam determinado para ele, mas, antes que pudesse chafurdar mais a fundo na piscina de seus pensamentos, Kratos forçou sua atenção de volta à tarefa que tinha pela frente. Com cautela, examinou a estrutura diante dele. A advertência que recebeu lhe pareceu bastante acurada. Curvou as costas para puxar a alavanca externa, que recolheu o pistão cravado de estacas e com o corpo empalado o suficiente para que pudesse entrar na jaula. Soltou a alavanca e percebeu como o mecanismo funcionava.

Uma segunda alavanca ao longo dos trilhos deixou Kratos preocupado. Ele deu alguns passos, perscrutou ao redor e viu uma grade de pedra. Moveu a alavanca mais duas vezes, observando o funcionamento da estrutura. No terceiro puxão, seguiu em frente; o pistão começou a se mover atrás dele. A passos largos, Kratos foi em direção à segunda alavanca em um canto da jaula. Calculou a distância e o tempo que teria até o pistão chocar suas pontas contra ele, e recuou a alavanca. Uma pesada porta se abriu por trás da grade, na outra extremidade da gaiola. Àquela altura, o pistão já havia começado a acelerar de volta, tão logo atingira o fundo da gaiola.

Kratos agarrou a borda da grade, que estava no fim de um túnel de aço, e a soltou. A grade se moveu, pesada. Ele aplicou toda a sua imensa força e a levantou a tempo de evitar ser empalado tal qual o soldado, mas acabou vendo a porta a sua frente começar a fechar-se. Mergulhou através da passagem no último instante possível.

Ele desabou por uns dez metros até se estatelar contra o chão, saiu rolando e se pôs de pé, em alerta.

Por todos os cantos da câmara, elevavam-se imensos pilares de pedra. Pisos de mármore verde-mar se estendiam a sua frente, mas o que chamou sua atenção foi um pedestal solitário no centro da câmara. Sobre dele, aberto, havia um livro. Escumbros cercavam o pedestal. Ao chutar o entulho para se aproximar, a poeira se levantou, dispersando cacos. Kratos fitou a mão petrificada no meio dos destroços. Um único dedo de pedra apontava em sua direção. Seu pé desceu e enterrou a mão em meio ao pó.

Viu algumas palavras na página aberta do livro. Havia sido escritas com sangue.

SOU TUDO O QUE RESTA... AGORA SEI QUE NUNCA VOU
ALCANÇAR AS MOIRAS...

Kratos estendeu a mão para virar a página quando ouviu o som pavoroso de uma pedra se quebrando. Ergueu os olhos assim que uma coluna desabou em sua direção. Voando logo atrás, surgiu uma enorme Górgona, com cobras serpeantes em sua cabeça e sua cauda reptiliana chicoteando como um monstruoso mangual. Braços atarracados se estenderam em sua direção, fazendo tetas murchas e caídas balançarem a esmo. Em meio à coluna destruída, Kratos foi obrigado a saltar ou ser esmagado, quando a cauda mortífera passou em um único e possante golpe, derrubando o pedestal junto com o livro no chão empoeirado.

Ele saiu tropicando e já levando a mão ao martelo de guerra. Quando finalmente conseguiu recuperar o equilíbrio, deu de cara com o imponente monstro, que sibilou em seu rosto.

Euriale, a rainha das serpentes.

– Kratoss. Assassino de minhas crianças. Você está surpreso com o fato de eu o conhecer? Sim, estou bem ciente da miséria que você trouxe a minha prole.

Seu ataque foi incrivelmente veloz para uma criatura tão descomunal. Atacou com sua cauda, forçando Kratos a saltar sobre ela, e, logo em seguida, tentou congelá-lo com seu olhar. Ele caiu de joelho e suspendeu o Velocino de Ouro, desviando da visão letal.

– Você vai morrer, Kratos, por ter espezinhado impiedosamente minha linhagem. Suas mãos ainda carregam o sangue delas. Louvadas sejam as Moiras, pois neste dia, Kratos, você irá conhecer seu fim!

Kratos não tinha tempo para bate-bocas. Lançou o martelo de guerra e o esmagou contra o peito de Euriale, derrubando o monstro. Girou o martelo a tempo de bloquear o farfalhar da cauda. As ferroadas em suas mãos deixaram bem claro que se, o golpe da cauda o tivesse acertado em cheio, ele teria sido estraçalhado em mil pedacinhos. Kratos desferiu o pesado martelo contra o couro de cobra, mas não conseguiu provocar mais do que uma mera contração de dor. Euriale estava possessa de raiva e impassível.

Exceto, talvez, pela sensação de prazer que sentiria com a morte de Kratos.

Ao debruçar-se sobre seu estômago, ela girou a cauda ao redor, então a levantou bem alto para um golpe de cima para baixo.

Kratos notou a forma como a rainha górgona lutava e abandonou o martelo de guerra em favor das lâminas afiadas de suas espadas. Isso quase custou sua vida. Os feixes fatais acariciaram seu braço esquerdo. Gritou de dor antes que sua carne começasse a ficar dormente. Com uma torção involuntária, livrou seu braço para logo ter a perna capturada pelo olhar petrificante. O instinto prevaleceu. Ele deu um salto mortal duplo e caiu por trás de uma coluna, que

serviu momentaneamente de barreira contra a arma da górgona.

Esfregando furiosamente a mão sobre o braço, conseguiu sentir algumas alfinetadas. Mexeu os dedos e notou que haviam recuperado sua flexibilidade, mas ele não teve tempo de dispensar o mesmo tratamento a sua perna. A górgona deslizou ao redor, procurando por ele. Em vez de continuar a correr, conforme Euríale sem dúvida esperava que ele fizesse, devido a seus ferimentos, sacou suas espadas e deu uma cambalhota – direto para cima dela. Saiu rolando por baixo dos feixes gêmeos da morte e logo ficou de pé, pronto para atacar.

Sua perna o traiu e ele acabou perdendo o equilíbrio. A górgona sibilou triunfante. Kratos, porém, nunca se deu por vencido. Após arrastar sua perna esquerda pelo chão, pedra por pedra, ele se ajoelhou na altura dos braços dela. Ao fatiar a carne de Euríale, pela primeira vez ele a sangrou, infligiu uma dor de verdade, provocou uma reação que o levou a um sorriso de escárnio. Ele já havia passado por isso antes em batalha, quando um inimigo excessivamente confiante saía em vantagem no combate.

Primeiro, surgia a crença arrogante de que Kratos se revelaria um inimigo fácil, que sua reputação não passava de lenda, nada próximo à realidade. Se o inimigo sobrevivesse por tempo suficiente, aquela arrogância toda logo se tornava uma incerteza. Era o que então enxergava em Euríale. Naquele momento, o pensamento da própria morte cintilava nos olhos dela.

Kratos bloqueou outro olhar petrificante com o velo e seguiu em frente com suas espadas cortantes. Euríale recuou e enrolou seu corpo sinuoso em torno de uma das espessas colunas de pedra.

Lançando suas lâminas como arpões, ele as fincou nas costas de Euríale. Com um solavanco, a górgona tentou se livrar, mas Kratos foi implacável. Içava as correntes fundidas a suas espadas com toda sua força. Euríale se recusava a dar o braço a torcer. Kratos aplicou ainda mais força em seu puxão. Alguém tinha de ceder – e cedeu.

A coluna de pedra desmoronou sobre Euríale. Kratos não lhe deu chance alguma de se recuperar. Desferindo suas lâminas contra o corpo da criatura, retalhou enormes nacos de carne e provocou outro grasnido, dessa vez de dor e um profundo medo. O treinamento espartano sempre ensinara a Kratos que derrotar um adversário fisicamente não era o bastante. A verdadeira vitória vinha ao quebrar a vontade do inimigo.

Kratos percebeu que Euríale tinha um ataque final em sua manga. Assim que ela desencadeou seu olhar, ele lançou mão do velocino para desviar a investida da górgona, deixando-a indefesa no chão.

Por um breve momento, ela continuou se estorcendo. Mas não demorou para que Kratos saltasse pelos ares direto em suas costas, usando a perna

empedrada como um guindaste e fora do alcance da luz, ora fraca, tremulando em seus olhos. A carga partiu sua coluna. Com uma torcida brusca, Kratos arrancou sua cabeça, ergueu-a e a lançou velejando pela câmara de encontro ao chão, só para sair quicando, depois rolando, até parar de rosto para cima, com os olhos, uma vez fatais, agora nebulando, conforme Hades reivindicava o que era seu por direito.

Ele se jogou no chão com a perna esticada, formigando. Esfregando com empenho a pele resfriada, de modo que a circulação voltasse a irrigar sua carne, logo recuperou o pleno potencial de sua perna, já não mais petrificada. Levantou-se e certificou-se de que estava tudo bem ao sentir o pé novamente firme no chão.

Kratos não sentiu triunfo algum pela morte de Euríale. Ela era apenas um obstáculo no longo caminho para encontrar as Irmãs do Destino e forçá-las a levá-lo de volta ao momento em que Zeus o trucidara de forma tão traiçoeira.

De repente, parte da parede começou a cintilar e estremecer para, logo em seguida, sumir. Ninguém precisou avisar Kratos de que Euríale guardava uma passagem secreta que, com sua morte, abriu-se para ele. Avançou e logo se deparou com uma vasta área pantanosa, que foi simplesmente ignorada. Seu olhar se fixou em uma torre no horizonte que bem poderia ser gêmea do Templo de Euríale, mas Kratos notou a diferença de imediato. A torre resplendia vida.

Resplendia sorte.

Imaginou ter visto fios tremulando de dentro do topo da torre, irradiando em todas as direções, embora aquilo possa bem ter sido uma ilusão de ótica. Com Euríale morta, ele devia continuar. O arranha-céu era o destino óbvio. Tão logo partiu, diminuiu sua velocidade e acabou parando para levar os olhos aos céus.

Nuvens carregadas encobriram o sol e um fedor de enxofre empestou o ar. Kratos concentrou-se em seu olfato até localizar a direção de onde vinha o cheiro.

Um pedregulho sibilou pelo ar até colidir contra um muro a sua direita. Por um breve momento, ele não foi capaz de compreender o que exatamente o atacara; então, vislumbrou a pilha de pedras a sua frente se mexer, levantar-se e atirar outra pedra do tamanho da cabeça de um homem em sua direção. Kratos sorriu com escárnio no rosto. A cada obstáculo que superava, as Moiras o destinavam a lidar com outro. Seu grito de guerra tornou público e notório que ele estava mais determinado a prevalecer do que elas a detê-lo.

A barriga do minotauro de pedra emanou a luz do magma vulcânico quando ele se ergueu no esplendor de sua altura, cinco vezes maior do que Kratos. Prolongamentos rochosos e rugosos tentaram alcançá-lo, mãos que se pareciam mais com pedregulhos. De suas articulações, incandescia-se a massa rochosa

fundida, e chifres enormes em sua cabeça solavancavam para frente e para trás conforme o monstro ia jogando sua cabeça, como se fosse incapaz de enxergar sua vítima. Então caiu, pesado, fazendo o chão tremer tanto que Kratos foi derrubado. O minotauro de pedra esmurrou o chão repetidas vezes com seus braços maciços. Cada golpe provocava um novo tremor de terra contra o qual era impossível lutar. Tremendo-se todo, Kratos sabia que, das duas, uma: ou a criatura o atacaria diretamente ou continuaria estremeando o chão até se cansar.

O minotauro de pedra estupidamente escolheu atacar. Quando a criatura se empinou, no intuito de tombar adiante e esmagá-lo embaixo de seu enorme peso, Kratos tomou impulso e saltou pelos ares. As Lâminas de Atena apenas ricochetearam nas saliências rochosas, não havia alvo algum à mostra nos braços, nem nas pernas. Ao se lançar às alturas, movimentou as espadas como chicotes e aterrissou bem em frente à cabeça petrificada de olhos avermelhados pela lava incandescente. Ambas as lâminas se cravaram profundamente na cabeça do minotauro de pedra.

O monstro rugiu de dor e passou a rodopiar. Seus braços extraordinariamente longos, cobertos com lascas pontiagudas de pedra, eram como os raios de uma roda girando em torno de seu próprio eixo. Kratos tomou um novo impulso, saltando primeiro sobre um dos braços mortíferos para então pular por cima do outro. Enquanto o minotauro de pedra continuasse rodopiando naquele ataque louco e vertiginoso, ele não poderia atacá-lo diretamente. Caso recuasse, outra sequência de murros poderia provocar tremores de terra que o derrubariam de novo.

Kratos continuou saltando, ganhando tempo, aguardando o momento oportuno. Os chifres investiam contra ele em rotação máxima, mas eram os braços que apresentavam o maior perigo.

Quando Kratos entrou no ritmo, agarrou-se a um dos braços e, então, lançou-se ao alto para novamente atacar com suas espadas. Uma delas afundou profundamente na carne por baixo da couraça rochosa. A outra ricocheteou em um chifre de pedra no topo da cabeça do minotauro.

A combinação de ferimentos profundos com tão impressionante golpe acabou interrompendo o ataque do monstro por um breve instante. Kratos saltou e, ao passar pelo minotauro, suas espadas esquadriharam a garganta de pedra, fazendo com que a criatura se inclinasse para trás, o que expôs ainda mais sua barriga.

Golpes ligeiros abriram feridas na altura dos quadris da fera petrificada. Em vez de sangrar, a besta vazou rocha fundida. Os rios esplendorosos derramados das entranhas do minotauro primeiro emanavam um brilho vermelho como fogo para, então, correrem em filetes alaranjados à medida que a lava escoava até

esfriar. Kratos aterrissou a apenas alguns centímetros da barriga fervente e o calor escaldante acabou criando rios de suor em sua pele de maneira tal que, por um instante, tiraram sua visão. Quando novos pedaços de rocha fundida explodiram e passaram zunindo por Kratos, ele avançou o mais rápido e forte que pôde para cravar no monstro ambas as espadas. O minotauro deu um pinote e mais lava ainda escorreu dos novos cortes em seu corpo. Com duas possantes investidas, Kratos abriu um rombo através da barriga do monstro, castigando-o mais.

Enquanto o minotauro berrava de dor e jatos de puro magma vazavam de suas entranhas, Kratos deu um salto e caiu sobre os ombros arqueados de pedra, lançando mão de suas espadas para sair retalhando e dilacerando tudo pela frente, até encontrar o ponto mais vulnerável da criatura e impelir profundamente ambas as lâminas adentro. O minotauro empedrado estremeceu, passou a emanar um brilho entre as placas da couraça que revestia suas costas e, logo em seguida, tombou de bruços.

Kratos estava ofegante devido ao esforço, mas nem sequer olhou para o monstro caído. Mirou a torre que se elevava no horizonte enevoado. Estava próximo de atingir sua meta. Ele sentia isso. As Irmãs do Destino teriam de deferir seu requerimento para que ele pudesse matar Zeus.

Caso contrário, ele as mataria e *então* trucidaria o Rei dos Deuses.

Capítulo trinta e quatro

–Otrono jaz vazio. Isso não é bom – Poseidon disse e sua voz retumbou, preenchendo os aposentos de Zeus. – Temos de substituir logo o Deus da Guerra.

– Dói ter de concordar, mas meu irmão aguado tem razão – disse Hades.– Você está cometendo um grave erro ao não substituir Ares.

– Você quer dizer Kratos – Zeus disse. Ele formou um raio e o correu pelos dedos para, em seguida, segurá-lo entre o polegar e o indicador, ao tempo em que ergueu os olhos a seus irmãos. Ambos recuaram, temendo que Zeus desencadeasse seu raio contra eles.

Zeus sentiu prazer naquele lampejo de pânico. Era tanta divergência entre os deuses que ele nem ao menos conseguia dar atenção a suas próprias maquinações. Tal rebelião poderia acabar saindo de seu controle.

– Não permitirei desobediência. Foi por isso que matei Kratos. Ele me desafiou – Zeus se insuflou e expandiu, forçando seus dois irmãos a recuarem para lhe dar espaço. – Eu não permitirei isso.

– Você é tolerante demais – resmungou Hades. – Hermes. Veja como ele o desafiou.

– Eu o bani.

– Você deveria enviá-lo ao meu reino – Hades disse boquiaberto, com um sorriso estirando seus lábios. – Sei bem como lidar com tal desobediência.

– Seu decreto, Zeus, seu estúpido decreto impede um deus de matar o outro. Você teve de enganar Kratos para absorver seus poderes divinos antes de poder matá-lo.

– Kratos era forte demais, isso sim – Hades disse.

– *Não era, não!* – Zeus se levantou de sobressalto do sofá onde se inclinava e elevou-se acima de Hades, que se esforçou para esconder seu mal-estar. – Poderia ter matado o Deus da Guerra a qualquer momento. Eu sou o Rei do Olimpo, e não aquele arrivista. Eu o transformei em um deus e ele me desafiou.

– Quis dizer que seu decreto sobre um deus matar o outro o *obrigou* a transformá-lo em um mortal novamente – Hades disse.

– Não me faça de idiota, irmão.

– Fiquem quietos, os dois. Há transtornos demais no Olimpo. Olhem ao redor e vocês poderão ver o que digo em cada esquina – Poseidon disse.

– Tomarei medidas para que tudo volte a ficar bem – Zeus disse.

– Isso com certeza vai funcionar – disse Hades. – Tanto quanto ter elevado Kratos ao trono de Ares.

– Você ousa zombar de mim, Hades? – cada vez mais raios lampejavam entre as barbas de Zeus, que segurou um em cada mão.

– Você está tão cego que não consegue ver o que nosso irmão Poseidon está dizendo? – Hades retrucou. – O Olimpo está em pé de guerra, basta um insulto para que ela seja declarada abertamente. Uma guerra civil entre os deuses. Voltarei ao Submundo para ter um pouco de paz!

– Você está perto demais do problema para enxergá-lo, Zeus – Poseidon disse.

– Um novo Deus da Guerra – Zeus disse, um tanto mais pensativo, caindo novamente em seu sofá. – Seria uma boa medida. Mas quem? – franziu os lábios enquanto considerava potenciais guerreiros.

– Atena nunca concordaria – Hades disse.

– É uma vadia ardilosa, aquela trapaceira – Poseidon mirou o vazio.

– Alguém deve ser levado ao trono, como foi feito com Kratos. Mas você deve escolher de maneira mais sábia dessa vez – disse Hades. – Alguém dos Campos Elísios me parece uma má escolha. Quem, uma vez contente com a vida após a morte, desejaria uma constante contenda?

– Alguém do Tártaro? Zeus devaneou. – Por que não um herói mortal? Será que meu filho Hércules não seria digno de ascender ao trono?

O trio engatou uma discussão cada vez mais calorosa conforme toda e qualquer sugestão era recebida com dupla desaprovação.

Assistindo a tudo por trás de uma tapeçaria, Hermes percebeu que eles nunca chegariam a um acordo. Os três irmãos já haviam brigado inúmeras vezes antes pelos mais variados assuntos, mas se alguém de fora sugerisse um mortal coerente e razoável o suficiente para elevar-se ao trono do Deus da Guerra, Hades, Poseidon e até mesmo Zeus saudariam a sugestão, aprovando-a.

Bem como o indulto de seu banimento.

Hermes deslizou para fora, segurando um capacete mágico. Ele sabia exatamente qual herói seria capaz de conquistar o posto de Kratos na sucessão ao trono do Deus da Guerra.

Capítulo trinta e cinco

–Deixe que a Fúria dos Titãs abasteça suas lâminas, Kratos – surgiu a advertência de Gaia.

Kratos não precisava de tal conselho. Ele havia enfrentado espectros antes, e os que guardavam a entrada do Grande Salão de Átropos não eram páreo para alguém com suas habilidades de combate. Eles fluuavam por cima de uma névoa negra em vez de andarem sobre pernas mortais, e seus corpos já delgados se alongaram ainda mais quando partiram para o ataque, com braços que pareciam chicotes perscrutadores e mortíferos, de cujas pontas explodiam faíscas, forçando Kratos a prontamente se esquivar como se fossem autênticas espadas de puro metal. Com vários golpes rápidos, compeliu os espectros esguios a uma posição vertical, onde foram facilmente derrotados com golpes devastadores de suas espadas. Logo se deu conta, porém, de que a sugestão de Gaia tinha seu valor, quando vários espectros fecharam o cerco sobre ele. Individualmente, eram derrotados bem depressa, mas, agrupados em falange grega, provaram-se adversários bem mais poderosos.

A Fúria dos Titãs irrompeu. Kratos soltou uma risada forçada enquanto ia abatendo um espectro após o outro, despachando o último com uma ponta de satisfação por um trabalho bem feito. Ele era um guerreiro; aqueles eram seus inimigos. E ele os derrotara, do jeito que tinha de ser.

Ele se voltou ao Grande Salão quando ouviu um clamor ao longe.

– Quem está aí? Ajude-me. Estou preso em uma armadilha.

Ao som da voz, Kratos tocou o Velocino de Ouro. O potente escudo contra feitiços havia sido adquirido após um apelo de ajuda, momentos antes. Jasão fora um empecilho menor na busca pelas Irmãs do Destino, mas havia aberto mão do velo e, assim, acabou auxiliando Kratos. Mais um em busca das Moiras e um novo fracasso em alcançá-las poderiam acabar fornecendo uma nova e útil bugiganga que garantisse o sucesso de Kratos.

Ele entrou no templo e olhou ao redor da área recoberta por uma alta abóboda. Antes vazia, agora continha dois homens barbudos, vestidos com togas até as coxas. Em uma das mãos, cada um segurava uma faca e, na outra, um pergaminho.

– Eu procuro as Irmãs do Destino – Kratos disse.

– Sua presença não é desejada – o sujeito mais próximo rebateu. – Nós somos os Sacerdotes das Irmãs – baixou a faca em sua mão direita e apresentou o pergaminho, que agora emanava uma luz tênue e esverdeada. Kratos não hesitou. Tamanho gesto só podia preceder um ataque.

Suas espadas giraram em um amplo arco de encontro com a faca do Sumo Sacerdote. O clarão intenso como o sol ofuscou sua vista, mas Kratos lutou por instinto, pelo som e pelo cheiro e por um sentido afiado em batalha que transcendia meras implicações físicas. Seguiu em frente e sentiu quando o Sumo Sacerdote cedeu. Por trás dele, o segundo sacerdote se aproximou para um ataque com a adaga.

Kratos torceu o braço do sujeito diante dele, tirando seu equilíbrio, então se moveu com destreza para dar-lhe uma rasteira e derrubá-lo ao chão. O Sumo Sacerdote o encarou rapidamente, inexpressivo. Logo em seguida, um nimbo de energia efervesceu de suas mãos, fazendo Kratos cambalear. O Sumo Sacerdote se ergueu e preparou outra ofensiva, que Kratos sabia não ser capaz de aguentar. Ele se voltou a seu eu interior e sentiu a ardente estrela branca da Fúria de Cronos se edificando. Concentrando-se, Kratos desencadeou a explosão no mesmo instante em que o sacerdote partiu para o ataque.

As nuvens de magia colidiram, turvaram-se, negras e disformes e... sumiram.

O Sumo Sacerdote fitou suas mãos em descrença, e Kratos sabia bem o porquê. Toda a sua energia havia sido absorvida e o sujeito deixou patente sua enervação. Quatro passos ligeiros levaram Kratos a ficar cara a cara com seu inimigo. Antes mesmo que pudesse sacar a adaga cerimonial embainhada no largo cinturão de couro a segurar suas vestes, o Sumo Sacerdote foi liquidado com um soco violento de Kratos em cheio na garganta de seu oponente, que caiu de joelhos e tombou de lado.

Kratos não teve tempo de recuperar suas forças. Outro sacerdote o tomou de assalto pela retaguarda, dificultando ainda mais o combate. Em vez de usar suas armas, lançou mão do Velocino de Ouro a tempo de desviar o choque de uma onda de energia esverdeada. Avançando de lado com o velo ainda suspenso, passo a passo, forçou o Sumo Sacerdote a recuar. O sujeito ainda tentou apunhalá-lo, mas a faca, por si só muito curta, dependia mais de seus poderes mágicos, então roubados pelo Velocino de Ouro, do que propriamente de seu comprimento. Soltando grunhidos ao sincronizar seu poder entre pernas e braços, Kratos explodiu para frente e derrubou seu adversário.

A faca voou de sua mão e o pergaminho acabou ficando preso pela metade embaixo de seu corpo. Um murro em cheio no rosto do Sumo Sacerdote o deixou atordoado. O segundo deu cabo de sua vida. Antes tivesse sido acertado por uma marreta revestida de aço. Kratos se adiantou para tomar o que lhe interessava, mas o pergaminho acabou se transformando em um pó sebito tão logo o Sumo Sacerdote morreu. Afastando-se, ele se deu conta de que havia alertado Átropos, se não todas as três Irmãs do Destino, com as duas mortes. As Moiras dependiam muito deles para permanecer seguras e longe das súplicas de homens implorando que seus destinos fossem alterados.

Kratos sorriu com escárnio. Homens como ele.

Cruzou o Grande Salão e escalou uma escada de mão afixada na parede. As Moiras já deviam ter notado que ele havia penetrado tão fundo em seus domínios. Pelo encontro com a estátua de Láquesis, sabia que não seria um hóspede bem recebido por qualquer uma das Irmãs do Destino, e o fato de ter matado dois de seus Sumos Sacerdotes faria com que elas remodelassem o destino dele de forma ainda menos agradável.

Atingindo uma área descoberta, parou para examinar uma ponte de pedra que se estendia através de um pátio muito abaixo de onde estava. Uma cabeça de mármore, cujos olhos emitiam o que provavelmente eram feixes letais, guardava a passagem.

– Aqui em cima. Socorro!

Kratos esticou o pescoço e tudo o que conseguiu ver foram as paredes do templo se elevando ainda mais sobre ele. Quem quer que implorasse por sua ajuda estava lá em cima. Viu uma passagem arqueada a sua esquerda e entrou, chegando em um grande terraço com vista para as ancas dos Corcéis do Tempo. Não vislumbrando como seguir adiante, Kratos atravessou todo o terraço até encontrar uma ladeira que levava ao pavimento inferior e, com cuidado, foi caminhando por ela. As pedras estavam soltas e escorregadias por conta da água do mar. Chegou a uma imensa porta, dez vezes maior do que ele e quase tão larga quanto. Por trás dela, ouviu xingamentos, provavelmente do homem que implorava socorro. Plantando seus pés firmes no chão, Kratos agarrou uma alça presa ao longo da base da porta e aplicou toda a sua força nela. Mesmo assim, quase não foi o suficiente para deslocar tamanho peso. A porta, porém, passou lentamente a ceder para, logo em seguida, em um arruobo, ser atirada para cima, escancarada. Um exército bem poderia ter marchado através dela, mas Kratos vislumbrou apenas uma piscina rasa, com azulejos verdes-água e azuis claros.

Deu um passo adiante. Olhou por cima do ombro rumo ao ruído azucrinante. A porta despencou para novamente se fechar.

– Não! – berrou um guerreiro, espirrando água por todos os lados ao atravessar a piscina. Com a armadura retinindo, passou por Kratos, o empurrando. Um escudo pendurado às costas ocultava sua identidade enquanto, escorado, batia os punhos contra o portão fechado. – Essa porta era a minha única saída!

O guerreiro se encostou contra a porta, com seu escudo reluzente e um capacete de ouro na mão.

– Eu enfrentei um teste após o outro em minha busca pelas Moiras, e agora você põe tudo a perder! Você realmente não faz jus a sua reputação, Fantasma

de Esparta.

– Nem você faz jus a sua, Perseu. Um grande herói preso em uma sala de banho azulejada e cheia de água perfumada? – Kratos deu uma risada áspera. – Tão preso que até clamava a qualquer um que entrasse no reino de Átropos por socorro?

Perseu firmou a mão contra a porta, correu-a pelo metal gelado e, então, virou-se para encarar Kratos. Seus olhares se entrecruzaram. Kratos viu a determinação aumentar no herói que havia enfrentado as Greias, um trio de bruxas poderosas. Perseu havia lutado contra górgonas e matado o monstro que o Rei Cefeu tentara apaziguar com sacrifícios humanos. Mesmo com todos os seus feitos, ele parecia insignificante aos olhos de Kratos, do tanto que o Fantasma de Esparta estava acostumado com os soldados de seu próprio exército. Espartanos eram uma raça à parte.

Perseu desceu os degraus até a borda da piscina, analisando Kratos de perto. Pulou com agilidade para dentro do tanque, propagando pequenas ondas, com a água límpida pelas canelas.

– Mas, talvez, isto seja um teste – Perseu disse, contemplativo. Jogou a cabeça para trás como se rogasse aos deuses do Olimpo. – Vocês estão me observando, Moiras? Deem-me um sinal! Por acaso eu, o grande Perseu, devo matar esse deus decaído a fim de conquistar uma audiência com vocês? Isso me permitiria trazer de volta meu amor das garras de Hades em pessoa?

– Você se engana se pensa que as Moiras lhe concederão uma dádiva por tamanho ato suicida.

– Já me arrisquei muito e me arriscarei ainda mais para recuperar Andrômeda! Ela voltará a compartilhar minha cama. Ela e eu temos um amor que alimenta a música das esferas celestes! – Perseu levou a mão ao cinto e sacou uma funda. Ele a girou em círculos tão vagarosos que o leve sussurro provocado quase foi encoberto pela água se esparramando na piscina. – Mas você não sabe nada sobre o amor, não é, Fantasma de Esparta?

O clima ficou tenso com a provocação. Em um mano a mano, irritar seu inimigo para que ele não raciocine direito durante o embate era uma tática consagrada pelo tempo, mas, ainda assim, as farpas surtiram efeito. Perseu devia saber como Kratos havia matado sua amada Lysandra e sua filha a mando de Ares.

Kratos desembainhou as Lâminas de Atena.

– Suas armas não lhe serão úteis desta vez, Kratos – Perseu ergueu o capacete. – Hermes me deu este capacete.

– Hermes? Ele ousa vir ao covil das Irmãs do Destino?

– Ele me ajudou no passado. Ao contrário de outros *falsos* deuses do Olimpo, ele reconhece seus adoradores fiéis.

– Hermes é um idiota com pretensões de grandeza – o sangue de Kratos ferveu.

– Se não conseguir uma audiência com as Moiras, ao menos poderei me banhar de glórias, por ter sido aquele que derrubou o poderoso Kratos, o matador de deuses.

Perseu acomodou o capacete dado a ele por Hermes em sua cabeça. Kratos zombou quando o herói desapareceu, com sua visagem então confiada a magias divinas que o amortalhavam.

– Muito embora acredite que dificilmente um freguês de harpias como você mereça tamanho elogio – Perseu gargalhou, regozijando-se com a possibilidade de que as Moiras recebessem seu sacrifício e lhe concedessem uma audiência.

O sumiço do herói por baixo do capacete não diminuiu em nada a reação de Kratos tão logo uma rocha apareceu de repente, voando direto rumo a sua cabeça. Ele se retorceu violentamente de lado e a pedra afiada passou zumbindo por seu rosto para colidir contra a porta atrás dele. A pedra havia sido arremessada com tanta força que permaneceu cravada no portão de bronze.

Kratos se afastou ainda mais da borda da piscina, caminhando com água até as canelas à procura de qualquer sinal de Perseu. Por puro instinto, Kratos ergueu ambas as espadas para desviar de outro projétil. Então, brandiu e golpeou – o nada.

– Errado! – Perseu bradou. – Estou bem aqui!

Kratos atacou na direção de onde a voz havia surgido, mais ao centro da piscina. Novamente, suas lâminas foram de encontro ao vento. Ele permaneceu imóvel e deixou que seus ouvidos, em vez de seus olhos, dissessem-lhe onde Perseu estava. O suspiro da funda de couro o alertou sobre outra pedra indo em sua direção. Kratos se curvou, deixando o projétil passar por ele sem maiores danos, e procurou as ondulações na piscina onde Perseu se encontrava. Ele podia estar invisível, mas deixava rastros, ainda que líquidos e evanescentes.

Um poderoso golpe com suas espadas atingiu o resultado esperado por Kratos. Sentiu uma lâmina se enterrar na carne de Perseu, que gritou de dor. O sangue se avolumou dentro da água cristalina. Valendo-se tanto do instinto quanto da lógica, Kratos rastreou onde Perseu devia estar e lá atacou. Outra vez, sua lâmina retalhou um humano que se debatia.

Perseu tentou fazer uso da funda novamente, mas Kratos investiu de forma brutal e cortou um cordão de couro, cuja extremidade caiu longe do guerreiro invisível e flutuou por um instante sobre a água para, em seguida, afundar.

O êxito ao roubar a funda de Perseu também levou de Kratos a vantagem de escutar o sussurro da arma ao ser brandida. Dali em diante, o herói contava unicamente com o silêncio de seu escudo e de sua lâmina.

Kratos notou as ondulações duplas se movendo em um V em sua direção, então se agachou e desferiu sua espada como se pudesse ver o escudo de Perseu. O impacto de sua lâmina chacoalhou por todo o seu braço até o ombro; havia calculado mal e conduziu sua espada direto contra o escudo. Mas Kratos logo se restabeleceu com um arco amplo e devastador de sua lâmina, resultando em mais sangue na água. Observou o filete se afastando. Em sua mente, Kratos imaginou Perseu recuando com as costas desprotegidas.

Alcançar Perseu seria difícil; Kratos se voltou a seu eu interior e atçou o ponto branco de energia, fazendo a Fúria de Cronos arder em seu peito. Por mais que tentasse, porém, não foi capaz de gerar mais do que um minúsculo lampejo. Ele se exaurira ao valer-se da energia contra o Sumo Sacerdote.

O que não impediu Kratos de liberar a Fúria de Cronos, por mais fraca que estivesse. A onda de choque se irradiou, e Kratos ficou grato de imediato por não ter desencadeado a Fúria em toda a sua potência. Mergulhado até os joelhos na água, sentiu uma súbita descarga elétrica formigante, que se espalhou por toda a piscina, deixando-o atordoado por um breve momento. Se ele ficou transtornado, porém, Perseu, por sua vez, foi pego totalmente de surpresa.

O herói gritou e passou a se debater na piscina, uma comoção impossível de se perder.

Com um salto poderoso, Kratos se atirou para fora da água e desceu ambas as espadas em uma investida dupla. Se ele tivesse subestimado o herói, morreria.

Ambas as espadas encontraram um leito carnudo nos ombros de Perseu. O herói soltou um grito enorme de dor. Kratos recuou e viu que o impacto havia derrubado o capacete da cabeça de seu adversário, que já não estava mais invisível.

O que não significava que Perseu estivesse impotente. Ele girou seu escudo feito um disco e forçou Kratos a recuar. O fato de estarem se deslocando dentro da água diminuía a velocidade de seus passos, mas Kratos não esteve nem perto de ficar gravemente ferido. Se o escudo resistia a toda e qualquer investida de sua espada, pouco importava. Kratos tinha outras armas.

Ele ficou momentaneamente confuso quando Perseu girou o escudo e uma luz se refletiu em seus olhos. Algo foi ampliando o brilho até que fosse como se

ele olhasse para a carruagem de Hélios puxando o Sol. Kratos apertou os olhos e, então, piscou furiosamente a tempo de se recuperar.

Quando Perseu forçou um ataque, tentando fazer com que a borda de seu escudo deslizesse sobre o pescoço de Kratos e o decapitasse, Kratos tirou o martelo de guerra da bolsa de couro mágica em suas costas. A poderosa ferramenta mortífera subiu alto e despencou sobre Perseu. O escudo podia até protegê-lo contra as Lâminas de Atena, mas um ataque tão esmagador nunca poderia ser desviado. A pancada do martelo derrubou Perseu de joelhos na água. Assim que Perseu caiu, momentaneamente desprotegido, Kratos esticou o braço e agarrou o filho de Zeus e Dânae pela garganta.

Uma torção veloz e ele empurrou a cabeça do herói para baixo da água. Logo no início, bolhas ruidosas emergiram. Cada vez menos. Então, Kratos puxou seu inimigo para fora da água, virando-o de frente, e arrancou o escudo do braço enfraquecido de Perseu, que, engasgado, tentou debilmente lutar.

Kratos soltou um rosnado gutural, levantou Perseu e o arremessou com toda a sua força para fora da borda da piscina. Perseu gritou de agonia quando sua coluna foi enlaçada por um gancho enorme pendurado em uma corrente. Ele se contorceu e, logo, desfaleceu. Seu peso fez com que o gancho sacudisse e retinisse para fora da vista.

Kratos foi até a beira da piscina, subiu em uma orla azulejada e pulou. Seus dedos se fecharam na corrente e, então, ele se soltou rumo ao terraço inferior, de onde havia vislumbrado os Corcéis do Tempo. Kratos chutou a corrente e, por um breve momento, encarou Perseu, lânguido e sem vida, pendurado ao gancho.

– Agora, você estará com sua amante – Kratos disse. – Ambos estarão sob o olhar atento de Hades por toda a eternidade.

Ele se virou e foi andando sem olhar para trás. Tinha de encontrar as Irmãs do Destino. Se Perseu era o melhor que podiam fazer para impedi-lo de exigir uma audiência, Zeus era tão bom quanto morto.

Capítulo trinta e seis

– Você foi insensata, Átropos. Insensata! – Láquesis invadiu a Câmara de Tecer, então passou a andar hesitante e encarou a irmã com descrença. – Devemos informar Cloto.

– Não! Não diga nada a ela. Isso não é tão grave quanto você faz parecer – os dedos longos e desossados de Átropos brincavam sobre a meada de destinos que ela segurava. Dezenas de fios corriam em todas as direções, alguns coloridos, outros mais simples, cinza e brancos e pretos. Eram tantas maneiras de se determinar o destino de um mortal que ela já sistematizara o processo havia muito. O preto resultava em total desespero e morte, geralmente por meio de suicídio. O branco propiciava ao mortal otimista uma chance de rir da sorte lançada, mas o final raramente diferia do fio cinza. Os tons acinzentados eram aqueles com vidas sem brilho, labutas diárias que levavam à pouca satisfação ou nenhum gozo da vida e, muito menos, uma vez que cruzassem o Rio Estige e fossem julgados pelos três assessores de Hades: Éaco, Minos, e Radamanto. Os fios mais coloridos, ela deixava para Láquesis e Cloto. Os destinos deles eram um tanto incomuns e muitas vezes a incomodavam com tamanha complexidade.

– Você planejou isso? – Láquesis pareceu cética.

– Corte aqui – disse Átropos, marcando um ponto em uma grossa meada com sua longa garra. Tão logo Láquesis o fez, Átropos disse: – Viu como os problemas são facilmente removidos? Você é quem afirma desfrutar de um divertimento. O que você teme sobre Kratos?

– Nada. Não temo nenhum mortal, nenhum deus! Por que deveria? Somos as Irmãs do Destino. Eu dou cabo de suas vidas miseráveis – Láquesis lançou sua foice sobre outro novelo. Os fios arreventaram-se e, logo em seguida, evaporaram.

– Um país inteiro, Láquesis. Acabamos de eliminar a população de um país inteiro. Não há razão para temer um único mortal, mesmo que ele tenha sido um deus – Átropos souou mais confiante do que realmente era, mas a verdade era que elas estavam no controle de toda a sorte.

– Você não está desistindo de seu reles animal de estimação, está? – Átropos a pressionou. – A Lança do Destino? Você disse ao Guerreiro para deter Kratos.

Láquesis fixou os olhos no fio e disse:

– É por isso que temos de acabar com sua vida agora.

– O Guerreiro manuseou a lança com delicadeza demais. Ele estava com medo da arma. Li em seu fio.

– Você sabe mais do que eu imaginava, irmã – disse Láquesis.

– Não me faltam talento ou inteligência – disse Átropos, altiva. – E nem a você. Venha, irmã, vamos lidar com Kratos juntas e desfrutar de sua luta antes de acabarmos com sua vida inútil.

– Como podemos controlá-lo? Seu fio vem ficando cada vez mais frouxo. Veja. Mesmo com um puxão no fio de Kratos, você não consegue tirá-lo deste ou daquele caminho de modo que influencie seu repouso.

– Ele acabará chegando ao fim de seu fio, à conclusão de seu destino. Será da maneira como nós decidimos.

– Até lá, nós não podemos controlá-lo. Gaia ri!

– Determine o destino dela de novo – disse Átropos.

– Tenho seguido Kratos – Láquesis disse – pelas entranhas de seu templo. Ele enviou Perseu ao Submundo. Se um guerreiro tão poderoso não teve chance alguma contra Kratos, quem terá? Sobretudo se ele possuir a Lança do Destino!

– Ele não a possui – Átropos insistiu. – Não seria possível, ou ele já teria cumprido sua ameaça de matar Zeus.

Láquesis ficou pensativa ao considerar tudo o que sua irmã sem imaginação dissera. Balançando a cabeça devagar, ela disse:

– Mesmo que Kratos tenha a Lança do Destino, ele não saberia como usá-la. Mas ela deve ser recuperada. Não pode permanecer em sua posse. Não pode!

– Não vai – Átropos prometeu.

Capítulo trinta e sete

Kratos deu uma bela olhada nas ilhas agora reunidas pelos Corcéis do Tempo e percebeu que o caminho por dentro o levaria rumo à imensa torre. Ele não tinha dúvidas de que aquele era o lar das Irmãs do Destino, uma vez que dominava tanto o céu quanto a terra do alto de seu cume. Percorreu um labirinto de cômodos e, finalmente, desembocou em uma vereda que o levaria ao rumo certo. O fedor da decadência humana pesava o ar, dando-lhe a certeza de que estava na direção certa.

Jasão e Perseu haviam ambos perecido tentando encontrar seus respectivos caminhos rumo às Moiras. Kratos não se sentiu nada triunfante por tê-los superado e então ter seu objetivo à vista. Partiu em disparada pela região pantanosa, escalando devagar e, finalmente, chegando a uma área aberta onde harpias se alimentavam umas das outras em um bufê sangrento. Ele parou e viu o que as havia atraído àquele ponto específico, em primeiro lugar. Um enorme grifo se espatifara no chão, espalhando suas tripas por todos os lados. Mas aquele não era um grifo qualquer. Resplandecendo um brilho actínico, estava a lança que o cavaleiro aéreo tentara usar contra Kratos. Seu poder o atraíu.

Ele brandiu seu martelo de guerra em seu redor e as criaturas se dissuadiram da ideia de se considerarem uma a refeição da outra para elevá-lo ao posto. Esmagou primeiro uma e depois a outra, abrindo caminho rumo ao grifo morto. A lança cristalina brilhava como se tivesse sido banhada em luz líquida. Kratos agarrou a haste espessa da lança e a puxou, livrando-a do corpo do grifo.

A luz coruscante o forçou a olhar em outra direção. A lança ardia em sua mão, mas ele não a soltou. Suspendendo-a bem acima de sua cabeça, pôde examiná-la melhor. Em alguns lugares, conseguia enxergar através do cristal transparente. Em outros pontos, porém, o interior da lança era leitoso com tanta luz. Outras seções ainda, que mais pareciam lascas, resplandeciam a luz púrpura azulada que o atraía à arma. Ele a virou de lado. Leve, ágil e facilmente manuseável para atacar ou se defender, a lança chamou sua atenção – e ele sabia ter uma arma potente caso pudesse encontrar a melhor forma de usá-la.

Kratos a rodopiou em volta e a guardou ao se embrenhar cada vez mais no terreno pantanoso, até chegar rapidamente à beira de um precipício despencando centenas de metros mar adentro. O caminho a sua frente lhe pareceu óbvio, mas Kratos havia aprendido que isso significava perigo. Uma passarela aos pedaços se esticava sobre o profundo abismo, com blocos da pavimentação de pedra separados por vãos.

Caminhou até a beira da ponte, pisou nela – e quase morreu. A passarela se inclinou de pronto com seu peso. Ele perdeu o equilíbrio e passou a escorregar, e teria mergulhado rumo à morte, não fosse por seus rápidos reflexos. As espadas

se atracaram na pedra como ganchos, afixadas à parede do penhasco. A passarela desabou debaixo dele, que, no entanto, deu um giro para trás, atingiu a face do despenhadeiro e, então, escalou às pressas. Quando enfim chegou ao topo novamente, a passarela já havia voltado ao lugar.

Ela se inclinou, mas não caiu.

Se um trecho se inclinava de tal forma, ele não via razão alguma para duvidar de que todos se comportavam da mesma maneira. Para atravessar ao outro lado era preciso mais do que velocidade e equilíbrio. Kratos se concentrou e convocou a magia do Amuleto das Moiras. O mundo ferveu em torno dele em um ensopado espesso e esverdeado à medida que o tempo ficava mais lento. Ele deu um passo sobre a passarela movediça e tentou dar um arranco rumo ao lado oposto. Suas pernas cederam, forçando-o a levar as mãos ao chão para não cair. O uso do amuleto sugou seus poderes depressa. Rangendo os dentes, ele se forçou para ficar de pé. A névoa esverdeada em seu redor começou a se dissipar. Suas estranhas se contraíram quando ele se viu obrigado a passar mais energia ao amuleto. Então, ele deu um passo. E outro. A determinação manteve o Fantasma de Esparta em movimento. Ele conseguiria!

Estava a poucos metros do lado oposto quando o feitiço controlado pelo Amuleto das Moiras vacilou e passou a diminuir. Com a passarela se inclinando sob seus pés, Kratos abandonou o amuleto, saltou e quase não alcançou a beira do precipício, enquanto a ponte se movia para longe de seus pés. Ficou pendurado sobre um abismo que o mataria caso caísse.

Um grunhido, um impulso, e ele já estava no lado certo da passarela segmentada. A pista seguia em frente. Suas passadas devoravam a distância enquanto ele corria, veloz e certo de que estava indo na direção certa rumo à Ilhas do Destino.

A vegetação silvestre se arqueava por cima dele, formando um apertado túnel. Por vezes, ele teve de se abaixar e se meter através de pequenas aberturas, mas persistiu e chegou ao outro lado da ilha. Ao longe, vislumbrou o que devia ser sua sina na Ilha do Destino. Novamente, ele se viu confrontado por uma passarela que atravessava um abismo tão grande que ele nem conseguia ver o fundo. Os Corcéis do Tempo podiam até ter puxado as ilhas para junto uma da outra, mas as conexões entre elas eram um tanto precárias.

Àquela passarela, no entanto, faltava apenas um trecho aqui e outro ali. Da forma como as arcadas apoiavam a passarela por baixo, ele não viu possibilidade alguma de uma armadilha ter sido projetada na estrutura da ponte. Partiu rumo aos pavimentos largos e irregulares, e havia percorrido apenas um quarto do caminho através do abismo quando ouviu as asas batendo furiosamente.

Kratos girou em uma volta completa, mirando o céu à procura de qualquer

senal de harpias. Ele odiava as bruxas voadoras e não se importaria nada em trabalhar um pouco da raiva que havia crescido em seu peito arrancando algumas asas e depois lançando os corpos inermes e ainda vivos rumo ao grande abismo de suas mortes.

Não havia nada no céu, mas ele escutou batidas peculiares de asas seguidas pelo leve som de arranhões, como se garras dilacerassem a base da ponte de pedra. Kratos levou a mão a seu martelo de guerra assim que um sujeito velho e magro subiu rastejando pela borda do pavimento, mas segurou o golpe mortal ao vislumbrar asas longas e elegantes fundidas às costas do homem. Kratos estendeu os braços e observou onde Ares havia soldado as correntes com as Lâminas do Caos em sua carne viva. Teria acontecido algo semelhante com aquela pobre criatura?

– Volte. Volte, guerreiro. Não há como passar daqui.

Kratos encarou o sujeito.

– Posso bem chegar àquela torre distante por esse caminho.

– Nunca! Não é possível. Você nunca conseguirá atravessar. Você acha que pode, mas não pode.

Kratos passou bruscamente pelo homem.

– Estou certo de que você não conseguirá – insistiu o sujeito.

Kratos observou a distante torre, onde as Irmãs do Destino deviam ter uma toca bem guardada, e então o sujeito. As queimaduras em suas mãos e em seu rosto agora se tornaram óbvias. Suas asas haviam derretido em alguns lugares, mas ainda tinham utilidade. Com uma única pancada com as costas da mão, Kratos derrubou a praga impertinente.

– Você não sabe quem eu sou?

– Por que deveria me importar?

O sujeito parecia incrédulo.

– Você nunca ouviu falar de Ícaro? De meu pai, Dédalo, e da criação maravilhosa que ele fez para que eu pudesse escapar de Creta? – o homem se virou e abriu as asas, batendo-as com força suficiente para criar uma pequena e turbulenta rajada de ar com a intenção de cegar Kratos.

Kratos o empurrou quando ele tentou se aproximar mais uma vez. Notou que as asas haviam sido magicamente fundidas às espáduas de Ícaro de uma maneira tal que as marcas da cicatriz cercavam toda a sua base. As asas

bateram, mais uma vez tentando desconcertar Kratos. Apesar de sua falta de envergadura, as asas eram poderosas.

– É meu *destino* cruzar o abismo. De ninguém mais!

Kratos analisou a passarela de pedra. Ele conseguiria atravessar, não importava o que Ícaro dissesse. Passou a atravessar.

– Este é *meu* teste. As Moiras *me* concederão uma audiência, não a você! Você vai morrer, Guerreiro Branco. Você vai morrer!

Ícaro agarrou Kratos para impedi-lo.

– Eu vou alcançar as Irmãs do Destino e eu vou usar as suas asas para tanto – Kratos disse, cravando os olhos em Ícaro.

– As Moiras não permitirão que você se banhe na pureza da luz delas!

Ícaro soltou um gargarejo quando Kratos o agarrou pelo pescoço. Com uma agilidade surpreendente, Ícaro se livrou, agachou por baixo dos braços que tentavam cercá-lo e pulou sobre as costas largas do espartano.

– É meu destino apenas que eu cruze esse abismo – com uma enorme batida de suas asas, Ícaro desequilibrou Kratos e o puxou para trás, deixando-o nas pontas de seus calcanhares.

Kratos tentou alcançar suas costas para golpear o sujeito irritante, mas um novo surto das longas asas derrubou ambos da ponte e os lançou caindo, caindo, caindo pelo abismo sem fundo.

– Você vai fracassar. Você já fracassou! – regozijou-se Ícaro. Seus gritos se tornaram de pura agonia quando Kratos o virou de lado de modo que caísse de barriga para cima, incapaz de usar as asas para voar.

Kratos baixou os olhos em direção ao sujeito. Sua pele estava tão esticada sobre os ossos quanto o couro de um tambor. Seus olhos estavam fundos e seus cabelos finos, cor de areia, flutuavam em desordem selvagem enquanto caíam em sua face. Kratos deu um murro em cheio no meio do rosto e sentiu alguns ossos se partirem. Passou a espancar Ícaro diligentemente conforme o sujeito se recusava a ceder.

– Espere – Ícaro disse, ofegante. – Talvez as Moiras o tenham enviado para me ajudar. Percebo isso agora!

Kratos jogou a cabeça para frente, quebrando o nariz de Ícaro com uma testada que lançou um esguicho ralo e ofuscante de sangue.

– Se eu lhe der minhas asas, juntos nós vamos conseguir. Pegue minhas asas e me ajude a atravessar.

Mesmo enquanto falava, Ícaro tentava se libertar. Kratos o socava sem dó nem piedade enquanto caíam cada mais rápido através de uma nuvem avermelhada que se avolumava a partir dos limites da própria criação.

– Nós podemos trabalhar juntos, Guerreiro Branco – Ícaro soltou um grunhido quando Kratos enterrou outro soco poderoso em seu rosto. – Por favor. Tenha piedade de um homem idoso. Ajude-me a mudar meu destino e ver meu pai por uma última vez antes de morrer.

Kratos virou Ícaro ao contrário, estendeu os braços e puxou com toda sua força. As asas foram arrancadas, deixando para trás cotos sangrentos e incandescentes nas costas de Ícaro. Ele berrou quando passou a cair ainda mais rápido pela névoa vermelha. Kratos dominou as asas que batiam debilmente e as colocou em suas próprias costas. Gritou de agonia quando as asas magicamente se ligaram a seus ombros. Toda uma miríade de sensações se alastrou por suas costas, pelo peito e por seus ombros, e não mais causando dor, mas uma curiosa coceira. Ao bater as palmas de suas mãos uma contra outra, as asas iam para frente. Esticando os braços, as asas se abriam. Em questão de segundos, ele aprendeu a usá-las e empregou os músculos de seus ombros possantes para retardar sua queda e logo sair planando.

– Seu desejo foi atendido, velho. Hades tem outra reunião marcada para hoje – disse Kratos, mas ele falava a um nada preenchido por nuvens crescentes de um gás asfixiante vermelho. Controlar as asas se mostrou ainda mais fácil do que ele esperava, mas mesmo assim não conseguia dar uma guinada e, então, planar novamente através do nevoeiro carmesim. Ele se inclinou e esparramou o vento sob suas asas, desacelerando sua descida. Mas, por mais que tentasse, não conseguia forçar as asas para baixo com energia o suficiente para subir.

Kratos deslizou em espiral em volta de uma corrente com elos mais grossos do que seu corpo, atravessou uma última nuvem de névoa vermelha e só então percebeu que sua luta com Ícaro pelas asas havia sido mais atroz do que ele acreditava ser possível.

– O Templo do Destino está muito acima de você, Kratos. Você deve voltar à superfície – trovejou a voz de Gaia.

Inclinando-se ríspidamente, Kratos voou mais perto do que ele então viu ser uma imensa face recoberta por uma crosta causada pela corrosão, e pousou na pálpebra inferior.

Kratos firmou seus pés na superfície e encarou o olho direito do Titã que ele havia banido do mundo e condenado a suportar o peso da terra sobre seus ombros por toda a eternidade. Atlas piscou e seu enorme olho se focou em Kratos.

Capítulo trinta e oito

– Quem contribui com meu tormento? Mesmo para um Olímpiano, você é pequeno demais para ser um deus. Ainda assim, você me encontrou.

Kratos olhou por cima do ombro e não viu nada além do enorme corpo do Titã se alastrando abaixo e névoa adentro. Ele já havia caído por uma distância enorme desde o mundo acima, mas mergulhar para fora da pálpebra então significava uma distância ainda maior a ser percorrida. Kratos cambaleou quando Atlas piscou e o olho vermelho em brasa se focou nele.

– Kratos! – o nome saiu em um rugido e reverberou como um sino tocando. Atlas o identificara; dali em diante, sua fúria seria desenfreada.

– Você ainda ousa mostrar sua cara para mim depois do que fez?

Atlas sacudiu a cabeça. As correntes gigantescas atadas a seus quatro braços retiniram alto, mesmo com tão simples movimento. Atlas estava bem amarrado, exatamente como Kratos o deixara, sobrecarregado ao ter de suportar o peso do mundo sobre um dos ombros e o Pilar do Mundo no outro. Havia sido uma batalha colossal, Atlas contra Kratos, quando ele se serviu como Campeão do Olimpo.

Por suas próprias razões, Perséfone havia libertado Atlas de seu tormento no Tártaro para destruir o pilar e acabar com toda a vida na terra. Kratos duvidava de que Hades a incumbiria de tamanho encargo, mas a verdade era que o Submundo teria sido abarrotado com um número enorme de mortais desencarnados. Kratos não teve escrúpulos ao tentar matar a deusa sombria, nem de acabar ganhando a eterna ira de Hades, mas o destino de Atlas sempre fora um ponto sensível a ele.

Atlas nunca deveria ter tentado destruir o pilar, mas vir a libertá-lo de sua tortura eterna seria uma retribuição e tanto para compensar a prisão. Kratos teve de admitir que o Titã havia maquinado um esquema ardiloso para levar a cabo sua destruição. Arrebatou Hélios dos céus, mergulhando o mundo em trevas, era tão somente o começo. Valendo-se da cooperação de Morfeu para forçar os deuses a um sono profundo, o Titã ganhou tempo para usar o Sol no intuito de dar início a sua demolição do Pilar do Mundo.

O Fantasma de Esparta conhecia bem suas próprias habilidades de combate. Também sabia que a sorte o havia ajudado no aprisionamento de Atlas.

– Você vai sofrer em minhas mãos, Kratos.

– Atlas! Você tem que confiar em mim. Muita coisa aconteceu desde a última vez em que nos encontramos.

Kratos soltou gemidos quando Atlas levantou uma mão grande e forte o suficiente para balançar o próprio mundo no intuito de esmagá-lo. Ele acabou sendo capturado entre o polegar e o indicador do Titã.

– Por que eu confiaria em um servo de Zeus?

– Porque eu procuro destruir Zeus – Kratos vociferou as palavras entre os dentes. Acabou perdendo o fôlego sob a tremenda pressão dos dedos de Atlas se fechando sobre ele. Foi necessário seu total esforço para impelir suas mãos contra o polegar e o dedo e se manter livre da morsa letal. Apesar de sua força sobre-humana, ele era tão fraco quanto um bebê choramingão na pinça do Titã.

Atlas riu de forma áspera e balançou a cabeça, simulando tristeza.

– Kratos, Kratos, ainda o mesmo guerreiro arrogante e estúpido. Você não mudou nada.

As trevas perseguiam os sentidos de Kratos; tentáculos minúsculos de uma escuridão letal rastejavam dentro dele por todos os lados. O empenho para manter longe os dedos do Titã minou suas forças. Se ele vacilasse por um instante sequer, seria esmagado como um inseto e, em seguida, descartado sem consideração alguma. Seus braços passaram a perder a sensibilidade à medida que sua força se esvaía. Notando que Atlas o suspendia de volta ao nível dos olhos e o perscrutava mais de perto, Kratos tentou resistir à escuridão derradeira.

– E como você pretende derrotar o Rei dos Deuses? – a pergunta não carregava o sarcasmo das palavras anteriores de Atlas e demonstrou que Kratos o deixara intrigado – o suficiente para não o esmagar como um inseto em seu rispido aperto. Ainda.

Os dedos que tentavam esmagá-lo relaxaram o bastante para que Kratos tomasse um profundo fôlego.

– Tomando a Lâmina do Olimpo de volta e a desferindo no coração de Zeus. Ela detém o poder que antes competia a mim como o Deus da Guerra.

– A Lâmina do Olimpo? Não escutava esse nome há muitos anos. Desde... desde o fim da Grande Guerra.

Atlas diminuiu totalmente a pressão e segurou Kratos na palma de sua mão. Relâmpagos lampejaram por todos os lados quando Atlas lançou um distante olhar de encontro aos olhos de Kratos, cujos músculos enrijeceram-se ao vislumbrar, refletidos nos globos oculares do Titã, os últimos dias da Titanomaquia, a Grande Guerra.

– Eu vi Zeus flutuando através de nuvens carregadas, com raios bailando entre seus dedos – disse Atlas. – Nunca tinha visto o jovem Rei dos Deuses tão

irritado. Zeus invocava raios que explodiam de seus punhos, levando não apenas seu poder, como também um tom avermelhado. Era como se o próprio sangue do deus se misturasse a suas magias. Mesmo eu recuei quando o raio se chocou contra o chão e começou a girar, devagar no início e depois mais rápido, até que a imponente coluna de um tornado se elevou aos céus.

Kratos conteve a língua. Atlas revivia os dias da Grande Guerra e se convenceu do apelo de Kratos.

– Toda e qualquer matéria foi arrebatada naquele vórtice e lançada aos céus. Construções, colheitas, pessoas, nada importava enquanto a nuvem turbilhonante crescia e atravessava o campo. A sede de vingança e o poder encolerizaram Zeus – Atlas disse. – Seu desejo de governar os mortais era intolerável para nós.

– Ele não mudou – Kratos disse. – Quando muito, Zeus vem insistindo cada vez mais no poder de seu governo e desconfiando de todos.

– Cronos foi jogado de joelhos. Zeus odiava Cronos, seu pai, acima de todos os outros e estava determinado a lançar um raio atrás do outro em sua carne trêmula para que Hades pudesse balançar suas correntes e agrilhoar sua alma. Mas eu entrei na luta, arrancando pedregulhos da encosta de uma montanha e os arremessando em Hades. Se algum deles tivesse atingido o Deus do Submundo, ele teria sido gravemente ferido. O Deus do Submundo se esquivou de meus projéteis pedregosos, porém conseguiu manter as correntes atadas à alma retesada de Cronos, evitando que ela reentrasse no corpo físico do Titã.

Atlas estremeceu. Kratos teve que se atirar para cima para não ser jogado fora da palma da mão estendida do Titã.

– O corpo de Cronos ficou ereto, imóvel, enquanto sua valente alma tremeluzia como uma neblina azul conforme Hades lutava para conquistar o controle total sobre ela. Eu não podia permitir que Hades levasse nosso líder, aquele por trás de quem reuníamos nossas forças. Bati meu punho no chão uma, duas, três vezes.

Kratos se esquivou dos dedos de Atlas quando ele fechou seu punho ao rememorar a longínqua batalha.

– O terremoto causado por meus golpes fez com que Hades tropeçasse e permitiu que uma das correntes se afrouxasse. Em um solavanco, Cronos se livrou de Hades e sua alma se fundiu novamente a seu corpo. Pensei que nossa causa tivesse sido ganha naquele momento! Mas Cronos cambaleou quando raios lampejaram um atrás do outro das mãos de Zeus, explodindo em suas costas. Zeus imobilizou seu pai por tempo o suficiente para que Poseidon chegasse e incluísse seu próprio poder. Cronos caiu sob o ataque dos dois deuses. Hades se restabeleceu, mas, vendo como seus irmãos enclausuravam Cronos, ele se voltou

a mim e lançou suas correntes. Os ganchos se afundaram em meu peito, e com um poderoso puxão nas correntes brancas e ardentes, Hades arrancou minha alma, que turbilhonou como se fosse pega por um tornado a devastar o solo, ascendeu e logo se filtrou até Hades, que a capturou.

Kratos abriu caminho por entre os dedos cerrados e ficou no topo do punho para encarar Atlas. O Titã havia perdido totalmente a memória de como havia sido derrotado e confinado ao Tártaro como punição por ficar ao lado de Cronos e dos outros Titãs.

– Eu tombei para frente, provocando novos terremotos com o impacto. A guerra entre os Titãs e os Olímpianos forjou a paisagem do mundo dos mortais – Atlas disse. Sua potente voz se transformou em pouco mais do que o leve sussurro do vento através das copas das árvores. – Os deuses continuaram a me atacar, mas eu me levantei com o suspiro derradeiro de minhas forças – os olhos de Atlas se arregalaram quando relembrou a dor infligida por Hades ao chupar a última gota de sua alma.

Kratos encarou o Titã. O rosto de Atlas apresentava um semblante vazio, inexpressivo, e olhos sem vida.

– Era uma guerra que sabíamos que os Titãs deveriam ganhar – a voz de Atlas irrompeu mais forte conforme a memória da derrota se esvaiu e a raiva voltou. – Se perdêssemos, significaria o fim da Idade de Ouro dos Titãs. A paz e a prosperidade à raça humana não existiriam mais. Zeus cruzou o campo de batalha e parou perto do topo de uma nuvem afunilada que açoitava tudo em volta. O tornado cresceu em torno dele até que ele estivesse completamente envolto. Zeus apontou. O funil seguiu abaixo, rumo ao campo de batalha, e explodiu em uma profunda cratera. Os ventos do ciclone se dissiparam pelo chão – Atlas disse em um sussurro rouco. – Zeus saiu da cratera e enfrentou aqueles de nós que ainda lutávamos ao longe. Da manga de seu manto, Zeus desembainhou uma lâmina de brilho ofuscante. A Lâmina do Olimpo.

Kratos prendeu a respiração. Olhou para sua barriga e a cicatriz lá deixada pela lâmina. Começou a compartilhar da desolação de Atlas pela derrota dos Titãs – e a renovar a raiva que sentia por Zeus.

– A batalha continuou – Atlas disse –, apesar de minha captura. Então, Zeus estoqueou a lâmina brilhante ao vento e bradou: “Eu o condeno ao exílio nos fossos mais tenebrosos do Tártaro!”

Kratos vivenciou a raiva do Titã e temeu a poderosa arma de Zeus, forjada a partir dos céus e da terra.

– Acordei no tormento do Submundo – Atlas disse, então no limite de sua voz. Ele falava mais alto, mais rápido. – Fui banido aos mais tenebrosos fossos de Hades. Eu teria destruído Zeus, se você não tivesse me colocado aqui, escravo

dos deuses!

– Eu já não cumpro mais os designios dos deuses – Kratos disse. – Não tenho mais estômago para uma nova traição deles. Mostre-me o caminho até as Moiras e eu matarei Zeus de uma vez por todas!

– Como eu posso confiar em você?

– Fique certo disto, poderoso Atlas. Sou um guerreiro de Esparta e empenho minha palavra de que Zeus morrerá por minhas mãos. Violar esse juramento seria pior do que qualquer tortura que Hades porventura me imponha.

Atlas rosnou um som como se montanhas triturassem suas encostas uma de encontro a outra, então disse:

– O que Gaia diz é verdade, Fantasma de Esparta. Você é um guerreiro honrado e um aliado digno dos Titãs.

Kratos encheu o peito e ergueu o queixo. Atlas levou sua outra mão por cima dele e estendeu um dos dedos. Uma enorme onda de energia explodiu por dentro de Kratos.

– Você agora controla o poder do Atlas. O mundo estremecerá sob seu comando.

Ao contrário do ponto branco incandescente parecido com uma estrela que era a Fúria de Cronos, o novo poder mágico fez Kratos tremer todo.

– Você me infligiu epilepsia! – ele acusou. – Meus braços e pernas estão tremendo de modo incontrolável.

– Não além de seu controle. Concentre-se.

Kratos fechou os olhos e se esforçou para obter o controle do poder. Percebeu como ele diferia da magia dada a ele pelo outro Titã, a maneira como paralisava seus membros e, logo em seguida, saía correndo das mãos aos pés. Apreciou aquilo. Atlas, com quatro braços, conduziu seu poder em cada uma das mãos. Um mortal bípede teria de improvisar; suas mãos e pés seriam os condutores da energia, e ele se tornaria mais forte por possuir o feitiço mágico.

– Diga-me como encontrar o templo das Irmãs do Destino.

Atlas balançou a cabeça, mas os faróis gêmeos e avermelhados que eram seus olhos nunca se desgrudaram de Kratos.

– Ninguém, nem mesmo um Titã, conhece o caminho rumo ao templo das Moiras. Mas dizem que aquele que o encontrar será capaz de exercer um grande

poder. Eu lhe dei todo o resto de minha energia, espartano.

Kratos levou os olhos aos céus por entre a névoa vermelha que se dispersava e vislumbrou o que poderia ser o teto de uma caverna. Então, foi para trás quando os dedos de Atlas se fecharam sobre ele. A súbita aceleração para cima quase o deixou de joelhos. Atlas empurrou o punho cada vez mais alto contra a superfície inferior da terra e para além dela. Tudo em volta de Kratos irrompeu em meio aos destroços de rochas e poeira e, então, ele novamente sentiu o cheiro dos pântanos na Ilha da Criação.

A mão de Atlas o elevou até enfim chegar à beirada da passarela onde ele havia enfrentado Ícaro. Kratos deu um passo à frente assim que a mão de Atlas se afundou de volta ao interior do mundo.

– Que a sorte lhe conceda passagem, Kratos, pois muitos dependem de seu sucesso.

Então, Atlas se foi, deixando Kratos a mirar o abismo intercalado por calçamentos de pedra até o elaborado edifício de mármore no lado oposto.

Capítulo trinta e nove

– Zeus tem que saber disso – Hermes disse, tremendo nervosamente –, mas não da minha boca.

– Não depois de sua tentativa mal-aconselhada de ajudar Perseu – Atena disse. – Kratos se tornou ainda mais forte por conta dessa luta.

– Posso contar a Zeus como Kratos roubou o escudo de Perseu – disse Hermes. – Ele não precisa saber de detalhe algum.

Atena balançou a cabeça. A situação no Olimpo se tornara ainda mais horrenda. Um deus lutava abertamente contra outro, e Zeus nada fazia para dar um fim às batalhas. Ela passou os olhos por Hermes, nervoso, rumo ao extenso corredor que se estendia até o topo da montanha. Recantos ao longo do imenso corredor se abriam em jardins e aos palácios dos deuses e deusas. Ela, porém, prestou pouca atenção às moradas divinas. Os jardins haviam sido invadidos por videiras negras das quais brotavam espinhos com metros de comprimento, pingando veneno. Aqueles terrários outrora pacíficos então geraram criaturas tão vis que mesmo Hades se desviava delas.

Como se o mero ato de pensar em seu tio o materializasse, Hades surgiu a passos pesados pelo corredor de mármore, com correntes em chamas estalando feito chicotes em cada uma de suas mãos. Portava seu capacete de guerra de modo que apenas seus olhos ficassem à vista, olhos de carvão em brasa que prometiam tormento eterno a qualquer um que o ofendesse. No lugar da tradicional armadura, espinhos negros de ferro brotavam de sua carne, e ele ia deixando um rastro de pegadas fuliginosas.

Para além de seu semblante sombrio, Atena sentiu um estado de espírito diferente em seu tio, que não era corriqueiro no Olimpo durante o período que precedera a ascensão de Kratos ao trono do Deus da Guerra. Havia uma escuridão no ar que corrompia qualquer coisa que tocasse. Onde outrora o Olimpo havia sido um lugar de grande alegria e beleza, agora ostentava apenas raiva, medo e um breu crescente.

– Não deixe que ele me veja – Hermes disse com a voz trêmula. – Eu nunca devia ter tentado me esgueirar de volta ao Olimpo. Hades certamente vai me entregar a Zeus por violar sua proibição. Eu não deveria aparecer no Olimpo pelos próximos cem anos.

– Mais – Atena disse, distraída. Seus pensamentos se recusavam a lidar com os verdadeiros problemas defrontados pelos deuses. Concentrar-se no que era melhor ao Olimpo normalmente não exigia esforço algum. Atena esfregou as têmporas e, logo em seguida, ergueu os olhos rispidamente.

– Esconda-se. Por trás da tapeçaria. Agora! – Atena empurrou o

Mensageiro dos Deuses na direção certa, então se virou e sorriu de maneira que ela esperava ter sido sincera quando Íris apareceu sem se preocupar em anunciar-se.

A Deusa do Arco-íris percebeu sua amabilidade forçada e abertamente zombou dela.

– Zeus gostaria de falar com você. Há um distúrbio entre os mortais. *Seus* adoradores – disse ela com uma ponta de deleite.

Atena viu um arco-íris se formar no rastro cintilante de Íris e passar a esvanecer-se. Pestanejou ao vislumbrar uma faixa negra no meio das outras cores. Atena ficava aflita por enxergar desgraça atrás de cada porta e em cada coração. Com esse pensamento na cabeça, ela se forçou a não olhar por cima do ombro em direção à tapeçaria do chão ao teto, onde Hermes havia se refugiado.

– Quais notícias você tem de Kratos? – perguntou Atena.

Íris fingiu surpresa ao responder:

– Ora, nenhuma. Ele não é do interesse de Zeus ou de qualquer um de nós, agora que é um mortal – um sorriso malicioso curvou os lábios da deusa quando acrescentou: – Será que Kratos está entre os mortais provocando o distúrbio?

– Suspeito que isso seja verdade, onde quer que ele esteja – Atena disse. – Como Deus da Guerra, ele nunca se sentiu satisfeito em simplesmente sentar-se e pensar no que poderia acontecer. Ele sempre foi propenso à ação.

– À luta, ao brutal assassinato e ao derramamento de sangue que encharcava países inteiros – disse Íris.

– Você desaprova? Pensei que um mensageiro de Zeus teria prazer em transportar uma notícia dessas.

– Haverá mudanças muito em breve no Monte Olimpo, e é melhor que você não se oponha a mim.

– Como vai Hera? – Atena perguntou, devolvendo a antipatia apresentada por Íris. – Ouvi dizer que ela não está mais compartilhando a cama de Zeus. Será que ela está... em outro lugar?

Um surto de raiva exalou dos olhos de Íris. Seu sorriso zombeteiro então surgiu sem maiores esforços de ponta a ponta em seus lábios vermelhos.

– Alguém poderia até pensar que um antigo mexeriqueiro dos deuses encheu seus ouvidos com mentiras, mas isso não seria possível. Zeus o banuiu ao mundo dos mortais – Íris rodopiou, derramando as cores do arco-íris de seu longo

e flutuante vestido enquanto se movia. Atena franziu a testa ao notar que minúsculas manchas de escuridão permaneceram. Era como se Íris tivesse se deitado com Hades em vez de Zeus e se sujado com fuligem.

Aquele pensamento deu origem a outra especulação. Íris poderia até jogar um irmão contra o outro, mas Atena duvidava que ela fosse capaz de algo tão estúpido quanto tentar elevar Hades ao trono do Rei dos Deuses. Zeus tinha desejos que jamais poderiam ser saciados, mas que Íris bem podia alimentar – um pouco que fosse. Hades amava tão somente Perséfone e nunca se deitaria com outra. O que obrigaria Íris a encontrar uma nova alavanca para dobrá-lo a sua vontade, e a Deusa do Arco-Íris não era do tipo que arriscava tudo sem a garantia total de seu poder.

– Zeus exige sua presença. Agora – disse Íris, retirando-se espevitada. Atena se acomodou em um divã e esperou algum tempo antes de chamar a atenção de Hermes para que ele parasse de estremecer por trás da tapeçaria. Parecia mais que o solteirão havia desenvolvido epilepsia do tanto que tremia de medo.

– Ela teria atirado a ira de Zeus sobre a minha cabeça – disse Hermes. – Obrigado por me esconder.

– Não fiz isso por amizade – Atena disse de forma severa. – Quero algo de você.

Hermes ficou intrigado.

– Gostaria de falar com Kratos. Providencie isso para mim.

– Mas ele está na ilha! As Irmãs do Destino controlam tudo por lá!

Atena mirou o corredor.

– Eu posso trazer Íris de volta – Atena acenou e os restos do arco-íris rodopiaram, formando um anel perfeito no ar.

– Eu... Eu farei o que você pedir, Atena. Você tem certeza de que Zeus não está no Olimpo?

– Ele perambula pelo mundo dos mortais. Foi por isso que considerei mais seguro que você viesse para cá do que se nos encontrássemos lá embaixo – ela franziu o cenho. Além disso, sua saída do Olimpo teria alertado Íris. Quanto menos a nova Mensageira dos Deuses soubesse, melhor. Ademais, Hermes era astucioso ao fazer seu caminho rumo ao Olimpo e pelo palácio sem ser detectado, depois de passar tantas eras marcando encontros com muitas das deusas. Ela jamais teria ousado sugerir a reunião a Hermes caso Zeus estivesse presente, mas ele se ocupava de outros assuntos longe dali.

– Você sempre foi a minha melhor amiga, Atena.

Ela riu. Hermes vinha tentando seduzi-la havia séculos. O desafio só crescia mais a cada fracasso. Como todos os deuses, ele era inofensivo demais em suas investidas. Atena afastou seu flerte nem tão sutil assim, uma vez que se tratava menos de copulação e mais sobre posição e poder no Olimpo. Isso fez com que seus pensamentos se multiplicassem com planos e preocupações sobre o Fantasma de Esparta. Ele era o eixo ao redor do qual os problemas no Olimpo giravam e só ele poderia endireitar as coisas novamente. A amizade e o apoio que ela nutria por ele tinham de redirecionar sua ira para longe de Zeus e em direção a objetivos mais... inócuos.

– Voltarei o quanto antes – Hermes acomodou sua toga sobre seu corpo jovem e elegante como se marchasse ao encontro de seu carrasco. – Isso se as Moiras permitirem que eu volte.

Dito isso, suas sandálias aladas o levaram por uma janela alta e arqueada, rumo à terra abaixo, deixando Atena com suas preocupações sobre Zeus. E Kratos. Sempre Kratos.

Capítulo quarenta

Kratos passou a caminhar ao longo da passarela de pedra e atingiu o ponto onde Ícaro o confrontara. Olhou sobre a beirada e em direção à névoa vermelha que redemoinhava e escondia a borda da criação. Abaixo, muito mais abaixo, Atlas permanecia em suas correntes, equilibrando o mundo em seus ombros largos e esperando por sua chance de voltar a viver no mundo superior. Zeus e Hades haviam sido brutais, mas Kratos bem entendia isso. Bondade e caridade não tinham lugar no campo de batalha ou ao lidar com os inimigos.

Ele estendeu as mãos e as fitou, sentindo a dádiva que Atlas havia concedido a ele. Gaia o guiou, Cronos lhe dera sua fúria e, então, o Tremor de Atlas estremeceu por dentro de Kratos quando ele cerrou seu punho. Ele reunia o poderio dos Titãs, e tudo o que tinha a fazer era chegar ao outro lado da passarela e persuadir as Irmãs do Destino a mudarem sua sorte para, assim, colocar tais poderes em plena utilização. Gaia o ajudara em sua fuga do Submundo para que ele pudesse matar Zeus. Não importava se ela e os outros Titãs quisessem Zeus morto por conta de sua humilhação no passado e Kratos, por outro lado, tivesse suas próprias razões. A traição respondia por apenas uma pequena parte de sua ânsia em ver Zeus empalado na Lâmina do Olimpo.

Mal deu dez passos em direção ao outro lado do abismo e a pedra sob suas sandálias passou a rachar. Outra passada e uma grande porção desmoronou, ameaçando levá-lo junto. Abrindo os braços, fez com que as asas de Ícaro oscilassem e cortassem o vento. Ao flexionar os ombros, as asas passaram a bater de forma constante. Aprendeu o truque de se inclinar para frente quando as asas se jogassem para baixo, acelerando sua jornada até que o vento açoitasse seu rosto e ameaçasse arrancar o ar de seus pulmões. Antes que isso acontecesse, ele firmou seus pés para baixo, esparramou o vento sob suas asas e pôs suavemente em um terraço com piso de pedra que levava ao templo.

Embora ele não tivesse certeza, seus instintos lhe diziam que havia encontrado o Palácio do Destino.

Ele entrou e girou lentamente em um círculo completo para avaliar o templo. Uma das passagens possíveis levava às profundezas da construção, mas, quando Kratos deu um passo em sua direção, estacas dispararam do chão. Ele saiu sapateando de um lado para o outro. Qualquer uma das estacas teria atravessado bem mais do que sua sandália e seu pé. Cada uma batia na altura da cintura.

Enquanto observava, as estacas afundaram de volta ao chão. Pensou em voltar o trecho, mas acabou descobrindo ainda mais estacas surgindo de repente para bloquear seu caminho. Somente se retrocedesse ao centro da sala, poderia evitar aqueles pregos mortíferos se atirando para cima com tamanho vigor.

Um suspiro suave o trouxe de volta a si. Ninfas das Trevas flutuaram cômodo adentro e tentaram lançar teias sobre ele. Conjuntos duplos de asas translúcidas passaram a zumbir tão alto que ele mal conseguia pensar. Aquilo fazia parte do ataque delas. Com corpos delgados e apenas alguns palmos de comprimento, elas suscitariam pouca ameaça, fosse de outra forma – exceto pelas redes pegajosas que cuspiam por entre mandíbulas ferozes. Pegou um filamento preso a seu braço e o puxou, arrastando a ninfa em sua direção. Agarrou as asas, girou a criatura ao redor em um amplo arco e a atirou contra as estacas que se elevavam do piso ao lado dele.

Mais estacas irromperam do chão, obrigando Kratos a usar as asas de Ícaro para sobrevoá-las, o que o acabou tornando um alvo melhor para as Ninfas das Trevas. Suas teias pegajosas navegaram pelo ar para enredá-lo e levá-lo para baixo, onde as estacas dariam cabo de sua vida. Kratos se lançou ao chão, pulou e agarrou as asas de uma das ninfas, rasgando-as fora para depois descartar a criatura que grassava.

Ele se virou e notou que a saída do cômodo estava bloqueada. O mesmo padrão circular de travamento que tinha dificultado sua entrada agora impedia seu acesso ao compartimento seguinte. As paredes se moviam de forma regular, dando-lhe esperanças de que as aberturas se alinhassem novamente, em breve, mas, até que o momento oportuno chegasse, ele teria de lutar contra as ninfas.

Duas delas foram esmagadas juntas quando Kratos agarrou uma em cada mão e as chocou uma de encontro a outra.

Ele continuou se movendo, antecipando as investidas das estacas, até que vislumbrou sua chance e a aproveitou. As paredes circulares deslizaram e mais uma vez escancararam uma entrada por onde ele pudesse passar. Mergulhando sobre uma nova seção de estacas, ele atingiu o chão para além delas, saiu rolando e se restabeleceu em pé. Kratos olhou para trás enquanto as paredes continuaram a girar, impedindo que as Ninfas das Trevas o seguissem.

Limou o sangue e a teia pegajosa lançada pelas Ninfas das Trevas à medida que explorava mais a fundo o palácio. Os corredores se interconectavam em um salão oval e, por várias vezes, Kratos ouviu as paredes rangendo ao longo dos trilhos. De quando em quando, vislumbrava cômodos que se abriam a sua esquerda ou a sua direita, mas nada neles chamava sua atenção ou parecia ser importante, até que ele acabou atingindo um átrio ao ar livre com vista ao mar. O pedestal de pedra no centro do pátio atraiu Kratos. Aberto em seu suporte inclinado, jazia um livro.

Observou as palavras escritas na página, mas elas não significavam nada para ele, que não sabia dizer nem ao menos em qual língua o livro havia sido escrito. Ao colocar uma das mãos sobre a página, sua palma esquentou e minúsculos tremores foram enviados por seu braço até o ombro. Sentia que havia

um poder encadeado àquelas páginas, se ao menos pudesse decifrá-las.

Olhando a sua direita, viu uma longa passagem aberta, mas o cheiro de velas queimando se misturava à brisa salgada do mar. Desceu a passarela para se deparar com uma pequena torre. Em seu interior, um homem de túnica estava de joelhos diante de um altar a uma das Irmãs do Destino. Kratos vira o espectro de Lâquesis não havia muito, então considerou que aquela devia ser uma das outras duas. O homem estava sentado de pernas cruzadas, em posição de lótus, curvando-se repetidamente como se proferisse invocações às Moiras.

– Você – Kratos disse. – Você consegue ler o livro?

O homem de túnica olhou para cima, assustado.

– Eu sou o Tradutor, mas – ele soltou um ganido ao ser surpreendido quando Kratos o recolheu e o carregou sobre o ombro. O Tradutor se debateu, mas sem sucesso contra a força e a determinação de Kratos.

No meio do caminho de volta, ao longo da passarela que levava ao átrio, Kratos reduziu o ritmo de suas passadas até parar. Na sua frente, bloqueando a entrada para o átrio e o respectivo livro, dois altos soldados com machados de guerra se preparavam para atacar.

– Detenha-os – bradou um soldado.

– Detê-los? – zombou o outro. – Mate os dois! Você sabe bem quais são as ordens.

– Ninguém pode conversar com o Tradutor – assentiu o primeiro soldado.

– Não, você não pode deixá-los me matar. Você deve me proteger! – o Tradutor agarrou com medo o braço de Kratos.

Kratos jogou o Tradutor de lado. O sujeito bateu na borda de uma grade e caiu sentado. Seus olhos estavam arregalados de medo e sua boca se mexia, porém as palavras não mais saíam.

Os dois soldados atacaram juntos. Quando um dos machados subiu para decepar a cabeça de Kratos, o outro foi de encontro a suas pernas. Somente um giro ágil e um salto pelos ares salvaram o espartano de perder uma perna ou a cabeça. Assim que ele voltou ao chão, a dupla desferiu um novo ataque. Ambos brandiram seus machados rumo à cabeça de Kratos, obrigando-o a lançar mão das Lâminas de Atena para bloquear o golpe. Faíscas irromperam com o atrito e Kratos foi compelido para trás.

– Eles vão me matar. Você não pode permitir isso – exclamou o Tradutor.

O soldado à direita de Kratos se distraiu por um breve momento com o apelo por misericórdia do Tradutor. Girando suas espadas em um arco impetuoso, Kratos decepcionou primeiro uma mão e depois uma perna. O soldado cambaleou e caiu pelo parapeito. Se o esquartejamento não o tivesse matado, a queda rumo às fronteiras da criação daria conta do recado.

A morte de seu companheiro provocou um instante de hesitação no outro lutador. Contra o Fantasma de Esparta, isso significava apenas uma coisa: a morte. Ele avaliou suas chances e não vislumbrou esperança alguma. Em vez de se ocupar com Kratos, saiu rolando e tentou alcançar o Tradutor para matá-lo. Kratos girou alto seu martelo de guerra e o desferiu direto no capacete do soldado, antes que ele pudesse investir um golpe fatal no peito do Tradutor. Explodiu sangue das órbitas de seus olhos conforme sua cabeça foi reduzida a polpa nos confins de bronze.

– Você... você vai me matar. Eu sei. Você não pode. Por favor! Esqueci as palavras.

Kratos agarrou o Tradutor pela nuca e o levantou de modo que os dedos de seus pés fossem arrastados pelo chão de pedra manchado de sangue. Eles retornaram ao átrio e Kratos empurrou o homem, que caiu de joelhos em frente ao tomo aberto.

Quando o Tradutor tentou sair pela tangente, Kratos bateu com a palma da mão aberta na parte de trás da cabeça do sujeito, atirando seu rosto contra o livro.

– Leia o que está escrito – Kratos ordenou.

– Ouvi-me, as Irmãs que controlam o fio...

– Prossiga.

– Outro alguém procura por algo que apenas as Irmãs podem dar. Ele é digno – o Tradutor recomeçou. Mas logo se contorceu nas garras de Kratos e virou assustado o rosto pálido para o espartano. – Não, não me obrigue a ler o texto. Não estou pronto.

Kratos atirou novamente a cabeça dele contra o tomo, dessa vez fazendo sangue jorrar de um corte profundo na testa. O sangue escorreu por todo o livro e rumo ao chão, onde se acumulou, formando valetas vermelhas que se espalharam para longe do pedestal de pedra.

O Tradutor se afastou para trás, seu sangue respingava sobre o livro antes de escoar pelas ranhuras no piso.

– Sei que foi isso o que vocês me pediram, minhas tão exaltadas irmãs, mas

não haveria outra maneira?

– Leia – Kratos disse. Apertou com força a nuca do sujeito até sentir os nervos do pescoço em seus dedos e deu com a testa contra o suporte. O Tradutor sapateava, incapaz de controlar as próprias pernas ou braços.

– G-grandiosas Irmãs do Destino...

– Prossiga.

– Venho humildemente vos pedir uma audiência – engoliu a seco antes de continuar. – Para provar que minha determinação é verdadeira... não, por favor, não! Eu não posso fazer isso!

– *Leia!*

– Eu... eu ofereço este sacrifício de... m-meu sangue.

Kratos bateu a cabeça do homem com tanta força contra o livro, que seu pescoço estalou. Jorrou sangue de seu nariz, boca e orelhas. Kratos se afastou e deixou o Tradutor tombar no chão.

Observava maravilhado o sangue fluindo pelas ranhuras do piso. Não tinha percebido antes, mas, com todo aquele sangue correndo solto, o padrão se tornou evidente. Por um breve momento, sua atenção se voltou do chão do átrio para a montanha um tanto distante e alinhada com o livro no pedestal. Como uma crisálida aflorando, ela parecia abrir asas imensas.

– Asas – Kratos disse. Prendeu a respiração. O padrão então delineado pelo sangue no chão era o da Fênix. Mas havia mais. A aparição em tons avermelhados de uma mulher adorável flutuava alguns centímetros acima do chão. Ela usava um capacete alado e uma longa túnica que se arrastava pelo chão. Sua toga estava aberta, expondo seu seio esquerdo; na mão direita, segurava um cetro. Vestia uma cinta cujas longas pontas pendiam de seu ventre, deixando suas pernas nuas.

– Bom trabalho, guerreiro. Com esse sacrifício, você provou sua determinação para encontrar as Irmãs do Destino. No entanto, esse é apenas um pequeno passo em sua busca para conseguir uma audiência conosco.

Um portal se abriu atrás da figura fantasmagórica, que se virou e apontou com o cetro. Logo em seguida, a aparição se esvaneceu, abandonando Kratos em sua jornada ao longo de outras tantas provações que necessariamente enfrentaria, se quisesse uma audiência com as Irmãs do Destino.

Sem hesitar, atravessou a porta e foi penetrando cada vez mais no Palácio do Destino.

Capítulo quarenta e um

– Não tenho tempo para desperdiçar com você – Zeus disse. Franziu a testa e tirou os olhos da deusa que outrora fora sua filha predileta.

Atena não poderia aceitar. Deu um passo em direção ao elevado trono, provocando a reação imediata dele.

– Não concedi permissão para que você subisse à plataforma!

– Eu não pedi – Atena disse, forçando a voz para manter-se calma. – Desde quando uma filha precisa de consentimento para falar com seu pai? Seu *amoroso* pai?

– Você – Zeus interrompeu sua acusação, mas Atena pôde lê-la em seu rosto. Não havia nada além de um ódio crescente e dirigido a ela.

– O senhor me ofende com sua crença de que eu procuro algo além de seu bem-estar e o do próprio Olimpo – Atena deu outro passo adiante. Ela se virou um pouco e percebeu movimento com o canto do olho. Íris espionava a audiência. Que assim fosse, e a bisbilhoteira espalhasse o que estava para ser dito.

– Você é como todo o resto. Você conspira contra mim. Até mesmo minha esposa procura – novamente, Zeus interrompeu a acusação.

– Hera o valoriza acima de tudo e de todos. Se o senhor pensa de outra forma, Pai dos Céus, está se enganando.

Atena considerou a hipótese de jogar a culpa em Íris, mas logo decidiu não o fazer. No estado em que estava, Zeus jamais acreditaria que sua nova Mensageira dos Deuses conspirava contra ele a cada vez que dava as costas. Atena era obrigada a acreditar que a influência de Íris sobre Zeus se estendia além do fornecimento de notícias falsas ou tendenciosas. Seu pai nunca havia sido de considerar a abstinência uma virtude, pelo que Afrodite sempre aclamara Zeus como um grandioso soberano.

Atena havia escutado que até mesmo Ártemis vinha ignorando suas florestas e animais, tornando-se reclusa e nunca mais se aventurando em sua amada vida selvagem. As coisas no Olimpo estão cada vez mais enviesadas.

– Pai – ela disse –, seus adoradores estão desaparecendo.

– Impossível. Eu sou Zeus, Rei dos Deuses! Qual mortal seria capaz de negar-me em suas súplicas?

– Todos os dias, mais mortais o abandonam por santuários secretos aos Titãs

– ela disse.

– Como você sabe disso? Íris disse que cada vez mais fiéis me oferecem sacrifícios, cada dia mais do que no anterior – Zeus afagou a barba, antes branca e algodoadada, mas então carregada de nuvens tempestuosas, cor de chumbo.

Atena não se atreveu a dizer-lhe que Hermes voava constantemente por toda a face da terra, caçando notícias que o restabeleceriam em seu lugar no Olimpo. Ela desejou que Hermes tivesse encontrado algo digno de se apresentar de imediato, pois sentiu que sua presença ante o trono de Zeus era cada vez menos bem-vinda. Se ele a banisse como fizera com Hermes, seu poder de influência chegaria ao fim – e o de Íris, transcenderia.

– Vejo como os meus adoradores oram em Atenas – ela disse, mascarando a verdade com uma meia mentira. – Aqueles que outrora ofereciam sacrifícios a nós dois, agora o fazem com menor frequência – ela hesitou, mas acabou desabafando: – Eles novamente oram aos Titãs.

Assim que as palavras escaparam de seus lábios tatuados a sépia, ela soube que havia cometido um erro sem volta.

– Os Titãs! – Zeus levantou-se de súbito e foi crescendo até que sua cabeça pressionasse a alta cúpula da câmara de audiência. Seus ombros saltaram com músculos contraídos e seus olhos se congelaram, logo se transformando em duas ardentes piscinas esbranquiçadas e disformes. Atena nunca vira seu pai tão irado.

Zeus bateu as palmas de suas mãos uma contra a outra, e relâmpagos explodiram. Atena jogou o braço ao alto para proteger-se da saraivada de raios. Se tivessem sido direcionados exclusivamente a ela, Atena teria morrido.

– Ele é responsável por isso. Se tivesse demonstrado o bom-senso de permanecer no Submundo e não permitir que Gaia o trouxesse de volta a este mundo, os Titãs ainda estariam onde eu os deixei. No Tártaro! Nos reinos mais profundos, amargando as torturas de Hades! Devo, por acaso, eu mesmo levá-lo de volta às garras de Hades? Mais uma vez? Sou o rei, mas ninguém é capaz de me obedecer e acabar com Kratos de uma vez!

– Kratos é um aborrecimento, mas o senhor não pode considerá-lo inteiramente culpado.

– Ele está sendo usado pelos Titãs. Considerava Ares um mentiroso, um canalha. Kratos não faz ideia de como os Titãs são capazes de mentir e enganar e manipular! Cronos cogitou matar todos os seus filhos. Seus próprios filhos!

– Gaia criou o senhor – Atena disse, novamente se condenando por deixar que seus pensamentos verdadeiros chegassem a Zeus. – Sua briga era com Cronos, não com os outros Titãs.

– Todos eles mereciam ser destruídos, mas eu resolvi permitir que vivessem.

Atena pejejou para manter suas palavras engarrafadas, mas a pressão se tornou muito intensa.

– O senhor fez de Kratos um inimigo, Pai. Se o senhor não o tivesse enganado ao transferir seus poderes divinos à Lâmina do Olimpo, ele...

– Ele ainda se opõe a mim. Um mortal! Depois de tê-lo colocado no trono do Deus da Guerra! Como ele se atreve? – Zeus ficou ainda maior e fez com que o teto e as paredes desabassem. Relâmpagos lampejaram em volta, espelhando a ira de Zeus.

– Pai, por favor... – Atena ergueu os olhos e viu que Zeus não lhe prestava a menor atenção. Sua fúria consumia toda a sua razão.

– Ele vai sofrer de um jeito que jamais considerou ser possível. Vou destruir tudo o que lhe seja mais caro!

Atena virou o rosto assim que Zeus desapareceu em um clarão tão intenso que a teria deixado cega caso o tivesse encarado. Ela não precisava que Hermes – ou Íris – lhe dissesse o que estava prestes a acontecer, com Zeus disposto a desencadear sua fúria sobre o mundo.

Lágrimas se formaram nos olhos de Atena pelo que estava acontecendo com os Olímpianos.

Capítulo quarenta e dois

Kratos estava cego de fúria. Láquesis dissera que ele dera um pequeno passo rumo a uma audiência com ela e as demais Irmãs do Destino para pleitear seu caso. Ter seu pedido negado seria um tapa na cara quando ele tinha Zeus a matar. Faria o que fosse preciso para atravessar o Rei dos Deuses com a Lâmina do Olimpo e fazer com que ele sofresse tanto quanto o fizera sofrer.

Kratos entrou por um corredor curvo e se deteve quando a porta se fechou atrás dele. O único caminho era seguir em frente – exatamente para onde ele pretendia ir. Saiu correndo em uma curva fechada pela galeria circular e ao longo dos trilhos montados na parte central. Sentiu o fedor de metal queimado instantes antes de escutar o rangido de engrenagens e o chiado de uma parede de metal acelerando sobre os trilhos em sua direção.

– Nós nunca permitiremos que você nos alcance em nosso templo secreto, Kratos. Estamos cansadas de você enquanto divertimento – disse Láquesis.

Como se para acentuar a advertência, guardas do templo armados com machados entraram correndo no quarto. Eram tantos o enfrentando que Kratos desencadeou a Fúria de Cronos. A energia se edificando dentro dele carecia da potência dos disparos anteriores. A mancha esbranquiçada e ardente parecia mais fria, mais difusa por causa de seu uso progressivo. Era necessário algum tempo até que o poder se regenerasse, luxo ao qual Kratos não poderia se dar. Projetou a Fúria adiante. Por um breve momento, o poderoso feitiço correu através dos que o atacavam, anestesiando seus braços e pernas. A projeção em larga escala os teria explodido.

Um dos guardas do templo caiu de joelhos e logo se contorceu para ficar de pé. A Fúria mal o afetou. Ele encarou Kratos e sorriu com escárnio.

– Você tem que matar todos nós – e muito mais!

Kratos viu o abalo da Fúria deteriorar os outros guardas. Mas o que aquele quis dizer, “e muito mais”?

– Detenham-no, detenham-no! – o guarda bradou a seus companheiros que se recuperavam, e logo Kratos entendeu o que fora dito. Ele tinha pouco tempo até que a parede cedesse passagem. Se os guardas do templo o impedissem de atingi-la durante os momentos de vulnerabilidade, ele teria de encontrar outro caminho a seguir. O tempo estava cada vez mais apertado, e ele sabia bem que as Irmãs do Destino poderiam tomar conhecimento dele a qualquer instante, impedindo seu apelo.

Com uma perseverança sombria, Kratos abriu passagem a golpes e cutiladas. Notou que a parede de metal, ainda faiscando e rangendo adiante, tinha sua velocidade reduzida a cada nova morte. Isso o estimulou a lutar com mais

afinco ainda. Eles não tiveram chance alguma contra sua habilidade, sua força, sua determinação e raiva, e foram morrendo até o último guarda. A questão era saber se ele os havia matado a tempo.

A parede inverteu sua direção e se afastou, rangendo em meio a uma chuva de faíscas, reduzindo sua velocidade com o atrito até parar. Kratos agiu sem pensar, precipitando-se por uma porta exposta na parede externa. Assim que ele se esgueirou pelo portal, a parede disparou de volta como a lâmina em queda de um soldado espartano. Kratos quase perdeu seu braço, se não sua vida, na armadilha. Caiu apoiado de joelhos, recuperou o fôlego e voltou a explorar o ambiente até atingir um cômodo reservado à adoração dos deuses do Olimpo. As estátuas dos deuses descansavam em pequenos nichos. A maioria havia sido destruída, mas uma permanecia intacta. Kratos se aproximou e parou diante da estátua de Atena.

Ele não se surpreendeu nada quando a estátua falou.

– Kratos, você não sabe o que faz. Há coisas muito mais importantes do que sua vingança.

Ela já o tinha orientado antes e estava presente quando ele ascendera ao trono do Deus da Guerra, mas, assim como os outros deuses, ela o evitara. Somente quando ele incitou os guerreiros de Esparta a conquistarem as outras cidades-estados foi que ela tomou conhecimento dele, e mesmo assim apenas para severamente ordená-lo que parasse.

Ele havia matado Ares. *Ele* se tornara o Deus da Guerra! Enquanto isso, Atena havia ficado do lado de Zeus e dos outros, exigindo que ele não permitisse que seus adoradores fossem à guerra.

– Você, dentre todos os deuses, não pode me renegar! No entanto, você se alia a Zeus contra mim.

– Farei o que for preciso para proteger o Olimpo – ela disse.

– Zeus não é o Olimpo. Ele deve pagar pelo que fez. Eu não procuro destruir o Olimpo, apenas quem me traiu, quem me deu esta lembrança de sua traição – Kratos passou a mão pela cicatriz cruzando sua barriga onde a Lâmina do Olimpo o atravessara. O simples toque renovou sua determinação de matar Zeus.

– Kratos, por favor...

Kratos lançou o martelo de guerra, pulverizando a estátua de Poseidon. Não satisfeito, contornou o cômodo. Encontrando a de Hermes, Kratos teve cruel satisfação em reduzi-la a cascalho.

– Eu lhe rogo, Kratos. Acabe com essa busca por vingança. Zeus é poderoso

demais. Você está destinado a fracassar. Você não quer correr o risco de enfrentar sua ira – ou o que quer que ele venha a fazer caso seja provocado.

Kratos interrompeu a destruição das estátuas representando os que outrora haviam sido seus pares divinos e encarou o rosto pétreo de Atena. Todos eles disseram que ele fracassaria. Atena, Zeus, Hermes, as Moiras. Ele, porém, não iria fracassar. Ele era o Fantasma de Esparta.

– Kratos, por favor. Sou sua amiga. Mas suas ações tornam impossível que eu o defenda no Olimpo.

Ele girou o martelo e enviou pedaços da estátua de Atena voando por todo o cômodo. A cabeça de mármore de Atena saiu rolando, ainda a falar.

– Você tem que parar!

Kratos agarrou o cabo do martelo com ambas as mãos, suspendeu-o e o levou com toda a sua força sobre a cabeça da estátua, que desapareceu junto com a voz de Atena em meio a uma neblina de detritos.

Ainda ardendo de raiva, Kratos se virou e continuou sua procura através do labirinto de corredores. Criaturas esporádicas tentavam barrar seu caminho, mas tamanha era sua ira que ele as despachava e mal reparava no sangue em suas mãos, em como patinava com sangue até os tornozelos ou como encontrou seu caminho rumo a um cômodo onde um homem encarquilhado o encarou surpreso.

Kratos notou que aquele cômodo era uma réplica do outro, onde ele encontrara o livro que precisou ser decifrado. Por um instante, pensou ter voltado no tempo, mas o homem de túnica em questão era diferente, assim como os detalhes do quarto. Aquele átrio tinha vista para a montanha que mais se parecia com uma crisálida se rompendo aos poucos, mas ainda sem revelar nada de seu interior. O que deixou Kratos apreensivo foi um grande espelho em uma das paredes. O vidro era tão sólido quanto líquido, encrespando como as ondas no mar.

O idoso despertou a atenção de Kratos ao sair correndo rumo à mureta cercando o átrio e exclamar:

– Eu não permitirei que você alcance as Moiras.

Kratos precisava do Tradutor se quisesse prosseguir. Assim que o sujeito deu um arranque, Kratos o agarrou. Seus dedos se fecharam sobre o manto do homem, mas sem sucesso. O tecido se rasgou. O Tradutor olhou para trás com os olhos arregalados de medo. Ele subiu por cima do muro e acabou mergulhando rumo à morte, para além das fronteiras da criação, antes que Kratos pudesse alcançá-lo.

Kratos examinou o precipício. O homem havia morrido como um covarde – mas se negara a dar o que Kratos mais necessitava. A passos ligeiros, caminhou de volta ao pedestal e analisou o livro. Indecifrável sem as habilidades do Tradutor então morto. Qual outro motivo levaria o homem a se matar, senão impedir que Kratos tomasse conhecimento do que estava escrito no tomo? Kratos se viu paralisado pelo espelho, diferente de qualquer outro que ele já tinha visto. O bronze polido até servia bem às mulheres, mas aquilo era vidro – e, contudo, não era.

Kratos foi até o espelho e encarou sua imagem refletida. Estendeu a mão devagar, mas seus dedos se interromperam antes de tocar a superfície. As curiosas ondulações em sua imagem refletida denunciaram que aquele não era um espelho perfeito – ao menos, mostrava-o. Virando a cabeça, notou uma luz trêmula nas profundezas do vidro. Um giro rápido para olhar por cima do ombro acabou convencendo-o de que o espelho mostrava mais do que simplesmente estava na câmara.

De modo impulsivo, Kratos estendeu a mão para tocar a superfície do vidro polido, mas acabou não encontrando resistência alguma. Aquele definitivamente não era um espelho comum. Prendendo fundo a respiração, Kratos mergulhou no espelho.

Onde cacos deveriam ter cortado sua carne, ele se viu em um mar peculiar e esverdeado, movendo-se a uma velocidade normal, enquanto tudo o mais estava lento. Era como se ele tivesse usado o Amuleto das Moiras, mas sentiu suas entranhas se retorcendo e se deu conta de que entrar no espelho era um tanto diferente. Deu meia-volta por onde havia passado e já não encontrou mais a neblina esverdeada, apenas o Tradutor, então novamente ao lado do livro.

Kratos tinha voltado no tempo. Apenas um punhado de segundos. O Tradutor tentou se matar novamente, mas Kratos enlaçou sua cintura com um braço forte e o levantou de corpo inteiro para jogá-lo à frente do tomo.

– Fantasma de Esparta? – o Tradutor proferiu assustado, com uma voz arranhada. – Foi predito que você viria, mas eu não permitirei que você alcance as Moiras.

Kratos deu uma chave de braço por trás do homem e agarrou sua nuca com a outra mão de modo que ele não pudesse desviar os olhos do livro.

– Leia o texto.

– Você não pode alcançar as Moiras. Tudo será destruído. Você é capaz de compreender isso? – o Tradutor soltou um gemido quando Kratos aplicou mais pressão ainda à chave de braço, enfatizando sua ordem.

– Leia! – quando o homem tentou sacudir a cabeça, Kratos chocou seu cara

de encontro ao livro. O sangue corria solto. – Este é o seu objetivo. Morrer com honra.

– Divinas Irmãs do Destino, escutai estas palavras. Já provei minha determinação. Estou à procura de sua sabedoria e seus poderes divinos...

O Tradutor tentou escapar. Kratos o atirou de encontro ao livro novamente, então o agarrou pelos cabelos e puxou sua cabeça para que ele pudesse continuar decifrando as peculiares runas.

– Mostrem-me o caminho ao grandioso templo – ele berrou de dor e pavor.
– Não, Kratos! Será o fim de todos nós. Pare!

– Leia!

Aos soluços, o Tradutor leu:

– ... e repousarei minha vida diante de vós.

Kratos se certificou disso. Jorrava sangue da cabeça partida ao meio do sujeito, formando valetas rasas no chão que delinearam uma nova Fênix com as asas escancaradas. Kratos olhou para fora do átrio e viu o que havia confundido com a enorme crisálida de um inseto, em meio a uma coluna de cinzas, rompendo-se cada vez mais e abrindo asas que poderiam cobrir a distância entre Atenas e Esparta. Os olhos da Fênix brilhavam, mas a ave não fez qualquer outro movimento.

Acima dela, as nuvens se afastaram de modo que o sol brilhasse radiante sobre as penas do pássaro. Assim que os raios solares atravessaram seu peito e iluminaram sua cabeça, a Fênix abriu lentamente seu bico. Repousando no interior da boca cavernosa, cintilava uma edificação de marfim e ouro.

O Templo do Destino.

Kratos foi até a borda da balastrada e tentou encontrar a base da torre cinzenta agora encoberta por uma Fênix, mas não foi capaz. Suas laterais eram íngremes demais para que ele conseguisse escalar. E a distância até o Templo do Destino era incalculável. Ainda assim, ele teria de arriscar, valendo-se das asas de Ícaro para voar até lá. Era o caminho mais curto. Antes que ele pudesse botar o pé no corrimão, sentiu uma presença no cômodo.

A aparição avermelhada de Láquesis novamente lhe dirigiu a palavra.

– Você é apenas um mortal insolente que outrora fora um deus. Ninguém peticiona às Irmãs do Destino sem nossa permissão. Eu não lhe concedo tamanha graça.

Kratos encarou a Moira. O báculo nas mãos dela chamou sua atenção. A lâmina de ponta encurvada era mais do que uma arma meramente formidável. Ele desconfiava de que era com aquela mesma borda afiada que ela cortava os fios do destino.

Ela, porém, não havia cortado o seu. Brincava com ele.

– O que seria preciso para que você me concedesse uma tal audiência? – Kratos vislumbrou espanto no rosto da Moira. Um pequeno sorriso curvou o canto da boca de Láquesis, mas a diversão acabou tão logo surgiu. O que deixou claro ser improvável que ela cortasse o fio de seu destino sem que algo mais acontecesse.

O que mais poderia ser? Sua imaginação correu solta.

– Você se provou um incômodo por tempo demais.

– Para você? Ou para suas irmãs? – Kratos notou o abalo novamente no rosto da Moira e soube como proceder. – Você controla a sorte do mundo, mas isso deve acabar se tornando cansativo.

– Eu elimino continentes, mortais aos milhares, deuses – Láquesis disse com orgulho.

– Esse trabalho desgasta sua criatividade. Foi por isso que você deixou que eu chegasse tão longe.

– Átropos – Láquesis começou a dizer, mas logo se interrompeu. – Não tenho tempo para seu atrevimento – ela ergueu a foice, mas Kratos não vislumbrou fio algum correndo da arma. Talvez, um mortal ou mesmo um deus ou um Titã não pudesse ver o que as Irmãs do Destino faziam, mas ele estava em pleno santuário secreto delas. Não fazia sentido algum esconder os fios se ninguém nunca entrava lá. Ele esperava que os fios tramados não fossem visíveis tão somente às Irmãs do Destino.

– Então, foi a sua irmã quem me guiou até aqui – ele disse. – É ela quem se cansa da mesmice de seu trabalho.

– Átropos é uma *poseur*.

– Suas qualidades são maiores do que as dela? – ele questionou. Kratos carregou a pergunta de dúvidas o suficiente para tirar a Moira do sério.

– São, sim! Muito maiores! Átropos me imita, nada mais, e de maneira precária – Láquesis saiu flutuando, agarrou seu báculo com ambas as mãos, como se estivesse pronta a atacar, e o encarou. Kratos notou uma mudança sutil em sua fisionomia.

– Talvez devêssemos conceder-lhe uma audiência, mas você deve provar-se digno primeiro.

Kratos sabia que qualquer coisa que ele dissesse naquele momento mudaria a decisão repentina da Moira de trazer Átropos à baila, para continuarem desfrutando dos desafios que ela havia colocado no caminho do espartano. Ele não tinha ilusão alguma de que Láquesis hesitaria em acabar com sua existência de uma hora para outra, caso ela se cansasse dele. O que quer que ela o ordenasse fazer dali em diante quase que certamente resultaria em seu retorno ao Submundo.

– Kratos, assim como a Fênix de fogo ressuscitou de suas cinzas, você também procura uma segunda chance na vida. Encontre as cinzas e liberte Fênix. Só então você irá encontrar o caminho para o Templo do Destino.

O fantasma da Moira desapareceu de vista. Uma gargalhada minguada a seguiu. Ele se afastou do corrimão e levou os olhos em direção ao espelho. Como ele poderia ajustar as propriedades da máquina do tempo em sua própria vantagem? Talvez ele não precisasse das Irmãs do Destino para reverter sua sorte e pudesse apenas se valer do espelho.

Não seria tão fácil. Não poderia ser. Ele tinha voltado apenas alguns segundos no tempo, não as longas semanas necessárias para retornar a Rodes e matar Zeus.

Kratos deixou o átrio e foi descendo por um corredor curvo que o levou a um cabrestante em torno do qual vazava vapor. Olhou para cima e, em seguida, começou a girar a manivela para baixar o tampão. O vapor se avolumou em torno dele, permitindo que ele esticasse as asas e voasse pela corrente de ar quente. Espirando para cima, pousou habilmente em uma plataforma. Recolhendo suas asas, saiu em disparada pelo palácio, sempre alerta às armadilhas e aos guardas.

Não havia necessidade alguma de qualquer um deles. Kratos chegou a uma vasta caverna, repleta de magma incandescente irrompido do coração do mundo. O calor rasgava seu rosto e seu peito, mas ele logo vislumbrou outra oportunidade de lançar mão das asas de Ícaro. Ele alçou voo e planou rapidamente, seguindo seu caminho sobre o chão em chamas e evitando gêiseres borbulhantes, que de quando em quando explodiam da rocha derretida, para enfim pousar em uma plataforma no lado oposto.

Na sua frente, subia ainda mais intensamente o calor que irradiava do magma sobre o qual ele havia voado. Entrar desprotegido naquela câmara significaria sua morte instantânea. Olhando em volta, encontrou uma elevada estátua de pedra. Apoiando suas costas contra ela, arrastou a estátua e a usou como um escudo para se aproximar das chamas que eram disparadas da parede.

Mal havia começado sua jornada através do cômodo e logo os Legionários de Hades avançaram para enfrentá-lo. Kratos se viu em desvantagem, tendo que permanecer atrás da estátua. As criaturas do inferno não tinham esse problema. Quando muito, sentiam prazer no calor intenso e nas chamas que resvalavam em seus traseiros enquanto brandiam suas foices e seus machados de guerra encurvados.

Kratos lançou seu martelo de guerra e acertou em cheio um Legionário de Hades com a superfície cravejada de espinhos. Um segundo golpe derrubou o monstro de joelhos. Um terceiro o esmagou. Mas, enquanto lutava contra um deles, o segundo surgiu por trás com um ataque que quase o pegou de surpresa. Em vez de se valer de uma espada, o legionário simplesmente lhe deu um empurrão para frente.

As chamas o banharam, tostando sua carne. Kratos girou e se engalfinhou com a criatura de Hades. Seus dedos esmagaram um dos braços e distraíram o legionário por tempo suficiente para que Kratos reunisse forças e se curvasse bem baixo para então se atirar com ímpeto. Girou a criatura acima de sua cabeça e a esmagou no chão. Kratos rodopiou, ainda com o braço em suas mãos e chocou o monstro contra a traseira da estátua. Outra forte batida de encontro ao piso deu cabo da vida do legionário.

Kratos comprimiu as bolhas espalhadas por seu enorme peito e sorriu com escárnio. Para ele, eram medalhas de honra. Baixou a cabeça, empurrou a estátua com força e a levou para perto da parede em chamas, até ser capaz de vislumbrar um ponto alto no teto, abalroá-lo, agarrá-lo com firmeza e ultrapassá-lo com um giro. Aterrissou pesado no outro lado do muro, saiu rolando e se restabeleceu de pé.

A sua frente, estendia-se outra câmara repleta de rocha derretida, mas dessa vez Kratos se atreveu a ter esperanças de que enfim havia alcançado a Câmara da Fênix. No meio do oceano de rocha líquida, havia um anel de colunas em torno das quais o magma borbulhava, fervilhando. O fedor de enxofre fez seu nariz enrugar, mas também com que ele sentisse o cheiro da vitória pairando no ar. Repousada em uma alcova, estava uma urna intrinsecamente decorada.

Tentou empurrar a urna em direção ao anel de colunas, mas ela se revelou pesada demais, mesmo para sua imensa força. Kratos recuou e olhou para cima, vislumbrando um trilho. Foi de volta rumo ao lago de lava e encontrou uma alavanca atrás da cabeça de uma estátua de Fênix. Puxando forte a alavanca, ativou o mecanismo de reboque. A plataforma no alto rolou sobre a urna e arriou uma corrente equipada com um colar de metal. Kratos prendeu o colar em torno das abas da urna, depois voltou até a alavanca e a empurrou de volta. A corrente sacudiu e o guincho da plataforma de rolamento passou a zumbir. A urna foi suspensa do chão de modo que a plataforma pudesse rolar em direção às colunas no lago derretido.

A urna parou diretamente sobre o centro das colunas antes que o colar a liberasse e ela se precipitasse para baixo. O calor consumiu a urna, mas faíscas dançantes irrompiam acima do magma, turbilhonando em volta e se restabelecendo na superfície escaldante no padrão da Fênix.

Kratos recuou e lançou mão de suas espadas quando uma cabeça surgiu em meio à rocha derretida. As colunas aprisionavam a criatura enquanto o magma em volta subia lentamente. Mais e mais do corpo da Fênix se contorcendo foi revelado. Asas se moldaram. O bico se abriu e estalou assim que a forma da cabeça ficou mais bem definida. Em seguida, a Fênix arqueou as costas e ficou inteira acima da coluna ascendente de lava.

A Fênix explodiu ao alto, irrompendo através do teto e deixando para trás um buraco que escancarou o azul do céu além.

Kratos explorou o ambiente e encontrou um elevador que levava ao nível superior, com vista para o mar. A Fênix se debatia no topo da coluna de rocha fundida, incapaz de escapar. Suas asas batiam inutilmente na tentativa de se libertar. Ela rodopiava, mas toda sua fúria era ainda insuficiente para livrá-la de suas amarras invisíveis.

Um longo chifre na beira do terraço chamou a atenção de Kratos. Colocou-o contra sua boca, lembrando-se de como havia invocado Cronos no Deserto das Almas Perdidas, franziu os lábios e soltou um forte sopro. A nota ressonante cresceu e irradiou, envolvendo a Fênix e a coluna de magma que a prendia. A Fênix estremeceu como se estivesse com frio e, então, disparou aos céus, livre de sua escravidão fundida.

Kratos observou enquanto o pássaro de penas flamejantes volteou e enfim se estabeleceu em um galho a meio caminho entre ele e a prodigiosa estátua de Fênix com o palácio de marfim e ouro em seu bico.

Ele havia libertado a Fênix e conquistado o direito de uma audiência com as Irmãs do Destino.

Capítulo quarenta e três

–Lorde Poseidon – disse Íris, curvando-se ligeiramente. – Estava procurando o Rei Zeus.

– Em meus aposentos?

– Ele está sempre aqui, uma vez que confia no senhor acima de todos os outros – disse Íris. Ela deu meia-volta para esconder seu desdém, lançando pequenas porções de arco-íris de seu vestido, que esvoaçava ao redor de seus quadris promiscuos. Poseidon vivia como um peixe. O nariz dela enrugou-se de forma sutil quando lhe veio à mente o pensamento de que ele cheirava como um, tanto quanto.

– Zeus disse isso? Ele confia em mim mais do que em Hades?

– Certamente – Íris mentiu. – Ele nunca confiaria em qualquer um dos outros Olímpianos.

– Eu superei Oceano – Poseidon disse, pensativo. – Foi uma batalha épica e poupou Zeus de ter que lidar com um Titã no controle das águas que cercam a terra.

Íris o encarou com desconfiança.

– Sim, deve ser por isso que Zeus disse uma coisa tal sobre mim – Poseidon continuou, enchendo-se de orgulho. – Oceano não foi facilmente derrotado. Ele tinha uma prole de três mil filhos! Tive que invocar todos os rios e lagos sob meu domínio para derrotar os Titãs. Ainda assim – ele disse, correndo os dedos pela barba de algas marinhas –, acho estranho que Zeus confie em mim por isso, quando há outros...

Ela bufou e olhou pesarosa.

– Certamente não Atena.

– Atena? Ela é a favorita dele – Poseidon riu por entre os dentes. – Eu posso ver por quê. Ela tem o dom da persuasão.

– Uma gatuna com as palavras – Íris disse.

– Como assim?

– Ah, apenas algo que ouvi Zeus dizer. Mas devo encontrá-lo. Tenho uma mensagem urgente. O senhor sabe onde ele está?

– Ele partiu apressado para fazer o que quer que sua raiva ditasse –

Poseidon disse. – Sua ira tem crescido nos últimos tempos.

– Kratos – disse ela, balançando a cabeça como se concordasse com ele. – Kratos o provoca a todo momento. É uma vergonha que nenhum dos Olímpianos se preocupe o suficiente com Zeus para fazer alguma coisa a respeito desse mortal irritante. Parece que Kratos se aliou a Gaia, e você sabe bem o quanto os Titãs podem ser agitadores.

– O que você está dizendo? – Poseidon se inclinou e a olhou de perto. Íris tentou não se esquivar quando as algas da barba roçaram seu rosto. Ainda pior do que aquela investida de água salgada, o fedor de peixe quase a fez vomitar. Zeus sempre teve um cheiro estranhamente pungente, algo como alho, especialmente após desferir seus raios. Aquilo era até suportável, mas Poseidon!

– O que todo mundo sabe – ela disse com cautela. – Correm soltos os rumores de que ele procrastina em lidar com Kratos novamente por causa da importunação de Atena.

– Ela é a favorita dele – Poseidon repetiu.

– Mas ele certamente favoreceria quem o livrasse de Kratos e suas intromissões. Zeus é duro demais consigo mesmo.

– O que você quer dizer?

Íris olhou com firmeza para Poseidon e notou que ele estava absorvendo cada palavra que ela dizia como se fosse uma esponja de seu reino subaquático. Não rir de sua credulidade se mostrou mais difícil do que as mentiras que contava sem hesitar.

– Ele se culpa por ter elevado Kratos ao trono, muito embora tenha sido inteiramente responsabilidade de Atena. Ela odiava Ares e usou Kratos para matá-lo, então pensou que poderia controlar o novo Deus da Guerra. Kratos se mostrou obstinado demais para tanto. Uma vez mortal, sempre mortal.

– Será que ele demonstraria uma grande benevolência a quem quer que matasse Kratos?

– Tenho certeza de que Zeus está em uma peregrinação agora justamente para pensar melhor sobre o assunto, longe da algazarra do Olimpo.

– Ele não vai matar Kratos sozinho?

– Acho muito difícil. Nem mesmo Zeus ousa se opor às Irmãs do Destino – Íris disse. – Mas eu preciso mesmo encontrá-lo. Tenho mensagens importantes – ela hesitou quando Poseidon franziu os lábios, mas ele acabou não chegando à conclusão que ela esperava. – Você não sabe onde ele está? Talvez, procurando

uma maneira de lidar com Kratos sem aborrecer Atena?

– Uma maneira de matar Kratos – o Deus dos Oceanos sorriu cruelmente. – Agora, vejamos. O que poderia matar um guerreiro astucioso como o Fantasma de Esparta?

– Eu não sei, Lorde Poseidon, talvez um deus com ousadia e poder o suficiente fosse capaz de tanto – disse Íris. E acrescentou em silêncio: *Mas tenho certeza de que descobrirei em breve. Todos no Olimpo descobrirão!*

Capítulo quarenta e quatro

A Fênix estava empoleirada com o Palácio do Destino nas suas costas, alguma distância além. Kratos comparou o pássaro de fogo recém-ressuscitado com a torre de cinzas e a réplica de asas abertas com o palácio em seu bico. Tinha de haver uma conexão entre a Fênix real e a localização do palácio das Moiras, mas ele não conseguia ver qual. Tocar novamente o chifre não resolveria nada, mas talvez uma nova perspectiva que aliasse a Fênix ao palácio bem poderia resolver alguma coisa. Ele foi se esgueirando ao longo de uma estreita passagem até encontrar o verdadeiro caminho rumo às Moiras.

A passagem terminou em uma varanda escancarada ao mar, à Fênix e ao palácio, mas, de resto, à mais completa escuridão. Kratos, porém, sentiu a presença de outro ser antes mesmo de escutar:

– Cheguei longe demais para fracassar!

Kratos desembainhou as Lâminas de Atena e se virou a tempo de bloquear o golpe de espada com uma defesa ligeira. Seu adversário, envolto em trevas, crivava golpes alternados com o punho e seu ataque de espada. Kratos ignorou a agressão, bloqueou uma estocada com a prancha de uma das lâminas e, logo em seguida, levou sua borda afiada rumo à cabeça do agressor. Somente uma contorção no último instante salvou o homem de ser partido ao meio.

O que acabou provocando uma reviravolta no combate. Seu adversário se debilitou rapidamente por causa do golpe que cortou uma orelha e penetrou o ombro. Kratos tirou proveito de sua vantagem. Desarmou o sujeito, agarrou-o pela cintura e o suspendeu. Soltando grunhidos, Kratos atirou o homem contra uma parede e sentiu a luta esmorecer ainda mais.

Mas seu inimigo se revelou não ser assim tão fácil de se matar quanto parecia. Kratos deu-lhe um soco, mas o homem se jogou bruscamente de lado. O punho de Kratos se chocou contra a parede, e ele afrouxou o aperto sobre o homem escondido em meio às sombras. Kratos descarregou mais dois murros em cheio.

Tão rápido quanto começou, a luta acabou. O sujeito se atracou com Kratos e o arrancou do chão. Kratos sacou a espada e desferiu uma estocada; engalfinhados, eles mergulharam através de uma janela interna, despencaram por dois andares e caíram duros no centro de uma grande varanda com vista para o mar, cercados pelos cacos de vidro que os acompanharam de cima.

Kratos começou a torcer a espada enterrada nas estranhas do sujeito e então viu seu adversário claramente pela primeira vez.

– Você? – Kratos deslizou sua espada para fora do torso do guerreiro.

O soldado ergueu os olhos, segurando a espada de Kratos atravessada em seu peito.

– Meu senhor. Não o reconheci no breu! Eu estava à procura das Moiras para...

Kratos o agarrou pela couraça do mesmo modo como havia feito antes em Rodes.

– Eu lhe disse para voltar a Esparta. Por que você deixou Esparta desprotegida?

– Esparta – o jovem soldado disse ofegante, visivelmente debilitado – já não existe mais – ele desviou o olhar, incapaz de encarar os olhos perplexos e acusatórios de Kratos.

– Quem foi capaz de tamanha traição? – Kratos o sacudiu com força para focar sua atenção no relato, em vez de se alongar sobre a ferida da espada, que logo acabaria com sua vida.

– Zeus – o jovem soldado disse, tossindo sangue. – Ele veio sob o manto da escuridão. Eu estava de plantão com dois outros guardas quando um raio destruiu o muro e nos lançou voando pelos ares. Eles foram mortos. Fiquei preso embaixo de uma grande pedra, incapaz de me mover – mas eu vi. Ah, meu senhor, eu vi cada momento da destruição!

Kratos o encarou incrédulo, tentando entender o que estava sendo dito. Esparta jazia em ruínas? Impossível!

– As pessoas corriam confusas de um lado para o outro, implorando a seu deus que os salvasse. Vi Zeus caminhando sobre a cidade, com uns trinta metros de altura. Mais! Ele levou as mãos para baixo e destruiu as estruturas mais altas, arrancando-as como a uma espinha do peixe. Esmagou edificações menores sob seus pés, então aterrou o que já havia esmigalhado e transformado em pó mais fino do que farinha. O fogo se propagou com furor, incêndios causados por Zeus ao arrebatar seus raios dos céus e lançá-los violentamente sobre a cidade. Mulheres e crianças foram queimadas até a morte diante de meus olhos – o soldado desfaleceu. Kratos o sacudiu novamente até suas pálpebras tremularem e o soldado se obrigou a falar.

– Eles passavam correndo por mim, em chamas, e eu nada podia fazer. Minhas pernas estavam presas embaixo de uma pedra do templo – seu templo, Deus da Guerra.

– Mas você está aqui – Kratos disse.

– Forcei a pedra para fora de minhas pernas e me preparei, mesmo

desarmado, para enfrentar um deus, mas Lorde Zeus já havia debandado para destruir zonas mais distantes de Esparta. Não me restou outra escolha. Tive de sair à procura das Moiras para mudar o destino de nossa amada Esparta.

– Como você conseguiu penetrar tão longe no templo? – Kratos perguntou.

O soldado ergueu os olhos. Seus lábios se moviam, mas não saía som algum. Ele estremeceu e sangue escorreu de sua boca antes que ele falasse.

– Fui trazido até aqui. Uma águia gigante me capturou em suas garras e me jogou aqui.

Kratos prendeu a respiração. Seria possível que o soldado tivesse sido transportado por Zeus? As Irmãs do Destino teriam de ter permitido. Kratos ficou intrigado. Láquesis havia resolvido apresentá-lo a um novo desafio antes de conceder-lhe uma audiência. Talvez o soldado moribundo fizesse parte do obstáculo em sua busca. Seu ódio por Zeus seria maior do que sua lealdade a seus espartanos? Uma decisão equivocada o condenaria aos olhos de Láquesis.

Kratos segurou o soldado com o tronco ereto. Não lhe restava energia alguma, mas ele se esforçou para terminar sua história.

O soldado tossiu e se virou, murmurando com pesar:

– Sou tudo o que restou – caiu de novo e ergueu os olhos, com um sorriso sutil curvando seus lábios. – Agora, você é tudo o que resta. Tenho fé de que nossos irmãos de Esparta viverão para ver o verdadeiro Deus da Guerra – ele se engasgou com seu próprio sangue e morreu.

Kratos o soltou e se levantou, observando seu companheiro caído. A morte do soldado levava consigo um rumo possível. Não havia razão alguma para que ele abandonasse a missão de Gaia àquela altura e voltasse a Esparta para salvar a cidade. Ele jogou os braços para trás e levou os olhos aos céus, bramindo:

– Zeus! É assim que você me enfrenta? Covarde! Estou farto de cumprir os designios dos deuses. Desça aqui e me enfrente agora, Zeus!

Uma rajada de vento fétido irrompeu sobre as costas de Kratos. Ele ouviu o som de jatos d'água seguido pelo estalido agudo do que bem poderia ter sido o som de aço contra aço. Virando-se devagar, fitou uma boca escancarada e cheia de presas perversamente tortas. Olhos do tamanho do escudo de um guerreiro se cravaram nele com ódio absoluto, e duas pinças curvas se afixaram no piso de pedra enquanto o Kraken emergia do fundo do mar.

– Zeus nem sequer lutará sua própria batalha – Kratos disse, sarcástico. – Prefere mandar que Poseidon envie seu assecla!

O Kraken rugiu e o cobriu de cuspe.

– Venha aqui e me enfrente agora! – Kratos urrou, não ao Kraken, mas ao Olimpo. – Estou cansado das mentiras dos deuses.

Kratos girou seu martelo de guerra em um arco que passou rente ao monstro. O Kraken empinou ainda mais alto e tirou outros tantos tentáculos do mar. A fera soltou um rugido e atacou com velocidade sobrenatural, chicoteando um tentáculo em torno de Kratos e o envolvendo por inteiro. Com os braços presos aos flancos, Kratos se debateu por entre o aperto viscoso – sem sucesso. O Kraken o suspendeu e o aproximou de sua goela. Seria seu banquete do dia.

Kratos deu um poderoso solavanco na tentativa de se libertar, mas o tentáculo escorregou ao redor de seu pescoço. E apertou. E apertou e apertou.

Sua vista escureceu por um instante e logo se agitou, surpreso ao encontrar-se em uma encosta. As nuvens no céu nublado refletiam a luz do fogo ardendo na cidade abaixo. Kratos deu um passo à frente quando viu uma mulher indo em sua direção. Em silêncio, ela parou a poucos metros de distância.

– Sinto muito, meu amor – o ódio impetuoso por Zeus desapareceu assim que Lysandra se aproximou. – Você é capaz de me perdoar? – sua voz era quase um sussurro, mas carregada de sinceridade e dita com o coração que ele abandonara por vingança.

– Nem tudo está perdido, Kratos.

Kratos arregalou os olhos. A voz não era de sua amada esposa, mas de Gaia. Ele tentou falar, mas as palavras se recusaram a tomar forma. Os deuses se valeram dele em nome de seus próprios caprichos, e ele se rebelara. Gaia também o usava, falando por meio de Lysandra para manipulá-lo. Kratos julgou não dar a mínima. Ver sua esposa novamente, cruzando os Campos Elisios, e mesmo a imagem de uma Esparta em chamas, destruída, encheu seu peito de alegria e saudade.

– Você deve prosseguir – disse ela. – Há muito em jogo.

Kratos levantou as mãos, de palmas voltadas para sua esposa, e balançou a cabeça em pesar.

– Não sou capaz de derrotar os deuses.

– A batalha está a seu favor, Kratos. Mas você deve agarrar firme seu destino e tomar o controle da situação. Há uma guerra no horizonte e precisamos de sua liderança rumo à vitória.

Kratos olhou por sua esposa – por Gaia – em direção a Esparta em ruínas.

Incêndios ardiam como as fogueiras de um vasto exército, mas nenhuma perdurava em meio aos escombros. Zeus fora rigoroso demais em seu acesso de fúria.

– Com qual finalidade? – ele estava implorando por uma resposta.

– A morte de Zeus! Se você ceder, Zeus não deixará de atormentá-lo. Ele não descansará sabendo que você ainda vive. E, quando você morrer, Hades se encarregará de que sua sombra seja torturada por toda a eternidade. Você não terá descanso até que Zeus seja destruído.

Sua esposa suspendeu as mãos e as colocou sobre seus ombros. Seu toque era mágico, elétrico – um fogo. Lysandra foi consumida pelas chamas que subiram e se misturaram às que destruíam Esparta ao longe. Os céus trovejaram e as chamas consumiram os dois onde ela o tocara.

– Leve em você o fogo que incendiou sua amada Esparta. Deixe-o alimentar sua raiva e acelerar seus passos em direção ao destino.

Da cabeça aos pés, Kratos foi preenchido pelo fogo derretido. A lava encantada correu por suas veias e fez seu coração martelar tão forte no peito que ele chegou a pensar que fosse explodir. Ela retirou as mãos de seus ombros, mas se manteve perto dele.

– É chegada a hora de agir, Kratos. Esta batalha é apenas o começo de uma grande guerra por vir.

Ele tentou estender sua mão a ela e viu-se com os braços atados a seu corpo por uma carne escorregadia. Kratos se sacudiu todo, contorcendo-se no aperto tentacular do Kraken. A fera abriu a boca e rugiu. Kratos mirou sua garganta e não vislumbrou carne nem sangue, apenas a tortura eterna nas garras de Hades que Gaia previra caso ele falhasse.

Kratos invocou a Fúria dos Titãs e forçou o afrouxamento do tentáculo o suficiente para que escorregasse rumo ao chão de pedra. O Kraken envolveu seus tentáculos em torno de dois pilares, um de cada lado, para melhor se alavancar ao ataque.

Kratos girou seu martelo de guerra cravejado de espinhos com toda a sua força, arrancando um naco de carne do tentáculo do Kraken, o que não pareceu afetá-lo. O poderoso monstro dos mares rugiu, lançando uma nuvem verde que saiu queimando tudo em seu caminho. Percebendo o quanto a fera estava perto do soldado espartano no chão, Kratos correu e suspendeu o corpo do jovem, jogando-o sobre seu ombro. O Kraken rugiu novamente e chicoteou seus tentáculos. Todo e qualquer ataque que Kratos desferisse à esquerda provocava uma reação.

Largou o corpo do soldado sobre um pedal de pressão perto do tentáculo esquerdo e sentiu de imediato uma coluna ascendente de ar aquecido em frente ao Kraken. Estendendo as asas de Ícaro, Kratos planou sobre a corrente térmica para que pudesse voar logo acima da cabeça do monstro dos mares. Com as Lâminas de Atena em chamas, ele golpeou a testa carregada de nervuras, decepando parte de uma barbatana dorsal e enfurecendo ainda mais a criatura. Um tentáculo o arrebatou dos ares e o arremessou rolando pelo chão de pedra.

Quando o Kraken arremessou outro tentáculo para esmagá-lo, Kratos atacou com ambas as lâminas e passou a serrar o apêndice viscoso ao meio. O Kraken lutou para se libertar, mas só conseguiu ajudar Kratos a cortar fora a ponta do tentáculo.

O Kraken se recolheu, dando a chance que Kratos esperava para se lançar novamente pelos ares e desferir repetidos golpes em sua cabeça e em seu rosto arrebitado – e horrível. Por mais que tentasse cegá-lo, as cristas ósseas e sólidas sobre os olhos do Kraken protegiam sua vista. Um golpe ao acaso derrubou Kratos dos céus mais uma vez. Ficou de pé a tempo de evitar que um novo tentáculo desabasse sobre ele.

Como fizera antes, saiu desferindo golpes contra a extremidade de um dos tentáculos, com suas espadas atormentando tudo em volta e cavando profundamente a carne do monstro, sempre que uma oportunidade se apresentava. A ponta do tentáculo logo estava no chão, decepada pelas lâminas afiadas de Kratos.

O Kraken recuou de dor pelo novo castigo, dando margem para que Kratos desencadeasse a Fúria dos Titãs novamente. Faíscas eletrificadas irromperam, envolvendo o Kraken, serpenteando de seus olhos rumo às presas em sua boca e, enfim, incinerando seus tentáculos. Uma vez que o feitiço humilhara o monstro de Poseidon, Kratos se lançou para o alto, batendo suas asas e renovando seus ataques contra a cabeça e os olhos do monstro. Ele o levou ao chão. Vislumbrando a vitória a seu alcance, Kratos pousou na beira do terraço.

O corpo maciço do Kraken havia escondido uma alavanca por todo esse tempo. Kratos a puxou para trás. Uma ponte disparou, decapitando o Kraken. Kratos meneou a cabeça, assentindo solenemente, ao ver a ponte se estender até o pedestal onde a Fênix se empoleirava, como se estivesse esperando por aquele momento. Kratos saiu correndo pela ponte, saltando por cima dos pedaços de Kraken que maculavam o caminho, e parou a poucos metros de onde o pássaro de fogo estava acomodado em um poleiro no topo de um braseiro em chamas.

Kratos andou em volta do braseiro, cravando os olhos na Fênix de trinta metros de altura. Ele observou seus movimentos agitados no poleiro, a longínqua torre de cinzas e a Fênix de pedra que abrira o bico para revelar o Templo do Destino.

Parando bem em frente à Fênix, Kratos lançou suas lâminas, usando-as como garras que se prenderam em cada flanco do pássaro, logo abaixo das asas. A Fênix foi à loucura, debatendo-se e contorcendo-se, ardendo cada vez mais e tentando escapar do castigo. Com um puxão possante, Kratos arrastou a Fênix de seu poleiro e a derrubou de peito no chão diante dele. Ignorando as penas em chamas ferozes, Kratos pulou sobre as costas do pássaro de fogo, que disparou para cima, jogou uma das asas, fez todo o possível para derrubá-lo.

Kratos segurou firme nas espadas cravadas nas costas do pássaro e as empregou como rédeas para obter um maior controle. A Fênix alçou voo, saiu rodopiando e pairando de repente em novas e seguidas tentativas de derrubá-lo.

Seria preciso mais do que aquilo para deter Kratos dali em diante. Ele se inclinou sobre as costas do pássaro de fogo e o guiou em direção ao bico escancarado da Fênix de pedra, distante no mar. A Fênix compreendeu que ficaria livre caso obedecesse seus comandos.

As potentes asas em chamas da Fênix transportaram Kratos rumo a seu real objetivo: o Templo do Destino.

Capítulo quarenta e cinco

–O que você fez? – exclamou Atena.

– Mantenha um tom civilizado – Zeus disse, encarando-a furioso. – Fiz o que foi preciso. Kratos destruiu as outras cidades. Eu destruí Esparta.

– Isso não impedirá Kratos de matá-lo – de tentar matá-lo – ela rapidamente se corrigiu, perplexa com o desembaraço de sua língua. Mais e mais, ela dizia o que lhe vinha à mente e não o que era mais sábio a se dizer. Lidar com os Olímpianos sempre exigira uma grande dispensa de diplomacia para abrandar a vaidade ferida, encobrir deslizos, guiar os outros na direção em que ela desejava. Não à toa, Zeus valorizava seus conselhos acima de todos. Ela permanecia calma e discreta enquanto os outros se enfureciam ou choravam.

– Kratos sempre foi seu mortal de estimação. Não mais. Eu o declaro nada além do que uma presa a ser caçada, um jogo a ser finalizado. Eu o quero morto! De uma vez por todas! Quero que meu irmão Hades o aprisione no buraco mais profundo do Submundo por toda a eternidade.

– Ter destruído Esparta só endureceu sua determinação – disse ela.

– Como é que você sabe disso, filha? Onde ele está?

– Conheço Kratos. Onde quer que esteja...

– Eu sei onde ele está – surgiu uma voz límpida e melodiosa, que ressoou tão nítida quanto um sino.

– Hermes! – o nome escapou de seus lábios antes que ela se desse conta. Ela fez sinal com a mão para que ele fosse embora, mas o deus não lhe deu atenção alguma e voou até o degrau que levava ao trono de Zeus.

– Eu o bani! Você me desafia! – Zeus se levantou em um pulo e armou o poder do raio para matar Hermes.

– Eu o venero, Pai dos Céus – Hermes disse, curvando-se até o chão. – Trago notícias de Kratos que lhe permitirão destruí-lo.

– Você foi banido do Monte Olimpo – Zeus disse, moderando seu tom de voz.

Atena deu um passo para o lado, maravilhada com a imprudência de Hermes. Ou seria coragem? Ela o enxergou com novos olhos.

– Eu o sirvo, não importa aonde eu vá. E sempre à procura da verdade que lhe foi negada.

– O que você quer dizer com isso? – Zeus jogava uma esfera relampejante de uma mão a outra.

– Pergunte ao Lorde Poseidon por que ele enviou o Kraken para matar Kratos.

– Ele fez o quê?

– Meu irmão! – Poseidon vociferou, adentrando a câmara de audiência. – Não sei de nada do que esse idiota está dizendo.

– Lorde Poseidon ama e honra o senhor acima de tudo e queria apenas parar Kratos – Hermes disse com sua voz de clarim. – Ele não sabia que havia sido enganado.

– Enganado? – Poseidon sacudiu seu tridente na cara de Hermes. – O que você está dizendo?

– O senhor fez o que lhe disseram ser apropriado, enviando seu Kraken contra Kratos. O senhor não sabia que as Irmãs do Destino haviam determinado que o Kraken iria fracassar.

– Fracassar? – Poseidon pareceu apreensivo.

– Por que você enviou o Kraken, irmão? – Zeus continuava atirando a esfera incandescente de um lado para o outro, mas agora a apertava e comprimia, intensificando a força sobre ela.

– Para ajudá-lo, Zeus – Hermes respondeu pelo Senhor dos Oceanos. – Ele não sabia que as Irmãs do Destino haviam proibido o sucesso do Kraken. Íris o levou ao erro e o colocou em conflito com a resolução das Moiras.

– Íris? O que você quer dizer, Hermes?

Atena ameaçou intervir, mas logo se obrigou ao silêncio. Hermes estava provando ser mais diplomático – mais ardiloso, até – do que ela jamais poderia ser. Seu exílio o forçara a amadurecer e a se tornar mais circunspecto.

– Ela mentiu para o senhor, meu rei, para desonrar Poseidon aos seus olhos. Dessa forma, ela conquistaria mais influência entre os Olímpianos.

– É a verdade, Zeus – berrou Poseidon.

– Mesmo? – Zeus franziu a testa.

– Sim, Pai dos Céus – Atena disse. – Meu tio fala a verdade. Ele foi enganado por Íris.

– Íris pensou em irritar as Irmãs do Destino de modo que as jogasse contra o senhor – Hermes continuou. – Ela almeja seu trono, Zeus. Ao colocar as Moiras contra os deuses, Íris pensou em sair vitoriosa.

Zeus olhou de Hermes a Poseidon e então para Atena. Ele não teve problemas para interpretar a quem Hermes se referia como “os deuses”. Atena manteve a expressão solene, muito embora quisesse gritar, triunfante. Hermes podia até embelezar os planos de Íris, mas o cerne da verdade era óbvio, mesmo a Zeus.

– Eu novamente o saúdo como o Mensageiro dos Deuses, Hermes – Zeus disse. – Sua primeira missão como estafeta é informar Íris de que ela está banida. Nunca mais ela poderá caminhar sobre a terra, salvo ao amanhecer ou ao pôr-do-sol e então apenas quando estiver chovendo.

– Dito e feito, Todo-Poderoso – Hermes disse, curvando-se até o chão.

– Você deve voltar e me dizer mais. Kratos destruiu o Kraken de meu irmão? Isso só poderia ser possível com a anuência das Irmãs do Destino. Devemos enviar-lhes oferendas em nome de todos os deuses e deusas – Zeus se voltou para Atena. – Como Poseidon enviou seu Kraken, você é a menos pensosa a atizar a ira das Moiras. Mande o tributo que for mais apropriado.

– Elas foram nossas aliadas durante a Grande Guerra – Atena disse. – Nós nunca devemos perder sua cooperação.

– Não, não devemos – Zeus disse. Sua expressão austera retornou. Ele se sentou pesadamente e esmagou a bola relampejante em sua mão, fazendo faíscas explodirem em volta. – Mas não permitirei que elas protejam Kratos. Ele vai morrer. Eu verei Kratos morto! – quando sua ira se apascentou, um olhar de determinação se firmou em seu rosto enrugado. – Íris me disse que Kratos estava morto, quando na verdade estava mentindo para usá-lo contra mim – a mão direita de Zeus se fechou, deixando vaziar um brilho pálido que ganhava cada vez mais as cores do arco-íris. – Ela se arrependerá do dia em que tentou me enganar – sua mão se abriu e as cores do arco-íris explodiram por todos os lados, até que nada além de uma neblina acinzentada permanecesse.

Atena não tinha nada a dizer sobre o assunto. Não naquele momento. Hermes havia retornado a sua posição habitual e Íris fora novamente relegada a um papel menor, despojada de seu espectro. Haveria tempo para pleitear o caso de Kratos a Zeus. Em breve. Mas não naquele momento.

Ela se curvou a seu pai e saiu. Talvez Afrodite ou Ártemis a acompanhassem em uma audiência com as Moiras. Pela primeira vez desde que Ares fora morto, ela sentia que a serenidade para todo o Olimpo estava a seu alcance.

Capítulo quarenta e seis

– Devemos consultar Cloto – Átropos disse. Sua voz quase falhou devido a sua tensão.

Láquesis balançou a cabeça devagar, pensando em tudo o que havia acontecido.

– Você está certa, irmã. Sua intromissão foi...

– Minha! E quanto a seu flerte bobo com Kratos? Ele é seu e você permitiu que ele chegasse até aqui!

– Temos de compartilhar um pouco da culpa por isso, irmã – disse Láquesis. – Temos trabalhado de forma descoordenada. O Guerreiro do Destino hesitou demais ao usar a Lança do Destino e acabou permitindo que Kratos a recuperasse.

– Corte o fio agora. Vou medi-lo e você o corta – Átropos disse, estridente. – Kratos é ajudado por Gaia.

– Gaia – Láquesis disse, meneando a mão em reprovação. – O sonho dos Titãs em busca do tempo perdido. Eles nunca serão uma ameaça. O que mais me preocupa é o Kraken. Você tramou o ataque do monstro no fio de Poseidon? Não, é claro que não. E nem eu.

– Isso não é possível. Você tem que ter tramado. Você estava provocando Kratos e fez Poseidon enviar seu monstro – disse Átropos. Ela ficou em silêncio quando notou a resposta no rosto de sua irmã.

– Nós, que somos as senhoras do destino de todo o mundo, não deveríamos nos surpreender com esse tipo de coisa, especialmente quando a agressão ocorre em nossa porta.

– Se não foi você quem tramou o ataque do Kraken em um determinado fio e nem eu, será que Cloto fora capaz de fazê-lo?

– Venha comigo à Câmara de Tecer – Láquesis disse – e vamos resolver esse assunto. Temos de chegar a uma decisão sobre o destino de Kratos imediatamente.

– Nós já havíamos feito isso – disse Átropos. – Ele desafia a sorte que determinamos a ele.

– Impossível – Láquesis disse, embora tenha tido a sensação desagradável de que sua irmã pudesse estar contornando a verdade. Sacudiu a ideia da cabeça. As Irmãs do Destino eram supremas. Aquele problema com Kratos havia

ocorrido apenas porque Átropos se envolvera no que pensou ser uma aventura, o que acabou acontecendo de fato. Seu trabalho no fio de Kratos acabou desenrolando-se com objetivos antagônicos, propiciando a situação atual em que ele rondava a Ilha da Criação.

– Cloto! – Átropos exclamou no instante em que entraram na Câmara de Tecer. Sua imensa irmã estava agachada sobre seu pedestal, trabalhando duro para tecer incontáveis destinos. Um olho enorme se voltou para elas.

– Irmã – Láquesis disse, contendo o tom de sua voz. – Temos que discutir sobre Kratos.

– Você cortou o fio dele cedo demais? Está tudo bem, não se preocupe, ainda há tensão o bastante – disse Cloto, estendendo a mão para puxar um fio negro. Pousou os dedos sobre o fio e lentamente o acariciou antes de se voltar a suas irmãs. – O que você fez? Isso é ultrajante! Corte o fio agora, Láquesis. Agora!

– Veja bem como esse fio se entrelaça com tantos outros dos Titãs – Láquesis disse. – Gaia é sua mentora e permitiu que ele chegasse tão longe.

– Você e Átropos são as responsáveis, intrometendo-se por conta própria. Corte o fio agora! – Cloto deu um novo puxão, mas as vibrações logo cessaram. Rápido demais. Tal emenda deveria ter aleijado Kratos. Mas não o fez.

– Eu deveria confrontá-lo – disse Láquesis. – Há mais sobre Kratos do que sabemos.

– Não! – tanto Átropos quanto Cloto berraram em uníssono ante um pensamento tão herético.

– O Fantasma de Esparta é peão de Gaia, mas há mais sobre ele. Ele está desenvolvendo um arbítrio não controlado por nossa determinação à sua sorte.

– Isso é impossível – disse Cloto. – Nós somos os únicos árbitros do destino – ela encarou suas irmãs e disse friamente: – Se ele, de alguma forma, escapou de nosso domínio, outros podem ser capazes também. Seria uma consequência da Caixa de Pandora?

– Os deuses estão cada vez mais agitados – Átropos disse –, mas não fazem nada para contrariar os destinos que reservamos a eles.

– No entanto – Láquesis disse –, é patente que devemos monitorar nosso trabalho com mais afinco. O Kraken, Gaia e os outros Titãs, o comportamento dos deuses após a morte de Ares... e no centro de tudo isso está Kratos.

– Muito bem, irmã – Cloto disse. – Coloque os piores obstáculos possíveis em

seu caminho. Se os mesmos não o detiverem, então o confronto. Descubra se ele, de alguma forma, escapou de seu fio do destino, embora sinta que a responsabilidade seja toda do juízo medíocre feito por vocês duas e de uma execução ainda pior.

Láquesis se curvou ligeiramente e, em seguida, deixou a Câmara de Tecer, seguida por Átropos. Kratos retornaria ao Submundo muito em breve. A Fênix seria sua perdição. E se, de alguma forma, ele sobrevivesse, ela o confrontaria para descobrir como o Fantasma de Esparta fora capaz de enganar sua sorte.

Capítulo quarenta e sete

A Fênix tentou aterrissar longe da boca aberta de sua réplica de pedra, mas Kratos a coagiu de volta a sua rota. À medida que foram voando para mais perto, ele pôde vislumbrar uma poça d'água no bico escancarado. A Fênix chamejava por inteiro e lançava faíscas por todos os cantos ao se debater para evitar a entrada. Kratos reuniu toda a sua energia, firmou os pés contra as laterais do pássaro de fogo e se lançou bico adentro, mergulhando na piscina. Quando ele enfim emergiu e levou os olhos ao exterior da boca, o autêntico pássaro de fogo batia suas asas já fora de vista.

Ele nadou com força até uma plataforma e se suspendeu. O enorme sino no centro da boca, onde se poderia esperar uma úvula, poderia ser badalado ao se balançar um pêndulo invertido. Kratos colocou a mão na imensa haste de bronze que poderia ser lançada de encontro à lateral do sino. Para anunciar visitantes? Por que as Irmãs do Destino não saberiam quem chegou a seu palácio, quando Láquesis por duas vezes o visitara na forma de um fantasma em tons avermelhados enquanto ele desbravava seu caminho até lá? Algum outro segredo estava escondido por trás do sino e seu badalo.

Kratos analisou a estrutura e entendeu como o badalo poderia ser oscilado por meio de um cabrestante. Começou a girar a manivela, reposicionando a enorme tora de bronze até que ficasse pendurada em um ângulo certo rumo ao sino. Só então Kratos turbinou seu ritmo e retesou o pêndulo até a amplitude máxima do arco permitida pelas correntes. Liberou o badalo de encontro a uma parede. A alvenaria desabou, formando uma pilha de escombros e nuvens de poeira. Kratos se aproximou e espreitou através do rombo, à caça de armadilhas ou inimigos. Tão logo a poeira baixou e ele não viu nada que impedisse seu avanço, Kratos disparou pelo buraco.

No outro lado do muro, encontrou um corredor impecavelmente conservado, que levava a uma câmara tão grande que ele mal podia ver a extremidade oposta. Em seu centro, a algumas centenas de metros abaixo, havia uma plataforma redonda, como se para suplicantes. Kratos estendeu as asas de Ícaro e desceu planando, mal tocando o chão ao escutar uma provocação vinda de cima. Olhando para o alto, viu Láquesis dar um passo para fora da plataforma e lentamente flutuar cada vez mais baixo até que seus pés estivessem apenas a alguns centímetros acima da plataforma onde Kratos se encontrava. A intenção era óbvia. Ela era superior e ele era um mero mortal.

– Nós estávamos a sua espera – a parte superior de seu rosto estava escondida por uma máscara preta, e seu corpo voluptuoso era mais sedutor do que qualquer virgem paradisíaca que Kratos já tinha visto. Elegante, suas pernas nuas se alongavam, mas seus pés não tocavam o chão. Ela fluuava centímetros acima do piso de azulejos, como se desdenhasse a ideia de compartilhar uma caminhada com um mero mortal.

Kratos estendeu um braço para agarrar a irmã.

Láquesis sorriu e repeliu a mão do espartano.

– Sua determinação é admirável, mesmo que seja mal orientada. Eu realmente pensei que você teria desistido antes – Láquesis se elevou alguns centímetros a mais e orbitou ao redor de Kratos, como se o visse pela primeira vez. O sorriso entretido cresceu em seu rosto.

– Ninguém pode mudar seu destino, Kratos – ela continuou até repousar na frente dele. – Nós, irmãs, determinamos a sorte de todos. Fui eu quem julgou que os Titãs perdessem a Grande Guerra e quem permitiu que você chegasse até aqui, tão somente porque a ideia me agradava – o sorriso desapareceu. – Não é seu destino matar Zeus.

Ela flutuou em torno dele e estendeu a mão para tocar seu ombro, mas ele recuou.

– Você já não controla mais meu destino.

– Gaia o encheu com suas mentiras...

Kratos agarrou Láquesis pelo pescoço e apertou com força, de modo que ela não conseguisse terminar a frase.

– Dê-me o que eu quero. Quero voltar no tempo e matar Zeus.

Láquesis fez um gesto sutil, livrando-se da mão de Kratos com um desprezo oriundo de seu pleno poder.

– Você sempre nos entretive, Kratos. Mas fique sabendo, mortal, que não há poder maior do que aquele das Irmãs do Destino.

Ela suspendeu seu báculo, um cajado pastoril com um gancho afiado na ponta, mas cajado pastoril algum jamais produzira um brilho ofuscante como aquele. A luz explodiu em direção a Kratos, que quase não conseguiu usar o Velocino de Ouro para desviar a magia. Muitas batalhas haviam sido conquistadas na defensiva. Mas Kratos preferiu atacar em vez de esperar para ver como Láquesis ainda empregaria seu báculo, então completamente banhado em luz esverdeada. Ele disparou adiante com as Lâminas de Atena, fatiando furiosamente o vento.

Láquesis arfou quando as bordas das espadas cortaram sua carne acobreada. Ela tentou flutuar mais alto, mas Kratos a impediu com um ataque elevado que se arqueou por cima de sua cabeça e caiu sobre o ombro da Moira. O golpe a derrubou no chão. Kratos tirou proveito de sua vantagem com uma enxurrada de golpes e cutiladas. De alguma forma, Láquesis novamente ganhou

o ar e saiu flutuando com a barra de seu longo e intrincado manto mal roçando a plataforma.

Kratos desencadeou a Fúria dos Titãs e novamente derrubou Láquesis no chão, mas dessa vez ela usou o longo báculo como uma vassoura e varreu as pernas dele com um movimento ligeiro que o deixou estatelado de costas.

Ela se elevou sobre ele e apontou o báculo incandescente em sua direção. Kratos rebateu o novo raio de energia com suas espadas cruzadas, mas sentiu o choque percorrer todo o caminho por seus braços e através dos ombros. Foi como se ele tivesse sido atingido pelo martelo do Rei Bárbaro.

Um segundo raio não o atingiu por pouco. Saiu rolando para a esquerda e lutou para se pôr de pé. Ficou de costas para Láquesis e ela mergulhou para matar. Com o martelo de guerra em mãos, ele rodopiou. A plena potência do giro e sua incrível força alimentaram a cabeça cravejada de espinhos em cheio no corpo da Moira. Láquesis deu uma cambalhota no ar e desabou de cara no chão, gemendo de dor. Kratos se aproximou e suspendeu o martelo para o golpe fatal.

Láquesis ergueu os olhos em sua direção.

– Você não pode renegar sua sorte, Kratos. – Ela bateu seu báculo contra o chão. A princípio, Kratos quis rir de gesto tão ineficaz. Isso não passava de despeito, nada próximo a um ataque real ou uma tentativa de defesa.

– Nós tramamos os acontecimentos de sua vida...

O gancho se tornou ainda mais brilhante e projetava uma sombra na parede ao longe. Láquesis deu uma pancada com seu báculo no chão e provocou uma névoa escura que se expandiu lentamente, cada vez mais turva e tomando forma em frente a um grande espelho.

– Átropos – ele rosnou, reconhecendo a Moira que fluía do espelho. No lugar das pernas, ela montava uma névoa sinistra, flutuando rumo ao guerreiro.

Ambas as Irmãs do Destino entoaram:

– ... e agora essa vida chegará ao fim.

Kratos recuou para enfrentar as duas Irmãs.

Átropos soltou um grasnido ao se precipitar para agarrar Kratos com suas garras compridas. Ele a capturou no ar e a jogou no chão, porém, segurá-la estava difícil. Ela se revelou ser mais forte e ágil do que sua frágil aparência sugeria ao escapar dele, contorcendo-se toda.

Átropos soltou um novo grasnido e o agarrou, arrastando-o para dentro do espelho.

Foi a vez de Kratos gritar. Era como se todos os músculos de seu corpo se contraíssem ao ponto de ruptura. Seus ossos estalaram e seus nervos urravam de dor. E a sala do trono das Moiras, altamente iluminada, transformou-se em breu. Ele deu um passo à frente e caiu de quatro, lutando para resistir à tontura. Veio a ânsia de vômito, mas conseguiu forçar a bile de volta, apesar de a queimação persistir em sua boca.

Ele ergueu os olhos, pôs-se de pé e mirou o horizonte, onde se viu com estatura gigantesca batalhando com Ares, igualmente desproporcional. Uma praga se formou em seus lábios quando viu seu outro eu empunhando as Lâminas do Caos, cujas correntes já estavam soldadas aos ossos de seus braços, indicando que ele era um servo de Ares.

– Nós controlamos seu destino, mortal estúpido – Átropos gargalhou. – Basta nos dar na veneta e sua vida chega ao fim... ou o deixamos viver.

Kratos olhou para o chão e percebeu que estava em uma ampla faixa de aço. Logo em seguida, sua atenção se voltou à longínqua luta. Ares disparou uma enorme bola de fogo que foi rodopiando e girando até formar um turbilhão tão poderoso que sugava tudo em sua volta. Kratos deu um berro, mas seu outro eu foi sugado pelo tornado. Ares jogou a cabeça para trás e gargalhou, em seguida se desmaterializou em meio a uma luz suave.

Kratos lançou sua espada quando Átropos se precipitou sobre ele. Suas presas incrivelmente longas arranharam levemente seu rosto e ela saiu voando, pairando bem alto com os pés escondidos pela escuridão.

– Busque em sua memória, Kratos. A espada em que você se ampara lhe concedeu a vitória contra Ares. Sem ela, será você quem morrerá hoje, *não* Ares. Podemos mudar seu passado e consertar seu futuro. Esse é o poder das Moiras!

Kratos girou e viu que a Moira falava a verdade. Ele estava em uma ponte comprida, formada por uma espada – uma espada que ele conhecia bem.

A lâmina de aço rachou sob seus pés e quase o derrubou, mas ele manteve seu equilíbrio. Apoiou-se sobre um de seus joelhos e viu Átropos se preparando para liberar uma esfera incandescente de pura energia em sua direção. Sacando o Arco de Tifeu, ele soltou uma flecha glacial após a outra. Uma delas acertou Átropos e a jogou rodopiando para trás.

Átropos lançou uma de suas bolas de fogo. Sem hesitar, Kratos a desviou com o Velocino de Ouro, mas o petardo não voou de volta em direção a Átropos. Em vez disso, fez uma curva bem aberta e retornou para cima dele.

Ele saiu correndo. A esfera o perseguiu, aproximando-se rapidamente. A estrela de energia, branca e ardente, que se formava antes da Fúria de Cronos ser liberada, não cresceu em seu peito. Ele teria de renovar suas forças e apenas o tempo daria conta do recado. Em vez disso, sentiu um calafrio percorrer seu corpo inteiro por conta da dádiva que recebera de Atlas. Kratos cambaleou e caiu de costas no chão com os braços e pernas erguidos. De seus pés e mãos, o Tremor de Atlas ribombou. O poder da magia se encontrou e se emaranhou e anulou a esfera fatal de Átropos.

Erguendo-se, Kratos desencadeou um novo ataque contra Átropos, utilizando o Arco de Tifeu. A corda zumbiu ao liberar uma rajada de vento gélido atrás da outra. Vários outros misseis aéreos acertaram Átropos, fazendo com que ela decaísse cada vez mais, até que sobrevoasse apenas a poucos centímetros da ponte de espada.

Kratos lançou suas espadas e fisgou a Irmã do Destino pelos ombros. Ele a puxou para a ponte, deu um chute em sua cabeça, puxou uma de suas espadas e cravou-a na testa da bruxa. Um fogo alaranjado encobriu o corpo de Átropos enquanto Kratos se afastava. Pouco a pouco, a escuridão que circundava suas partes baixas começou a subir, como se estivesse devorando-a.

A escuridão esfumaçada rodeou e envolveu Kratos, então ele rodopiou e elevou-se subitamente a uma estatura condizente à de Ares, que avançava em sua direção. Kratos olhou para o Deus da Guerra e então para a imensa espada que cruzava o abismo. Ele se debruçou e a arrancou de seu arrimo de pedra para empregá-la contra Ares.

Quando a lâmina se desgarrou, o que restava de Átropos foi cambaleando cada vez mais até cair rumo ao precipício. Seus gritos se esvaíram com a distância. Kratos a ignorou e se virou para encarar Ares. Um surto de clarividência irrompeu dentro dele. Ele já havia enfrentado Ares daquela maneira. Havia lutado com sua espada e vencido. A batalha havia sido...

Kratos estava de frente para o espelho no Templo do Destino. Do outro lado, Átropos esmurrava o vidro. Ela estava presa e Kratos já não segurava mais a espada que unia o abismo. Átropos arranhava e espancava repetidas vezes o lado oposto do espelho, mas não conseguia atravessá-lo.

Kratos deu meia-volta para dar de cara com Láquesis, que disse:

– Estou farta desses nossos joguinhos, Kratos. Esse poder todo jamais poderia pertencer a um mortal como você.

Láquesis ergueu seu báculo. O que costumava ser ofuscante aos olhos, então ofuscava até a alma de Kratos.

Ele partiu para enfrentar Láquesis.

Relâmpagos esverdeados emanaram do báculo de Láquesis em direção aos três espelhos no cômodo. Kratos avançou com suas espadas em mãos. Forçou Láquesis a recuar e a cercou – e, por trás dela, viu Átropos escapando de um dos espelhos. Suas garras rasgavam o ar, sedentas pelo sangue de Kratos. A parte superior de seu corpo se contorcia como se ela estivesse morrendo de dor por estar atravessada pela metade àquele mundo, àquele tempo.

Kratos sacou seu martelo de guerra e correu em direção ao espelho em que Átropos se debatia. Poderosas marteladas estilhaçaram o vidro e levaram Átropos de volta ao outro lado. Mal havia terminado de quebrar o espelho e Láquesis já atacava de novo. Kratos desferiu seu martelo contra a bruxa, deixando-a atordoada, mas logo percebeu que Átropos tentava escapar por outro espelho.

Kratos lançou mão do Amuleto das Moiras para desacelerar o tempo. Avançou rumo ao segundo espelho, onde Átropos parecia estar entalada pela metade, e lançou sua marreta, estilhaçando o espelho. Átropos desapareceu outra vez, sobrando apenas um último portal mágico.

Ao ver o segundo espelho destruído, Láquesis redobrou seus esforços para matá-lo. Seu báculo então fulgurava sem parar, formando colunas fatais que avançavam para encurralar Kratos. Ele se desviava delas enquanto recuava de encontro ao último espelho, no intuito de destruí-lo. Láquesis partiu para cima dele e nem se deu conta de como se deixou ser atacada. Kratos tomou seu bastão, girou-o e golpeou a Irmã do Destino, que foi derrapando pelo chão até o outro lado do cômodo. Ele tomou impulso para empalá-la com sua própria arma.

Assim que ele se focou em Láquesis, Átropos atravessou o último espelho e o agarrou por trás, suspendendo-o do chão e o sacudindo como um cão de caça faria com sua presa. O báculo de Láquesis se desgarrou de suas mãos e saiu rodopiando até parar nas mãos da Moira.

– Eu mensuro a sorte com instrumentos como este e a sua chegada ao fim!

Kratos gritou de dor ao sentir as garras de Átropos retalhando seu corpo e deixando rastros sangrentos em sua pele de marfim, que cruzaram suas tatuagens escarlates e penetraram profundamente sua carne. Ele se contorcia e dava solavancos na vã tentativa de se livrar do aperto. Ela era forte demais.

Do outro lado do cômodo, Láquesis soltou um grito de satisfação. Inclinou seu báculo e o atirou pelos ares em direção a Kratos. Encurralado por Átropos, ele não poderia se esquivar do báculo de Láquesis – nem da morte.

No último instante possível, valeu-se do Amuleto das Moiras, tirando forças do ódio e da determinação dentro dele, para congelar o tempo por uma palpitação de segundo, quando então se desvencilhou dos dedos compridos de Átropos e, enfim, abriu mão do feitiço. Láquesis se precipitou adiante, mirando

seu báculo mortífero na direção de Kratos.

Ela acabou trespassando sua própria irmã. Átropos soltou um berro de partir o coração e caiu espelho adentro. No instante em que Láquesis ficou paralisada, atônita pelo que havia feito, Kratos atacou. Ele a agarrou pela garganta e fincou a espada em sua testa. O espartano a soltou, conforme a empurrou através do espelho para fazer companhia à irmã.

Enquanto ambas as Irmãs do Destino esperneavam do outro lado, ele pegou seu martelo de guerra e passou a estilhaçar o último dos espelhos, marretada após marretada, uma mais violenta do que a anterior. As duas continuavam a esmurrar o espelho, então todo rachado, mas já não podiam mais voltar. Kratos seguiu espancando o vidro até que ele se esfaçalhasse, revelando um corredor.

Ainda ofegante, levou seu martelo de guerra ao chão e mirou a paisagem. A determinação aumentava em seu peito. Ele estava cada vez mais perto.

Atravessou a moldura, triturando ainda mais o vidro sob suas sandálias, ao seguir em busca da Irmã do Destino remanescente.

Capítulo quarenta e oito

–Você não deve entrar na Câmara de Tecer, Kratos. Você arruinará tudo.

As palavras retumbaram em sua mente. Kratos urrou em provocação, lançou seu martelo contra a parede de pedra a sua frente e a destruiu com um único golpe. Ele sabia, com toda a certeza, que aquele caminho o levaria a Cloto, a última Irmã do Destino.

A rampa descia em espiral, livre de qualquer obstáculo que impedisse sua passagem. Ainda assim, Kratos avançava com cautela. Virou ao escutar um sibilo atrás de si. Uma cortina de energia se materializou a sua frente e, então, a cabeça de uma górgona tomou forma e flutuou em sua direção. Sacou suas espadas, pronto para lutar, mas a cabeça da górgona avançou apenas alguns metros e, logo em seguida, retornou à superfície plana da cortina de energia. Sabia que, caso a górgona o tivesse tocado, ele teria morrido.

– Vá embora, Kratos, e eu o deixarei viver sua patética existência – as palavras de Cloto ribombaram em seus ouvidos.

– Você sabe o que eu procuro, Irmã – Kratos disse. – Tem que haver um jeito de mudar o curso do destino. Eu vou matar Zeus!

– Seu caminho, assim, será eternamente bloqueado por todos aqueles que pensam ser capazes de mudar seus próprios destinos. Heróis tombados, guardiões surgidos das trevas, todos barrarão sua passagem, Kratos. Como recompensa por sua morte, eles poderão reformular suas próprias sortes!

Kratos retomou seu caminho e se deparou de imediato com Legionários Amaldiçoados, brandindo de forma ameaçadora suas lâminas curvas. Ele os reconheceu por suas insígnias, conhecia bem a história de como haviam traído Zeus, prometendo obediência aos falsos deuses persas em troca de suas vidas após a derrota na ilha de Propôntida. Aqueles mesmos legionários que se ajoelharam diante do deus Persa Zahak foram derrotados em uma batalha subsequente contra os gregos e descobriram que a ira de Zeus não conhecia limites. Os Amaldiçoados marcharam sem parar, lutando, morrendo e sendo ressuscitados para seguirem em sua eterna batalha – e em suas eternas derrotas.

Ele ignorou as intimidações de Cloto e partiu para o ataque. Quatro investidas ligeiras bastaram para derrubar o legionário a sua frente, e uma estocada precisa atravessou o segundo. O terceiro acabou recuando, mas não que estivesse com medo. Kratos viu o Juggernaut avançando em auxílio ao Legionário Amaldiçoado. A criatura era três vezes maior do que Kratos e estava fortemente blindada, com sua cabeça revestida por um capacete negro de metal. Uma imensa mão peluda agarrou o cabo de um mangual, cuja esfera cravejada de espinhos na extremidade da corrente estava em chamas. Um resvalo sequer da formidável esfera incandescente esmagaria Kratos como um inseto e, então,

reduziria seu corpo a cinzas.

Avançou sobre o monstro grande e desengonçado, usando seu martelo de guerra para esmagar uma das pernas. O Juggernaut cambaleou de lado, perdendo o equilíbrio. Ao se reposicionar, girou a bola de espinhos. A corrente passou zumbindo por Kratos, que quase não conseguiu se esquivar de uma saliência pontiaguda de onde respingava fogo. Escapando com uma cambalhota, Kratos retomou sua posição de combate, logo acompanhado pelo Juggernaut. O gigante soltou um grito de guerra gutural e atacou – lento demais, desajeitado demais, para uma luta contra o Fantasma de Esparta. Kratos o exterminou com um segundo golpe de seu martelo.

O que acabou dando abertura para que o legionário atacasse. Kratos estremeceu quando a ponta da lâmina curva acertou seu ventre. Em troca, decapitou o legionário.

Tão logo a cabeça saiu rolando pela rampa, o semblante da górgona deu um bote na vã tentativa de abocanhar Kratos em seu bucho fervilhante. Ele a ignorou. Recuar não era uma possibilidade.

Mais à frente, escutou as notas sedutoras do canto de uma sereia. Suas pernas foram enfraquecendo à medida que ele avançava. A besta sinuosa bloqueava seu caminho. Vendo-o, cantou ainda mais alto, com ainda mais comprometimento. Ele só precisava parar e permanecer ali para sempre com ela. Seriam felizes para sempre. Ainda mais! Uma felicidade tal que ele jamais imaginara sentir ao partilhar – a morte.

Kratos se agarrou na lembrança do ódio que sentia por Zeus para momentaneamente frustrar os efeitos da canção. Ele se lançou adiante e agarrou a sereia pela cintura, comprimindo-a com toda a sua força. Misturado ao tom cada vez mais estridente do canto, ouviu-se o estalido de sua coluna. Ele apertou com mais força ainda, mesmo depois que o canto hipnótico da sereia já havia cessado, então a jogou no chão.

A descida em espiral foi ficando cada vez mais íngreme e acabou levando Kratos rumo a um sátiro e a um minotauro. As criaturas quadrúpedes se entreolharam e caíram na gargalhada. O sátiro morreu de imediato. As reações do minotauro, por sua vez, foram um pouco mais ágeis. Ele baixou sua cabeça e tentou fisgar Kratos com um de seus chifres.

Que acabou sendo decepado pelas Lâminas de Atena. O minotauro rugiu diante da perda, cambaleou para trás e agarrou uma lança flamejante, que tinha um cabo tão grosso quanto o corpo de Kratos. A investida acabou nem sendo tão certa assim, mas Kratos pôde sentir toda a pressão do tempo lhe pesando sobre as costas. Pequenos rios de sangue escorriam dos cortes em seu ventre, mas a verdadeira dor era saber o quão próximo estava de encontrar o caminho de volta

no tempo para matar Zeus. Ele não aceitaria ter seu desejo negado.

As lâminas teceram uma cortina de fogo e aço em sua frente, e Kratos avançou sobre o minotauro, então com apenas um chifre. A criatura caiu para trás e sua lança flamejante ficou disposta no centro da rampa. Kratos vislumbrou sua oportunidade e a agarrou sem pestanejar. Ambas as lâminas dispararam em um lampejo e se cravaram nos ombros do minotauro. Soltando grunhidos, Kratos puxou o monstro para perto de si – e em direção à lança em chamas. O minotauro se debateu empalado.

Kratos empurrou o minotauro, plantou os pés em seu peito e o apunhalou com ambas as mãos, despachando-o às profundezas dos domínios de Hades.

Afastando as teias de aranha do caminho, prosseguiu suportando o mau-cheiro bolorento que logo se transformou em um fedor enjoativamente doce e que mais lembrava carniça. Kratos diminuiu o passo até finalmente se encontrar em frente a uma enorme porta intercalada por um rosto metálico de olhar malicioso, cujas garras seguravam uma barra de travamento no chão, mantendo o portão fechado. Kratos lançou seu martelo duas vezes. As pancadas arrebataram as trancas. Ele agarrou a barra e a suspendeu com força, fazendo-a deslizar de modo que enfim pudesse forçar a base da porta para cima e abri-la. A pestilência o arrebatou como se fosse uma verdadeira ventania.

Ele se interrompeu tão logo sentiu a voz de Gaia inundar seus ouvidos.

– Posso ser a terra, mas Cloto é a criação. O Mistério da Criação. Derrotá-la seria como derrotar a origem de tudo o que há no universo.

Kratos avançou devagar, chegando a uma ponte protegida por dois pêndulos oscilantes com bordas afiadíssimas. Calculou a velocidade de cada um, o comprimento de seus arcos e caminhou sem cessar até que as lâminas passassem de raspão tanto por suas costas quanto por seu peito. Enfim, cruzou o segundo pêndulo.

– Perturbar o Mistério da Criação – Gaia continuou – significaria dotar a espécie humana de liberdade total. A humanidade nunca mais estaria atada às correntes do destino.

Ele rodeou uma grandiosa coluna central. Seus olhos se arregalaram ao perceber que era feita de carne humana. Kratos ergueu os olhos e se deparou com seios flácidos, braços esqueléticos e dedos esqueléticos que se precipitaram sobre ele.

– Primeiro, você deve tomar o controle da criação e encontrar seu próprio fio – disse Gaia. – Encontre seu fio, Kratos, e determine sua sorte.

Ele deu um passo para trás assim que uma mão ossuda despencou em sua

frente. Ao erguer os olhos rumo à grandiosa câmara, teve a impressão de que o lugar estava abandonado havia muito. Foi então que notou fios das mais variadas cores e a forma como palpitavam, aumentando ou diminuindo de tamanho, e se deu conta de que havia acabado de se deparar com a sorte de inúmeros humanos e deuses.

E Titãs.

Em algum lugar em meio àquele emaranhado de fios, encontrava-se seu próprio destino. Descobri-lo poderia ser difícil, mas tomar o controle da situação poderia ser impossível. Kratos não fazia ideia de como mudar seu próprio destino.

Correu em volta do imenso monte de carne em decomposição e encontrou uma corrente pendurada. Uma mão após a outra, Kratos foi subindo cada vez mais alto. Alcançou um nível onde mais seios estavam caídos grotescamente sobre uma passarela ao redor da montanha. Kratos saltou no patamar mais alto e mergulhou por baixo dos fios tramados pelo próprio corpo da Irmã do Destino.

Vago e distante, ouviu um zumbido seguido das palavras:

– Corte e remende. Corte e remende. Corte e remende. Você está vivo porque nós assim o permitimos.

Um fio esverdeado por cima da cabeça de Kratos foi cortado e logo emendado a um filamento duplo que se protuberava do corpo acinzentado e flácido de Cloto. O fio se projetava adiante, como uma teia se lançando do abdômen de uma aranha. Kratos se soltou da corrente e caminhou em volta da plataforma circular que servia de andaime rumo a Cloto. Um dos braços magricelas se agitava e os dedos ossudos estapeavam o chão a sua frente. Enojado, Kratos lançou seu martelo e esmagou dois dedos.

– Eu sou o Mistério da Criação. Por todo o sempre.

Kratos riu com escárnio. Era o que ele veria em breve. Arrebentou o resto dos dedos, forçando o braço a recuar com sua mão fraturada. Cloto não deu a mínima importância ao estrago e Kratos se deu conta de que teria de se esforçar mais.

Por outro lado, ele ainda tinha de encontrar seu fio entre milhares de outros que se entrecruzavam sobre a câmara. Cada fio levava a uma feira no corpo de Cloto.

Kratos moveu um dispositivo na borda da plataforma circular e foi presenteado com mais pancadas impetuosas dos demais braços de Cloto.

– O fio da vida corre até seu fim. Você não pode mudar o que as Moiras

determinaram.

– Eu o encontrarei! – Kratos gritou. – Não seria a primeira vez que mudaria o que as Moiras determinaram. *Eu o encontrarei!*

Cloto estava cada vez mais agitada e não parava de remexer seus braços por todos os lados. Kratos conseguiu ver além do corpo bojudado pela primeira vez. A cabeça de Cloto era pequenina e pontuda, disposta dentre as dobras de gordura em seus ombros grotescos e decaídos. Olhos parecidos com os de um porco se fixaram em Kratos. Ela se virou nos confins do andaime e deu uma tapa em sua direção, como se ele não passasse de um inseto. Ele tentou esmagar os dedos com seu martelo, mas acabou não causando maiores danos.

Qual dos fios e amarras e cordas e linhas esticadas de lado a lado sobre a câmara seria sua sorte?

– Você está sentindo? – Cloto zombou. – Você consegue sentir seu fio chegando ao fim?

Kratos foi mexendo cada vez mais nas instalações em volta do anel externo, sem ter certeza do que aconteceria, além de acabar aborrecendo Cloto. Correntes a perder de vista pendiam do alto, trançadas aos fios do destino, mas sem propósito algum que ele fosse capaz de discernir.

– Se você perturbar a criação, desfazendo nossas tramas, o mundo irá girar solto rumo ao caos, e a sabedoria adquirida ao longo das eras tornou-me inatingível a quem quer que ouse tentar – após Kratos ter martelado algumas outras vezes, Cloto disse: – Você não pode mudar seu destino; suas habilidades como guerreiro não têm utilidade alguma aqui.

Kratos esmagou a mão irrequieta. O braço virou de lado e revelou ventosas por toda sua parte interna, como se Cloto fosse metade lula ou metade polvo. Enojado com a visão daquele monte de carne flácida e mosqueada, Kratos lançou novamente seu martelo; mas o estrago, como era de se esperar, foi mínimo.

Escalou outra corrente que, dessa vez, acabou levando-o acima de Cloto, de modo que pudesse ver como as instalações funcionavam. Identificou de imediato como o mecanismo principal suspendia os pêndulos dos quais teve que desviar ao entrar na Câmara de Tecer. A enorme peça de metal ao final da corrente reluzia como uma navalha e sua borda era exatamente a arma que Kratos procurava. Pulou de volta à plataforma na frente de Cloto, que o atacou.

Lançando mão do Amuleto das Moiras, Kratos desacelerou o tempo. Ainda que Cloto não estivesse totalmente congelada, Kratos se movia muito mais rápido à medida que o feitiço foi transformando a câmara em um mar esverdeado e repleto de um fluido viscoso, o fluido do tempo. Girou o sarilho e nivelou o

pêndulo até que ele oscilasse bem acima da plataforma em frente a Cloto, que exclamou:

– Suas tentativas são ridículas. É de mim que toda a vida flui.

Foi deslocando o pêndulo até posicioná-lo onde queria e o retraiu, mirando bem entre os seios nus e caídos de Cloto.

– Você tem de parar, Kratos, a criação está em equilíbrio!

Ele usou o Amuleto das Moiras mais uma vez para posicionar o pêndulo mortífero com maior precisão. Assim que o fluido verde desapareceu, Kratos soltou a carga de aço no ar. O braço fino de Cloto parou o pêndulo sem maiores dificuldades antes que ele a atingisse.

Kratos atacou. Suas espadas lampejaram e deixaram rastros de sangue no corpo nojento e acinzentado de Cloto, que pouco se importou com seus ferimentos. Percebendo isso, Kratos experimentou uma tática diferente. Vendo que não seria capaz de arrastar o pêndulo novamente de onde estava, pulou para trás da minúscula cabeça de Cloto. Empregou suas lâminas como garras e puxou o pêndulo em sua direção – e na de Cloto – com toda a sua força.

– Não, não, você não sabe o que faz!

Os músculos de seus ombros incharam enquanto ele puxava. Cloto conseguiu agarrar o pêndulo e o afastou, mas ela não era capaz de sair do andaime que sustentava toda sua corpulência. Enquanto ela se enfraquecia cada vez mais, a determinação de Kratos só se fortalecia. Quando a Irmã do Destino não conseguiu mais manter o pesado pêndulo afastado, Kratos empregou o que restava de sua força para puxá-lo ainda mais. A borda afiada de aço mergulhou em cheio no rosto de Cloto. Jorrou sangue por todos os lados e a Irmã do Destino desmoronou.

– Eu encontrarei o fio certo, Cloto – ele arrancou as Lâminas de Atena do pêndulo, que permaneceu enterrado na cabeça de Cloto. – O reinado das Moiras chegou ao fim – Kratos chutou sua cabeça miúda. – Sinta *seu* fio chegando ao fim!

Sem perder tempo com maiores reflexões sobre o fato de ter feito o impossível e matado as Irmãs do Destino, seres tão poderosos que até os Titãs e os deuses do Olimpo se sujeitavam a eles, ele saltou do andaime e mirou os enormes carretéis envoltos por fios do destino. Milhares – milhões! – de fios tramados. Qual seria o dele?

Afastando-se do monte de banha, levou os olhos acima de Cloto e notou uma grande plataforma onde outro dos espelhos imensos cintilava promissor. Ele tinha aniquilado tanto Láquesis quanto Átropos ao confiná-las no outro lado de um

espelho como aquele e, então, destruí-lo. Kratos encontrou um elevador até a plataforma e acabou se deparando com um espelho dez vezes maior do que ele. Fios do destino corriam em todas as direções, obrigando-o a pisar por cima deles.

– O poder das Moiras reside no interior desses grandiosos espelhos – disse Gaia. – Encontre seu fio e você será capaz de controlar o espelho. Utilize-o como um portal para voltar ao momento em que Zeus o traiu.

Kratos analisou um fio após o outro. O emaranhado de fios se revelou demasiado complexo para que ele pudesse identificar um único fio do destino – seu fio do destino.

Em um acesso de fúria, Kratos sacou suas espadas e começou a retalhar tudo em volta. Mesmo os fios mais delgados se mostraram imunes às Lâminas de Atena. A Fúria dos Titãs potencializou o golpe seguinte. Mas nada aconteceu, afora uma sutil vibração ao longo de um fio minúsculo. Passou a se valer da força bruta até ficar exausto e cessar sua investida.

Lembrou-se de como o Guerreiro do Destino fora derrotado e como ele, Kratos, havia recuperado a lança. O Guerreiro fora enviado pelas Moiras. Sua arma, portanto, tinha que pertencer ao arsenal das Irmãs.

Kratos sacou a Lança do Destino e o segurou bem acima de sua cabeça. Antes, a arma brilhava uma luz interior azul esbranquiçada. Não mais. Todas as cores e tonalidades que ele jamais imaginara então fulguravam dentro da lança cristalina. Agarrando o cabo da arma, ele a virou de ponta-cabeça e retalhou uma espessa amarra de destinos entrelaçados.

Os fios se partiram sem maiores dificuldades. As extremidades soltas chicoteavam ao vento, como se estivessem vivas. Kratos ouviu clamores cada vez mais altos, preenchendo a Câmara de Tecer por completo. Não sabia dizer se eram de alegria ou medo, sofrimento ou alívio. Aquelas almas já não estavam mais atreladas a uma sorte determinada pelas Irmãs do Destino.

Passou a cortar os fios com a Lança do Destino. A cada fio cortado, a lança de cristal incandescia ainda mais forte e colorida.

Golpeando desenfreadamente, todo e qualquer fio pelo caminho era rompido. Os clamores dos que estavam vinculados à longínqua extremidade dos fios ecoavam em seus ouvidos como ondas arrebatando à beira-mar. Quanto mais rápido ele retalhava, mais alto o ruído ficava, até que toda uma tempestade arrebatasse contra uma rocha já não mais passível de ser vista.

Tão logo cortou outro emaranhado de fios, sentiu-se subitamente fraco e um clamor idêntico aos que vinha escutando escapou de seus lábios. Kratos pegou um fio do mais puro ébano e o suspendeu. Seu coração ameaçou explodir.

Aquele era o seu destino. E ele o agarrava com suas próprias mãos.

Provocando um estalido como se serpenteasse um chicote, arremessou o fio negro, sua sorte lançada ao vento, espelho adentro.

Kratos urrou ao sentir-se como se estivesse sendo esquartejado, cada músculo, cada osso, cada nervo destruído.

Capítulo quarenta e nove

–Mesmo agora, preste a dar seu último suspiro, você continua me desafiando? Pouco importa.

Kratos cambaleou, respirou fundo e esqueceu a dor aguda que ainda permeava seu corpo. Nem dez passos o separavam de Zeus apoiado sobre o punho da Lâmina do Olimpo – emperrada no corpo de Kratos e o prendendo ao piso de pedra. Kratos levou a mão ao peito e mentalmente corrigiu o que estava vendo. Zeus havia trespassado Kratos em sua consciência pregressa, mas ele estava de volta a si.

Ele havia derrotado as Irmãs do Destino e então poderia matar Zeus.

Correndo rápido, inclinou seu ombro, encurvando-se bem baixo, e, então, foi com tudo para cima de Zeus, tão logo chegou entre ele e seu próprio corpo caído ao chão. Zeus saiu voando para trás, atordoado pelo impacto, e caiu sobre as pedras irregulares do piso no terraço rodesiano. Kratos agarrou a Lâmina do Olimpo e a puxou de seu peito – do peito do Kratos pregresso. Ele nunca se demorara na ideia de como seria morrer em combate, mas aquilo estava muito além de sua imaginação. Vendo-se morto no chão incrustado de pedras, sua raiva por Zeus foi reabastecida.

Ele se precipitou sobre o Rei dos Deuses com a espada rente e apontada ao ventre de Zeus.

– O quê? Como é possível? – Zeus se pôs de pé e seus longos cabelos brancos foram pegos pelo vento produzido pela cidade em chamas.

Kratos estremeceu quando o poder irrompeu dentro dele. Ele havia transferido seus poderes divinos àquela lâmina e mais uma vez podia absorvê-los de seu reservatório de energia. Sentiu o retorno de seus poderes divinos, se não a própria divindade em si. Permanecia mortal, mas um mortal com uma força prodigiosa.

– As Moiras estão mortas – Kratos disse, avançando sobre Zeus.

– Mortas? Impossível! Elas controlam o destino. Elas – Zeus jogou as costas para trás e o rosto aos céus, ao desabafar sua ira com um urro que sacudiu os alicerces do mundo. – Elas nos favoreceram, a nós, Olímpianos, contra os Titãs, e me permitiram punir Cronos por suas transgressões – tempestades bailaram pelas barbas do poderoso deus, onde nuvens escuras redemoinhavam, turbulentas. Ele se voltou ao Fantasma de Esparta à procura das evidências de uma mentira. Então, sorriu para Kratos como se apreciasse a vista. O sorriso se transformou em escárnio.

– Eu o subestimei – Zeus estendeu as mãos com as palmas para cima. Seus

raios começaram a se formar em cada uma delas. – Um erro que não pretendo cometer de novo.

Antes que Kratos pudesse girar a Lâmina do Olimpo, Zeus partiu para cima dele. Os raios cauterizaram sua pele e logo os braços de Zeus enlaçaram sua cintura. Mais raios explodiram e arrebataram tanto Zeus quanto Kratos pelos ares.

Kratos se debatia entre os braços de Zeus, tentando levantar a espada para devolver-lhe o que o próprio havia entregado ao Kratos caído no chão. Eles disparavam cada vez mais alto e através de nuvens carregadas. Relâmpagos os rodeavam enquanto lutavam no ar; a chuva os encobria. Zeus tentou puxar a Lâmina do Olimpo do punho de Kratos, mas o Fantasma de Esparta havia sofrido demais para soltá-la tão depressa, tão fácil. Era a arma que havia escolhido para matar Zeus.

Arqueando as costas e erguendo seus pés para chutar o peito de Zeus, Kratos se desvencilhou e tombou para trás, através das nuvens, pela chuva e rumo a um santuário abandonado no topo de uma montanha. Kratos girou e ficou em pé a tempo de aterrissar bruscamente. Ele se apoiou de joelhos e, logo em seguida, levantou-se devagar com a Lâmina do Olimpo firme em seu punho cerrado.

Kratos nunca estivera ali antes, mas reconheceu o lugar da história de Gaia sobre Rhea ter aberto mão do bebê Zeus. O altar de pedra havia resistido aos séculos, mas ele podia imaginar bem a mãe desconsolada entregando seu bebê a uma águia para que o levasse aos cuidados de Gaia enquanto renunciava a uma pedra vestida em cueiros, na esperança de que Cronos engolissem a mentira.

Ele se virou para encontrar Zeus o espiando por cima da crista da montanha. O deus havia aumentado de tamanho e estava imenso. Por um instante, Kratos foi levado de volta ao momento em que enfrentara Ares com o mesmo porte divino, antes de abrir a Caixa de Pandora e aumentar de tamanho para lutar em condições mais iguais. Kratos suspendeu a Lâmina do Olimpo e se deu conta de que a estatura de Zeus pouco importava. A lâmina era tão intensamente poderosa que ele bem poderia matar um deus com ela.

E ele o faria.

– Eu lhe mostrarei o verdadeiro poder dos deuses! – Zeus exclamou. Nimbos dourados e relampejantes envolveram suas mãos e, então, ele chocou seus punhos contra o topo rochoso da montanha. A cortina de energia correu e varreu Kratos para trás.

Com a Lâmina do Olimpo erguida, porém, conseguiu desviar do pior da tempestade de energia. Em seguida, avançou sobre o Rei dos Deuses. Que até podia ser cem vezes maior do que ele, mas a Lâmina do Olimpo igualava as

chances. Zeus caiu apoiado sobre ambas as mãos.

Kratos desencadeou o Tremor de Atlas e lançou Zeus cambaleando para trás. Ligeiro, deu sequência ao ataque com a Fúria dos Titãs para adicionar potência extra a seu golpe de espada.

– Mesmo com o poder dos Titãs, você não é capaz de me derrotar. Eu sou o senhor dos deuses!

– Você é fraco, Zeus. Renda-se e eu o deixarei me servir! – Kratos quis enfurecer Zeus para que ele acabasse cometendo um erro. Funcionou.

Zeus soltou um grito de guerra.

– Kratos, você não é um deus! Você não é digno de um trono no Olimpo.

Zeus arremessou um raio e foi jogado para trás, quando Kratos empregou o Velocino de Ouro para desviá-lo de volta a seu lançador. Mas Kratos logo notou que a Fúria de Cronos havia surtido pouco efeito. Saiu em disparada e desferiu sua espada, trespassando a mão de Zeus. A lâmina mal penetrou nas costas do punho que, havia pouco, dera um potente golpe no topo da montanha, mas Kratos pôde sentir a espada começar a tremer à medida que sugava a energia de Zeus.

O Rei dos Deuses passou a encolher visivelmente e logo estava apenas um pouco mais alto do que o próprio Kratos. Mas, se a mudança de tamanho havia tornado Zeus menos intimidador, sua energia fora acumulada em um corpo menor. Uma aura dourada se derramou sobre ele ao atacar. Golpes capazes de matar um touro foram trocados, e Kratos se viu obrigado a manter seu ritmo de combate sem esmorecer. Zeus era todo-poderoso, um deus, e estava possuído por uma raiva tão grande quanto a do espartano.

A Lâmina do Olimpo, porém, sustentava Kratos e o segurou na luta, atacando e indo de encontro aos braços e pernas do deus. Quando ele apontou a espada rumo a Zeus, um fogo azulado foi disparado e enfraqueceu ainda mais o Rei dos Deuses. Mais de uma vez, o emprego sagaz das asas de Ícaro impediu que Kratos fosse incinerado pelos raios lançados por Zeus.

Kratos seguiu em frente apenas para se ver com os dedos de Zeus em torno de seu pescoço, sufocando-o. A Lâmina do Olimpo caiu de sua mão e Zeus o arremessou longe, como se fosse um pedaço de carne estragada.

– Se você não me servirá, então vai morrer! – Zeus caminhou até onde Kratos ainda se encontrava um tanto atônito. Segurou a Lâmina do Olimpo e se preparou novamente para matar Kratos com ela. – Seus poderes não são páreo para os meus!

Antes que Zeus pudesse desferir a estocada, Kratos passou os braços em

torno de uma coluna de pedra maciça, deu um forte puxão e a arrancou de suas fundações. Deixou-a cair sobre Zeus.

Atordoado por baixo da pesada coluna, Zeus tentou se erguer. Ao agarrar a Lâmina do Olimpo derrubada ao chão, a energia de Kratos foi novamente recarregada. Lançou a espada em uma coluna ainda de pé, desbravou caminho rumo ao topo do templo em ruínas, curvou-se e enfiou os dedos por baixo da borda de uma verga. Ele a suspendeu e a enviou com mais duas colunas desabando sobre Zeus.

O deus berrou ao ser esmagado por todo aquele peso.

– Eu avisei que você pagaria pelo que fez – Kratos disse.

Logo em seguida, pulou pronto para despachar Zeus ao mais profundo dos descensos no Submundo, mas o Rei dos Deuses se atirou com tudo para cima, escalou a pilha de escombros em torno dele e passou a aumentar de tamanho mais uma vez.

– Estou farto de brincar com você, Kratos.

Kratos observou imóvel a imponente figura. Suspendeu a Lâmina do Olimpo, mas não demorou a baixá-la. Seus ombros caíram. Fincou a lâmina no chão e se afastou de Zeus, virando-lhe as costas.

– Eu me rendo, Zeus.

Kratos caiu de joelhos e ergueu os braços na altura dos ombros.

– Liberte-me deste tormento. É tudo o que eu sempre pedi – e o que você me negou.

Zeus encolheu de novo e desceu flutuando, até ficar logo atrás de Kratos. Agarrou o punho da Lâmina do Olimpo e a ergueu, aproximando-se do espartano.

– Eu o libertarei de sua existência, meu filho, mas seu tormento está só começando! – ele levantou a lâmina para desferir um golpe fatal sobre a nuca de Kratos.

Quando Zeus jogou o corpo para trás, preparando-se para o golpe, Kratos se agachou, firmou os pés no chão e se virou em um pulo, desferindo as Lâminas de Atena. A ponta de uma das espadas atingiu Zeus bem na barriga. Explodiu sangue da ferida e Zeus desabou no chão, gravemente ferido. Toda a raiva que Kratos havia cultivado ao longo dos anos então irradiava. Ele se voltou e desferiu várias vezes sua espada em Zeus com a mão direita enquanto a esquerda agarrava o pulso do deus para manter a Lâmina do Olimpo à distância. Uma

torção selvagem forçou Zeus a largar a espada.

Kratos seguiu atacando e chutou Zeus de encontro ao chão. Quando o Rei dos Deuses tentou pegar a lâmina derrubada, Kratos o agarrou pela nuca e espancou sua cabeça repetidas vezes contra o altar de pedra onde Zeus devia ter sido sacrificado em oferenda a Cronos. O banho de sangue se misturou à chuva caindo.

Levando a mão ao chão, Kratos pegou a Lâmina do Olimpo. Não houve sinal algum de hesitação em seu ataque ao se lançar para cima de Zeus, que agarrou a lâmina para evitar que ela lhe trespassasse o peito. Kratos jogou seu peso contra o punho da espada, recusando-se a ceder ao tempo em que Zeus se enfraquecia cada vez mais. A investida finalmente encontrou seu rumo. Mas isso não foi o bastante para Kratos. Ele a arrancou de sua bainha divina e a cravou novamente em Zeus.

Antes que pudesse dar cabo da vida do Rei dos Deuses, o estalido de sandálias contra o chão de pedra molhado surgiu a sua esquerda.

Atena lhe deu um empurrão e exclamou:

– Você não pode fazer isso, Kratos! – ela se colocou entre o deus e o mortal.

– Você ousa me enfrentar, Atena?

– Não quero lutar com você, Kratos – ela se atracou a ele, empurrando a lâmina e tentando forçá-lo para longe de Zeus, que agarrava seu peito sangrando. – Mas *devo* defender o Olimpo!

Kratos passou os olhos por ela em direção onde Zeus penosamente tentava ficar de pé. Suas feridas se curaram por conta própria, mas havia uma lentidão em seus movimentos que denunciava o quanto Kratos o havia ferido.

– Pois fique sabendo, meu filho. Você iniciou uma guerra que não é capaz de vencer. As Irmãs do Destino já haviam determinado minha vitória!

Kratos rosnou e empurrou Atena de lado para terminar a matança que havia começado. Zeus haveria de morrer!

Kratos atacou, mas Zeus já havia começado a recuar, tirando os pés do chão e se lançando rumo às nuvens. O que não faltava à lâmina de Kratos, porém, era uma boa pontaria. E a Lâmina do Olimpo correu para acabar atravessando Atena.

– Atena, não! – a lâmina passou a absorver seus poderes divinos. – Por que você se sacrifica?

– Para salvar o Olimpo.

– Eu não penso em destruir o Olimpo. Apenas Zeus!

Ela ergueu o braço e descansou suavemente a mão sobre o ombro de Kratos e, logo em seguida, em sua bochecha.

– Zeus é o Olimpo – ela tossiu sangue e desfaleceu. Kratos a amparou nos braços para acomodá-la com delicadeza no chão.

– Foi ele quem procurou isso.

– Ele fez o que fez por causa do medo, Kratos, o mesmo medo sentido por seu pai, Cronos. Um medo que nos trouxe a Grande Guerra, um medo que levou Zeus a matá-lo... seu próprio filho.

Seus dedos deslizaram pelo rosto de Kratos e logo desabaram, cada vez mais fracos à medida que a morte se aproximava.

– Seu filho?

– Assim como Zeus fora obrigado a destruir seu pai, Cronos, você é compelido a fazer o mesmo. Nenhum filho deve destruir seu próprio pai.

Kratos se afastou e riu com escárnio.

– Não, eu não tenho pai.

– Um deus após o outro irá rechaçá-lo, Kratos. Eles protegerão Zeus. Zeus deve viver de modo que o Olimpo prevaleça – ela desabou por completo no chão. Seus olhos cinzentos fitavam Kratos quando sua vista escureceu e a vida abandonou seu corpo.

– Se todos no Olimpo irão rechaçar minha vingança, então todos no Olimpo irão morrer – Kratos se levantou e observou o corpo de Atena se evaporando.

– Já vivi à sombra dos deuses por tempo demais. O tempo dos deuses chegou ao fim!

O corpo de Atena se incendiou e um chafariz esverdeado de suas partículas irrompeu rumo ao céu, sendo engolido pelas nuvens. Kratos baixou a cabeça assim que a onda de choque de sua morte irradiou-se através do solitário topo da montanha.

Quando ergueu os olhos, Atena já não estava lá.

Por meio da tempestade que se formava, Gaia lhe falou.

– Lembre-se, Kratos, você tem o poder de controlar o próprio tempo.

Ele sabia o que tinha de ser feito.

Capítulo cinquenta

Kratos parou diante do enorme espelho sobre a parede na Câmara de Tecer de Cloto. Carretéis espessos estavam meticulosamente ordenados por trás dele.

Envolto em cada carretel, fios do destino tão grossos quanto seus musculosos antebraços. Fora ele quem levava as bobinas àquele lugar e, assim, logo notou como as trêmulas amarras corriam do espelho. Sacou a Lança do Destino e observou atentamente como elas reagiam quando tocava a ponta de sua lança contra a maior das amarras, marrom com pequenas listras do verde selvagem.

Sua determinação se consolidou. Kratos brandiu a Lança do Destino e saiu cortando um enorme fio após o outro até que todas as bobinas sustentassem apenas as extremidades dos fios. Deu um passo à frente rumo ao espelho e sentiu seu estômago revirar, ao fazer a transição para o outro lado e voltar no tempo, uma viagem rumo a incontáveis séculos no passado. Preparado para o deslocamento dessa vez, ele se viu no meio de uma planície devastada com prédios em chamas por todas as direções em que mirava.

O chão tremeu. Kratos ergueu os olhos e vislumbrou o que, a princípio, confundiu com uma grande colina coberta de grama e uma pequena floresta, o que em verdade era um Titã. Ele nunca tinha visto Gaia antes – não em sua forma real –, mas aquela devia ser a Titã da terra.

Ela se elevou por quase meio quilômetro de altura, com nada além de terra e vegetação formando seu corpo. Seios fartos e caídos do tamanho de enormes galeões de guerra atestavam seu *status* como mãe de todos. Piscou olhos marrons de sujeira e se dobrou bem baixo. Uma mão que parecia ter sido coberta de lama e, em seguida, seca foi em direção a ele. Kratos não recuou.

– Gaia!

– Nós estávamos esperando por você, Fantasma de Esparta. Os deuses são poderosos demais para que os derrotemos agora.

– Todos no Olimpo irão tremer diante de meu nome! Zeus está fraco, Ares e Atena estão mortos. E eu empunho a lâmina! Podemos vencer a Grande Guerra, mas não neste tempo – ao longe, emergiram colunas retorcidas e azuladas de pura energia, o contra-ataque dos deuses revidando a última e vã ofensiva dos Titãs ao Olimpo. – Eu matei as Moiras e cortei os fios do destino que elas tramaram para você em meu tempo. Juntos, vamos matar os deuses mesquinhos e ver o Olimpo tremer diante de nós.

Kratos foi banhado em uma energia coruscante. Ele se virou e sentiu a atração do espelho do tempo atrás dele.

– Venha comigo, Gaia. Volte a meu tempo. A vitória nos espera.

Tempestades se formaram por todos os lados e ele ficou cego com tanta chuva e poeira.

Sentado em seu trono, Zeus apertava os braços do sólio com tanta força que a pedra acabou rachando. Dispostos diante dele, estavam os deuses e deusas do Olimpo, todos apreensivos por terem sido convocados ao pé do trono do Rei dos Deuses.

– Já enfrentamos coisa muito pior do que esse mortal decaído – Zeus disse, com uma voz estrondosa e confiante. – Nós somos os deuses! Nós, a quem os mortais adoram, nós que governamos sobre a terra, nós não seremos varridos de lado por esses idiotas petulantes!

Zeus percebeu o mal-estar entre os deuses. Mesmo seus irmãos Poseidon e Hades pareciam apreensivos.

– Irmãos, deixemos de lado as ofensas mesquinhas que nos separaram por tanto tempo. Vamos nos unir, vamos ficar juntos, e eu vou exterminar essa praga! O Olimpo prevalecerá!

Zeus se levantou em um pulo e cambaleou. Um terremoto sacudiu o lar dos deuses. Estátuas racharam e partes delas desabaram, provocando um barulho estrondoso. Ele deu um tapa em um pedaço da cúpula de sua câmara de audiência que despencava perto demais de seu trono. Os deuses correram rumo ao terraço e olharam para baixo. Zeus os seguiu, passando por cima de colunas de mármore que haviam desabado no terremoto.

Ele piscou, surpreso. O mundo dos mortais pegava fogo. Por todos os lugares, cidades ardiam em chamas. Uma devastação muito maior do que qualquer coisa que ele já tinha visto tomava a paisagem de assalto.

Kratos ergueu os olhos rumo ao íngreme cume que sustentava o Olimpo. Do alto de sua vantagem, no ombro de Gaia, não lhe pareceu assim tão elevado. Ele se escorou no tronco de uma lília quando Gaia passou a escalar. Por todos os lados, outros Titãs a acompanharam rumo à longa escalada e o ataque ao Olimpo começou.

Kratos ergueu a Lâmina do Olimpo e a brandiu em direção a Zeus, sabendo que o Rei dos Deuses o observava. Era impossível não perceber que a batalha seria travada em breve.

Os Titãs despontaram no horizonte marcado pelas cicatrizes de batalha e seguiram Gaia e os outros que já haviam partido para o ataque antes de Atlas dar a ordem, provocando outro terremoto ao esmagar sua mão contra o chão, seus quatro braços envoltos em correntes já partidas.

– Zeus – Kratos gritou do fundo de seus pulmões –, seu filho está de volta!
Eu trago a destruição do Olimpo!

Era o começo do Fim...